UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O SIGNIFICADO SOCIAL DO DESPORTO NAS CLASSES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DO FENÓMENO

Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

Porto - Portugal
2000

Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

O SIGNIFICADO SOCIAL DO DESPORTO NAS CLASSES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DO FENÔMENO

Tese apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, da Universidade do Porto, como requisito à obtenção do grau de Doutor em Ciências do Desporto.

Orientador: *Professor Doutor António da Silva Costa*

Porto - Portugal

2000

Ao meu marido Narciso e a nossos filhos e filhas Alexandre e Renata, André e Ceiça, Guilherme e Aninha, pelas horas furtadas à sua companhia.

A Mariana e a Vinícius que está para vir, com amor, pelo presente de sonhar juntos.

AGRADECIMENTOS

É sempre difícil fazer justiça a todos que contribuíram para o desempenho de uma investigação, cuja duração foi de aproximadamente seis meses – apenas a pesquisa de campo – e cuja amplitude envolveu vários órgãos e muitas pessoas. Essa a razão pela qual deixamos, nesse momento um agradecimento geral – nem por isso menos carinhoso e verdadeiro – a todos aqueles que foram para nós fonte de inspiração, apoio intelectual e ajuda concreta. Particularizando nosso reconhecimento, gostaríamos de trazer à luz o nome daqueles que mais intimamente nos acompanharam no dia a dia desta reflexão:

o orientador e amigo em todos os momentos António da Silva Costa, Professor Doutor em Comunicação Social pela Université Catholique de Louvain e Professor da Universidade do Porto em Portugal, que nos ia auxiliando na fundamentação teórica e na escolha das trilhas a serem seguidas;

o professor doutor Hugo Rodolfo Lovisolo, Doutor em Antropologia Social e Professor da Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro, pela colaboração nas questões metodológicas;

os colegas de profissão e/ou especialidade da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco, Antonio Roberto Rocha Santos, José César de Albuquerque Farias, Aldemir José Pereira Teles, Nádia Patrízia Novena, Ademar, Lucena Filho, Maria da Soledade Santa Cruz Vieira e Nilton Cardoso que facilitaram e/ou assumiram uma sobrecarga de trabalho, para que pudéssemos aprimorar-nos um pouco mais;

os professores doutores António da Silva Costa e Rui Proença Garcia, do Gabinete de Sociologia da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, que nos proporcionaram um estimulante convívio de debates nas questões sócio-antropológicas do desporto, bem como colocaram à nossa disposição seu acervo bibliográfico particular;

a Reitoria da Universidade do Porto, através do professor doutor Jorge Olímpio Bento, a Pró-Reitoria de Pós Graduação, Pesquisa e Extensão da Universidade de Pernambuco, na pessoa do Professor Antônio Gildo Paes Galindo,

e a Escola Superior de Educação Física, através do professor Renato Medeiros de Moraes, pelo apoio financeiro para a realização do curso e que, de forma singular, depositaram confiança em minha pessoa;

os que fazem a Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto, destacando-se o professor doutor Fernando Tavares que nos facilitou o acesso ao seu Gabinete e a bibliotecária Sílvia Melo Oliveira, colocando com presteza a vasta documentação da Biblioteca a nossa disposição;

os alunos do curso de pós-graduação da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco, cujos nomes não citamos, que nos ajudaram nas entrevistas e, em especial aos técnicos e professores de futebol Jailton Cintra Peixoto de Vasconcelos, e Joelson Correia dos Santos, que muito contribuíram;

a amiga Glauce Chagas Ferreira, pelas lidas e relidas críticas e cuidadosas em todo o trabalho;

e, por fim, gostaríamos de evocar o estímulo que sempre representou para nós o debate e a reflexão com todos os alunos que por nós passaram nestes onze anos de docência universitária. A eles, nosso agradecimento e nosso voto de confiança.

ÍNDICE

LISTA DE TABELAS/GRÁFICOS	**ix**
RESUMO	**xì**
RÉSUMÉ	**xii**
ABSTRACT	**xiii**
INTRODUÇÃO	**1**
I CAPÍTULO	
1. UMA VISÃO SOCIOANTROPOLÓGICA ACERCA DO DESPORTO	**4**
1. 1 Estado atual da sociologia do desporto	**4**
1. 2 O pluralismo do pensamento sociológico do desporto	**8**
1. 3. Gênese da sociologia do desporto	**8**
1.3.1. Primeiros Escritos	**8**
1.3.2. Segundo Período	**11**
1.3.3. Terceiro Período	**13**
1.3.4. Quarto Período	**16**
1.3.5. Quinto Período	**22**
1.4. Desporto: uma reflexão sócio-antropológica	**30**
1.4.1. Características do desporto moderno	**32**
1.4.2. O desporto como fenômeno social: uma visão crítica ao desporto moderno	**35**

1.4.3. O significado do desporto enquanto capital cultural 36

1.4.4 Desporto e jogo: aspectos conceituais 42

1.4.5. O encontro do desporto com o ritual 44

1.5. Conclusões 46

II CAPÍTULO

2. A QUESTÃO DO SENTIDO DA CLASSE COMO CATEGORIA SOCIOLÓGICA 47

2.1. Os discursos sobre a origem da desigualdade: da estratificação à classe 47

2.2.Um discurso sobre a questão da história das classes no desporto 54

2.3. Os discursos sobre os resultados obtidos no método investigativo das classes 55

III CAPÍTULO

3. *A QUESTÃO DO SENTIDO DO MÉTODO* 60

3.1. O tema, o método e o universo teórico de referência 60

3.2. Delimitação da área e do grupo objeto do estudo 68

3.3. Plano de trabalho 69

3.4. A amostra, a análise/tratamento e a validade/verificação 72

IV CAPÍTULO

4. POR UMA HERMENÊUTICA DAS CLASSES SOCIAIS 75

4.1. O olhar dos dirigentes e dos membros da comissão técnica 77

4.1.1.Um discurso do desporto/cultura 77

4.1.2. Um discurso do desporto/futebol 82

4.1.3. Um discurso do desporto/ideologia 94

4.1.4 Um discurso da evolução do futebol **106**

4.2 O olhar dos Atletas **113**

4.2.1. O cotidiano sociocultural e econômico do desportista **113**

4.2.2.Um conhecer sociocultural e econômico à luz dos pontos positivos e negativos do futebol: ambigüidades **122**

4.2.3. Uma leitura dos limites e possibilidades no universo desportista: o momento da imagem mítica **134**

4.3. O olhar dos torcedores **154**

4.3.1.Um discurso do universo dos torcedores à luz do gosto pelo futebol na sociedade do espetáculo **154**

4.3.2. Análise sócio-antropológica do desporto/futebol enquanto cultura popular/cultura de massa **164**

4.3.3. Possibilidades do desporto/futebol enquanto nova cultura/contra sociedade **171**

4.3.4. Uma aproximação analítica dos mitos, ritos e símbolos no futebol **175**

4.3.5. Uma leitura sobre o futebol pernambucano **185**

V CAPÍTULO

5. POR UM OUTRO OLHAR ***196***

5.1 Conclusões **196**

ANEXOS **208**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **217**

LISTA DE TABELAS / GRÁFICOS

O OLHAR DOS DIRIGENTES E DOS MEMBROS DA COMISSÃO TÉCNICA

1 Papel do dirigente 79

2 Significado do desporto 80

3 Pretensões do futebol enquanto desporto 83

4 Significado do futebol para os dirigentes 85

5 Significado do futebol para a sociedade pernambucana 86

6 Explicação sobre a forte torcida pelo futebol 88

7 Aspectos mais importantes do futebol 89

8 Aspectos discordantes do futebol 92

9 Ideologias afins com o futebol 100

10 Atitude dos Governos com relação ao futebol 103

11 Opinião sobre os problemas mais importantes do país neste momento 104

12 Evolução e/ou estagnação do futebol 108

13 Características do futebol 110

14 Interpretação sobre a evolução do futebol em Pernambuco na última década 112

O OLHAR DOS ATLETAS

15 Motivos que levaram sua entrada no futebol 116

16 Ano que iniciou no futebol 117

17 Como conheceu o futebol 118

18 Outra modalidade desportiva que praticava antes do futebol 119

19 Participação em atividades do futebol 121

20 Aspectos do futebol que mais concordam 124

21 Aspectos do futebol que concordam menos 125

22 Orientação tática ou programática do futebol: mudança/evolução/estagnação 128

23 Melhor experiência enquanto atleta 134

24 Descrição sobre a figura do atleta 136

25 Momentos de orgulho do atleta 141

26 Momentos de menos orgulho do atleta 143

27 O significado do futebol competitivo 148

28 Apreciação do futebol segundo as profissões e classes sociais 151

O OLHAR DOS TORCEDORES

29 Gosto pelo futebol 157

30 O significado do futebol para os torcedores 160

31 Explicação sobre a forte torcida pelo futebol 168

32 Significado do mito/rito/símbolo 183

33 Aspectos mais importantes do futebol 189

34 Perspectiva do futebol em nossos dias e no futuro 192

RESUMO

O foco principal da presente investigação reside na tentativa de se compreender o significado social do desporto, enquanto um fenômeno histórico e social, que pode separar, distinguir ou reunir as classes. Dentro dessa visão, nosso objetivo foi estudar o campo do desporto, especificamente o futebol. Na parte empírica da pesquisa, foi utilizada uma abordagem metodológica do tipo *quanti/qualitativa/interpretativa*, num período relativamente longo de trabalho de campo, na cidade do Recife/Pernambuco/Brasil. A análise da realidade empírica evidencia a existência de um *forte poder* e um *autoritarismo* sem limites por parte dos dirigentes dos Clubes. Ficaram claros, também, os elementos catárticos e miméticos como que, em alguns momentos, o futebol foi visto e interpretado, sendo considerado como *válvula de escape, ópio do povo e momento de alienação*. A pesquisa mostrou, que o futebol tem sido um fator de *aproximação entre as regiões/nações/povos*, pela capacidade de estabelecer *laços sociais*. E, ainda, ficou mais evidente o estabelecimento de vínculos de *estima e de camaradagem* que se estreitam entre os torcedores, oportunizando a união entre eles. Outra dimensão percebida foi a identificação do futebol *como uma forma de induzir os jovens a fugir das drogas*. O estudo revela que a torcida é um espetáculo de *partilha cultural* e apresenta características de *cidadania* e que é mais do que validada a sedução que o futebol exerce nas pessoas, e por fim, que o *saber-torcer* é modo de *saber-viver*. O trabalho conclui afirmando ser o futebol um elemento que faz a sociedade brasileira experimentar a *quase igualdade social*, mostrando, ao mesmo tempo, a sua fragilidade. E finaliza sugerindo que o desporto, especificamente o futebol, quer pelo lado das instituições oficiais, quer pelo lado dos atletas, possa contribuir na *implementação de projetos sócio-educativos para as classes populares*.

RÉSUMÉ

Le foyer principal de la présente recherche se trouve dans la tentative de faire comprendre la signification sociale du sport, en tant que phénomène historique et social, qui peut séparer, diviser ou réunir les classes.Dans cette vision, notre objectif a été d`étudier l`ensemble du sport et spécifiquement le football.Dans la partie empirique de l`enquête,on a utilisé un abordage méthodologique du genre quanti/qualificatif/interprétatif, avec une période relativement longue de travail sur le terrain, de la ville de Recife/Pernambuco/Brésil. L`analyse de la réalité empirique met en évidence un *fort pouvoir* et un *autoritarisme* sans limites de la part des dirigeants des Clubs. Ont été également éclairés les éléments de catharsis et de mimétisme par lesquels, en certains moments, le football est vu et interprété, étant considéré comme: *soupape d`échappement, opium du peuple et moment d`aliénation*. L`enquête a montré, que le football a été un *facteur d`pproche entre régions/nations/peuples*, par la capacité d`établir des *liens sociaux*. En outre, est devenu plus évident l`établissement de *liens d`estime et de camaraderie* qui se nouent entre les supporters, offrant l`occasion de l`union entre eux. Une autre dimension perçue a été l`identification de football *comme une forme d`inciter les jeunes à fluir les drogues*.L`étude a révélé que l`animation communiquée aux joueurs par les supporters donne un spectacle de *partage culturel* et présente des caractéristiques de *citoyenneté* et que cela donne encore plus de validité à la séduction que le football exerce sur les personnes, et, finalement que le *savoir-animer*-les parties est une forme de *savoir-vivre*. Le travail conclut que le football est un élément qui fait faire à la société brésilienne l`expérience de la *quasi égalité sociale*. Il termine en suggérant que le sport, soit du côté des institutions officielles, soit du côté des athlètes, *puisse contribuer à l`implantation de projets socio-éducatifs pour les classes populaires.*

ABSTRACT

The principal focus of this enquiring is an attempt of understanding the social signification of sport as a historical and social phenomenon which is able to divide, distinguish or gather the classes in groups. From this point of view our goal was to study the field of sport, specifically football, into two different parts: first, the situation of football. The empirical point of research has made use of a methodological approach, known as quanti/qualitative/interpretative in which a reasonable long period of time was spent on field working, in Recife, city, Pernambuco, Brazil. An analysis of the empirical reality has shown the existence of a *strong power* and a limitless *authoritarism* of staff. It has become clear also the cathartic and mimetic elements of football, which was seen as a *scope valve, people's opium and alienation*. On the other hand, the research has shown football as a mean of *approximation among regions/nations/people* for the capability of stablishing social links. The making of ties of esteem and friendship among the supporters, making a union among them, has become clearer. Another aspect shown was identifying football as a way of *inducing young people to avoid drugs*. The study has revealed that supporters are a show of *cultural sharing* and have presented characteristics of *citizenship*. It was demonstrated that football seduces people and, in conclusion, *knowing how to support* is the same as *knowing how to live*. The conclusion of the work was that football is a way of the Brazilian society testing social equality, showing, at the same time, its fragility. And the work ends considering sport and the football, specifically, can contribute on implementation of social and educative projects to the *popular classes*, by official institutions and by athletes also.

INTRODUÇÃO

O futebol é desses raros exemplos de arte corporal e mental que promovem a felicidade unânime, embora dividindo a massa de consumidores em grupos antagônicos, antagonismo formal, pois a fusão íntima se opera em torno da beleza do gesto, venha de que corpo vier.

Carlos Drumond de Andrade

O ponto de partida do presente trabalho é a compreensão do desporto como uma prática histórica e social, quanto às condições materiais de existência quer à realidade subjetiva - o modo de pensar e as concepções de mundo do grupo social onde a mesma se realiza. Isso ocorre porque os grupos humanos não produzem apenas a vida material, mas, ao fazê-lo, elaboram ao mesmo tempo, um conjunto de modelos de representações que se vinculam às condições de existência.

A questão central que norteou a escolha do tema foi a razão de ser do *significado social do desporto nas diversas classes sociais.* As contribuições dos estudos apresentados sobre as diferentes *práticas desportivas* de acordo com as *classes sociais* levaram-nos a interrogar, com mais acuidade, sobre as possíveis ampliações do significado e da função social que as classes sociais apresentam, segundo as mais diversas modalidades desportivas.

O capítulo I, *Uma visão sócio-antropológica acerca do desporto*, é explicitamente teórico, compreendendo interpretações e leituras críticas de vários destacados estudiosos do desporto. Fez-se um caminho pela gênese sociológica do desporto, passando-se pelos períodos do pluralismo do pensamento sociológico, desde os primeiros escritos até o estado atual da sociologia do desporto. Enfatizou-se aí, a necessidade de se explorarem aspectos conceituais dos significados do jogo e do ritual, à luz de uma reflexão sócio-antropológica do desporto moderno, enquanto fenômeno sócio-cultural. Espera-se que esse capítulo, como um todo, apresente uma visão relativamente coerente e consistente das perspectivas teóricas.

O capítulo II, *A questão do sentido da classe como categoria sociológica*, analisa as classes, sobretudo, no que diz respeito às hierarquias, ao gênero e às profissões. Foram discutidos os discursos sobre a origem da desigualdade: da

estratificação à classe; sobre a questão da história das classes no desporto; e, por último, os resultados obtidos nas investigações sobre estratificação social

O capítulo III, *A questão do sentido do método,* foi delineado no decorrer de diversas leituras, a partir da necessidade de se escolher um método que colocasse em evidência uma compreensão clara do fenômeno do desporto, especialmente o futebol, método esse apoiado em pressupostos onde fosse realçada a configuração das estruturas sociais.

A escolha recaiu na metodologia quanti/qualitativa/interpretativa. Sobre isso, repousa uma certa idéia consensual, entre inúmeros autores, de que a metodologia quanti/qualitativa tem origem nas práticas empreendidas pelos antropólogos e por diversos sociólogos nos estudos por eles desenvolvidos junto aos mais variados grupos sociais.

Em virtude de o objeto básico de pesquisa ser o significado social do desporto nas classes sociais, a modalidade a ser investigada recaiu sobre o futebol, por apresentar características representativas e singulares no tocante ao tema/objeto.

As hipóteses para a presente investigação não foram formalizadas, entretanto, existia a clareza de se questionar sobre duas vertentes principais: a primeira, sobre o significado social do desporto nos diversos estratos organizados da sociedade; e a segunda, no tocante ao desporto/futebol ser um mecanismo de alienação do povo. Para se responder a esses dois questionamentos foram buscados supostos teóricos, levando-se em consideração a totalidade do fenômeno desportivo; entretanto, foram respeitadas as singularidades que eram peculiares de cada uns deles, de acordo com o fenômeno apresentado.

Portanto, inserido em uma sociedade de estrutura de classe burguesa, o desporto pode transformar-se em um fator contra-ideológico dessa realidade e ainda favorecer as possíveis distâncias no entendimento do que seja o significado social do desporto/futebol nas diversas classes da sociedade. Assim, *pode o desporto/futebol ser considerado como um instrumento de transformação e/ou de dominação? Ou, ainda, um elemento que separa, distingue ou reúne as classes sociais?*

O capítulo IV, *Por uma hermenêutica das classes sociais,* analisa o tema em relação ao que se passou no interior das instituições (clube/estádio), ao olhar dos

atores sociais envolvidos no processo investigativo, e os seus discursos relativos às questões das classes sociais, da ideologia/utopia e da simbólica que envolve o desporto.

A parte final, capítulo V, *Por um outro olhar*, estreita o foco sobre o significado social do desporto nas classes. A ênfase aí recai no fechamento conclusivo das idéias gerais e propõe alguns encaminhamentos, a partir das falas dos três grupos participantes da pesquisa.

Num estudo brilhante, Jurgen Habermas[1] sublinhou que o notável no desporto é que ele cresceu como um fenômeno que abarcou o mundo na era industrial, sobreviveu, não somente ao início da era pós-industrial, mas parece estar posicionado em um novo papel altamente solicitado pela sociedade.

1 HABERMAS, JURGEN. (1993) *Passado como Futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 164.

I CAPÍTULO

1. UMA VISÃO SÓCIO-ANTROPOLÓGICA ACERCA DO DESPORTO

São os passos que fazem os caminhos
Mário Quintana

1.1. Estado atual da sociologia do desporto

A sociologia do desporto constitui-se, particularmente no Brasil, um objeto de pesquisa bastante novo. Geralmente, as análises que tomam o desporto como tema de estudo restringem-se aos aspectos fisiológicos. Raras são as reflexões que o tratam sob a perspectiva das Ciências Sociais. Nesse sentido, repensar o processo social e em quais condições se dá o desporto deve ser uma preocupação entre os sociólogos atuais. Antes de qualquer coisa, utilizarei, no momento, o enfoque *eliasiano* para formular a pergunta: por que se questionar o desporto, enquanto área de investigação sociológica?

Enquanto área de especialização é ainda considerado um campo de estudo recente, onde, busca-se referências nos sociólogos clássicos como Max Weber, Emile Durkheim e Georg Simmel. Vale a pena salientar que, na década de sessenta, especialmente nos Estados Unidos, Canadá e Alemanha Ocidental, foram desenvolvidos relevantes estudos, porém, uma grande parte das obras são de professores e investigadores de educação física, cujos esforços são de natureza prática, centrados principalmente em problemas concretos da educação física, da cultura física e do desporto, não estabelecendo, contudo, conexões sociais mais amplas, precisando de um maior aporte teórico nas análises sociológicas. Elias e Dunning[2] chegam a concluir que (...) *quase todos os sociólogos afirmaram que grande parte dos trabalhos realizados neste momento na sociologia do desporto têm poucas possibilidades de interessar a quem está fora da área da educação física.*

É certo porém, que os escritos teóricos recentes dos sociólogos dos desporto,

2 ELIAS, N.; DUNNING, E. (1992). *Deporte y Ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Económica. p.10.

tais como Caillois, Edwards, Kenyon, Loy e Sack, têm-se concentrado no problema da definição e da classificação dos desportos. Devido a isso, são muitas as dificuldades no terreno das conceituações, sobretudo se abordada a questão dentro da ótica sócio-antropológica. Vários dos problemas conceituais, com que se defrontam os estudiosos do desporto, derivam de distintos significados em muitos idiomas de vários termos-chave.

Entretanto, certos grupos de estudiosos não fazem distinção entre trabalho e jogo; entre diferentes formas de jogo e de desporto de um lado, e práticas rituais, de outro. Apesar das diferenças, esses objetos de estudo específicos fazem parte, de fato, de um outro campo mais geral: o comportamento e as formas de organização social humana. Algumas sociedades, por exemplo, desconhecem os desportos físicos violentos, conforme revela Sipes[3], devido, em muitos casos, a circunstâncias ambientais desfavoráveis - clima, jornada de trabalho - razão pela qual as causas estruturais que dependem dos regulamentos e da equipe, exclusivamente, não bastam, muitas vezes, para explicar a presença ou a ausência do fenômeno desportivo tornando difícil a análise.

Não existem, portanto, fronteiras bem definidas entre as ciências sócio-antropológicas e o desporto que clarifiquem e delimitem determinados conceitos. No que pese o ostensivo compromisso da maioria dos sociólogos com o ideal da neutralidade ética ou a liberdade de valores e com a visão da sociologia como ciência que se ocupa das sociedades em todos os seus aspectos, esses profissionais de hoje revelam quais são os seus compromissos, diante de situações em que os paradigmas dominantes, nos quais acreditam, possam restringir o seu campo de ação a uma margem comparativamente reduzida de atividades sociais.

Assim, no campo da sociologia, é possível então encontrar, em autores clássicos, elementos do desporto como objeto de análise da teoria sociológica. O sociólogo alemão Günther Lüschen[4], um dos autores que mais se tem preocupado com o desenvolvimento da atual sociologia do desporto, destaca a preocupação de

---

3 SIPES, R. (1973). *War, sports and aggression: an empirical test of two rival theories.* Americann Anthropologist 75 (February): 64-68.

4 LÜSCHEN G. (1980). Sociology of sport: development, present state, and prospects *Annual Review of Sociology* 6: 315-347.

Herbert Spencer (1820-1903) com a *educação física*, quando ele aborda os fatores *biológicos, físicos e da diferenciação do gênero*, masculino e feminino, dentro do sistema educacional.

Por outro lado, Max Weber (1864-1920) destacou o interesse pelo puritanismo do desporto e realizou uma análise aprofundada das regras do jogo popular denominado *Skat*. Já o sociólogo clássico Georg Simmel (1853-1918), exemplificou a *associação* através do jogo e considerou o desporto como uma luta onde se manifestam os elementos em conflito. O próprio George Herbert Mead (1863-1931), um dos fundadores do interacionismo simbólico, se ocupou da adoção de redes nos jogos infantis, sendo o jogo e os próprios desportos de equipe veículos sociais, nos quais a personalidade individual se desenvolve em contato com os demais.

Contudo tem-se que reconhecer que uma grande parte destas referências dos autores clássicos da sociologia geral, tratou o desporto de certa forma marginal. Já o sociólogo polaco Florian Znaniecki (1882-1958) destacou e defendeu a função educativa do desporto, como o fizera o alemão Max Scheler (1874-1928), sobrestimando as potencialidades educacionais de desporto.

Apesar de pouco lembrado, o desporto constitui um campo de considerável significado social. Porém, somente quando os sociólogos assumirem com muita seriedade a sua disciplina, como ciência globalizadora da sociedade, ou seja, que se ocupe da análise da sociedade em todos os seus aspectos, esse campo irá requerer teorização e investigação sociológica.

São numerosos os indicadores sociais do significado do desporto. O *gênero* é um deles. Por exemplo, nos círculos masculinos das sociedades industrializadas ocidentais, rivaliza-se com a questão do sexo enquanto tema de interesse e debate.

Em outro momento, Lourence Kitchin[5] chegou a indicar o futebol como um desporto que *para além da ciência, ele é o único idioma comum*, e poucos duvidariam da importância de acontecimentos como os Jogos Olímpicos e o Campeonato do Mundo. Esses aspectos oferecem um campo vasto de estudo e oportunidades para os sociólogos investigarem. O interesse dos sociólogos pelas

5 KITCHIN L.(1996). *The Contenders*, Listener, 27 de october.

organizações e suas instituições, pelas formas de vida e pelos mecanismos da distinção cultural, traduzem-se em um fluxo contínuo de investigações e reflexões sobre o quotidiano do desporto.

A situação em que se encontra a sociologia do desporto, e que nos fala R. Thomas, [6] reflete de forma exata o desenvolvimento desigual dos estudos realizados em sociologia do desporto, que se centram essencialmente nas funções sociais do desporto cotidiano nas sociedades industrializadas ocidentais. Ha muito pouca coisa investigada acerca da alta competição e ainda menos investigações sobre o Terceiro Mundo, situação essa que tende a melhorar. As investigações sociológicas sobre o problema do desporto estão, gradativamente, na descoberta de novas formas de conhecimento que contribuam para o bem-estar da sociedade.

Assim, por trás desses estudos sobre o desporto, existe sempre a pergunta: que espécie de sociedade é esta, onde cada vez mais pessoas utilizam parte de seu tempo de lazer na participação ou na assistência a esses confrontos não violentos, de habilidades corporais a que chamamos de *desporto*?
É claro que, em algumas modalidades de desportos, existem áreas, pouco nítidas, onde a violência se pratica. Mas, na maioria dos espetáculos desportivos, as regras existem com a finalidade de manter essas práticas sob controle.

Pode-se questionar ainda: que tipo de sociedade é esta, onde as pessoas, em número cada vez maior, e em quase todo mundo, sentem prazer, quer como participantes ou espectadores, em provas físicas e confrontos de tensões, entre indivíduos ou equipes, em competições realizadas sob condições, onde não se verifica violência, nem são provocados ferimentos graves nos espectadores e jogadores? [7]

Claro que são campos abertos na área sociológica a serem investigados. Nesse sentido, busca-se definir alguns paradigmas através dos quais atitudes reticentes quanto à Sociologia do Desporto tornem-se aparentes.

Assim, alguns estudiosos têm demonstrado interesse pela área e, entre eles, pode-se mencionar a dedicação pela investigação dos estudos de Pierre Bourdieu, Gregory P. Stone, António da Silva Costa, Jacques Defrance e Christian Pociello.

---

6 THOMAS R. HAUMONT A., LEVET J. L.(1987). *Sociologie du Sport*. Paris, Presses Universitaires de France.

7 ELIAS N. E DUNNING E. (1992) Ibid. p.40.

Diante deste quadro, se conclui que as diferentes rupturas das ciências sociais são apenas relativas; elas dividem algo que é, na realidade, contínuo, apenas por conveniência de análise e de modo a permitir o estudo especializado, de forma a que, sempre que observados os comportamentos das pessoas, por exemplo, seja possível classificar as suas diferentes ações nos distintos domínios ou subdomínios do conhecimento sociológico.

1.2. O pluralismo do pensamento sociológico do desporto

Na busca pela legitimidade científica, alguns sociólogos do desporto têm tratado de definir um paradigma teórico e metodológico específico para o estudo social do desporto. Entretanto, não parece que o êxito venha acompanhando tais iniciativas, por duas razões: a primeira delas faz referência ao próprio pluralismo do pensamento sociológico que por ser tão complexa a realidade social, fazem falta a diversidade de modelos teóricos e perspectivas metodológicas para tratar de descobrir e explicar uma realidade social que é multidimensional, contraditória e ambígua. Nenhum modelo teórico pode abranger toda a realidade social, caindo necessariamente em optar pelo pluralismo cognitivo da sociologia. Estudar sob esse grande objeto, que é a realidade social e o ser humano na sociedade, exige uma pluralidade de orientações teóricas, que podem ir desde o funcionalismo ao marxismo, ou seja, passando pela teoria crítica do conflito a outros paradigmas positivistas. A segunda das razões é que a busca de um só paradigma teórico e metodológico para o estudo social do desporto encontra obstáculo na própria natureza contraditória do desporto e com seu caráter paradoxal e complexo.

1.3. Gênese da sociologia do desporto

1.3.1. Primeiros Escritos

A fim de compreender-se a sociologia do desporto, procurou-se ordenar o pensamento de maneira mais rigorosa, para que fosse delineado o caminho a ser percorrido. Para uma melhor compreensão acerca do crescimento da sociologia do

desporto, seguiu-se um processo de trabalho com cinco períodos distintos: 1º) o período histórico dos primeiros documentos; 2º) que se estendeu de 1964 a 1971; 3º) de 1972 a 1978; 4º) de 1979 a 1989; 5º) de 1990 até os dias atuais.

As primeiras obras que trataram da forma expressa da sociologia do desporto apareceram na Alemanha no primeiro quarto do século XX. Em 1910, Steinitzer[8] publica *Sport und Kultur*. Como sugere o título, o autor examinou as relações entre o desporto e a cultura e tece uma crítica do primeiro em relação à segunda. Ou seja, o fulcro das suas preocupações, em grande parte, recaiu nos problemas específicos do desporto e da cultura física, falhando na apresentação das relações sociais mais abrangentes. Além disso, esta análise apresenta um caráter empirista.

Em 1921, Heiz Reisse[9] escreveu *Soziologie des Sports*. A obra é, antes de tudo, uma reflexão sobre o fenômeno desportivo, mais que uma análise ou uma descrição dos fatos históricos. Reisse ressalta que com o desporto apareceram problemas sociais específicos e que estes só seriam resolvidos com um planejamento científico do fenômeno. Foi com este autor que apareceu, pela primeira vez, a expressão: *Sociologia do Desporto*.

Marcel Mauss, [10] em 1934, de maneira magistral, descreveu em sua obra *Les techniques du corps*, a importância capital da sociedade sobre as técnicas do corpo como sendo uma série de atos preparados por e para a autoridade social. (Conferência ministrada no dia 17 de maio de 1934 na Sociedade de Psicologia).

Somente em meados do século XX é que apareceram novos livros. Plessner[11] publicou um texto intitulado *Soziologie des Sports*. Mais tarde, ele escreveu diversos artigos cuja ênfase era o desporto. Na sua opinião, o homem moderno dedica-se a prática do desporto como reação frente às exigências e aos efeitos da sociedade industrial. Por conseqüência o desporto, nesse momento, é visto por Plessner como *a compensação ideal*, posto que essa atividade permite transpor obstáculos artificiais livremente escolhidos.

---

8 STEINITZER H. (1910). *Sport und Kultur*, Munich, Verlag Deutsche Alpenzeitung.

9 REISSE H. (1921).*Soziologie des Sports*, Berlin Reher.

10 MAUSS M (1966.). *Les techniques du corps*. in Sociologie et Anthropologie, Paris , PUF.

11 PLESSNER H. (1952). *Soziologie des Sports*, Deutsche Universitatszeitung, p. 7.

Em 1939, Johan Huizinga[12] escreveu a obra *Homo Ludens,* onde explica que *a cultura nasce em forma de jogo.* É através do jogo que *a comunidade expressa sua interpretação da vida e do mundo.* Nessa mesma época, Corrado Gini publicou em Rural Sociology, um interessante estudo sobre o beisebol. Outra importante contribuição ao conhecimento do desporto e do jogo data de 1956 e deveu-se a Paul Brewster, autor de vários artigos, entre eles um sobre a importância da investigação no estudo dos jogos.

Entre 1930 e 1960, apareceram vários artigos no campo das ciências sociais sobre temas relacionados com o desporto. Os artigos que surgiram na *Sports in American Life*, da Universidade de Chicago, durante o período 1950 –1963, foram essencialmente de caráter descritivo e alguns deles, históricos. Outros, sem dúvida, constituíram esboços simples de uma verdadeira sociologia do desporto. Por exemplo, Helanko publicou uma obra intitulada *Sports et Socialisation*, que analisa o papel do desporto nas relações de grupo; Michel Clousard iniciou tratando das funções sociais do desporto no *Cahiers Internationaux de Sociologie.*

Cabe ainda focalizar a operacionalidade do Centro de *Recherches Sociologiques*[13] da Universidade de Toulouse, Le Mirail, que foi fundado em 1957, com o nome de Centre d'Études Sociologiques, pelo professor Raymond Ledrut, que assumiu a direção até o ano de 1982. As propostas de trabalho da instituição convergem para o desenvolvimento das investigações nos campos da Socialização, do Corpo, da Escolarização e do Trabalho.

Aqui, procurou-se mencionar, sobretudo, as obras de Roger Caillois que, em 1958, publicou na França a obra *Les jeux et les hommes* e, de 1963, cita o livro de McIntosh, *Sport and Society*, obra essencialmente histórica, mas que também contempla aspectos sociológicos.

---

12 HUIZINGA, J (1951). *Homo Ludens*, Madrid, Gallimard. p. 84.

13 *Cahiers du Centre de Recherches Sociologiques.* (1985). Aspects du corps contemporain: approche sociologique, Équipe " Corps et Socialisation" du Ce. R. S. Cahier n. º 4 França – Novembre.

1.3.2. Segundo período

O segundo período (1964-1971) consagrou-se pela institucionalização da sociologia do desporto. No inicio de 1964, foi criado um organismo que deveria agrupar os especialistas de todo o mundo. Após várias discussões, foi então fundado o International Commitee for the Sociology of Sport (ICSS). Seus membros escolhidos foram Joffre Dumazedier - França; Gunter Erbach-RDA; Kaveli Heinila - Finlândia; Peter McIntosh - GB; Gunther Luschen - RFA; Alexandre Novikov - URSS; Gregory Stone - Estados Unidos; e Andrezj Wohl - Polônia.

O ano de 1964 foi marcado pelo lançamento do livro *Sociologie du Sport,* de George Magnane[14], primeira obra sobre sociologia do desporto publicada na França. O autor descreveu e explicou a situação do lazer desportivo na sociedade contemporânea. A sua obra é assinalada pela ausência de estudos sociológicos sobre o fenômeno desportivo. Entretanto, Magnane vai mais além quando analisou o desporto em relação ao lazer, enfrentou um problema de superposição entre o amadorismo e a profissionalização, bem como o que o desporto podia fazer no terreno do trabalho. Isto conduziu o autor a formular a seguinte definição sobre o desporto: *atividade de lazer cujo aspecto predominante é o esforço físico, que às vezes é o jogo e o trabalho que se pratica de forma competitiva, que dispõe de regras e instituições específicas, e que pode converter-se em uma atividade profissional.* [15]

A partir de 1965 multiplicaram-se as investigações e as discussões acerca da sociologia do desporto. Os especialistas norte-americanos organizaram-se. Kenyon e Loy[16] publicaram um breve artigo, *Towards a Sociology of Sport* onde constava que, diante da amplitude do fenômeno desportivo, poucos estudos tinham sido contemplados na área sociológica. Os autores foram mais adiante e preconizaram o uso das teorias sociológicas estabelecidas para dinamizar o estudo do fenômeno desportivo, e concluíram o seu artigo propondo novas áreas possíveis de investigação.

---

14 MAGNANE G. (1964). *Sociologie du Sport*, Madrid, Gallimard.

15 MAGNANE G. (1964) Ibidem., p. 81.

16 KENYON G.S., LOY J. W (1965). *Towards a Sociology of Sport.*

O ano de 1966 foi realçado por um número representativo de artigos publicados, principalmente nos países do Leste Europeu, dedicados à sociologia do desporto. Neste mesmo ano apareceu o primeiro número da Internacional Review of Sport Sociology, que passou a ser o órgão oficial do Comitê Internacional de sociologia do desporto.

Em 1968, na França, Michel Bouet[17] publicou sua tese doutoral *Signification du Sport*, com um conteúdo em grande parte sociológico. O autor examinou o desporto em diferentes perspectivas. Assim, dentro de um enfoque fenomenológico, analisou os grandes temas que, em sua opinião, ressaltavam a atividade desportiva, ou seja, a experiência com o próprio corpo, a vivência do movimento, o enfrentamento com o obstáculo, a busca da performance e da competição. A obra de Bouet está centrada em dois grandes temas: fatores que diferenciam a prática desportiva e nas funções do desporto. O autor analisou, a influência da profissão e o meio sócio-econômico, como um procedimento pouco comum, porque ambas as variáveis estavam ligadas de forma clara. Bouet elaborou, também, uma síntese interessante sobre os trabalhos realizados, colocando em destaque as de Luschen, tomando como exemplo as oposições entre as práticas desportivas das classes altas e as das classes trabalhadoras. Ele teve o mérito de ter iniciado na França, uma série de investigações sobre as diferenças entre as práticas desportivas, ao nível de intensidade e de preferências, pelas modalidades, segundo as classes sociais.

Em 1969 foi lançado nos Estados Unidos o primeiro livro moderno de sociologia do desporto, *Sport, culture and society,* de Kenyon, Loy e McPearson, [18] que reúne artigos publicados anteriormente em revistas especializadas. Os textos agruparam-se em várias partes. A primeira foi dedicada ao surgimento da sociologia do desporto; a segunda, à elaboração de marco de referência e a definição de conceitos; a terceira, às relações entre os desportos e a organização social; a quarta, aos pequenos grupos, e a quinta, às referências bibliográficas.

De tudo isso, observou-se que os aspectos sociológicos, que trataram das atividades desportivas e das classes sociais, foram estudados com maior relevância

---

17 BOUET M.(1968). *Signification du sport*, Paris, Ed. Universitaires.

18 LOY, J. W. KENYON G. S, E McPearson B. D. (1969). *Sport, culture and society*, McMillan Publishing Co.

pelos pesquisadores Michel Bouet,[19] Gunther Luschen[20], Jean-Jacques Jusserand, Norbert Elias[21] e Pierre Bourdieu[22].

1.3.3. Terceiro período

Iniciou-se em 1972 e estendeu-se até 1978, caracterizando-se pela aparição dos grupos de trabalho e de investigação que estudaram teorias sociológicas particulares. A importância de que se revestiu o desporto nesse momento deveu-se, em especial, ao impacto dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. Estimou-se que esse acontecimento foi acompanhado por 1000 milhões de telespectadores e por 4000 jornalistas, que deram cobertura aos atletas, o que sem dúvida, conduziu os responsáveis políticos a tomarem consciência de que o desporto constitui um fenômeno que teria que ser estudado, também no escopo das ciências humanas.

Proliferaram-se, nesse período, diversos livros e manuais abordando questões relativas ao desporto. Os autores críticos saíram da obscuridade e, em 1972, foi publicada a obra *Sport and* Society de Jonh Talami e Charles Page[23], sobre o significado sociológico do desporto . Esta obra foi estruturada em oito partes com artigos de diversas naturezas e com textos de autores clássicos como Herbert Spencer, Thorstein Veblen e Lewis Mumford. Talami e Page discutiram em cima de algumas categorias representativas, sobre o significado do desporto, permitindo a compreensão do mundo do desporto com seus valores.

Bernard Jeu[24] publicou, em 1972, *Le sport, la mort, la violence.* O autor comungou com o movimento do desporto e passou a dedicar-se a ele mais adiante. Tornou-se presidente da Federação Francesa de Tênis de Mesa, e passou a escrever sobre um tema que conhecia muito bem, e que vivia dentro dele. Sua obra situou-se ao nível da filosofia, mais buscou fundamentos históricos, sociológicos e psicológicos. Para Jeu, o significado do desporto serviu de base para a sua obra.

---

19 BOUET M., (1968) Ibidem.

20 LÜSCHEN G. (1962), Sport et stratification sociale, *in revue d'Education physique*, vol.II, n.° 2 e 3.

21 ELIAS N.(1974). *La societé de cour*, Paris, Calmann-Lévy..

22 PIERRE B.(1979). *La distinction. Critique sociale du jugement*, Paris, Les Editios de Minuit.

23 TALAMINI J., PAGE C. H. (1973). *Sport and society*, Boston, Little, Brown and Company.

24 JEU B.(1972). *Le sport, la mort, la violence, Paris,* Ed. Universitaires.

Por isso, *o desporto faz reviver (a esperança, o sonho a compensação, cada qual a seu modo e segundo as suas preferencias) a vitória dos homens sobre a morte e a violência.* O autor apresentou o desporto como uma antitragédia, no qual o desportista improvisa uma representação de si mesmo. A nível sociológico, o livro é rico em elementos de reflexão sobre o desporto e as sociedades desportivas.

Em maio desse mesmo ano, em Paris, Ginette Berthaud e Jean-Marie Brohm[25], publicaram a obra, *Sport, culture et repression,* onde pretenderam demonstrar que o desporto caminha como instituição capitalista e como atividade essencialmente burguesa. Validando essa tese, os autores recorreram às concepções teóricas em Marx, Freud, Lenin, Reich e Marcuse.

A partir de 1972, a sociologia do desporto tornou-se mais organizada, mais estruturada e institucionalizada, precisamente nos Estados Unidos e Canadá, mas desenvolveu-se também em outros países como a Polônia, URSS, Finlândia e Bélgica. O crescimento da disciplina Sociologia do Desporto deu-se tão rapidamente que, em 1978, foi preparada uma bibliografia internacional pela Universidade de Ilinois, onde apareceram citados 2.853 artigos científicos e 723 livros que se ocuparam de temas próprios da sociologia do desporto. E, em 1981, Lüschen e Sage publicaram o Handbook of Social Science of Sport, onde reuniram uma bibliografia internacional com 147 citações de autores que haviam divulgado artigos científicos ou livros sobre sociologia do desporto. [26]

O ano de 1976 foi marcado pela produção de livros importantes como a obra *Social problems in athletics,* coordenada pelo professor Daniel Landers, que tratou das dimensões psicossociais da competição, das discriminações raciais, sob o ponto de vista da nova esquerda, ou seja, a corrente freudo-marxista. Também foi divulgada a obra *Desporto em Democracia*, do professor Manuel Sérgio, [27] que remeteu a uma reflexão crítica de temas para a qual a abordagem cultural foi vista como um todo. O autor definiu o desporto como um ato social e, também, um compromisso político, e quem o dissociar desse componente recusa-o como cultura.

Na França, no período 1975/1977, foi formado um grupo de pesquisadores

---

25. BERTHAUD, G. & BROHM, J.M. (1978).*Sport, culture et repression.* Barcelona, Editorial Gustavo Gill.

26 FERRANDO, M. G. (1990). *Aspectos Sociales del Deporte*, Alianza Editorial, S. A, Madrid, p. 16./.17.

27 SÉRGIO, M. (1976). *Desporto em Democracia*,. Lisboa, Seara Nova.

críticos que permitiram validar a existência de uma sociologia do desporto. Alguns professores de centros de estudos dedicaram-se a essa nova ciência, entre eles podemos citar Christian Pociello e Pierre Bourdieu, [28] que tentaram elaborar e organizar os desportos através de um sistema de preferências desportivas. Eles classificaram os desportos em quatro tipos: força (rugby antigo); energia (meio-fundo); graça (ginástica rítmica e desportiva) e, por último, os de reflexos (vôo livre).

Dentro de uma postura crítica, cita-se o francês Jean-Marie Brohm. [29] Em sua tese de doutorado, intitulada *Sociologie politique du sport*, o autor trabalhou com o tipo ideal, no sentido weberiano. O concreto se converte em concreto pensado. Ele analisou o surgimento, a estrutura e as funções da instituição desportiva. Brohm entende o desporto como sendo reflexo do sistema capitalista industrial. Sua principal função é a integração do indivíduo na sociedade. Constitui um aparato ideológico do Estado que, como tal, garante o domínio da classe burguesa. Baseando-se nas obras de Althusser e Gramsci, Brohm extraiu delas suas conclusões. O desporto para ele cumpre distintos papéis: de estabilização social, de diversão e de mistificação.

A obra *Die Soziologie des Sports,* de Günther Lüschen e Kurt Weis, [30] foi elaborada dentro de um certo grau de sistematização, contemplando trabalhos que responderam a uma análise estrutural e a planejamentos de comparações interculturais no estudo sociológico do desporto. Muitos desses trabalhos puderam ser classificados dentro das mais ortodoxas exigências metodológicas das ciências sociais e outros forneceram uma ampla visão cultural dentro da problemática social, assumindo a obra, no todo, o caráter de uma sociologia acadêmica. Identifica-se no trabalho uma preocupação fundamentalmente sociológica, com aprofundamento em amplos campos de reflexão intelectual.

Bernard Jeu, [31] em 1977, volta a escrever, *Le sport, l'émotión, l'espace,* onde elaborou uma classificação dos desportos, classificação essa baseada na significação que o espaço assume no seu funcionamento, trazendo, portanto, uma

---

28 POCIELLO, C. BOURDIEU. P. (1981) *Sports et société*, Paris, Vigot, p.187.

29 BROHM J. M. (1976) *Sociologie politique du sport* J. P. Delarge.

30 LÜSCHEN, G. WEIS, K. (1979).*Sociologia del deporte.* Miñón S.A.

31 JEU, B. (1977) *Le sport, l'émotión, l'espace espace* Paris, Presses Universitaires de France.

definição ampla dos mesmos. O desporto, para o autor, apresentava-se como um momento nobre, um momento de grandeza.

Em 1978, é publicado o livro *Sport, and social systems,* de Loy, McPearson e Kenyon, [32] onde são trabalhados aspectos práticos da microssociologia à macrossociologia.

1.3.4. Quarto período

Esse período que vai de 1979 a 1989, tem sido marcado pelo processo de construção da sociologia do desporto, através de discussões em seminários, grupos de estudos, entre especialistas da área e investigadores do campo das ciências humanas. A sociologia do desporto tornou-se, nesse período, menos histórica e mais localizada em termos culturais, concentrando-se principalmente na sociedade contemporânea.

Em 1979 apareceu a obra *Deporte y Estado* de Luis Maria Cazorla Prieto, [33] que trata o tema Desporto no Estado e o Estado ante o Desporto. O desporto é quase uma palavra mágica que inunda nossas vidas. Mesmo que as pessoas não aceitem esse paradigma, estão sentenciadas a ouvir e falar do desporto, a encontrar-se com ele constantemente nas páginas desportivas. E o que é isso no desporto que a muitos apaixona e a outros incomoda? Cazorla trabalhou em cima de temas concretos e tenta explicar o fenômeno desportivo, dentro da ótica social, política e econômica, em conexão com a configuração política do Estado contemporâneo.

Em 1980, Alain Cotta,[34] publicou a obra, *La société ludique - La vie envahie par le jeu.* O autor trabalhou o sentido do jogo enquanto tentação e profanação. Ele estudou as motivações que o homem possui ao jogar, sendo a principal delas a do desejo de lutar contra a monotonia ou uniformidade que a vida social nos conduz. Em um outro capítulo ele analisou o jogo do corpo, o jogo de estratégia e a sorte nos jogos. Para ele os jogos estão dentro das nossas atividades sociais essenciais. Os

32 LOY J. W., KENYON G. S, & McPEARSON B.D. (1978) . *Sport,and social systems,* Addison- Wesley.

33 PRIETO, L. M. C. (1979) *Deporte y Estado,*. Editorial Labor, S. A. Politeia , Barcelona.

34 COTTA, ALAIN. (1980). *La société Ludique - La vie envahie par le jeu* , Paris, Editions Grasset et Fasquelle.

indivíduos lançam o seu corpo a todo custo no desporto. *La société ludique* é a primeira síntese completa sobre os jogos no século XX.

A obra *Handbook of social science of sport* lançada em 1981, e dirigida por Lüschen e Sage[35] em um dos capítulos tratou das relações entre as instituições sociais e o desporto no mundo atual; os processos sociais e as estruturas sociais.

Sport et Société, escrita também em 1981, por Jean-Philippe; Bruno Magliulo; Bozouls e Hubert Péres. [36] Nessa obra foram estudadas as práticas desportivas enquanto fenômeno de massa, do desporto de alta competição até a alienação política; o amadorismo e o profissionalismo sob a ótica dos Comités Olímpicos. A obra focalizou ainda o desporto sob o ponto de vista econômico, passando pela questão da industrialização e do mercado mundial dos equipamentos, bem como tratou do desporto-espetáculo como uma forma de cultura, uma catarse coletiva dos meios de comunicação de massa aos quais se estão submetidos.

Cabe ressaltar ainda, que as funções sociais do desporto foram exploradas com ilustração de teóricos renomados do desporto como J.M. Brohm, G. Magnane, N. Elias, E. Dunning e J. Dumazedier.

Na sociologia do lazer, a imponente obra de Joffre Dumazedier[37] e sua equipe constituíram uma fonte de informação para a sociologia do desporto. As suas pesquisas e sondagens dedicadas ao lazer apresentaram dados relevantes sobre a prática desportiva. Para o autor, o estudo do lazer permitiu também compreender melhor o lugar do desporto na sociedade, situando-o dentro de um conjunto de outras atividades. Segundo Dumazedier, as práticas que se realizam durante o tempo livre, como a leitura, o desporto, o teatro amador etc., ainda que sejam diferentes aos olhos dos interessados, têm propriedades em comum.

Em 1984, Jean-Jacques Barreau e Jean-Jacques Morne[38] publicaram *Sport,...expérience corporelle et science de l'homme, Eléments d'épistémologie et d'anthropologie des activités physiques et sportives.*

---

35 LUSCHEN, G.R.F.& SAGE, G.H. (1981). *Handbook of social science of sport*, Stipes Publishing Company.

36 PHILIPPE, J. MAGLIULO, B. BOZOULS & PÉRES, H. (1981). Paris, *Sport et Société*.

37 DUMAZEDIER, J. (1983). Tecniques du corps et valeurs du temps libre dans la société d'aujourd'hui, in *Motricité humaine*, n.º 2,Paris, INSEP.

38 BARREAU, J. J. & MORNE, J.J. (1984). *Sport, expérience corporell et science de l'homme , Eléments d'épistémologie et d'anthropologie des activités physiques et sportives*. Paris, Editions Vigot.

Na obra o prodigioso desenvolvimento do desporto foi caracterizado nas duas últimas décadas. O fenômeno mundial foi marcado como um produto utilizado pela mídia e particularmente pela televisão. A televisão tornou-se um rolo compressor no seio do *corpus* social. A mencionada obra, dividida em doze sessões, tratou desde as dimensões e aparência do desporto no cotidiano, a sua presença, os seus discursos, até as reivindicações corporais. Todo o caminho percorrido da obra refletiu os aspectos relacionados com o desporto-espetáculo enquanto estética da atividade, da sensação e da energia do imaginário.

A obra de Richard D. Mandell, [39] *Sport - A cultural History*, tratou do desporto na vida das pessoas. Para o autor, quase todas as sociedades têm praticado atividades recreativas ou dramáticas, individuais ou coletivas, semelhantes às atividades que hoje chamamos de *desporto*. Essas atividades têm variado em função do tempo e do espaço e das condições sociais. O importante na obra é que o autor forneceu ao leitor a chave da leitura que o guiou através dos temas abordados. A história cultural foi tratada não como uma mera série de fatos narrativos, mas sim realçando os temas decorrentes da natureza humana, tais como as relações do homem com seus semelhantes e o uso do poder por parte dos indivíduos.

Sport and social theory, apareceu em 1986, escrita por C. Roger Rees e Andrew W. Miracle[40]. Este livro conseguiu, numa perspectiva de notável abrangência e atualidade, estudar, em sua primeira parte, o significado da teoria social no desenvolvimento da sociologia do desporto. Na multiplicidade de temas, o quadro fundamental de referência que foi apresentado foi o europeu e norte-americano, por tratar da violência no Hooliganism, bem como na idealização do jogo. A segunda parte do livro tratou das questões substantivas da teoria da socialização no desporto, com todas as suas variáveis, bem como da teoria dos pequenos grupos e seus aspectos metodológicos, buscando referência na estrutura funcional das aproximações e nas perspectivas da interação simbólica. Os principais colaboradores da obra foram: Gerald S. Kenyon, Alan G. Ingham, Eric Dunning, Robert Pearton, Roger Rees, Gunther Luschen e Barry D. McPherson.

---

39 MANDELL, R. D. (1984). *Sport – A cultural History*. New York, U.S. A.Columbia University Press.

40 REES, R. C. & MIRACLE, A. W. (1986). *Sport and social theory*, Human Kinetics Illinois. Publishers, Inc. Champaign.

Éléments de sociologie du sport foi escrito por Pierre Parlebas em 1986. O núcleo do livro[41] dotou a obra de considerável importância. Para o autor, os jogos e os desportos foram objeto de toda a atenção dos meios de comunicação, pondo em relevo aqueles que apareceram como mais importantes nas competições nacionais e internacionais, e aqueles cuja prática se impõe às crianças nas escolas. Geralmente esses jogos desportivos, para o autor, não foram aqueles aos quais se dirigiram as preferências espontâneas dos indivíduos. Nos oito capítulos da obra, Parlebas analisou os aspectos taxonômicos e os problemas de classificação dos jogos desportivos. Para ele, o universo dos jogos desportivos e dos desportos, em geral, encontra-se permeado de uma riqueza e de uma grande complexidade. O autor utilizou, com muita propriedade, os recursos de diversos instrumentos matemáticos, tanto da teoria dos grafos (teoria particularmente adequada para formalizar os sistemas de interação e dar explicação das estruturas de relações) como da teoria dos jogos, para explicar e demonstrar a importância dos métodos na complexidade estrutural das investigações, enquanto universo dos jogos e dos desportos tradicionais. Esse modelo permite comparar o universo dos jogos com os desportos institucionalizados.

O estudo realizado por R. Thomas, A. Haumont, J. L. Levet[42] intitulado *Sociologie du Sport*, ofereceu ao leitor os elementos principais sobre a importância dos interesses econômicos no jogo, a incorporação do desporto na dinâmica sócio - econômica do consumo e a sua transformação em espetáculo.

Ainda em 1987, António da Silva Costa[43] defendeu a tese de doutorado na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, intitulada *Football et Mythe: La fonction symbolique du football à travers la presse sportive de masse.*
Através dela, o autor conduziu a uma reflexão teórico/prática do universo mítico, trabalhando a imagem do futebol enquanto desporto de massa; ou seja, o futebol como espetáculo, como festa. Costa fez uma retrospectiva desde a pré-história do

41 PARLEBAS, P. (1986). *Éléments de sociologie du sport.* Paris, Presses Universitaires de France.

42.THOMAS, R., HAUMONT A. & E LEVET, J. L. (1987).*Sociologie du Sport.* Paris, Presses Universitaires de France.

43 COSTA, A. S. (1987).*Football et Mythe: La fonction symbolique du football à travers la press sportive de masse.* Université Catholique de Louvain, Faculté des Sciences Economiques Sociales et Politiques, Departement de Communication Sociale, Bélgica. Louvain-la-Neuve.

futebol, ao futebol enquanto organização institucional, visualizando o seu caráter cultural e universal, bem como o seu valor simbólico dentro do conteúdo ideológico. O futebol foi aqui tratado enquanto microcosmos e micro-sociedade, apresentando, estabelecendo correlações e fazendo reflexões com a religião, com o mundo político, e com o ritual. Nesse momento o autor questiona se o futebol é o ópio do povo ou festa do mundo. Ou, ainda, se o futebol é o espelho da sociedade ou representação do mundo. Portanto, toda a obra é permeada por análises e reflexões sócio-antropológicas passando por duas grandes categorias de análises: o tempo e o espaço.

Presentemente António Costa defende a idéia de que o desporto é uma ótima chave de leitura da sociedade e de que o fenômeno ludodesportivo é uma representação simbólica do mundo.

Na mesma época, Jeu[44] publica a obra *Analyse du Sport*. Esse livro incluiu uma filosofia do imaginário, que tratou, sobretudo do campeão, de uma filosofia moral e política que afetou, sobretudo a direção. Jeu viu as coisas transcorrerem pelo menos em dois planos diferentes, no poético e no imaginário, e esses foram tratados de acordo com três momentos lógicos. Na primeira parte do livro, foi exposta a origem profunda da emoção e do imaginário. A segunda parte mostrou como foram realizadas as competições ritualistas e as competições desportivas. E a terceira parte discutiu os valores morais do desporto. Jeu aprofundou mais a sua obra quando explicou a identidade do movimento desportivo; para ele, *temos que apresentar o desporto em um equilíbrio dialético com suas tensões.* Sob esse ponto de vista, o desporto pode ser considerado como uma *contra-sociedade*. O primeiro momento dessa dialética colocou o desporto em contradição com a própria sociedade. Efetivamente a sociedade global, ou seja, a sociedade política, tem como objetivo prevenir ou reprimir a violência de seus membros, evitando os confrontos corporais. Para Jeu, no desporto tudo se deu ao contrário. Estabeleceram-se regras em que a disputa apareceu como um valor. Reuniram-se para se oporem. Daí que o desporto foi apresentado como uma sociedade jurídica paradoxa. Dessa forma, a sociedade desportiva, ao se contrapor à sociedade global, invertendo os seus

---

44 JEU, B. (1987). *Analyse du Sport*. París, Presses Universitaire de France.

valores, mereceu ser chamada de *contra-sociedade*. Portanto como o desporto é simbólico, é também, no fundo, uma contra-sociedade *contradita*.

O livro de Manuel Garcia Ferrando, [45] *Interpretações sociológicas da Violência no desporto*, publicado em 1987, buscou aprofundar a reflexão sobre o desporto enquanto uma atividade social, que alcançou níveis complexos de desenvolvimento nas sociedades atuais. Seja como divertimento ou negócio, como forma de vida ou distração, como forma de comunicação social ou símbolo, o desporto converteu-se num dos fenômenos mais visíveis da sociedade de massas.

Em 1988, Álvaro Melo Filho[46] escreveu *Repensando o Esporte Brasileiro*. Esse livro apresentou uma coletânea de textos elaborados por diversos autores, tendo como organizador o professor Manoel José Gomes Tubino. Os escritos significaram esforços salutares na tentativa de se perceber o desporto enquanto fenômeno social inerente ao processo de formação do homem, constituindo-se num instrumento indispensável ao aperfeiçoamento cultural e físico de cada pessoa.
Nessa obra, o texto de Bruno Silveira tratou o desporto, como meio de socialização e promoção do indivíduo. O autor lembrou da necessidade de ser levado em conta o poder do desporto enquanto caráter educativo e reabilitador. Em um país como o nosso, esse desporto de formação, despreocupado de medalhas, índices e recordes, deve ser entendido como um instrumento a mais no encaminhamento das questões sociais, em articulação com setores fundamentais da atividade estatal: saúde, justiça, previdência, habitação e política alimentar.

A obra *The Social Significance of Sport, an Introduction to the Sociology of Sport,* de Barry D. McPherson, James E. Curtis e John W. Loy[47], publicada em 1989, foi composta dos seguintes momentos: o primeiro foi a *Introduction to Sport, Culture, and Society.* Neste capítulo, foram apresentados os conhecimentos da sociologia no contexto do desporto e trabalhados os aspectos referentes ao modo de como as relações sociais foram reapresentadas na sociedade. O autor definiu alguns termos

---

45 FERRANDO, M. G. (1987). *Interpretações sociológicas da Violência no desporto.* Desporto e Sociedade. Antologia de Textos. Lisboa: Ministério de Educação e Cultura.

46 FILHO, A. M. (1988). [et al.] organizador Tubino, Manoel José Gomes. *Repensando o Esporte Brasileiro.* São Paulo: IBRASA.

47 McPHERSON, B. D; CURTIS, J. E. & LOY, J. W. (1969). *The Social Significance of Sport, An Introduction to the Sociology of Sport* , Human Kinetics Books, United States of America Champaign, Illinois.

como ciência, teoria, relações sociais e sociedade. Ainda foram tratados alguns elementos relevantes como a ludicidade no desporto e o desporto enquanto instituição social. A primeira parte do livro *Sport reflects culture and society* tratou da questão da socialização dentro do desporto e também estudou a família nos aspectos das diferenças do gênero através de investigações realizadas na área. Em um outro momento, foi trabalhado o desporto e a educação nos diferentes grupos sociais, onde foram apresentados os aspectos da socialização no desporto, bem como os problemas sociais que surgiram nas escolas de nível elementar, secundário e nos colégios e universidades, sendo reforçado o impacto do desporto na educação. Na etapa seguinte, foi tratado o desporto na política, tendo como objeto de investigação a violência no movimento *apartheid* da África do Sul. No tocante ao desporto na economia, foram dissecadas questões sobre as atividades desenvolvidas pelas instituições desportivas, sobre a indústria do turismo, bem como os pontos de estrangulamento que o divertimento pode ocasionar na promoção industrial. Foram discutidos, também, os aspectos referentes às teorias de comunicação de massa, percepção da imagem desportiva nos aspectos da discriminação racial, do gênero, bem como a influência da mídia no desporto e vice-versa. A segunda parte da obra abordou o *Sport reinforces social inequalities,* onde foram definidas categorias como classe social, mobilidade social, conflito social e status sócio-econômico, tomando como ponto de partida a perspectiva funcionalista. Inúmeros estudos foram apontados pelos autores, e tecidas considerações sobre o elitismo, sobre a participação das massas nos espetáculos, bem como as características e o status social do pessoal praticante do desporto.

1.3.5. Quinto Período

Iniciou-se em 1990 até os nossos dias. Como foi possível observar, o surgimento e o desenvolvimento da sociologia do desporto foi um pouco tardio, visto que a sua aplicação passou um pouco despercebida pelos estudiosos. Entretanto, vale ressaltar que o tema avançou bastante na última década com os estudos de Pierre Bourdieu, Gregory P. Stone, António Costa, Manuel García Ferrando, Jacques Defrance e Christian Pociello. Esse momento correspondeu, pois, a uma fase de

tomada de consciência de um campo de investigação completamente novo. O desporto adquiriu sua dimensão macro, graças aos meios de comunicação de massa, e ao esforço dos biólogos, fisiologistas, psicólogos e antropólogos que se interessaram por esse campo de investigação.

A obra *Sports et Société: Approche socio-culturelle des pratiques*, de Christian Pociello[48] foi distribuída em cinco grandes temas dos quais tiveram como colaboradores diversos autores tais como: W. Andreff; J.P. Augustin; M. Berges, M. Bernard; J. Blouin, J.P. Clément, N. Dechavanne, J. Defrance, F. Di Ruzza, J. Durry, P. Falt, Cl. Fleuridas, B. Gerbier, J. Guillerme, L. Herr, P. Irling, C. Louveau, M. Métoudi e G. Vigarello. Os conteúdos trabalhados por Pociello, Guillerme, Durry e Defrance situaram os determinantes históricos do desporto desde 1780-1860, passando pela evolução e as origens do desporto na França. Entretanto, Herr, Grenoble, Fleuridas, e Pociello viram o panorama desportivo sob o aspecto internacional, bem como a prática do desporto de massa e a inserção da elite. Andreff, Grenoble, Dechavanne, Clément, Métoudi, Ruzza e Gerbier analisaram o aspecto sócio-cultural das práticas desportivas enquanto força, energia, harmonia e graça. E, por fim, foram apontadas algumas indicações para construção de uma síntese final, à luz dos discursos de Augustin, Bernard e Irling.

Manuel García Ferrando[49], em 1990, ofereceu-nos uma excelente reflexão para o debate sobre os *Aspectos sociales del deporte: Uma reflexión sociológica.* Pela sua capacidade de análise, ele apresentou os resultados atuais sobre as dimensões sociais na Espanha, no marco do conhecimento sociológico mais recente do desporto nos países ocidentais avançados.

Em 1990, Ronaldo George Helal[50] descreveu, no livro *O que é sociologia do esporte*, os aspectos vinculados ao desporto enquanto instituição social das mais sólidas do mundo moderno. O autor chama a atenção no que diz respeito a Federation Internacional Football Association (FIFA) que reune um número maior de nações afiliadas do que a Organização das Nações Unidas (ONU). Em todas essas nações, o desporto foi apresentado como uma meta importante nos programas

48 POCIELLO, C. (1991). *Sports et Société. Approche socio-culturelle des pratiques*. París, Editions VIGOT.

49 FERRANDO, M. G. (1990). *Aspectos sociales del deporte: Uma reflexión sociológica* Madrid, Alianza Editorial, S.A

50 HELAL, R G. (1990). *O que é sociologia do esporte*. São Paulo, Brasiliense.

governamentais e, não raras vezes, as vitórias e derrotas no desporto serviram como metáforas para os sucessos e os fracassos de sistemas econômicos e sociais. O autor finalizou o seu trabalho, afirmando que o estudo sociológico do desporto tem-se transformado, cada vez mais, numa exigência, não somente para aqueles interessados na complexidade do fenômeno desportivo, mas também para aqueles que desejam compreender a realidade social. Assim, o primeiro passo para uma compreensão sociológica do desporto no mundo moderno é encará-lo como um fato social, isto é, como algo socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando os nossos hábitos e costumes.

Em *Sport... Le troisième millénaire*, de Fernand Landry, Marc Landry, Magdeleine Yerlès, [51] os autores consagraram mais de 70 anos de serviços ao estudo do fenômeno olímpico, no período antigo e moderno, buscando sempre a difusão do ideal majestoso. O livro, apresentado sob a forma de anais, contém todo o detalhamento das conferências realizadas em Quebec, Canadá, no período de 21 - 25 de maio de 1990. A elaboração da obra foi fruto da necessidade de ser construído um quadro teórico-prático sobre o *desporto, a cultura e a sociedade: ideologias e controvérsias.* Bernard Jeu e Jonh J. MacAloon trataram de fazer avançar qualitativamente questões sobre as razões do desporto, sobre a poética e sobre o imaginário, e as influências da economia e da política nas instituições desportivas. O tema sobre *os jogos olímpicos, as técnicas de comunicação e as mudanças culturais* tratou o significado dos jogos como um produto de exportação e importação e, no entanto, no desenrolar do seu processo de comercialização, tornou-se um fator provocador de mudança cultural. Essa sessão esteve a cargo dos professores Kang Shin-pyo, Miguel de Moragas Spà e James F. Larson.

O assunto *cultura desportiva e desportivação da cultura: a mudança de valores e de novas normas para o ano 2.000* trabalhou a identidade cultural, a legitimidade, o senso e o contra-senso do desporto moderno enquanto fenômeno cultural. Daí as questões: o desporto olímpico da elite moderna está sendo portador de valores

51 LANDRY, F; LANDRY, M., YERLÈS M. (1991). *Sport...Le troisième millénaire*,. Canada, Les Presses de L´université Laval.

universais? O século XXI será um novo tempo para o desporto? Uma análise sobre as mudanças nas formas de participação, sobre as atitudes e os valores associados à prática desportiva, foi realizada por Ommo Grupe; Johan Galtung, Jonh W. Loy, Richard Gruneau; Charles Suaud, Kurt Weis, Gerard Glassford e Breda Pavlic. *O desporto e o Estado* foram estudados por Laurence Chalip, Ian F. Jobling, Michael F. Collins, Donald Macintosh, Nelson Pillou, Vladimir Rodichenko, Jim Riordan, Susan E. Brownell e Peter Donnely. Esses autores observaram uma similaridade nos aspectos sócio-político-culturais, nas diferentes relações entre o desporto do Estado de um país capitalista e de um desporto nas sociedades socialistas. *O desporto e a economia* foram tratados por Klaus Heinemann, Bruce Kidd e Don Anthony. A instituição desportiva foi vista, então como um campo fertilíssimo de concorrência econômica para os países capitalistas. Os autores Yves Pierre Boulongne, Nancy Théberge, Mary A. Boutilier, Mary E. Keyes e Jane Granskog investigaram o tema *Olimpíada e a mulher no desporto* onde todo o trabalho foi documentado quase que exaustivamente sobre o desporto na construção do gênero e na mudança das classes sociais. *A bio-ética, a ética social e a ética no desporto* - a problemática do Citius, Altius, Fortius foram temas trabalhados por Hubert Doucet, Claude Bouchard e Gunter Gebauer.

A obra de Norbert Elias e Eric Dunning[52] *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion,* publicada em 1992, contribuiu de várias maneiras na elaboração da teoria do processo civilizatório. Elias e Dunning discutiram a seguinte questão: se o desporto e o futebol, em particular, seriam considerados pelas autoridades um tema respeitável de investigação nas ciências sociais. Lembraram os autores que as investigações sociológicas no campo do desporto têm como finalidade averiguar os aspectos antes desconhecidos ou conhecidos apenas de uma maneira vaga. Em seguida, eles apresentaram hipóteses que procuraram explicar as origens dos desportos. Para eles, o desporto é uma atividade dos seres humanos, e muitas atividades humanas que são exploradas academicamente como objetos de estudo são compreendidas como compartimentos estanques. E, ainda, como se descobriu que o conceito do desporto se associou no século XVIII com uma característica de

52 ELIAS N.; DUNNING E. (1992).*Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion.* México, Fondo de Cultura Económica.

passatempo das classes altas da Inglaterra, não se deve investigar o desporto de maneira isolada. Essa obra anunciou temas, apresentou orientações, problematizou sempre dentro de um pensamento crítico. É um verdadeiro mapa de orientação.

Costa, [53] em 1992, publicou um artigo na revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto intitulado: *Desporto e Análise Social.* O autor conduziu a discussão em torno do desporto, como um fenômeno humano tão ligado à origem, às estruturas e ao funcionamento da sociedade que poderemos afirmar que é possível analisar qualquer sociedade através dos desportos que ela pratica. António Costa chama atenção para os aspectos do universo desportivo como um excelente campo de observação da sociedade, onde são encontrados os elementos para estruturar modelos ideais de análise social.

As dimensões sociais do esporte reconstituíram um momento e uma prática vivida por Manoel José Gomes Tubino[54] na década de oitenta. Tendo como premissa básica que o desporto situou-se na segunda metade do século XX, como um dos mais relevantes fenômenos sociais do mundo, pela abrangência do seu desenvolvimento e de suas relações, é possível explicar essa interpretação, principalmente pela mudança conceitual ocorrida nas últimas décadas, quando deixou de perspectivar-se apenas no rendimento, e conseguiu também incorporar os sentidos educativos e o do bem-estar social. Logo de início, o autor nos remeteu a uma reflexão conceitual desse fenômeno, passando pelo seu significado social, chegando-se às suas dimensões sociais. Hoje se sabe que o fato desportivo possui uma abrangência muito maior, o que lhe permite encontrar significados sociais mais efetivos.

Em 1993 Dunning, Maguire e Pearton, [55] em *The Sports Process, a comparative and developmental approach,* apresentaram na introdução da obra um estudo comparativo sobre o desenvolvimento e perspectiva do desporto. A primeira

53 COSTA A. S. (1992). *Desporto e Análise Social.* em *Revista da Faculdade de Letras* da Universidade do Porto. Sociologia, Vol. II, Porto.

54 TUBINO, M J G. (1992). *As dimensões sociais do esporte.* São Paulo: Cortez: Autores Associados.

55 DUNNING E.; MAGUIRE J. A.& PEARTON R. E. (1993). *The Sports Process, A comparative and developmental approach* Editors Human Kinetics Publishers.

parte tratou de vários títulos sobre a sociologia do desporto no Velho Mundo e sobre o processo civilizacional do desporto: aspectos do desenvolvimento do desporto moderno e crítica ao desporto moderno. Esses temas foram tratados por Peter C. McIntosh, Eric Dunning, Jennifer Hargreaves e Richard Gruneau. A segunda parte tratou do problema do imperialismo cultural do desporto nos grandes centros, das percepções, perspectivas e propostas do desporto na América Latina, na sociedade britânica e do desenvolvimento do desporto global e foram refletidos por Allen Guttmann, Klaus Heinemann, Joseph L. Arbena, Alan Ingham, Robert Beamish e Joseph Maguire. E a terceira parte da obra tratou do estudo comparativo do desenvolvimento do desporto moderno enquanto processo, e a cultura desportista no mundo capitalista e socialista, temas que foram analisados por James Riordan, Grant Jarvie, Bero Rigauer, Dunning e Maguire.

Em 1994, foram editadas duas grandes obras que trataram da questão do gênero. A primeira *Women, sport and culture,* de Susan Birrell e Cheryl L. Cole, [56] que foi dividida em cinco tópicos. O primeiro tratou da questão da mulher no desporto e a ideologia que o permeia. Essa questão foi pensada por Cheryl L. Cole, Paul Willis e Lois Bryson, à luz da hegemonia masculina e dos malefícios que o desporto pode provocar. O segundo tópico abordou a questão do gênero e da organização no desporto, onde foram tratados temas como o status social da mulher nos colégios de atletismo e o gênero versus a profissão escolhida. O terceiro tratou da sexualidade e da questão da transformação feminina frente ao desporto. O penúltimo assunto procurou ver os aspectos da mídia no desporto, os estereótipos do gênero na televisão desportiva, a atividade da mulher frente a representação da mídia e da ideologia e, por fim, a mulher e o amor.

A segunda obra, *Sporting females: critical issues in the history and sociology of women's sports*, escrita por Jennifer Hargreaves, [57] tratou da teoria do desporto relacionada com o gênero em uma visão marxista, neomarxista e estruturo-marxista, trabalhando a investigação etnográfica e figuracional da sociologia.

---

56 BIRRELL S. & COLE C. L. (1994). *Women, sport and culture*, USA, Human Kinetics.

57 HARGREAVES J. (1994). *Sporting females, critical issues in the history and sociology of women's sports*. London and New York ROUTLEDGE.

A questão do gênero foi abordada neste livro na perspectiva do separatismo e das classes sociais. A autora descreveu nessa obra a natureza da cultura, as limitações e possibilidades de o desporto ser praticado nas escolas e nas organizações objetivando a democratização do mesmo, como também a questão do gênero que foi tratado em relação ao seu poder e a sua força.

Geralmente, as análises que tomam o desporto como tema de estudo restringem-se mais aos aspectos fisiológicos. Entretanto, aparecem, em momento bastante oportuno para ser apresentadas, duas obras de elevado realce. A primeira, a *La quatriéme mi-temps, Conttributions à une analyse des relations sports, médias, société,* organizada em 1995, por Gérard Derèze,[58] professor-adjunto do departamento de comunicação da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, contendo textos que trabalham questões pertinentes à trilogia *desporto x mídia x sociedade.* Os temas foram escritos por Philippe Marion, Jean-Fançois Bourg, Ghislain Carlier e Bernard Lanotte, Philippe Godin, Bernard Leconte, Antonio da Silva Costa, Roland Van Gompel, Stépfane Haefliger, Vincent Vagman, Muriel Hanot, Lucien Gallinella, Jean Lafleur, Benoît Grevisse e André Remy. *Desporto, mídia e sociedade* caem bem para uma trilogia de termos que são inseparáveis. Portanto, três entidades perfeitamente autônomas, com suas normas, sua complexidade, seus sistemas de funcionamento próprio, uma trindade, onde a unicidade de expressão faz com que permaneça uma interação recíproca.

Em 1995, a primeira obra apresentada foi a de Jacques Defrance, [59] intitulada *Sociologie du Sport,* que anuncia uma temática valiosa, oferece orientações metodológicas, constrói um universo problematizador, sempre levando em conta na sua construção o elemento crítico. O autor justificou a necessidade do desenvolvimento da sociologia do desporto, mostrando sempre a complexidade do mundo desportivo, o que tem levado diferentes Estados a criar organismos de especialistas.

---

58 DEREZE G. (1995). *La quatriéme mi-temps, Conttributions à une analyse des relations sports, médias, société.* Observatoire du récit médiatique. Louvain-la-Neuve, ORM. Université Catholique de Louvain.

59 DEFRANCE, J. (1995). *Sociologie du Sport.* Paris, Éditions La Découverte.

O autor Sanmartín, Melchor Gutiérrez, [60] em 1995, elaborou a obra intitulada *Valores Sociales y Deporte: A Actividad Física y el Deporte como transmisores de valores sociales y personales.* Ao penetrar no universo da atividade física e do desporto, ele buscou uma harmonia entre os dois pólos, sem o qual o desporto pode deixar de ser humano e perder o seu significado. Em sua visão, definir e clarificar os valores sociais e pessoais da atividade física e do desporto supõe revelar-se contra determinados esquemas sociais que dia a dia vem bombardeando nossa intimidade, desde as muito eficazes tarefas de determinados meios de comunicação social.

Sport in Society: Equal Opportunity or Business as Usual? Obra de Richard e Lapchick, [61] publicada em 1996, refletiu a questão cultural, racial e de gênero no desporto. Os autores chamam a atenção para a explosão da força no desporto, nos aspectos relativos à cultura e, com singularidade, para a raça, o gênero e as classes sociais.

Com o título *Hombres y Deporte,* Obras Selectas, José Maria Cagigal[62] reuniu em livro as suas reflexões em torno da fenomenologia do movimento desportivo. O autor concebeu essa obra como sendo um *estudo do desporto enquanto fato social e como pedagogia da juventude.* Compreendendo discursos, conferências, entrevistas, colóquios, esses estudos apontaram para a definição das bases e os caminhos de um novo pensar sobre os aspectos sociológicos-desportivos.

Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução reconstitui um momento vivido por Valter Bracht, [63] na década de oitenta. Seu ponto de referência foi de que não é de todo equivocada a afirmação de que o esporte é um dos fenômenos mais expressivos deste século e da constatação da aparente unanimidade de aceitação social do esporte. O autor levantou, apresentou e discutiu as críticas que se fizeram a esse fenômeno que é, no nosso tempo, a forma hegemônica da prática corporal de movimentos.

---

60 SANMARTÍN, M G. (1995). *Valores Sociales y Deporte: A Actividad Física y el Deporte como transmisores de valores sociales y personales.* Madrid, Gymnos Editorial.

61 LAPCHICK, R. SAGE E. (1996). *Sport in Society: Equal Opportunity or Business as Usual?* Publications. USA, SAGE Publications, Inc. Califórnia.

62 CAGIGAL, J. M. (1996). Obras Selectas. *Hombres y Desporte. Volume I* Comité Olímpico Español.

63 BRACHT V (1997). *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução.* Vitória, UFES, Centro de Educação Física e Desporto.

Em 1988 (ano da Copa do Mundo), foram lançadas na França várias obras sobre o futebol entre elas a *Géopolitique du football,* publicada pelo Institut des Relations Internationales et Stratégiques (IRIS), da França, e organizada pelo diretor do Instituto, Pascal Boniface. O livro contém resultados de estudos sobre o futebol realizados por Patrick Mignon - *La passion du football,* Christiam Bromberger - *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde,* Manuel Cameron e outros.- *Quels supporters pour l'an 2000?*

Ainda nesse mesmo ano, Jean-Marie Brohm escreveu *Les shootés du stade* e Marc Perelman *Le stade barbare.* O escritor Uruguaio Eduardo Galeano também deu sua contribuição com Futbol, sombra y luz, enquanto o inglês Jonh King focalizou os hooligans, em Football factory. A maioria desses autores tem um ponto em comum, quando concordam que uma cultura *foot* tomou forma peculiar nos últimos quinze anos, na grande parte dos países ocidentais. No Brasil, o sentido do companheirismo, a busca de identidade e um certo orgulho nacional, fazem parte integrante dessa cultura, que deve ser incentivada sem manipulação.

1.4. Desporto: uma reflexão sócio-antropológica

Para Bernard Jeu, [64] o desporto é descrito na ordem das suas razões. A primeira razão é a razão poética, que aponta a presença, a importância, a potência do imaginário e da emoção que lhe são próprias. A razão poética trata de pensar porque o desporto nos atrai e nos cativa. A razão poética está ligada a uma antropologia, que proporciona o seu sentido. O desporto é belo porque nele se descobrem coisas antigas. As profundidades do inconsciente nos levam à profundidade da história. A segunda razão é a razão histórica. Esta revela o desporto em sua genealogia e surgiu através de uma dinâmica do tempo, a gênese de uma instituição; criação sem dúvida descontínua, marcada por várias etapas, mas também criação contínua, posto que cada geração a reinventa, e que a nossa consolida com a criação de clubes e competições. A terceira, e última razão, é a razão moral e política. Na história, vivemos o presente. Isso implica, portanto, na

64 JEU B. (1987). *Analyse du Sport.* Paris, Presses Universitaires de France.

nossa responsabilidade. Essa nos obriga, portanto, a interrogarmos sobre as finalidades do desporto que dependem, em grande parte do bom uso da nossa liberdade.

Então, a pergunta: para onde vai o desporto? Desejaríamos que a resposta encontrada fosse uma resposta humanista. Entretanto, não é uma questão sem resposta. Nesse sentido, torna-se necessário tecer algumas considerações que põem em realce a construção do mundo social que apresenta particularidades distintas, pois se está tratando de seres humanos que têm capacidade racional e objetivos específicos que tornarão imprevisíveis o seu comportamento. Os comportamentos têm, assim, de ser interpretados dentro do contexto da vida em coletividade.

Pode-se, observar o funcionamento dessa dinâmica no desporto. Assim, o desporto é visto como uma instituição de transcendência universal, pois toda modalidade desportiva, seja qual for o país onde é praticado, constitui-se em elemento importante da experiência humana. O desporto é um fenômeno tão patente e generalizado no mundo atual, que não é possível reduzi-lo a um simples capítulo. A invasão do desporto, na vida cotidiana da maioria das pessoas, confere a essa atividade uma dignidade merecedora da mesma atenção que recebem outras categorias do comportamento humano.

Como ressalta Jorge Bento, [65] (...) mais do que expressão de uma época própria o desporto é, sobretudo palco de um aceso e dramático combate de opções muito diversas no plano ideológico, cultural, antropológico e social. A estreita ligação desse fenômeno cultural, que é o desporto, às estruturas e funcionamento da sociedade industrial, pode ser um ponto de partida eficaz para uma interessante análise social.

Tenta-se, agora, uma reflexão, tomando como ponto de partida o desporto contemporâneo que nasceu na Europa na segunda metade do século XIX, com os seus regulamentos e instituições, que têm conduzido os jogos físicos tradicionais, do ritual ao recorde. Como analisa Costa, [66] no desporto contemporâneo, o fulcro da

65 BENTO J. E MARQUES A. (1989),. *Desporto Ética e Sociedade,* Portugal, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física - Universidade do Porto. p.27.66.

66 COSTA, A. S. (1992). Desporto e Análise Social. Em *Revista da Faculdade de Letras* da Universidade do Porto. Sociologia, vol. II, Porto, p. 102.

questão reside no recorde que parece ser, de fato, o símbolo fundamental do desporto moderno de alta competição. A obsessão na busca contínua de novos recordes é um dado que distingue o desporto moderno do desporto greco-romano ou medieval. Trata-se, pois, de uma conseqüência da evolução do desporto e da sua integração numa sociedade que exalta a eficácia, o rendimento e o progresso.

1.4.1. Características do desporto moderno

Todas as sociedades humanas possuem atividades e instituições que realizam a função de gerar emoção e tensão. Tratam, portanto, de contrabalançar a rotina da vida cotidiana e ordinária. Nas sociedades modernas industriais, com seus elevados graus de rotinização da vida em geral - tanto no âmbito do trabalho, como no da família, vida sexual e intimidade - o desporto cumpre um importante papel - o de administrar emoção e tensão.

O desporto, nas palavras de Eric Dunning, [67] é uma atividade emocionante no marco de uma sociedade escassamente emocionante. A emoção e excitação, por exemplo, que se pode viver na *partida* do fim de semana, tanto por parte dos seus membros como dos próprios espectadores, contrasta com a monotonia da vida durante o resto dos dias de trabalho.

Entretanto, Bento[68] vai além, quando revela que o desporto não significa mais apenas força, mas, sobretudo, vida, vontade, emoção, e prazer de viver! Não é mais apenas uma construção racional, mas também emanação de emocionalidades, de subjetividades, de corporalidades individuais, de existências irrepetíveis. Que o desporto é um fator de desenvolvimento harmonioso e equilibrado da personalidade; (...) é um campo de cultivo de *fair play*, do respeito pela pessoa humana; (...) é uma competição pacífica.

Daí, a questão que se pode levantar: o desporto é competição pacífica ou competição conflituosa? Visto sob o segundo prisma, o desporto apresenta-se como

67 ELIAS, N. DUNNING E.(1992). *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México, Fondo de Cultura Económica. p.48.

68 BENTO J. E MARQUES A. (1989). *Desporto Ética e Sociedade*, Portugal, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física - Universidade do Porto. p.28.

uma espécie de conflito social - uma luta em prol de valores, méritos, ordem, poder e riquezas, como um adversário disposto a neutralizar, ferir ou eliminar os seus rivais. *A competição é uma espécie de conflito no qual dois ou mais indivíduos, lutam por alcançar um objetivo, com ênfase exclusivamente no objetivo ou nos opositores.* [69]

Ou, ainda, que a competição difere de outras formas de conflito pelo fato de que, todo efeito negativo que um oponente obtém sobre o outro nesse tipo de interação social, reveste-se de uma intencionalidade mais indireta que direta. Nesse sentido, a competição pode imaginar-se como uma *espécie de conflito cooperativo* [70] Observa-se, na contradição das conceituações, que o conflito numa sociedade determinada reveste-se de várias formas, algumas das quais se definem como acontecimentos desportivos.

Em síntese, pode-se afirmar que o desporto é, por definição, um tipo de atividade que implica num comportamento agressivo e em alguma forma de competição, e que, em qualquer marco cultural, podem-se supor dimensões de conflito social.

A confirmação de tal assertiva é validada com a fala de Parlebas, [71] quando ele analisa os diferentes tipos de torneios, por exemplo, que poderiam situar-se na escala dos duelos testemunhados, da Idade Média até nossos dias. A violência, característica dos costumes de uma sociedade, encontra uma aceitação na estrutura dos jogos corporais que essa mesma sociedade eleva à gloria. A evolução das formas dos jogos desportivos segue a mesma progressão que a evolução dos modos de atuar e de emocionar-se apoiados pelo contexto social. O saber-combater e o saber-jogar são modos de saber–viver. Os comportamentos desportivos obedecem aos fenômenos culturais, de costumes e de mentalidade, da comunidade a que pertencem.

Diante do quadro apresentado, alinham-se as características que diferenciam os desportos modernos das atividades desportivas de épocas anteriores, estudadas

---

69 NISBET, R. A. (1970). *The Social Bond.* New York Alfred A. Knopf.

70 POPENOE, D.(1974). *Sociologie* . New York. Appleton-Century-Crofts.

71 PARLEBAS P. (1986). *Éléments de sociologie du sport. Paris,* Presses Universitaires de France. p 29.

por Allen Guttman[72] São sete as características: a) *Secularismo ou secularização*: tem que considerá-la em contraste com o caráter cúltico dos exercícios físicos dos povos antigos e dos povos primitivos; b) *Igualdade de oportunidades*: para competir nas condições da competência: cada um tem que ter, pelo menos teoricamente, uma oportunidade para competir, as condições da competição devem ser as mesmas para todos os concorrentes; c) *Especialização*: o desporto moderno está cada vez mais dominado por especialistas, como acontece no mundo do trabalho das sociedades industrializadas; d) *Racionalização:* é o ato e o efeito de fazer as técnicas e organizações mais adequadas a seus fins, mais eficientes no seu funcionamento; e) *Organização burocrática*: é uma das características que vai intimamente unida às dimensões do processo de racionalização e especialização; f) *Quantificação*: os desportos modernos se caracterizam por uma tendência quase inevitável de transformar cada ação desportiva em uma medida quantificável; g)*Tecnologia*: todo o avanço tecnológico dos relógios eletrônicos e todo o aparato desenhado nos laboratórios de biomecânica, cineantropometria e medicina desportiva, tem-se posto a serviço de um desporto ávido por medições. Sob o ângulo da racionalização, a busca do recorde, a combinação da tendência da quantificação e o desejo de ganhar, de alcançar a excelência, de ser o melhor conduz ao conceito de recorde, que simboliza o valor intrínseco de uma execução, e que transcende ao tempo e ao espaço concreto em que se realiza.

E, nesse aspecto, Brohm[73] considera que a diferença entre o desporto antigo e o moderno esteve, fundamentalmente, em uma distinção radical entre seus conhecimentos sociais respectivos. O desporto antigo se apoia sobre relações de produção social escravista, enquanto que o desporto moderno baseia-se nas relações de produção capitalista. As conotações sócio-culturais determinam, pois, as características de ambos os desportos - o antigo e o moderno.

Observou-se, portanto, que essas características tornam-se objeto de validação, quando se verificou que, no desporto moderno, há exaltação de uma sociedade que funciona à base de uma competição que leva à seleção dos

72 FERRANDO M. G. (1990). *Aspectos Sociales del Deporte :Una reflexión sociológica*. Madrid, Alianza Editorial. S.A. p. 1.

73 BROHM, J.M. (1978). *Deporte, Cultura y Represión*. Barcelona, Gustavo Gili.

melhores. E o desporto apresenta-se como justo e aceitável, na medida em que se apoia, em princípio de mérito pessoal e defende para todos as mesmas possibilidades. Todos podem ganhar e chegar ao topo da hierarquia. É uma competição aberta, onde todos podem participar. *Finalmente isso se torna visível no caso do futebol, onde o desporto permite desenvolver, a nível local e nacional, uma identidade marcada por um certo* orgulho. [74]

1.4.2. O desporto como fenômeno social: uma visão crítica ao desporto moderno

Não existem modelos puros e únicos de desporto *socialista* ou *capitalista*; na realidade, o desenvolvimento do desporto em cada país tem que ser entendido em consonância com o seu próprio contexto geográfico, climático, histórico, cultural, militar e de relações internacionais. O certo é que, desde o princípio, tem existido uma crítica marxista ao desenvolvimento do desporto nos países capitalistas, crítica essa que se tem estendido mais recentemente desde as posturas neomarxistas, nos países ocidentais, ao modelo de desporto dos países socialistas.

O desporto, apresentado como um instrumento revolucionário em sua dupla vertente, interna e externa, o Estado tende a proteger, fomentar ou, em outras palavras, converter-se no seu maior impulso. A postura do Estado Comunista face ao desporto, tanto em sua concepção, como em seu tratamento, é muito diferente do adotado pelo Estado Liberal, que facilita o acesso ao mesmo, porque o considera, antes de tudo, benefício à sociedade. Em ambos os modelos de Estado, o desporto tem sido utilizado como um instrumento político a serviço de uma determinada forma de entender a vida e conduzir a sua própria ideologia.

Em síntese, pode-se refletir em cima das linhas mestras, que Marx desenhou sobre o desporto e a cultura física, e ainda destacou claramente a interdependência do trabalho e da diversão física, assim como a contribuição da utilização lúdica das energias para o enriquecimento da personalidade.

---

74 COSTA A. S. (1992) Desporto e Análise Social. Em *Revista da Faculdade de Letras* da Universidade do Porto. Sociologia, Vol. II p. 104.

Analisando-se sob essa ótica, recorre-se, outra vez, a Costa[75] quando diz que o desporto provoca tanto mais entusiasmo, quanto mais ele se apresenta como um mecanismo de compensação. Na medida em que, na vida real, não conseguimos dominar quase nada, vamos tentar, embora de maneira ilusória, exaltar-nos e encontrar satisfação em coisas que, finalmente, não têm grande significação. Efetivamente, existe qualquer coisa que parece verdadeira nessa hipótese marxista, diz o autor. No futebol, por exemplo, há objetivos, há desafios, mas, para as massas populares, tudo isto parece sem conexão objetiva com a vida social habitual. Em séculos passados, havia, na sociedade, uma ligação estreita entre a vida cotidiana e a exaltação festiva, entre o secular e o religioso. Esses laços parecem hoje menos visíveis.

No centro do pensamento está a idéia de que, na simbólica do desporto em geral, vemos que os jogos de massa, canalizadores de intensas emoções coletivas, não são meros passatempos. Não são, como alguns estudiosos pensam, o mundo do superficial, do não sério. Os grandes rituais de uma cultura ligam permanentemente o que é vivido na superfície e na profundidade da alma de um povo. A prática desses rituais realimenta os indivíduos através da vivência dos símbolos do inconsciente coletivo. Assim, tanto mais rica será uma cultura quanto mais exuberantes e espontâneos forem os rituais que seus indivíduos têm à disposição.

Trabalhando a contradição que o próprio desporto revela, pode-se vislumbrar que, como modelo simbólico, o futebol, por exemplo, aponta para uma situação que é o inverso de uma leitura marxista da história. Fala-se de uma história que funciona sob base de um estado semi-aleatório. Há, certamente, os mais fortes e os mais fracos. Mas o jogo cultiva a incerteza final. Assim, a história, longe de ser construída de antemão, depende, ao menos em parte, do que nós formos capazes de fazer.

1.4.3. O significado do desporto enquanto capital cultural

A partir da complexidade que envolve o desporto moderno, o seu significado

75 COSTA. A. S. (1992) Ibidem. p. 104.

social também assume a mesma dimensão. Visível, mesmo nas categorias de estudo mais simples. Exatamente para definir o desporto, é necessário, primeiramente, isolar as suas linhas e delimitá-lo, enquanto componente cultural, que envolve a interpretação dos significados que os atores sociais atribuem ao seu comportamento. Em segundo lugar, as teorias de que se dispõe tenderão a influenciar, não só a explicação dos fatos, como também o próprio processo de coleta de dados e as categorias que utilizaremos para classificá-los. Uma parte representativa da teoria sociológica consiste na classificação e desenvolvimento dessas categorias, pois, não havendo um entendimento sobre elas, não se pode falar a mesma linguagem acerca do significado do desporto na sociedade. Categorias, como, classe social e poder, o binômio ideologia/utopia, as relações entre desporto ritual e desporto como conflito, são necessariamente ferramentas indispensáveis para que sejam conferidos os significados mais adequados.

Na medida em que a sociologia do desporto surgiu, fundamentalmente no contexto do movimento da modernização, tem-se a tendência de manter as concepções próprias do momento. O termo inglês *sport* é amplamente empregado em vários países como um termo geral para designar passatempo ou divertimento. Mesmo sendo objeto de críticas por parte de alguns estudiosos, por se tratar de importação de termos, um comentador alemão em 1936, interpretou com muita propriedade o significado da expressão: *como bem sabemos, a Inglaterra foi o berço e a mãe devota do desporto. Parece que os termos que se referem a este campo se tornaram propriedade comum de todas as nações, da mesma maneira que os termos técnicos italianos no campo da música. É raro, provavelmente que uma peça de cultura tenha migrado com tão poucas mudanças de um pais para* outro. [76]

A fim de se compreender o desenvolvimento das sociedades, principalmente as européias, (Inglaterra, França, Itália, Holanda, Suíça, Portugal e Alemanha), bem como para se entender o próprio desporto, é significativo lembrar que os primeiros tipos de desportos ingleses adaptados por outros países tenham sido as corridas de cavalos, o pugilismo, a caça à raposa e passatempos semelhantes, e que a difusão de jogos de bola, como futebol e tênis, e do *desporto* em geral, no sentido mais

76 ELIAS. N. DUNNING E. (1992) Ibidem. p. 188

contemporâneo, tenha começado somente na segunda metade do século XIX. [77]

Certamente o entendimento que se tem de que o desporto é um espetáculo, é a comunicação de um indivíduo que se põe a prova com outro que faz o mesmo, possibilita entender com mais clareza que a imagem do desporto se inicia pelos níveis estéticos mais evidentes, ainda que provavelmente não essenciais Dessa forma, fica desvendado o aspecto plástico e coreográfico que envolve esse espetáculo. O que se manifesta é o domínio do corpo pela idéia. O espectador contempla uma grande combinação de atitudes e movimentos. Nesse momento, se observa é a beleza dos gestos. Trata-se, pois, de um prazer externo de sensações.

Outro aspecto, que se vivencia no desporto, é o ético e moral. Nesse sentido, o que importa é a desportividade. Trata-se de ser um bom jogador, que respeita as regras, capaz de aceitar, se for o caso, a derrota. O que convém fixar nesse momento é a beleza do gesto. Trata-se de um prazer moral. E, por fim, o aspecto racional. Trata-se da beleza do golpe e da estratégia.

Esse conjunto de noções acerca do significado social do desporto, leva-nos a repensá-lo à luz do imaginário, pois o desporto representa, antes de tudo, o trágico. É um fenômeno social que faz vibrar a alma individual e cultural de um povo, na medida em que contém os símbolos que expressam e nutrem a vida desse povo. E Jeu, [78] sob essa ótica, constata que, seres finitos, na finitude de um campo de jogo, pretendem impor sua vontade infinita em uma contradição inevitável de desejos. Surge a violência. A morte de um dos participantes é inevitável. Tudo é oferecido, entretanto, em um tom catártico, ou seja, energético. A violência é um ritual; a violência leva em consideração a regra do jogo. No momento não se trata mais da violência. A morte é simbólica. Perde-se, é eliminado. Mas o vencido realmente não morre. Sua vida foi restituída para que possa oferecê-la em uma competição futura.

Em síntese, o desporto é uma tragicomédia. Todo esse jogo estético, como se pode ver, não é enigmaticamente gratuito. Através do símbolo, o homem manipula e domina suas angústias e, no desporto, esse simbolismo é um simbolismo ativo. Vale a pena observar que a tragédia desportiva não se confunde com a tragédia teatral.

---

77 ELIAS, N. DUNNING E. (1992) Ibidem. p. 189

78 JEU, B. (1987) Ibidem. p.28-29

No desporto, o campeão cria, a cada momento, o seu texto. O público espera, a todo instante, uma nova iniciativa. A idéia de liberdade substitui a idéia de destino.

Nesse momento, vai-se encontrar o significado dessa situação. Sob essa percepção, apresenta-se uma excelente ilustração da teoria simbólica, recorrendo ao exemplo do futebol. O futebol é um espetáculo coletivo que se torna ritualístico na medida em que os espectadores se identificam com o drama que se desenrola no campo. Os jogadores são como personagens de teatro, com os quais se identifica ritualmente. O público participa dos desportos coletivos através da identificação dramática. Essa identificação é proporcional ao entusiasmo demonstrado pela assistência. Certamente a importância dos fenômenos ritualísticos pode ser medida pelo grau de significância dada ao espaço onde eles ocorrem. A delimitação desse espaço consiste numa verdadeira sacralização feita freqüentemente através de formas geométricas centralizadas, como os círculos, os quadrados e os retângulos.

Um outro símbolo que carece de uma análise, pela sua singularidade, é a bola. *A pelota é uma sombra, uma alma*, diz Jeu. O fato de ela ser redonda, para melhor rolar, não impede de vê-la também como um símbolo. Platão já considerava a esfera a forma mais perfeita da geometria. E Descartes descrevia os movimentos elegantes de uma bola em uma parede principal do jogo - o que hoje chamaríamos de rotação ou efeito da bola - para explicar, em seu *Dioptrique*, as leis da reflexão e da refração da luz que acabava de estabelecer. Aqui tudo se reduz tecnicamente à questão de ângulos e a situações de equilíbrio e, taticamente, à necessidade de proporcionar os meios de que se dispõe para se atingir a finalidade perseguida.

Assim, inúmeras culturas expressam, através da esfera e do círculo, seus símbolos de totalidade, por serem formas geométricas através das quais não se pode diferenciar o princípio do fim. De fato, o futebol visto de modo simbólico, é um exercício de confrontação de opostos, durante o qual várias emoções são elaboradas, isto é, soltas, exercidas e conhecidas. A posse de uma linguagem comum, de um corpo comum de crenças e de um conjunto comum de significados determina uma organização universal que é também comum a todos os atores sociais, que têm, assim, as mesmas experiências e se comunicam entre si, sobre as suas vivências e os seus mundos pessoais.

É certo também que se pode deixar seduzir-se pela vulnerabilidade do termo desporto. Entretanto essa palavra é usada desde um passado bem distante; tem-se que compreender que se é significativo possuir essa longa história, o significado é novo. George Petiot[79] assinala a existência do termo sob a forma do antigo francês *de(s) port*, ao final do século XII, em um romance da região da Normandia, com o sentido de todo tipo de diversão. A palavra chegou na Inglaterra no século XIII, para ressurgir mais tarde na França, onde está testemunhado, em 1827. A acepção da época indica G. Petiot, que a busca em um resumo do *Journal des Haras* de 1828. *Com a palavra desporto, cujo equivalente não existe em nenhuma língua, se designa a caça, as corridas de cavalos, os combates de boxeadores.* [80]

Assim, a importância da caça e do cavalo testemunha a procedência aristocrática dos primeiros *desportistas.* Ao final, no seu primeiro número, em abril de 1898, a famosa revista *La vie au grand air*, que se tornou quase uma *enciclopédia dos desportes onde tratou sempre da atualidade* cita, em lugar de destaque, em seu primeiro editorial, uma lista de 23 (vinte e três) atividades, que considera como os desportos mais procurados: *o ciclismo, o automobilismo, o atletismo, a hípica, a caça, a pesca, o turismo, a fotografia, a moda desportiva, o tiro, a patinagem, o boxe, a luta livre, o esgrima, o tênis, o golfe, o pólo, o futebol, o hóquei, a ginástica, a equitação, etc*[81] Outras atividades citadas, tais como o turismo, fotografia, moda esportiva, testemunham uma flutuação semântica. A antiga significação (distração, diversão ou lazer) está associada ao termo, entretanto, 17 (dezessete) das 23 (vinte e três) atividades designam práticas corporais convertidas em autênticos desportos atuais e testemunham, assim, dois séculos depois, um tombo decisivo no vocábulo a favor das situações motrizes de oposição.

Descendo até as origens do desporto, Desmond Morris, em sua obra intitulada *Tribo do Futebol*, apresenta as quatro fases principais da caça. A primeira é a caça de sobrevivência: trata-se da caça dos primitivos para quem caçar e matar

---

79 GEORGE, P. (1975). *La langue des sports, en La Banque des mots*, n.º 10, París, PUF. p. 155-186.

80 JEU B. (1987) Ibidem. 156.

81 ELIAS. N. DUNNING E. (1992) Ibidem. p. 189

eram questões de vida ou de morte; a segunda é a caça desportiva: ritos festivos de caça organizados livremente e não por necessidade imperiosa de procurar alimentos para subsistir; a terceira é a caça sangrenta no estádio: introdução da caça na cidade; e por último, a caça à bola no estádio: essa levou à transformação das antigas caças sangrentas nos modernos jogos com bola. Costa, [82] seguindo o pensamento do autor, procura mostrar que o ritual do futebol conserva numerosos elementos da caça primitiva, o que poderá explicar, ao menos em parte, o motivo pelo qual o futebol tem globalmente maior sucesso do que todos os outros desportos.

No que tange ao fundamental, cabe questionar se os desportos da época contemporânea possuem um caráter único na História. Podem ser estudados isoladamente ou devem ser analisados como uma continuação dos jogos gregos, romanos, medievais e dos exercícios dos nobres dos séculos XVI, XVII e XVIII?

Em síntese, por todas as coisas que podem ser interpretadas, pode-se dizer que o desporto é cultura em todos os seus aspectos, porque: a) surge das vestes mais antigas. Antes de o desporto ser desporto, existiam rituais competitivos; b) o desporto constitui um patrimônio que se transmite pela via nobre da literatura desportiva, e pela via mais discreta, mas não menos eficaz da prática de jogos populares tradicionais; c) o desporto é uma forma sensível de expressão e percepção e, portanto, uma comunicação estética, comparável à arte; d) o desporto constitui, por outro lado, tema de inspiração artística; e) é uma instituição relativamente autônoma que cria uma rede piramidal de encontros.

Até agora, o objetivo do estudo não está sendo refletido como se a construção do mundo social fosse um processo idiossincrático, trabalhado em função de interesses e capacidades próprias de cada indivíduo. Não é o que acontece, pois como se viu, atuam aqui complexos processos sociais e culturais.

A capacidade para compreender e para atuar no mundo em que se vive, fundamenta-se na possibilidade de atribuir nomes às coisas e aos fatos, pois nomear qualquer fenômeno eqüivale a dizer o que ele é, o que ele fará e como é que se deve atuar em relação a ele. *A vida social é essencialmente prática. Todos os*

---

82 COSTA. A. S. (1997). *À Volta do Estádio,* Porto Campo das Letras – Editores S. A., p. 115.

mistérios, que seduzem a teoria para o misticismo, encontram a sua solução racional na práxis humana e no compreender desta práxis.[83]

1.4.4.Desporto e jogo: aspectos conceituais

Entre a abundante literatura sobre o jogo pode-se citar *Homo Ludens*, de Johan Huizinga, e *Les jeux et les hommes*, de Roger Caillois; ambos relacionam o jogo com a cultura e reservam um lugar especial à competição, pois que os dois tratam do agôn. Huizinga[84] considera que *a cultura nasce em forma de jogo.* Através do jogo a *comunidade expressa sua interpretação da vida e do mundo.* No agôn a tensão e a incerteza atingem a sua mais alta forma de expressão. As competições, por outra parte, emocionam também os espectadores e podem, inclusive, excitá-los. Esta união jogo-agôn permite o surgimento de grandes formas da vida coletiva: culto, dança, ciência, direito e guerra.

Portanto, o jogo é um fenômeno não somente universal dos seres humanos, como também comum a outros animais. A maioria das espécies animais executa, de vez em quando, alguma forma de jogo, sobretudo durante os anos que antecedem ao seu ciclo vital. Numerosos investigadores dos hábitos dos animais têm estudado o jogo social deles, entretanto, chegaram a poucas definições satisfatórias sobre as características de tais atividades.

Ainda que o comportamento lúdico seja facilmente reconhecido, não é tão fácil agrupá-lo em categorias conceituais. Prova disso é a abundante literatura sobre o assunto e as numerosas definições do termo proposto pelos cientistas do comportamento. A mais explorada de todas as definições de jogo é a pensada por Johan Huizinga em *Homo ludens,* como sendo uma atividade livre mantida conscientemente fora da vida *corrente* por carecer de *seriedade*, mas que, ao mesmo tempo absorve intensa e profundamente a quem a exerce. Uma atividade desprendida de todo interesse material, que não produz proveito algum e que se

---

83 MARX K. (1995). *Teses sobre Feuerbach*, in Teorias Sociológicas - Os Fundadores e os Clássicos I Vol., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian p.9.

84 HUIZINGA J. (1968). *Homo Ludens*, Gallimard. p. 84.

desenvolve ordenadamente dentro de seus próprios limites temporal/espacial, de acordo com regras preestabelecidas e que promove a criação de agrupamentos sociais que tendem a atuar secretamente e a distinguir-se do resto da sociedade por seus disfarces e outros meios.

Assim, o jogo seria, pois, insuficiente e disporia de seu próprio significado e de sua própria justificativa. O jogo e suas variantes permitem que se exteriorizem outras facetas da cultura (ritual, direito, política). Huizinga afirma, ainda, que o desenvolvimento da civilização se deve a mecanismos lúdicos. À luz desse conceito, podemos afirmar que o espírito competitivo lúdico é um impulso social, mais antigo que a própria cultura e impregna toda a vida à maneira de um fermento cultural.

Deve-se concluir, pois, que o jogo foi parte integrante da civilização em suas primeiras fases. A civilização não surge do jogo como uma pessoa que sai do ventre materno; surge *com* o jogo e *como* jogo para nunca mais voltar a separar-se dele.

Depois de Huizinga, vários sociólogos têm tentado criar novas definições do jogo, sem que nenhuma delas seja unanimemente aceita pelos antropólogos. Só a definição de jogo, de Norbeck, [85] tem chamado a atenção de seus colegas por seu caráter prático: Seu comportamento se fundamenta em um estímulo ou uma proclividade biológicamente herdada, que se distingue por uma combinação de linhas: o jogo é voluntário, até certo ponto deleitante, diferenciado temporalmente de outros comportamentos e por sua qualidade transcendental ou fictícia.
Como declarou Norbeck, *o jogo adquire uma forma cultural explicita no que converge uma vasta gama de componentes* Assim definido, o jogo inclui os jogos e os desportos, as funções teatrais e outras formas de pantomima; a pintura, a música, a dança, e todo o espectro das artes e da estética, a sátira e o humor, a fantasia e os estados psicoestáticos.

Bateson[86] estava preocupado com a complexidade lingüística do jogo, da credibilidade da hipótese de que o jogo pode ter firmado um passo importante na evolução da comunicação.

---

85 NORBECK. E. (1971). Man at Play . Natural History Magazine, Special Supplement 1974. *The Anthropological Study of Human Play. Rice University Syudies 60 (3).*

86 BATESON G. (1977). *Vers une écologie de l'esprit*, Paris, Ed. du Seuil.

Outro aspecto conceitual do desporto diz respeito ao significado dos jogos, a saber: quando as atividades desportivas são jogos e quando são outras coisas?

Como Sack[87] muito corretamente enfatizou, o conceito de jogos se confunde com jogo, até o ponto de passar por sinônimo. Essa confusão conceitual faz com que *muitos jogos se apresentem como espetáculo e que seus protagonistas os considere como trabalho*. Por conseguinte os jogos nem sempre são jogos.

1.4.5.O encontro do desporto com o ritual

O significado do desporto pode determinar-se também na ótica das suas relações com o ritual. O desporto reveste-se amiúde de um caráter ritualístico. Pode-se inferir preliminarmente que o desporto é uma especialização do ritual onde o aspecto competitivo transcende ao desenvolvimento propriamente dito do cerimonial prescrito.

O estudo do ritual é popular nos círculos antropológicos, e apesar de o conceito se prestar a controvérsias, há certa unanimidade entre os teóricos sobre seu significado. O ritual é uma faceta da cultura que se apresenta com a dimensão simbólica das atividades sociais que não são especificamente de natureza técnica. A técnica tem conseqüências materiais previsíveis e calculáveis; o ritual, em troca, é uma manifestação simbólica sobre algo relacionado com os indivíduos que intervêm na ação. Nesse sentido o ritual pode ser não religioso, sagrado ou profano. Não é mais que uma atividade regulamentada que transmite alguma mensagem social importante sobre a estrutura e coesão de um grupo determinado.

Nessa perspectiva, Costa, [88] quando analisa o futebol, diz como ele funciona na sociedade moderna, que, longe de exaltar o simbólico, é uma sociedade dominada pela técnica e fundamentada no tríplice princípio da eficácia, do rendimento e do progresso. Portanto, o futebol integra precisamente os valores dessa sociedade, mas numa dimensão maravilhosa, dramática e festiva. Além disso,

---

87 SACK, A. L. & THIEL R (1979). College football and social mobility: A case study of Notre Dame football players. *Sociology of Education, 52* (1), 60-66.

88 COSTA A. S. (1989). *Football, spectacle de compétition - Alliance du merveillheux et du dramatique* , in Recherches Sociologiques, U.C.L., Vol. XX, n.º 1,pp. 41-42.

na medida em que a sociedade não consegue gerir um certo número de problemas importantes, o futebol vê-se igualmente ameaçado pela violência física. O holiganismo é uma prova irrefutável. Quando uma sociedade consegue regular os seus conflitos sociais, não só no que diz respeito às maiorias, mas também no que se refere aos casos marginais, a violência é mais facilmente afastada e, no nível do futebol, ela será apenas ritualizada.

Em última instância, o que se quer indicar quando se afirma que o desporto é uma forma de comportamento ritual é simplesmente que o caráter atual do desporto em uma situação determinada é o resultado de normas culturais concretas.

O desporto, portanto, transmite uma mensagem relativa à tradição e aos valores construídos em uma sociedade especifica, através do jogo competitivo. Ao mesmo tempo é lícito supor que, para entender o comportamento desportivo em uma sociedade determinada, convém adquirir um mínimo de conhecimentos sobre a pauta cultural geral responsável pela definição final desse comportamento.

Por trás dessas palavras, há que se supor, que, reconhecendo o caráter peculiar que cada povo é capaz de buscar em um determinado desporto, em suas formas superficiais, fazendo que tome parte de sua idiossincrasia expressiva, não resta dúvida que o desporto moderno em suas manifestações mais convencionais (futebol, basquete, natação, atletismo, ginástica etc.), possui um caráter unificador das expressões motrizes.

De acordo com Alcoba, [89] *o desporto é parte fundamental da linguagem semiológica devido a sua simbologia e signos em que se encontra envolvidos por uma força exteriorizadora de sua vitalidade.*

Observando a extensa gama de gestos que se realizam nos desportos, cada um deles possui um código particular, através do qual os espectadores e praticantes do mesmo se entendem sem necessidades de palavras, tão só com o gesto de uma mão, uma indicação de cabeça ou por um assobio. O mundo em que se vive, tem-se convertido em um universo de signos e símbolos. Praticamente todos os significados possíveis podem emitir-se por meio de signos externos e essa simbologia do desporto tem contribuído em grande parte, graças a sua difusão, para o avanço do

89 ALCOBA, A. (1987). *Deporte y Comunicación*. Madrid, Afanias. p. 76.

conhecimento macrocósmico do mesmo.

Citando Costa, [90] (...) por outro lado, o futebol não utiliza muitos registros no seu funcionamento simbólico. A sua linguagem é principalmente baseada sobre o gesto. Ele compromete o homem na sua totalidade, com particular incidência sobre o corpo, sobre o sensível. A linguagem é simples. A sua simbólica é global. Isso faz a sua força e a sua eficácia sobre as massas populares.

Deve-se, pois, ter em conta que o desporto é uma máquina constante de criatividade geradora, por sua vez, de novas formas de expressão destinadas a aumentar consideravelmente o cabedal dos signos e símbolos produtores da comunicação. Os escudos dos clubes e das equipes desportivas formam um enorme e rico momento da comunicação, muito dos quais são mais conhecidos que as bandeiras das nações.

O desporto, fenômeno característico e destacado das atuais sociedades de massa, esconde por trás de sua aparente simplicidade uma enorme complexidade social e cultural. Sua aparente simplicidade surge do fato de que a linguagem e o simbolismo desportivo, baseado no corpo humano em movimento e na busca de resultados destacável, são acessíveis a todas as pessoas, independente do seu nível social e cultural, o que justifica sua universalidade.

1.5.Conclusões

A análise do modo de pensar sobre o desporto evidenciou que o desporto tem sido uma matéria de importância no desenvolvimento da humanidade, criador de um estilo de vida própria.

Ao considerar o desporto como um dos fenômenos sociais mas significativos do século XX, pode-se dizer que o desporto tem servido para a melhoria da comunicação entre os homens, como uma âncora lingüística positiva. Que o desporto também se apresenta como uma necessidade no que concerne à formação educativa das pessoas, ao considerá-las como parte integrante do fato sócio-cultural total.

---

90 COSTA. A (1989) Ibid. pp. 41-42.

II CAPÍTULO

2. A QUESTÃO DO SENTIDO DA CLASSE COMO CATEGORIA SOCIOLÓGICA

O desporto permite aos homens de classes, regiões ou nações deferentes, conhecerem-se
Gilberto Freyre

2.1. Os discursos sobre a origem da desigualdade: da estratificação à classe

Em que sentido a expressão *classes sociais* é empregada neste trabalho? No sentido marxista de grupos de antagonismo inconciliável, com base nas relações de produção? No sentido weberiano, que também se fundamenta na dimensão econômica, embora sem pressupor necessariamente o antagonismo? Ou no sentido, amplamente usado pela sociologia americana, de estratos sociais, identificáveis pela convergência de várias dimensões? Eis, portanto, uma das dificuldades da abordagem do tema que precisa ser contornada.

O conceito de *classe* é um dos mais discutidos na teoria sociológica. Ralf Dahrendorf[91] diz, com razão: *A história do conceito de classe constitui, sem dúvida, na sociologia, o testemunho mais dividido de sua incapacidade, inclusive nas questões terminológicas para chegar a um mínimo de coincidência.*

Dificuldades adviriam, por certo, do uso de *classes sociais*, neste estudo como simples camadas ou estratos, por faltarem estudos empíricos para suporte da teoria. Qual o parâmetro a ser utilizado para estratificar as diversas classes? Da ocupação, da renda, da educação, do consumo ou do estilo de vida, dentre outros fatores? Ou de todos, ao mesmo tempo? Ora, assim consideradas, as classes sociais, como observou Pitirim Sorokin, [92] não passariam de estratos puramente nominais ou estatísticos, pois não teriam existência real e, para sua manipulação,

91 DAHRENDORF, R. (1970). *Las clases sociales y su conflicto en la sociedad industrial.* Madrid, Rialp. p. 113.
92 SOROKIN, P. A. (1968). *Sociedade, Cultura e Personalidade.* Porto alegre, Globo. p. 123

necessariamente exigiriam a existência de dados.

Sabe-se que a existência de classes, na teoria e, sobretudo na realidade, é alvo de lutas. E é aí que reside o maior obstáculo a um conhecimento científico do mundo social e à solução do problema das classes sociais. Negar a existência de classes, diz Pierre Bourdieu[93] é, em última análise, negar a existência de diferenças e de princípios de diferenciação. A diferença existe e persiste. Existe um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como algo que se trata de construir. A posição de um determinado agente no espaço social pode, assim, ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos: capital econômico, capital cultural, capital social e capital simbólico (prestígio, reputação e fama). Assim, o espaço social e as diferenças que nele se desenham *espontaneamente* tendem a funcionar simbolicamente como *espaço dos estilos de vida.*

Pelo fato de se recorrer ao conceito de classe para se pensar o significado social que comporta o desporto, fez-se necessário preencher essa lacuna, através de leituras descritivas da *estratificação social*, da *sociabilidade* e da *cultura fora do trabalho*, sobre as quais quase sempre é solicitado o conceito de *classe*, por não ser ele usado em sua verdadeira dimensão.

Estudos sócio-econômicos sinalizam que a análise sobre as classes sociais pode passar por duas vertentes, sobretudo os estudos realizados com as classes dominadas, não como grupos claramente definidos em seus limites e identidade e, sim, como movimentos contraditórios de fragmentação/diferenciação. Na primeira vertente, a análise pode recair sobre lugares diferentes do processo de trabalho, nas qualificações, nas posições na hierarquia, nas remunerações, nos tipos de produção e de empresas, tanto quanto pelo sexo, idade, origens étnicas, sociais, religião, lugar nas trajetórias sociais, assim como pelo patrimônio, local de residência, práticas de consumo, de desporto e talvez a relação com o Estado - todas essas variáveis não são evidentemente independentes umas das outras.

93 BOURDIEU, P. (1996). *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação.* Campinas, São Paulo. Papirus Editora. P. 26.

É, na segunda vertente, através da qual a análise pode incidir sobre a unificação pelos tipos de solidariedade profissional ou de vizinhança, pelas experiências de luta em comum, pela organização sindical ou política, pelas estruturas associativas etc.[94]

Entretanto, para introduzir o assunto objeto de estudo, é preciso assinalar, desde logo, que o caminho à *classe* passa pela compreensão do que seja *estratificação* enquanto elemento universal e onipresente. Encontrando-se essa categoria (a estratificação), tanto nas sociedades primitivas, aparentemente as mais simples e as mais homogêneas, como nos sistemas sociais mais diferenciados e mais heterogêneos: todos eles estão atravessados por divisões verticais, assentados quer sobre o sexo, a idade ou a estrutura de parentesco, quer sobre os bens materiais, o poder ou o prestígio. A estratificação existe, portanto, a partir do momento em que se identifica a diferenciação, integração, hierarquização, desigualdade ou conflito entre os elementos constitutivos do grupo.

Faz-se questão de citar que o estudo científico da estratificação é, porém, recente, [95] não remontando para além do século XVIII. O seu começo data da controvérsia sobre a origem da *desigualdade* que apaixonou os filósofos das Luzes, (Hobbes, Gierke) no Continente Europeu, e, sobretudo, dos trabalhos da Escola Escocesa (Adam Ferguson, Jonh Millar e Hume) que operou na Europa, como em toda a parte, uma verdadeira revolução científica e filosófica. Se os fundadores da sociologia atribuíram todos eles especial atenção a esse fenômeno que se lhes afigurava fulcral, foi necessário esperar pelo menos 40 anos para se assistir ao desenvolvimento das investigações empíricas.

Examinando de perto a obra de Raymond Boudon, [96] tem-se a idéia de que a *desigualdade* assentada na propriedade não provém nem dos socialistas, nem de Rousseau, ainda que esse a tenha popularizado e aqueles a tenham convertido num dogma, cuja fragilidade se veio a revelar-se na seqüência das revoluções comunistas do século XX.

---

94 EDMOND, PRETECEILLE. (1998).*O conceito de classe social na pesquisa urbana.* Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Editora Campos. Vol. 31, n. º 2, p. 187.

95. BOUDON, R. (1995). Tratado de Sociologia. Porto. Edições ASA. p. 97

96 BOUDON, R. (1995) Ibidem. p 98.

Assim, se a sociedade é um *meio moral*, se tem por base a *norma*, a *sanção* e o *poder* que geram a heterogeneidade e a desigualdade entre os grupos sociais, ela será sempre instável, conflitual e, por conseqüência, aberta à mudança. Para Dahrendorf, [97] a estratificação é, segundo conclui, como todas as outras categorias de análise sociológica. Está intimamente, ainda que desigualmente ligada à trindade constituída pela *norma*, pela *sanção* e pelo *poder*.

Não é exagerado afirmar que a concepção marxista de *classes* é a pedra de toque em relação à qual definem e se confrontam todas as teorias da estratificação. Se for certo que nunca foi sistematizada, o autor de *O Capital* forneceu, no entanto, inúmeros elementos e indicações preciosas sobre a sua lógica, o que permite traçar um quadro indicativo. É uma teoria global que tenta descrever e explicar, graças a um conjunto de conceitos abstratos e a uma lógica coerente, as estratificações de sociedades historicamente conhecidas, ainda que o ponto de partida da análise de Marx seja a sociedade capitalista. Apesar de Marx não haver terminado seu manuscrito sobre as classes sociais, podem tirar algumas conclusões metodológicas sobre seu modo de enfocar o problema. O ponto de partida da análise de Marx é o estudo de um modo de produção determinado. As classes aparecem no momento como *personificação,* conteúdo volitivo, pessoal, ativo de certas relações descritas abstratamente. Isso não quer dizer que, num nível mais concreto, não seja possível descrever as classes sociais como agrupamentos sociais capazes de serem estudados sociologicamente.

No entanto, como retratou Theotonio dos Santos, [98] esse estudo empírico das classes só tem sentido teórico definido quando situado no quadro de uma análise abstrata. Quer dizer, só se pode alcançar um nível explicativo de análise, quando se insere o nível descritivo empírico num quadro teórico abstrato.

A insuficiência da teoria marxista das classes[99] e, sobretudo, a sua incapacidade de explicar o conjunto das diferenças objetivamente provadas, resultam em que, ao reduzir o mundo social unicamente ao campo econômico, ela se vê obrigada a definir a posição social em referência unicamente à posição nas

97 BOUDON, R. (1995) Ibidem. p 106.

98 SANTOS, T. (1982). *Conceito de Classes Sociais*. Petrópolis. Vozes. p. 18

99 BOURDIEU, P. (1994). *O poder simbólico*. Lisboa. DIFEL. p 152-153.

relações de produção econômica, ignorando, com isso, as posições ocupadas nos diferentes campos e subcampos - sobretudo nas relações de produção cultural. Ela impõe, assim, um mundo social unidimensional. Na realidade, o espaço social é um espaço multidimensional, onde, no interior de cada um dos subespaços, os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes das posições dominadas estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas, sem, por isso, se constituírem necessariamente em grupos antagonistas.

Interpretações semelhantes têm avançado nesse campo por vários sociólogos e economistas marxistas e pós-marxistas. Em contraste com essa crítica sociológica da classe, surge a teoria thompsiana, que pretende ser simultaneamente uma crítica e um enriquecimento do conceito de classe marxista. Thompson[100] entende por classe um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Vai mais além quando afirma: *ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma estrutura, nem mesmo como uma categoria, mas como algo que ocorre efetivamente, e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas.*

Chega-se agora ao ponto em que há que se realçar que as classes não existem como entidades separadas que procuram e encontram um inimigo de classe, para então começar a lutar. Ao contrário, as pessoas encontram-se em uma sociedade estruturada de determinadas maneiras (crucial, mas não exclusivamente, em relações de produção); elas passam pela exploração (ou pela necessidade de manter poder sobre aqueles que elas exploram), elas identificam pontos de interesse antagônicos, começam a lutar em torno dessas questões e, no processo de luta, elas se descobrem como classes, elas vêm a conhecer essa descoberta como consciência de classe. *Classe e consciência de classe são sempre o último, não o primeiro estágio no processo histórico real.* [101]

Ora, Thompson relaciona explicitamente a análise das práticas à da estrutura social. Assim, ele deduz que a classe se realiza, quando homens e mulheres vivem

100 THOMPSON, E.P. (1987). *A Formação da Classe Operária Inglesa.* In: A Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

101 THOMPSON, E P. (1987) Ibidem. p.146.

suas relações produtivas, quando eles experimentam suas situações determinadas, dentro do conjunto de relações sociais, com suas expectativas e cultura herdada e quando eles lidam com essas experiências em termos culturais. De tal modo que, no final, nenhum modelo pode fornecer-nos elementos constitutivos de uma verdadeira formação de classe para um determinado estágio do processo. Nenhuma formação de classe real na história é mais verdadeira ou mais real que qualquer outra, e a classe se define como, de fato, ela se realiza.

A partir dessa compreensão é que se pode perceber que a classe se constitui por meio de alianças e exclusões que transformam uma tendência, a classe *em si*, (definida na base de um conjunto de condições objetivas) num grupo individualizado, isto é, *para si* (radicada em fatores subjetivos). Os indivíduos tendem a formar uma classe de acordo com sua posição diante da contradição fundamental entre capital e trabalho Porém é uma tendência: a inserção das pessoas no processo produtivo é condição necessária, porém insuficiente, para incluí-las numa classe.

Pode-se argumentar que as classes têm um sentido coletivo próprio, que elas não se confundem com agregados de indivíduos ou de vontades pessoais. Entretanto, elas são constituídas por pessoas dotadas de vontade e capacidade de ação e transformação, ainda que submetidas à alienação e, em diferentes graus ao conformismo, imposto pela dinâmica do capitalismo.

Tudo faz crer que nenhuma dessas concepções apresentadas satisfaz plenamente, embora todas elas forneçam elementos aproveitáveis para a explicação da realidade social brasileira. Essas diferentes concepções das classes sociais distinguem-se umas das outras, pelos tipos de fenômenos que são levados em consideração.

Portanto, à luz do quadro descrito acima, optou-se pela abordagem estruturalista, onde é privilegiado o aspecto *relacional*. O fulcro da pesquisa não é mais constituído pelos elementos em si, mas pelas relações que intercorrem entre eles, já que só as relações são constantes, enquanto os elementos podem variar (sem no entanto serem arbitrários). Segundo Ricoeur, [102] o estruturalismo recusa-se a tratar os termos como entidades independentes, tomando, ao contrário, como base

102 RICOEUR, P. (1974). *Estrutura hermenêutica* In Lima, L. C. (Org.) O estruturalismo de Lévi-Strauss. Petrópolis: Vozes.

de sua análise, as relações entre os termos.

Crê-se que a posição de Ricoeur não é contraposta à de Pierre Bourdieu, pois esse pensa que o estruturalismo consiste em considerar o objeto como uma totalidade que pode ser descrita, formalizada, a partir dos elementos que a constituem e das relações de interdependência que esses elementos mantém entre si.

Partindo desse conceito, propõe-se analisar os mecanismos e as estratégias de renovação das classes na sua hierarquia e na sua distinção, tomando a concepção estruturalista do espaço social, onde são estudados os fenômenos da reprodução, das posições sociais e das desigualdades. A esse estruturalismo atribuir-se-á também a tarefa de desvendar as estratégias pelas quais os agentes de diferentes classes, portadores da sua cultura de classe, renovam as diferenças e as distinções que os separam e os hierarquizam.

Assim, a maneira encontrada para desenvolver uma discussão sobre as relações de classes no presente estudo apoiou-se na concepção de classe de Bourdieu: [103] *As classes sociais são definidas como lugar de determinações essenciais dos comportamentos, dos modelos de percepção e de ação de todos os agentes sociais.*

Afigura-se, pois, que a realidade social pode ser entendida como uma totalidade em movimento, composta por inúmeras contradições que colocam, a todo o momento, possibilidade de superação da ordem vigente. Não se pode entender uma dimensão do real sem fazer sua relação com o conjunto, de modo que o *político*, o *econômico* e o *ideológico* sejam indissociáveis na análise, incompreensíveis em si mesmos. Não cabe pensar o econômico por si mesmo, tampouco a autonomia do político, sequer relativa; não porque seja mero reflexo do econômico, ou porque as questões políticas não tenham sua especificidade, mas porque a compreensão da totalidade do real não permite seu fracionamento em fatores isolados, sejam políticos, econômicos, ideológicos, jurídicos etc.

103 BOURDIEU, P. (1979). A distinção: Crítica social. Paris. Éditions de Minuit.

A sociedade aqui retratada é uma entidade de modo globalizado. Uma realidade que forma um sistema. Um sistema que tem suas próprias leis e normas. Normas que, obviamente, precisam dos indivíduos para poder se concretizar, dizem a esses indivíduos como devem ser atualizadas e materializadas. A sociedade é, pois uma entidade que se faz e refaz por meio de um sistema complexo de relações sociais, elos que se impõem aos seus membros, indicando – tal como acontece num concerto ou peça de teatro – tudo aquilo que é dispensável ou superficial para que se possa criar e sustentar o evento objeto da construção.

2.2.Um discurso sobre a questão da história das classes no desporto

No processo de industrialização levado a cabo no século XIX, a atividade desportiva foi absorvida pela classe economicamente mais poderosa e com maior quantidade de tempo livre. As diferentes modalidades que surgiram dentro do desporto moderno nunca foram introduzidas pelas classes economicamente mais baixas.

É preciso observar, também, que a transformação por que o desporto tem passado, de ser não só uma diversão da classe superior e ser, entre outras coisas, uma atividade de tempo livre para todos, não têm conduzido a um nivelamento das classes, senão, como mostra G. Lüschen, [104] em uma situação em que o desporto, como sistema geral aberto, oferece oportunidade de encontrar-se com membros de outras classes vindo a ser, dessa forma, um importante canal de ascensão social. E isso se faz necessário interpretar no sentido de que os membros da classe inferior encontram uma ocasião para iniciar no desporto uma carreira profissional; ficando claro que o desporto apresenta-se como uma oportunidade para que os valores das classes médias e altas permaneçam socializados e para que o indivíduo das classes baixas fique integrado a eles.

Convém observar, no entanto, que, apoiadas na história, as classes economicamente superiores chegam a um determinado momento a perceberem que

104. LUSCHEN, G. (1974). *Sociología del deporte*. En Baitsch, H. et al. El deporte a la luz de la ciencia. Madrid: INEF. p. 114.

suas modalidades desportivas peculiares, ao término de algum tempo, passam a ser assumidas pelas classes economicamente inferiores e, então, as superiores se refugiam em novas atividades desportivas que as distinguem das classes populares: quando o interclassismo já é inevitável, tratam de diferenciar-se pelo modo, o lugar e outros aspectos, através de que se pratica esse desporto comum. Evidentemente que as práticas de classe estão estreitamente vinculadas ao capital econômico. Os objetos materiais e as práticas da vida quotidiana constituem símbolos de status e, nesse sentido, o tipo de vestimenta que usam, os lugares que freqüentam são diferenciados.

O exame de alguns aspectos da teoria sociológica das classes no desporto tem sido ilustrado por Pierre Bourdieu, [105] que tem conceituado as práticas corporais num marco mais global do espaço e dos gostos e estilos de vida. Segundo essa teoria, as preferências desportivas são determinadas pelo volume e estrutura do capital, que geram oposições entre classes e frações de classes sociais. As características apresentadas pelas condições sócio-econômicas de cada indivíduo se circunscrevem a um âmbito de classe que valoriza a força bruta ou a delicadeza, o enfrentamento vulgar ou o ritual educado, a proximidade ou a distância. Assim, pois, o enfrentamento da luta do futebol, de contatos brutais, é praticado essencialmente pelas classes populares; os de esgrima e do tênis, com a mediação de uma arma ou uma rede, profundamente ritualizados, gozam da predileção das classes favorecidas. A classificação das práticas desportivas se ajusta, assim, ao hábito que tem, como resultado, o princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e o sistema de classificação destas práticas.

2.3. Os discursos sobre os resultados obtidos no método investigativo das classes

Sabe-se, através de investigações sociológicas, que os tipos de desporto e o nível de participação variam conforme a classe social de quem os pratica. Como

105 BROHM, J. M. BOURDIEU, P. DUNNING, E. (1993). *Deporte y Clase Social.* In: Materiales de Sociologia del Deporte. Madrid. Las Ediciones de La Piqueta. p.63.

observou Jonh A. Coleman, [106] as pessoas menos favorecidas e a classe operária, por exemplo, se quiserem praticar o golfe, o tênis, o esqui, a navegação à vela e até mesmo o vôlei, o basquete ou a natação, não têm acesso a essas formas (modalidades) de desporto, nem recursos financeiros para comprarem o equipamento necessário. Sabe-se também que, quanto mais elevado o nível educacional de uma camada social, tanto maior seu nível de participação nas atividades desportivas. A análise feita por Coleman mostrou que o desporto constitui um universo sócio-antropológico, e é encontrado em quase toda a sociedade humana. Entretanto, ressalta ele: *não devemos exagerar nas afirmações*. Existe, talvez, menos alienação no desporto moderno – apesar de todas as deformações – do que em outros segmentos do mundo moderno. O desporto talvez esteja mais próximo ao ideal de uma ordem social meritocrática do que qualquer outra esfera da vida social.

Um estudo conduzido por Pierre Bourdieu[107] permitiu alcançar um nível superior de análise. A investigação sobre as classes sociais no desporto respondeu a uma dentre as indagações: sendo o desporto considerado uma prática elitista reservada aos amadores, quais as causas que o levaram a se converter em um espetáculo produzido por profissionais para o consumo das massas? O que a análise de Bourdieu revelou é que não seria possível compreender a popularização do desporto e o crescimento das associações desportivas - que, organizadas originariamente sobre uma base voluntária, receberiam progressivamente o reconhecimento e a ajuda das autoridades públicas - se não se percebesse que esse meio tão extremamente econômico de mobilizar, ocupar e controlar os adolescentes estava pronto para converter-se em um instrumento de lutas entre todas as instituições totais ou parcialmente organizadas. E que essa luta teria por objetivo a mobilização e conquista simbólica das massas e, em conseqüência, a competição pela conquista simbólica da juventude. Bourdieu conduziu a sua análise mais distante, comparando o que aconteceu entre os adolescentes da classe trabalhadora e da classe média. Portanto, sem duvidar da importância de que se

106. COLEMAN, J.A. et il. (1989). Esporte. Sociologia da religião. Concilium / 225 / 5. Vozes: p. 8 / 9

107 BROHM, J. M. BOURDIEU, P. DUNNING, E. (1993) Ibidem. p.71.

reveste a participação desportiva para os adolescentes da classe trabalhadora e da classe média (particularmente em esportes de equipe, como o futebol), não foi possível deixar de levar-se em conta que os chamados desportos populares, como o ciclismo, o futebol, também funciona como espetáculos. Em outras palavras, o desporto, nascido dos jogos verdadeiramente populares, ou seja, jogos produzidos pelo povo, retornam ao povo, como a *música folk*, em forma de espetáculos produzidos para o povo. Pode-se considerar que o desporto-espetáculo apareceu mais claramente como uma mercadoria de massa, e a organização dos divertimentos desportivos, como uma seção, entre outras, do *show business*. [108]

Os resultados revestiram-se de maior interesse, quando se constatou uma distribuição das práticas desportivas entre as *classes* e *frações de classes*. Assim, a probabilidade da prática, nas mais diversas modalidades, dependeu de diferentes graus para cada tipo de desporto. Em primeiro lugar, o capital econômico se fez presente e, em segundo, o capital cultural e o tempo livre, dependendo também da afinidade entre as disposições éticas e estéticas, características de cada classe ou fração de classe, e das potencialidades objetivas de ganho ético e estético que estavam, ou pareciam estar, contidos em cada modalidade. A relação entre os diferentes desportos e a *idade* apresentou-se com mais complexidade, já que se definiu dentro da relação entre um desporto e uma classe, pela intensidade do esforço físico requerido e a disposição para o esforço que é um aspecto do *ethos* de classe. Isso significa que na medida em que se ascendeu na hierarquia social, aumentou com toda a segurança a probabilidade de se praticarem aqueles desportos que - por exigir apenas qualidades *físicas* e competências corporais para que as condições de aprendizagem prematura parecessem estar distribuídas eqüitativamente - foram sem sombra de dúvida, igualmente acessível, dentro dos limites do tempo livre e, secundariamente, da energia física disponível.

Portanto, a maioria dos desportos em equipe, tais como vôlei, futebol que são os mais comuns entre os empregados de oficinas, técnicos e trabalhadores do setor informal da economia, como também os mais típicos desportos individuais da classe média trabalhadora, como o judô e a luta livre, tem todos os motivos para ser

108. BROHM, J. M. BOURDIEU, P. DUNNING, E. (1993) Ibidem. p.68

repelida pelas classes altas. Entre esses motivos se incluem a composição social de seu público, que reforça a vulgaridade e a sua popularização, os valores e as virtudes necessárias (força, resistência, propensão para a violência, espirito de *sacrifício*, docilidade e submissão à disciplina coletiva, a antítese absoluta do *rol da distância* próprio dos papéis burgueses, etc.), a exaltação da competição e da luta.

Para se compreender a forma com que os desportos mais diferenciados, como o golfe, o hipismo, o esqui ou o tênis, mesmo alguns menos rebuscados, como a ginástica ou o montanhismo, se distribuem entre as classes sociais e especialmente entre as frações da classe dominante, é, inclusive, difícil recorrer apenas às variações no capital cultural e econômico no tempo livre. Na realidade, deixando-se de lado qualquer tipo de distinção, um aspecto fundamental do *hábito* é o que faz a diferença entre as classes trabalhadoras e as classes privilegiadas, do mesmo modo que, dentro dessas últimas, distinguem-se frações que estão separadas por todo um universo de estilo de vida. [109] Não resta dúvida que, entre os profissionais liberais e a bem estabelecida burguesia, as funções saudáveis e estéticas estão combinadas com as funções sociais. Os desportos ocupam seu lugar junto aos jogos de palavras e os intercâmbios sociais (recepções), entre as *gratuitas, desinteressadas* atividades que possibilitam a acumulação do capital social.

Em sua análise sobre a questão das atividades desportivas no campo/cidade, Bourdieu[110] observou que a imposição das necessidades desportivas é mais evidente nas áreas rurais, onde a aparição de instalações e equipamentos - como clubes de jovens e idosos - é quase sempre o resultado do trabalho da burguesia ou pequena burguesia local. Essa classe, assim, encontra aí uma oportunidade de impor seus serviços políticos de organização e de acumular ou manter um capital político de renome e honorabilidade, que é sempre potencialmente reconvertido em poder político.

Mostrando esse quadro final analítico, tudo parece indicar que os praticantes da classe trabalhadora e da classe média introduzem, na conduta desportiva, *interesses* e *valores* que estão em harmonia com os requerimentos de

109. BROHM, J. M. BOURDIEU, P. DUNNING, E. (1993) Ibidem. p.81.

110 BOURDIEU, (1979) ibid., p. 77-78.

profissionalização e de *racionalização* da preparação e prática dos exercícios desportivos, que são impostos pela busca de uma maior eficiência.

Finalizando essas considerações, coerente com essa linha de raciocínio, julga-se conveniente reforçar o significado do desporto à luz da sociedade, na fala de Brohm, [111] quando conclui que o desporto apresenta características da sociedade como um todo, sendo intrinsecamente burguês e reflete o sistema capitalista industrial: competição, medição de rendimento técnico, divisão do trabalho, hierarquia social, maquinização do homem, trabalho abstrato e alienação. Portanto, o desporto reproduz o fundamento das relações humanas no capitalismo, já que sua essência é a competição, mas de uma maneira transformada, como escreveu Mauro Betti [112].

O referido ponto de vista adquire maior clareza, quando se explicita que, em uma sociedade de estrutura de classe burguesa, o desporto pode transformar-se em um fator contra-ideológico dessa realidade e ainda favorecer o estabelecimento de possíveis distâncias no entendimento do que seja o significado social do desporto/futebol nas diversas classes da sociedade.

Diante disso, pode o desporto/futebol ser considerado um instrumento de transformação e/ou de dominação? ou ainda ser um elemento que separa, distingue ou reúne as classes sociais?

Em que pese todo esforço despendido, com vistas ao conteúdo apresentado nesse capítulo, no tocante ao desporto/classes enquanto categoria social, podem-se apontar diversos significados que as distintas classes assumem em relação as diferentes modalidades desportivas.

111 BROHM, J.M. (1978) *Deporte, Cultura y Represión*. Barcelona, Gustavo Gili.

112 BETTI, MAURO. (1991) *Educação Física e Sociedade*. São Paulo, Editora Movimento Ltda.

III CAPITULO

3. A QUESTÃO DO SENTIDO DO MÉTODO

A mania de querer absolutamente descobrir leis da vida social é apenas um retorno ao credo filosófico dos antigos metafísicos, segundo o qual todo o conhecimento tem de ser inteiramente universal e necessário

Georg Simmel

3.1. O tema, o método e o universo teórico de referência

O que fazer o cientista social quando ele atravessa um momento de reflexão e crítica que não se restringe apenas ao método ou aos procedimentos técnicos, mas, acima de tudo, refere-se ao processo mais amplo da produção do conhecimento científico e às finalidades da própria ciência na sociedade contemporânea, ao contrario do debate anterior que se realizava no *interior do próprio método*?[113]

A discussão tem enfatizado o caráter anti-histórico do processo de elaboração do conhecimento. Em função do próprio paradigma de ciência usado, o cientista pretende apreender a realidade como se essa fosse estática e pudesse ser captada através de uma *fotografia*, quando, fundamentalmente, o cientista tem que conhecê-la na totalidade[114] O processo científico deve, pois, consistir num esforço sistemático e crítico visando descobrir a estrutura oculta da realidade, tendo em vista *que toda ciência seria supérflua se a aparência e a essência do fenômeno coincidissem*. [115]

Evidentemente, a percepção desse conjunto de elementos serviu de inspiração para entender-se que todo conhecimento científico é autoconhecimento. A ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de ser conhecido internamente antes que conheça o que com ele se conhece do real.

---

113 CARDOSO, M. L. (1972). *O mito do Método*. RJ. PUC.

114 THIOLLENT, M . (1982).*Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. SP, Polis.

115 KOSIK, K. (1976).*Dialética do Concreto*. RJ, Paz e Terra.

Por outro lado, torna-se necessário, também, que os procedimentos técnicos sejam encarados como meio de captação da informação empírica, devendo, portanto, serem adequados à realidade que se propõem apreender, bem como flexíveis e modificáveis no curso da investigação. Jamais podem ser concebidos como tendo fins em si mesmos, mas como meios subordinados à teoria.

O apelo ao cotidiano torna-se como que o horizonte de toda pesquisa voltada para o desporto. A realidade nesse campo não é feita de grandes teorias. Em um jogo de xadrez, por exemplo, os pequenos peões são tão importantes quanto a rainha. Graças a eles se armam os mais belos golpes. Aquele que despreza o valor dos peões está freqüentemente condenado ao fracasso. No desporto, as grandes teorias são essas *grandes peças*, que impedem de se dar importância aos pequenos *peões*, que impedem de dar pequenos passos, que fazem perder tempo querendo ganhá-lo, que fazem perder os sinais, os momentos de lucidez na loucura, os momentos de equilíbrio e de harmonia da existência cotidiana.

Assim, o ponto de partida desta investigação não foi uma hipótese formal derivada da Teoria Sociológica, mas um problema definido a partir da intuição imediata e prática da realidade que serviria como campo de observação: o estádio de futebol. Tal problema derivou da percepção de que a *sociabilidade*, a *emoção* e o *conflito*[116] aparecem como que imbricados em uma só dinâmica imposta pela competição desportiva. Se o futebol é um provedor de formas e padrões de sociabilidade na metrópole, ele também é, concomitantemente, a manifestação de conflitos, preferências, paixões, excessos e violência.

Seguramente o futebol apresenta inúmeros temas e dimensões das sociedades contemporâneas: política, organização burocrática e interesses econômicos, expansão do fenômeno da violência urbana etc.

E, no Brasil, em particular, Cliffort Geertz[117] recorre a muito do nível da experiência brasileira: hierarquias, desigualdades, práticas divinatórias, crenças, uma concepção específica do esporte enquanto jogo, que associa habilidade física, técnica a um sistema simbólico operado pelo binômio sorte/azar.

---

116 TOLEDO, L. H. (1996). *Torcidas Organizadas no Futebol*. Campinas S.P. Editora Autores Associados. p. 101,104.

117 GEERTZ, C. (1989). *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara. p. 317.

Certamente que essas constatações se faziam acompanhar de comportamentos, onde foi preciso assinalar alguns aspectos que cercaram e caracterizaram as modalidades esportivas. Peter Burke, [118] ao estudar os aspectos mais gerais e recorrentes na cultura popular da Idade Moderna, tendo enfocado o Carnaval, ressaltou que (...) a agressão freqüentemente se ritualiza em batalhas simuladas ou partidas de futebol, ou era transferida para objetos que não podiam se defender, como os gatos e cachorros. (...) Um elemento recorrente no ritual carnavalesco era algum tipo de competição (...) No século XVIII as partidas de futebol na terça feira Gorda eram comuns na Grã–Bretanha e no Norte da França.

Evidentemente, sabe-se que o jogo de futebol consiste em uma das modalidades mais difundidas de manifestação esportiva e competitiva das sociedades modernas. O futebol, como se conhece atualmente, é fruto das sociedades competitivas instauradas com a revolução industrial. Contudo, algumas de suas características básicas remontam a séculos na história dos jogos ocidentais. Em seu trabalho concluído em 1949, Johan Huizinga[119] mostrou que, entre as características gerais dos jogos, a tensão e a incerteza constituem-se em elementos fundamentais. O autor afirmou que (...) a essência do espírito lúdico é ousar, correr riscos, suportar a incerteza e a tensão (...) A competição não se estabelece apenas por alguma coisa, mas também *em* e *com* alguma coisa. Os homens entram em competição para serem os primeiros em força ou destreza, em conhecimento ou riqueza.

Todas essas características expostas acima fizeram parte e foram constitutivas da *sociabilidade* observada no futebol, e serviram de ponto de partida para o estudo ora realizado Por isso, o futebol opõe e agrega, alegra e entristece, une e separa, estabelece diferenças e semelhanças, cria situações de confraternização e conflito, que transcendem o perímetro determinado pelas quatro linhas do gramado.

A preocupação com a busca do significado social mais profundo dessa realidade percebida, ou seja, pela descoberta da sua magia, exigiu que fossem refletidas e discutidas teorias existentes e pertinentes ao tema objeto do estudo.

---

118 BURKE, P. (1981). *Cultura Popular na Idade Média*. São Paulo, Companhia das Letras. p. 206.

119 HUIZINGA, J. (1979). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo, Perspectiva. p.59

É por demais conhecido que a pesquisa propriamente dita inicia-se a partir do momento em que se delineia o campo teórico com que se há de operar. Mas, a maneira como se articulam a teoria e a pesquisa, no decorrer do processo de investigação nas ciências sociais, é questão ainda bastante controvertida e aberta a discussões.

Na perspectiva metodológica adotada quanti/qualitativa/interpretativa, o método científico adquiriu importância na medida em que se integrou ao conjunto das relações que processaram a elaboração do conhecimento, contribuindo, assim, para a integração entre a parte (o fenômeno estudado) e o todo (teorização). Pode-se afirmar, de maneira geral, que no campo das ciências sociais o *locus* da qualidade ganhou espaço com o declínio da ortodoxia positivista. Evidentemente que se optou neste estudo, pelo paradigma qualitativo, realçando também o aspecto quantitativo, uma vez que o objeto das ciências social é os seres humanos, agentes socialmente competentes, que interpretam o mundo que os rodeia para melhor agirem nele e sobre ele.

Portanto, foi, nessa perspectiva, que assumiu um papel relevante a metodologia voltada para a interpretação e o significado da compreensão do fenômeno desportivo. De fato, a característica fundamental do modo de pensar reflexivo residiu na tentativa da compreensão total da realidade social. Na perspectiva metodológica adotada, observou-se (nessa forma de pensamento) uma preocupação constante com a integração empírico-teórica, como um movimento que vai de cada uma das partes e dessas, ao todo. Portanto, reconhece-se que um elemento adquire significação, quando faz parte do conjunto que lhe dá coerência.

De uma maneira geral, quando se objetiva conhecer a realidade em si mesma, impõe-se a necessidade de se considerar também os elementos que lhe dão a sua especificidade. Assim entendida, a teoria passou a ter com a pesquisa propriamente dita uma relação de parceria. Projetou e antecipou a pesquisa, ao mesmo tempo em que refletiu e registrou seus resultados. Foi, em síntese, um elemento de mediação na busca do conhecimento.

O exame da teoria no processo de investigação resulta da crença que o cientista tem na escolha de um método, que deve ser adequado à realidade teórico-empírica investigada. Nesse sentido, a abordagem quanti/qualitativa apresentou-se

como uma alternativa metodológica apropriada ao estudo das relações entre o *significado social do desporto e as classes sociais.*

Sob esse aspecto, a reflexão sobre o tema/objeto teve como propósito transformar o distante em próximo, o estranho em familiar, através de um discurso orientado pelo desejo do diálogo com o objeto da reflexão, para que ele *fale* em uma linguagem própria e que seja compreensível, e, nessa dimensão, torne-se relevante a sua contribuição para aprofundar a auto-compreensão do papel assumido na construção da sociedade.[120]

Foi precisamente partindo da construção do tema/objeto que se tornou possível captar o aspecto dinâmico do procedimento científico. Isso porque essa própria construção foi compreendida como um processo dinâmico. Em nenhum momento o processo construtivo esteve acabado e a fase da análise começando; na realidade, aquele prosseguiu de um extremo a outro do procedimento no qual se desenvolveu a pesquisa. A construção é, portanto, uma operação contínua; na verdade, ela nunca pode ser considerada acabada, pois, a partir do momento em que se conseguiu desprender o objeto da situação-problema na qual se encontrava, ele não tarda a suscitar, por seu próprio funcionamento, novos problemas. [121]

Está claro que, em termos de método, fica-se com a proposta de Habermas, segundo a qual somente pode ser científico o que for discutível. Como observa Pedro Demo, [122] a realidade social não se entende propriamente, mas se compreende, no sentido de que não se analisa, mas se interpreta. Interpretar é estabelecer com o objeto uma relação de diálogo, o que já desfaz, pelo menos em parte, a relação caricata de sujeito-objeto. Interpretar não é apenas decompor em partes, mas é auscultar, compreender na e pela convivência, saber pela experiência comum, sempre igual e diferente ao mesmo tempo. Felicidade não é lógica propriamente, porque é impossível ser feliz na forma. Felicidade é um fenômeno histórico, circunstanciado, ambientado, sem regras fixas. É surpresa. É só momento. Felicidade extensa é monotonia.

120.SANTOS, B. S. (1995). *Introdução a uma ciência pós-moderna.* 4ª Edição Porto. Edições Afrontamento. p. 10

121 SANTOS, B. S. (1995) Ibid. p.19.

122 DEMO, P. (1988). *Ciência, Ideologia e Poder : Uma sátira às Ciências Sociais.* São Paulo, Atlas. p.58

Procura-se, neste instante, realçar e recorrer à contribuição da sociologia compreensiva, [123] que permite repensar as relações entre os pólos investigador e investigado, no sentido de assegurar comunicação entre ambos, situando-os como parceiros de uma atividade comum. Torna-se necessário, portanto, redimensionar os procedimentos técnicos da pesquisa, tais como entrevista e observação, de maneira que permitam aos investigados posicionarem-se e participarem como sujeitos e não como objetos da pesquisa, possibilitando, ao mesmo tempo, a apreensão da realidade por parte do pesquisador. Evidentemente, é preciso reforçar a idéia de que a reflexão compreensiva acerca da natureza do processo de produção da ciência recairá também sobre os procedimentos técnicos destinados à apreensão da realidade empírica, uma vez que esses são elementos integrantes do processo de investigação, entendido como um todo. [124] Torna-se imprescindível enriquecer essa discussão com a critica que Bourdieu[125] fez acerca da metodologia de investigação. O ponto nevrálgico da reflexão, para o citado autor, refere-se ao modo como são concebidos e aplicados os instrumentos e as técnicas de coleta de informações, quer pelos cientistas sociais de tendência espontaneísta, quer pelos partidários do modelo empiricista de ciências.

Em sua opinião, o fundamental na pesquisa social é a definição clara dos pressupostos teóricos que devem nortear todo o processo investigativo.

Assim, num processo de pesquisa científica, não é suficiente focar-se a entrevista não diretiva sobre uma temática qualquer e deixar que o polo investigado conduza a conversação para onde bem quiser. Não resta dúvida que se faz absolutamente necessário pensar em uma problemática que direcione os procedimentos de coleta de informações, quer se trate de entrevista, quer da observação sistemática, demarcando, não apenas seu foco, mas também seus limites.

É válido destacar que, via de regra, essa problemática sempre existirá, fazendo-se necessário não deixá-la à sombra, mas explicitá-la com o máximo de clareza, para que o pólo investigador não a imponha irreflexivamente ao pólo

123 BOURDIEU, P. et alii. (1978). *El Oficio del Sociólogo: Pressupostos Epistemológicos*. México, Siglo Vientiuno.

124 SCHUTZ, P. (1979). *Fenomenologia e Relações Sociais*. RJ, Zahar.

125 BOURDIEU, P. (1978) Ibid. p. 21.

investigado. Isso porque a teoria, implícita na prática, quanto menos consciente mais possibilidade tem de não ser controlada e, portanto, de ser inadequada ao objeto de estudo em sua especificidade. [126]

Ora, sem uma teorização previamente definida, parece impossível que o pesquisador possa assegurar o *controle metodológico*[127] ou a *vigilância epistemológica*, [128] para cuja efetivação é exigida a explicitação dos pressupostos que nortearam a investigação. Por conseguinte, a concretização de pesquisas em realidades sociais dinâmicas, como o *significado social do desporto e as teorias das classes sociais*, requereu, necessariamente, o emprego de técnicas apropriadas que permitiram a captação de informações de ordem quanti/qualitativa. Deve ser enfatizado que os estudos de cunho puramente quantitativos correm o risco de apanhar tão somente a aparência do fenômeno e não a sua estrutura.

Hoje, há um certo consenso entre pesquisadores sociais de que têm sido construídas e impostas à população investigada situação de pesquisa que não levam em conta os desníveis sócio-culturais, as diferenças de comunicação existentes entre investigador e investigados. Os estudos tanto de Schatzman quanto de Bernstein, mostram que existem diferenças de comunicação em função das classes sociais. [129] Em conseqüência obtêm não uma adequada representação do real, mas uma realidade distorcida. Em razão disso, as análises acabam considerando divergentes o que na realidade é idêntico, identificando elementos que não são diferentes, comparando o incomparável e deixando de comparar o que é comparável.

O que essa reflexão sobre a metodologia de pesquisa pretendeu mostrar é que a questão central enfrentada pelo cientista social está no paradigma ou modelo de ciência apropriado à produção do conhecimento científico na área social. Dentro dessa problemática mais ampla é que se inseriu a preocupação com os

---

126 BOURDIEU. (1978) Ibid. p. 60.

127 Consultar Thiollent, em. op. cit., p. 21.

128 A expressão é empregada por BACHELARD, G. *La Formation de l'Esprit Scientifique*. Paris, Jvrin, 1970 e por BOURDIEU e outros, ob. cit.

129 ROBINSON, M. (1977). *Linguagem e Comportamento Social*. SP, Cultrix. (Especialmente o capítulo 8).

procedimentos metodológicos.

Assim, pensa-se ser extremamente importante compreender que o problema da adequação dos procedimentos metodológicos à realidade pesquisada não reside, fundamentalmente, na construção de instrumentos rigorosos e refinados em si mesmos. Tampouco a questão se resolve pelo caminho do puro espontaneísmo, pois isso não evitaria que as formulações dos sujeitos investigados fossem substituídas por aquelas de quem investiga, obtendo-se uma mescla falsamente científica e falsamente objetiva. [130]

O fundamental é o pesquisador compreender que a verdade que pretende alcançar relaciona-se com os limites do sistema teórico adotado. Portanto, uma solução aproximativa, consiste em ampliar o horizonte teórico, aprofundar o significado da compreensão do fenômeno, e concentrar esforços na explicitação das crenças, aspirações e ideologias desde o início da pesquisa.

Na medida em que se evidencia com o máximo de precisão e adequação, o ponto de partida teórico/ideológico, tomar-se-á consciência dos limites da própria investigação. Assim, afrontando a questão da visão de mundo no tocante à ciência, pergunta-se: Qual é a contribuição que uma intervenção sociológica pode trazer aos diversos projetos e teorias do desporto? Uma colocação em evidência que carece ser discutida é a do paradigma de *um conhecimento prudente para uma vida decente*. Com essa indicação, Boaventura de Souza Santos[131] enfatiza que a natureza da revolução científica que se atravessa é estruturalmente diferente da que ocorreu no século XVI. Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade, ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma da vida decente).

É hoje conhecido que a excessiva parcelização e disciplinarização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado. A ciência pós-moderna não segue um estilo unidimensional, facilmente identificável; o seu estilo é uma

130 BOURDIEU. (1978) Ibid. p.57.

131. SANTOS, B. S. (1997). *Um discurso sobre as ciências*. 9ª Edição. Porto. Edições Afrontamento.p.37.

configuração de estilos construída segundo o critério e a imaginação pessoal do cientista. A tolerância discursiva é o outro lado da pluralidade metodológica. O sociólogo português vai mais além, quando insiste na necessidade de um paradigma emergente, [132] onde o caráter autobiográfico e auto-referenciável da ciência é plenamente assumido. A ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. Hoje, não se trata tanto do sobreviver como do saber viver. Por isso, é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe, e antes, nos una pessoalmente ao que estudamos. A incerteza do conhecimento, que a ciência moderna sempre viu como limitações técnicas destinadas a sucessivas superações, transforma-se na chave do entendimento de um mundo que, mais do que controlado, tem de ser contemplado.

Concluí Santos que a ciência do paradigma emergente é mais contemplativa do que ativa. A qualidade do conhecimento afere-se, menos pelo que ele controla ou faz funcionar no mundo exterior, mais pela satisfação pessoal que dá a quem a ele acede e o partilha.

3.2. Delimitação da área e do grupo objeto do estudo

O presente estudo contemplou, como campo de investigação empírica, o meio urbano, ou seja, a Região Metropolitana da Cidade do Recife (RMR) - Pernambuco - Brasil. A escolha da RMR decorreu da circunstância dessa área poder ser considerada como uma região de grande potencial no contexto sócio-econômico e desportivo / educacional do Nordeste brasileiro.

A decisão de realizar esta pesquisa no meio urbano do Recife prendeu-se a uma série de critérios técnicos, sendo que a razão fundamental derivou do fato de se ter cinco Clubes de Futebol de Profissionais na Primeira Divisão e cinco na Segunda Divisão. O Estado de Pernambuco tem um total de nove Clubes de Profissionais de 1ª Divisão e doze Clubes de Profissionais de 2ª Divisão. Outro critério que também foi levado em consideração diz respeito à situação econômica e social do Recife, no

132. SANTOS, B. S. (1997) Ibid. p.49.

contexto Regional. Quando se estuda o Nordeste do Brasil, do ponto de vista econômico, esse aparece como representante típico, uma vez que ocupa a posição de Estado medianamente desenvolvido no conjunto Regional. Em virtude de o objeto básico de pesquisa ser o significado social do desporto nas classes sociais, a modalidade a ser investigada recaiu sobre o futebol, por apresentar características representativas e singulares no tocante ao tema/objeto, já explicitadas no item anterior.

3.3. Plano de trabalho

O caminho para a compreensão do significado social do desporto seguiu três etapas: inicialmente a *pesquisa bibliográfica* se fez orientada pelo intuito de avaliar a relevância do tema, dentro da problemática geral da sociedade. Constatou-se, através de um esforço conjunto de reflexão do conhecimento existente e de pesquisa, que a RMR representada pelos Clubes: Náutico Capibaribe, Santa Cruz, Sport e Tecnologia de Componentes Automotivos, representava, em relação à problemática proposta, um universo estratégico para a análise social sobre o desporto.

Paralelamente, constatou-se que o tema se constituía numa das questões bastante debatidas na Sociologia do Desporto, onde se definia como uma carência em termos de uma investigação mais aprofundada. Cumpre aqui o esforço de formalizar o conhecimento mais verticalmente elaborado da realidade percebida, que exigiu o recurso ao conhecimento sobre as dimensões sócio-culturais do desporto em suas mais variadas formas.

Nesse sentido, selecionou-se, da literatura disponível sobre o *significado social do desporto*, aquela que discutia o significado em suas possíveis vinculações com as classes sociais. Em suma, buscaram-se, na discussão da problemática do *significado social*, conceitos que fornecessem a possibilidade de se conhecer o conteúdo das relações sócio-culturais em que o fenômeno se fez manifestar.

Uma segunda etapa, o *trabalho de campo* propriamente dito, onde foi dado um recorte espacial que correspondeu a abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação.

Assim, para se obter as informações acerca da realidade investigada, utilizou-se a entrevista aberta, estruturada, fazendo parte da relação mais formal do trabalho de campo, quando intencionalmente o pesquisador recolheu informações através da fala dos atores sociais. O que tornou a entrevista um instrumento privilegiado de coleta de informações para esse estudo foi a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas. Nessa perspectiva, vários estudiosos apontaram como de elevada significância, a particularidade de a comunicação verbal ser uma forma privilegiada de interação social. Na elaboração do roteiro da entrevista, levou-se em conta o referencial teórico e a realidade da sociedade, objeto da pesquisa. Entendeu-se que o roteiro deveria consistir numa tradução dos aspectos fundamentais norteadores do estudo. Assim, foi construído um conjunto de itens e questões abertas e fechadas que orientaram os vários procedimentos de coleta de informações, de acordo com as singularidades dos atores sociais, objeto do estudo.

A natureza quanti/qualitativa da pesquisa não comportou uma testagem de instrumento própria da investigação convencional. No entanto, teve-se o cuidado de realizar algumas *entrevistas-piloto*, objetivando selecionar aquelas questões ou itens que se revelassem mais potentes, no sentido de permitir a apreensão da realidade estudada. Finalmente, os entrevistados foram localizados por um processo aleatório nos estádios de futebol, segundo sua posição espacial – arquibancada e cadeiras.

Numa última etapa, *fundamental*, tratou-se da leitura da documentação, dos jornais, revistas e das entrevistas. Nesse momento, obtivemos dados de duas naturezas: a) os que se referiam a fatos, através de fontes, como relatórios, atas de reuniões e censos estatísticos, constituindo-se em dados concretos da realidade; b) os que se referiram diretamente ao entrevistado, isto é, suas atitudes, seus valores e opiniões. Foram informações ao nível mais profundo da realidade, que os cientistas sociais costumam denominar de subjetivos e que só foram conseguidos com a contribuição dos atores sociais envolvidos.

Todo o processo de obtenção de informação, (trabalho de pesquisa de campo propriamente dito), ou seja, o período das entrevistas com os atores sociais, teve a

duração de seis meses. Nesse momento, foram trabalhados sistematicamente quatro clubes de futebol, sendo realizadas 10 (dez) entrevistas com os dirigentes dos clubes, 79 (setenta e nove) com os atletas e 234 (duzentos e trinta e quatro) entrevistas com os torcedores/espectadores.

No curso das entrevistas, teve-se sempre em mente a problemática da pesquisa, particularmente as categorias de análises investigadas. A definição do caminho a seguir no desenvolvimento de cada tipo de entrevistado foi determinado, em parte, pela própria prática. O cuidado pela coerência do conteúdo com os atores sociais foi primordial. As categorias de análise apresentadas estavam inteiramente ancoradas no marco de referência teórico e constituíram uma medida de especificação dos pontos sobre os quais incidiu a análise realizada no presente estudo.

Em primeiro lugar, observou-se que todo o esforço de análise desenvolvido teve como eixo central a tentativa de compreensão da sociedade, mediante a qual buscou-se apreender e interpretar as interrelações entre as realidades objetivas e subjetivas. A partir desse ponto, tornou-se possível pensar o encaminhamento da análise que comportou três níveis e, dentro de cada nível, explicitaram-se as categorias: a) o primeiro nível de análise se alicerçou no conceito de classes sociais, com base no qual procurou-se fazer uma análise da situação dos atores sociais ligados às práticas desportivas; b) o segundo nível de análise teve por eixo o conceito de cultura; tratou-se, então, de exprimir uma configuração simbólica. A cultura é o locus onde se articulam os conflitos, as concessões, as tradições e as mudanças, e onde tudo ganha sentido, ou sentidos, uma vez que nunca há apenas um significado. Os elementos considerados foram: a concepção do homem, de sociedade, o projeto político, explícito ou implícito, e o próprio conflito ideológico contido no discurso dos atores sociais; c) o terceiro nível apoiou-se nos conceitos de ideologia e poder, onde houve todo um esforço no sentido de compreender o relacionamento vivido pelos homens entre si e que se manifesta em todo relacionamento social, em todo tipo de comunicação dos homens.

3.4. A amostra, a análise/tratamento e a validade/verificação

A questão da *amostragem* em pesquisa quanti/qualitativa merece comentários especiais de esclarecimento. No caso, envolveu questões de escolha do grupo para observação e para a entrevista direta, como: a quem entrevistar, a quem observar e o que observar, o que discutir e com quem discutir.

No aspecto quantitativo, foi definida a população, dentro do critério de representatividade numérica que possibilite a generalização dos conceitos teóricos que se validou Na abordagem qualitativa, a preocupação foi com o aprofundamento e abrangência da compreensão.

Considerou-se, para fins da presente investigação, que uma amostra ideal seria aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões. Portanto, dois critérios básicos para a amostragem foram enfocados: primeiro, a *definição dos grupos* relevantes para as entrevistas, 10 (dez) dirigentes e técnicos, 79 (setenta e nove) atletas e 234 (duzentos e trinta e quatro) torcedores/espectadores; segundo efetivação da *triangulação*. Assim sendo, em lugar de ser limitada apenas uma fonte de dados, ou seja, a realização das entrevistas, foi multiplicada as tentativas de abordagem do estudo dos documentos das Federações de Futebol e do Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco (Recife) e Folha de São Paulo, durante o período de dois anos, aproximadamente.

Em face desse quadro, recorreu-se também a Maria Cecília Minayo, [133] que apresenta a amostragem qualitativa nos seguintes aspectos relevantes: a) privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o pesquisador pretende conhecer; b) considera em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta; c) entende que, na sua homogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto dos entrevistados possa ser diversificado, para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças; e d) esforça-se para que a escolha do *locus* e do grupo de observação e informação contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa.

---

133 MINAYO, M.C.S. (1992).*O Desafio do Conhecimento* . SP. HUCITEC.(Especialmente o capítulo III).

A expressão mais comumente usada para representar o *tratamento* dos dados de uma pesquisa quanti/qualitativa é *Análise de Conteúdo.* No entanto, o termo significa mais do que um procedimento técnico. Faz parte de uma histórica busca teórica e prática das investigações sociais.

Referido estudo tornou-se possível de ser desenvolvido nos moldes do idealizado por Bardin, [134] quando definiu *Análise de Conteúdo* como: um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

No decorrer do processo investigativo, a produção intelectual assumiu sempre um ponto de vista no que diz respeito ao objeto. Os critérios de coerência, consistência, originalidade e objetivação foram objeto de reflexão a todo o momento. Essa tarefa, segundo Demo, [135] representa o marco da crítica interna da investigação científica. Esses critérios sugerem, antes de tudo, um debate entre várias correntes sociológicas, que não é simples e não está encerrado. A maneira de abrir o conhecimento para o universo é permitir nele a entrada de outras interpretações. Por abranger exatamente o mundo da cultura é nele que se pode observar, como diz Stein, [136] *uma espécie de desvio da univocidade e da transparência do discurso.* Portanto, é através da comparação que se torna mais universal o saber sobre determinado grupo cultural, sendo considerada um recurso fundamental para se garantir maior universalidade ao conhecimento.

Denzin[137] inicia o seu estudo reconhecendo a eficiência da *validação*, argumentando que a *triangulação* consiste na combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vistas através do trabalho conjunto de vários pesquisadores, de múltiplos informantes e múltiplas técnicas de coleta de dados. A triangulação, de certa forma, consagra tanto a crítica intersubjetiva como a comparação, embora os analistas dessa corrente estejam mais preocupados em mostrá-la como atividade interna que acompanha todo o processo investigativo.

---

134 BARDIN.L. (1977). *Análise de Conteúdo.* Lisboa. Edições 70.

135 DEMO, P. (1981). *Metodologia Científica em Ciências Sociais.* SP. Atlas. p.16

136 STEIN, E. (1988). *Racionalidade e Existência.* RGS. LPM. p. 48.

137. DENZIN, N.K. (1970). *The Research Act.* Chicago. Aldine Publishing Co. p. 260-297.

Operacionalmente foram seguidos alguns passos: o primeiro, que foi a *ordenação dos dados*, onde estavam englobadas tanto as entrevistas como o conjunto do material de observação e dos documentos institucionais, referentes ao tema. Essa fase proporcionou um mapeamento horizontal das descobertas no campo. O segundo passo foi a *classificação* dos dados, onde foi feita uma leitura objetiva, exaustiva e repetida dos textos. Esse momento permitiu apreender as estruturas e relevância dos atores sociais, as idéias centrais que tentaram transmitir e os momentos-chave de sua existência sobre o tema em foco. Essa atividade permitiu o estabelecimento das categorias empíricas/analíticas relevantes. Assim, esta leitura objetiva dos textos não foi uma tradução exata do pensamento de seu autor, não buscou tampouco compreender tudo o que ele quis dizer, mas desvelou o que ele disse sem dizer. Estabelecido esse diálogo vivo e dinâmico entre o leitor e autor, a objetividade foi a invocação comum da verdade, verdade sempre de dimensão humana, ou seja, relativa, limitada, finita, uma verdade a caminho. Portanto, a objetividade foi trabalhada nessa fase, em seu sentido estrito, como uma abstração. Todo o trabalho de compreensão e interpretação é consequentemente um longo exercício. Na verdade, essa leitura não foi outra coisa senão uma leitura sistemática e metódica, efetuada em diferentes níveis. O que foi singular, foi a maneira de interpretar, o horizonte em função do que se interrogou no tema/objeto. Desse modo, os critérios de classificação levaram em conta, tanto as variáveis empíricas como variáveis teóricas construídas anteriormente no momento da *Revisão de Literatura*. O terceiro e último passo foi a *Análise Final*, onde, durante todo momento, estava presente. um diálogo, que ia do empírico para o teórico e vice-versa, do concreto para o abstrato, do particular para o geral. O propósito, nesta fase, foi de fazer uma análise da diferença, da diversidade atribuída à expressão *significado social do desporto nas classes sociais*.

IV CAPITULO

4. POR UMA HERMENÊUTICA DAS CLASSES SOCIAIS

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizadas por imagens

Guy Debord

Em vez de dividir opinião, entre aqueles sociólogos/investigadores que afirmam e aqueles que negam a existência de *classe*, trabalha-se agora neste capítulo buscando estabelecer a lógica específica desta luta, bem como, determinar através da análise a relação de forças e os mecanismos de transformação que acontecem nos diferentes *campos.* Assim, o campo funciona como um sinal que permite verificar que o objeto em questão (o desporto), não está isolado de um conjunto de relações sociais. Vai-se pensar o mundo social de maneira realista, substancialista, ou seja: pensar relacionalmente.

O desporto, por ser uma atividade próxima das pessoas, tem seu estudo sido um pouco negligenciado pelos sociólogos, em especial no que diz respeito aos aspectos que envolvem mudanças e comportamentos sociais. Portanto, importa, sobretudo, neste trabalho, analisar não só o desporto enquanto práticas heterogêneas, ou seja, uma *prática de classes* que assume diferentes significados segundo as classes sociais, como também, considerar todo o conjunto de atividades desportivas oferecidas aos agentes sociais como *oferta* que busca satisfazer *uma demanda social.*

Daí surgiu à temática desta pesquisa, que objetivou revelar, a partir da leitura das entrevistas - com os Dirigentes dos Clubes, com os Membros da Comissão Técnica dos Clubes de Futebol, com os Atletas e, finalmente com os Espectadores/Torcedores - o significado social do desporto nas diversas classes sociais e a complexidade social e cultural que se esconde por trás desse fenômeno próprio das sociedades de massa.

Essa investigação sobre o desporto/classe teve como horizonte esse contexto, procurando-se objetivar a condução analítica que se pretendeu dar à

pesquisa. Por isso, trabalhou-se numa abordagem quanti/qualitativa/interpretativa que levou em conta as principais dimensões da realidade investigada, e que conduziu aos seguintes objetivos: a) analisar e interpretar a situação da prática do futebol, explicitando os elementos que compõem o significado e a função social remetidas pelas diferentes classes ao desporto; b) compreender o papel que o desporto vem exercendo no contexto social, averiguando em que medida o significado social vivenciado contribui para reproduzir econômica, política e ideologicamente a sociedade.

Por tudo isso, a análise preocupou-se com a relação *classe social/ideologia/ consciência nacional/significado do desporto.* As manifestações que seguem foram obtidas através de entrevista individual com os atores sociais já mencionados. A unidade de análise adotada na pesquisa foi à manifestação desportiva e as entrevistas foram realizadas nos Estádios de Futebol e/ou nos Clubes Desportivos.

Finalmente, uma palavra sobre a *representatividade* dos entrevistados. Se a pesquisa não teve condições financeiras de obter uma maior representatividade estatística, por gosto e decisão, procurou-se fazer um trabalho na linha de uma metodologia qualitativa/interpretativa realçando o elemento quantitativo; onde foram resguardados, no entanto, os critérios de aleatoriedade e de tipicidade. Dessa forma, acredita-se não ser arriscado estender o testemunho dos 324 entrevistados aos demais presidentes, membros da comissão técnica, atletas e torcedores.

Dada às condições objetivas que possibilitaram o trabalho, optou-se, então, por analisar os discursos dos atores envolvidos, em torno de cinco categorias: *desporto/cultura/sociedade; significado do desporto/futebol; desporto: mitos/ritos/ símbolos; desporto/classes sociais; e ideologia/poder no desporto.* Vale ressaltar que a análise recaiu nas categorias acima referidas, desde que as falas conduzissem a elas.

De fato, esse trabalho de categorização, ou seja, de explicitação e de classificação, fez-se após a leitura demorada e crítica dos discursos dos agentes sociais envolvidos no processo investigativo, onde foram pinçadas aquelas falas mais representativas sobre o objeto analisado. Como houve – e nem poderia deixar de haver – mediação e intervenção do pesquisador na provocação do discurso do entrevistado, explicou-se sucintamente o porque da escolha das variáveis.

Toda a reflexão empreendida neste trabalho está centrada na busca da compreensão das relações que as práticas desportivas assumem, enquanto uma prática social e, conseqüentemente, um fenômeno social total.

Assim, é possível enxergar, ao longo do estudo, que não se pode entender uma dimensão do real sem fazer sua relação com o conjunto, de modo que o social, o político, o econômico e o ideológico sejam indissociáveis na análise.

Apresenta-se, agora, o pensamento dos Dirigentes, bem como dos Membros da Comissão Técnica dos Clubes de Futebol, sobre o significado do desporto.

4.1. O olhar dos dirigentes e dos membros da comissão técnica

4.1.1.Um discurso do desporto/cultura

Nessa primeira abordagem, a análise dos discursos dos Dirigentes e dos membros da Comissão Técnica situa-se notadamente ao nível *cultural*, seguido dos aspectos ligados ao *prazer/bem-estar físico e econômico*. Analisando o futebol com o olhar refletido para a sociedade, enquanto realidade concreta e contraditória, ressalta-se que o capital cultural está assentado nas demandas do capital econômico.

Pode-se dizer que o Desporto, como fenômeno social total, tem assumido uma importância relevante e uma complexidade crescente na sociedade. Não é de se estranhar que organismos nacionais e internacionais tenham dedicado a sua atenção ao estudo de medidas que contribuam para divulgar a sua prática, sobretudo tendo em vista a influência do Desporto quanto ao bem-estar do cidadão e à cooperação entre os povos.

Nunca tudo isso foi tão verdadeiro como quando se divulgaram dados estatísticos sobre a Copa do Mundo de Futebol na França, no ano de 1998, apontando a partida de futebol do Brasil, no jogo de abertura como palco da maior comunhão planetária da história da humanidade perto de 1,2 bilhão de telespectadores, e mais de 1,7 bilhão, na final Brasil x França, em 12 de julho. É importante ressaltar o alcance global secular do desporto bretão, nascido do Rugby, há 151 anos. Nem a guerra, nem a religião, nem a economia, nem a bolsa digital

conseguiram até hoje realizar tamanha façanha. Mais que isso: nem a Copa anterior, a de 1994, nos Estados Unidos.

Assim, o desporto é atualmente um produto cultural altamente valorizado em todo o mundo, e onde são investidas somas expressivas de recursos financeiros para que os resultados cada vez mais sejam alcançados.

Dessa forma, vários saberes são discutidos nesse espaço, pela imposição de um novo modo de pensar o desporto. Assim, uma obra singular publicada por Morris,[138] contém indicações que convergem para dar forma às figura de dirigentes, treinadores, preparadores físicos, psicólogos, massagistas, médicos, nutricionistas etc., integralmente voltadas à prática daquilo em que acreditam. As orientações de suas atividades estão marcadas pela vitória, mesmo sabendo que só uma das equipes pode ser campeã.

É verdade que é no Conselho Tribal onde aparecem os elementos mais próximos às observações referidas acima. Morris formulava sucintamente algumas posições importantes no desenvolvimento das análises do perfil dos membros da Comissão. Assim, à cabeça de cada Tribo do Futebol está o Conselho Tribal, formado pelos presidentes e diretores dos Clubes. Toda tribo precisa do seu feiticeiro para desfazer feitiços e praticar encantamentos. Finalmente é na Tribo do Futebol, que o feiticeiro é o próprio treinador. Compete-lhe, através de uma personalidade forte, superior e de alguns feitiços rituais, transformar uma equipe de profissionais teimosos num grupo de fanáticos possessos, dispostos a dar a vida – ou pelo menos as pernas – pela causa tribal.

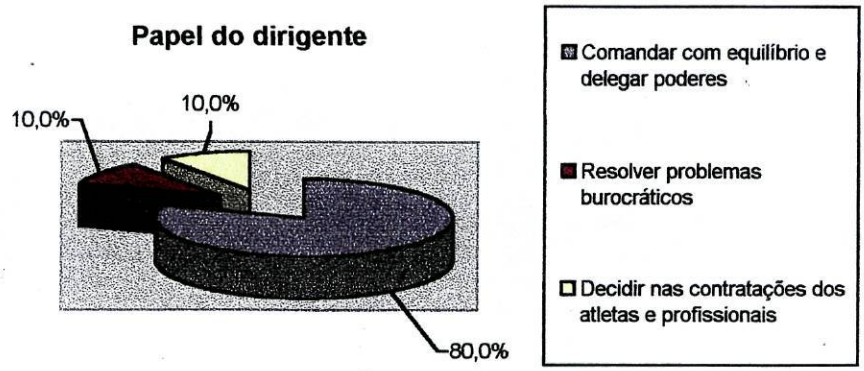
A análise específica da temática sobre o *papel do dirigente máximo* expressa na tabela/gráfico I a seguir, oferece indicações gerais, em termos quantitativos, sobre essa configuração básica. Depreende-se que *comandar com equilíbrio e delegar poderes* (80,0%) representam funções relevantes no desempenho das atividades de quem exerce o poder.

---

138 MORRIS, D. (1981). *A tribo do Futebol*. Publicações Europa-América. p. 228.

TABELA I QUAL É O PAPEL DO DIRIGENTE MÁXIMO?

Papel do dirigente	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Comandar com equilíbrio e delegar poderes	08	80,0
2. Resolver problemas burocráticos	01	10,0
3. Decidir nas contratações dos atletas e profissionais	01	10,0
TOTAL	**10**	**100,0**



Verifica-se, que essas práticas acionadas pelos dirigentes, vêm a constituir um conhecer, articulado a seus interesses, sobretudo, no espaço do trabalho produtivo.

Morris revela que existem tribos de futebol em todos os cantos do globo, fazendo desse jogo o mais cativante e vitorioso de todos os tempos. É jogado por inúmeras pessoas e visto por mais gente do que qualquer outro desporto na história da humanidade. É o maior fenômeno desportivo e de massas do Século XX e sua devastadora popularidade não mostra o menor sinal de declínio. Se em alguns países há menos espectadores nos jogos de futebol que antes, isso se deve ao fato de sua assistência via televisão, na qual o jogo de futebol continua a exercer a mesma obsessão.

Os discursos que se seguem permitem uma melhor visualização dos dados obtidos, elucidando, na prática, a questão relativa ao *significado do desporto* de um modo geral:

> *O seu aspecto de socialização é importante. É um desporto praticado por todas as classes sociais sem preconceito.*

O conceito desportivo pressupõe uma certa indefinição por apresentar várias áreas de atuação, generalizando, seria um componente da nossa cultura, onde se define o objetivo, área de atuação e forma a ser desenvolvida, tipo de desporto, quem participa etc.

Atividade dinâmica comercial e cultural. Ou seja: cultura e aprimoramento de bons hábitos. É prática de exercícios em competição. É uma terapia para o corpo e a mente, e bom para a saúde e deixa a pessoa muita bem em todos os sentidos.

Uma atividade prazerosa, onde um determinado número de pessoas passa a usufruir do lazer e da ludicidade, praticando a atividade desportiva.

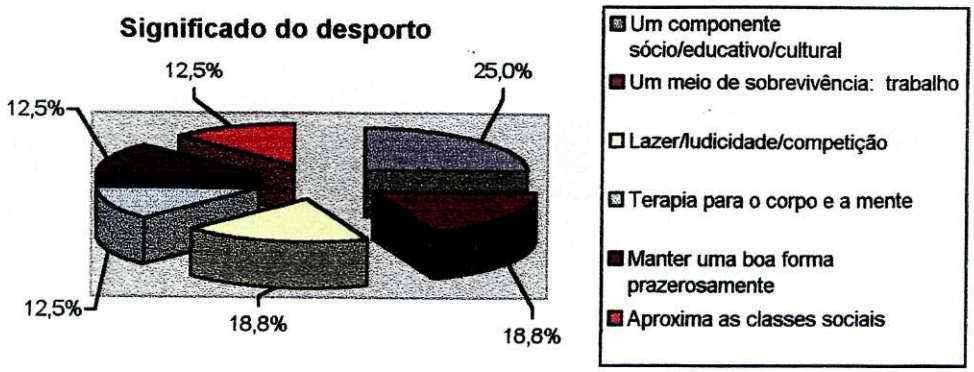
Por culturalmente ser tão popular, é um meio fácil de se alcançar todas as classes, tendo um grande potencial para educar, sendo um instrumento multidimensional desta mesma educação.

Observando-se a tabela/gráfico II, verifica-se que estes discursos, de algum modo, permearam os aspectos sócio/educativo/culturais (25,0%). Essa breve visão do desenvolvimento organizativo dos clubes desportivos futebolísticos pode ajudar a precisar o aspecto do desporto enquanto fenômeno *sócio/educativo/cultural* conforme dados abaixo apresentados:

TABELA II O QUE SIGNIFICA O DESPORTO DE UM MODO GERAL?

Significado do desporto*	FREQUÊNCIA	
	Nº Abs.	%
1. Um componente sócio/educativo/cultural	04	25,0
2. Um meio de sobrevivência: trabalho	03	18,8
3. Lazer/ludicidade/competição	03	18,8
4. Terapia para o corpo e a mente	02	12,5
5. Manter uma boa forma prazerosamente	02	12,5
6. Aproxima as classes sociais	02	12,5
TOTAL	**16**	**100,0**

* *Os dirigentes indicaram mais de uma alternativa*



No que diz respeito ao *significado do desporto constata*-se uma certa racionalidade implícita verificável nos seguintes índices: *um meio de sobrevivência: trabalho* (18,8%); *lazer/ludicidade/competição* (18,8%) *terapia para o corpo e a mente* (12,5%) e *manter uma boa forma prazerosamente* (12,5%). É interessante ressaltar, além disso, que o desporto é percebido como uma relação que *aproxima as classes sociais* (12,5%).

Sem dúvida alguma, a tentativa de articulação destas categorias envolveu certas dificuldades no tocante ao posicionamento nas *classes sociais*. É preciso salientar que a estrutura da distribuição das classes levou em consideração o perfil ocupacional e o capital econômico dos agentes envolvidos. Assim, foi possível perceber que os agentes sociais, nesse momento, estão organizados em torno de duas posições: *média e superior*: a posição média, ocupada pelos treinadores, preparadores físicos, massagistas, psicólogos e nutricionistas; a posição superior, ocupada pelos presidentes, dirigentes e médicos.

É importante salientar, também, que a discussão/análise levou ao entendimento de que o desporto não é, de maneira alguma, a única forma pela qual a disposição biológica de liberação das tensões pode ser socialmente requerida; entretanto, a sua prática proporciona algo de especial, de prazeroso, como foi relatado nos discursos (18,8%).

4.1.2. Um discurso do desporto/futebol

Nenhum cidadão, nos finais do século XX, escapa da dimensão social do desporto. Mesmo aqueles sem a educação formal escolarizada e, portanto, excluídos da capacidade de utilizar os meios de comunicação social escritos e, mais ainda, muitas vezes privados também da capacidade de observar e escutar outros meios de comunicação, como o rádio e a TV, não precisam afastar-se para outros lugares para dar-se conta de que o desporto é uma atividade fundamental da nossa população, em todas as faixas etárias, gênero e camadas sociais.

O quadro que se apresenta é de um garoto com uma bola de futebol nas mãos; rapazes de pele tostada pelo raio do sol que carregam pranchas de *surf* na direção da praia; jovens nas rampas de skates; no céu azul, os ultraleves desfilando e os pára-quedistas dando os saltos acrobáticos; no mar os velejadores em barcas à vela; pessoas de todas as idades pedalando, jogando tênis, futebol e voleibol na orla marítima em lugares específicos ou não.

A respeito deste panorama, Costa[139] chama atenção para a importância dessa procura pelo desporto. Esse é, talvez mesmo, o único fenômeno social atual capaz de unir, à volta do mesmo conhecimento, celebrando a mesma festa e utilizando uma linguagem comum, o planeta inteiro.

Basta pensar na Final de um Campeonato do Mundo de Futebol ou na inauguração dos Jogos Olímpicos, acontecimentos que instauram uma comunidade litúrgica e festiva do tipo planetário.

Mas, é preciso observar que, nas falas sobre o futebol, encontram-se presentes elementos como o *humor e a festa,* enquanto função terapêutica de grande valia, representando uma espécie de corretivo social e psicológico à tecnologia. Junto com os profissionais de cada área específica, o jogador de futebol, por exemplo, sujeita-se a uma rigorosa metodologia de treino, aprende a ver o que há de deficitário nos métodos, no oportunismo das decisões e o que há de convencional na relação interpessoal.

Curioso foi verificar que os atores sociais envolvidos no estudo apercebem-se do significado do futebol, o que é pouco comum. Mesmo assim, reconhecendo ser

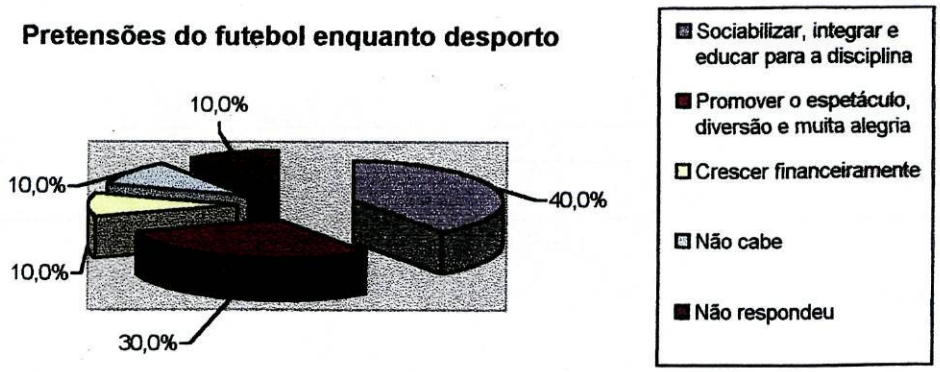
---

139 COSTA, A. S. (1995). *Elementos para uma teoria desportiva da sociedade*. Porto: Universidade do Porto. p. 3.

as suas profissões envolventes e altamente competitivas, conseguem refletir e descobrir o sentido da atividade corporal. Eles admitem a existência do *caráter repressivo provocado também pelo avanço tecnológico que envolve o futebol competitivo, tendo como conseqüência o controle, o nivelamento e a domesticação do poder.* Ainda, foi possível perceber na tabela/gráfico III, a ênfase dada aos elementos relacionados com a *sociabilidade/educação/formação* (40,0%), com o *lazer* (30,0%) e, por fim, com a *saúde e bem-estar físico/econômico* (10,0%).

TABELA III O QUE PRETENDE O FUTEBOL ENQUANTO DESPORTO?

Pretensões do futebol enquanto desporto	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Sociabilizar, integrar e educar para a disciplina	04	40,0
2. Promover o espetáculo, diversão e muita alegria	03	30,0
3. Saúde e bem-estar físico/econômico	01	10,0
4. Não cabe	01	10,0
5. Não respondeu	01	10,0
TOTAL	10	100,0



As seguintes passagens dos depoimentos sobre as *pretensões do futebol enquanto desporto* encaminham perfeitamente para exame dessas questões:

> *No nosso país o futebol é destacado como grande fator cultural, social, pois a importância é dada como na religião, política etc. Por trás do desporto-rendimento escondem-se vários anseios, as pessoas*

que regem o desporto e que sugam e discriminam, tirando assim a sua essência desportiva.

O futebol em si interage nas diversas classes sociais. O ato em assistir ou participar de uma partida de futebol atrai vários tipos de pessoas, pertencentes a variadas classes da pirâmide social.

Enquanto desporto pretende promover espetáculo, diversão para todos e muita alegria.

Futebol é lazer, é paixão, é profissão, é prática desportiva, faz parte da minha vida.

O futebol sendo o desporto mais popular do país que integra a população independente das classes sociais, o que garante o grande número de torcedores.

União total de um povo sofrido.

Sociabilizar, integrar e educar para a disciplina. Formação do homem.

A massificação, ou seja, ele tem a capacidade de reunir muitas pessoas, de diferentes classes sociais a um único objetivo que é torcer por um determinado time, onde todos se tornam iguais.

Os trechos dos depoimentos obtidos pela entrevistas - *por trás do desporto-rendimento escondem-se vários anseios, as pessoas que regem o desporto e que sugam e discriminam, tirando assim a sua essência desportiva*; e *união total de um povo sofrido* - dão conta de como os dirigentes e membros da comissão técnica, percebem os pontos nevrálgicos do desporto com relação às funções ideológicas, e de como essas funções terminam por favorecer a geração de uma consciência fragmentada, onde as desigualdades sociais são camufladas por uma pretensa igualdade.

Por outro lado, em vários pontos as impressões e as informações colhidas nessas falas, mostram que o desporto/futebol enquanto sistema ritual pernambucano, apresenta-se de maneira complexa. Ou seja, a festa, o cerimonial, o

ritual que acontece no estádio de futebol surge como um momento solene. A importância, que é dada ao evento, não deve ser encarada como um espírito festeiro do povo. Essa noção de festa, cerimonial e ritual se apresenta como uma função relevante nas explicações de Roberto DaMatta.[140] É muito mais um mecanismo social básico, por meio do qual uma sociedade feita com vários elementos pode buscar a sua unidade. Assim, o cotidiano se constrói também por meio desses elementos distintos, mas complementares.

Perseguindo esta direção, e que se procura interpretar trechos das entrevistas, onde se buscam aspectos em que, o fato social total recai na descoberta dessa possibilidade, que é oferecida, de poder-se ler a nossa sociedade através de seu extensivo sistema de rituais diferenciados que são apresentados. Assim, em uma sociedade tão bem demarcada pela multiplicidade de espaços socioculturais, não causa surpresa ser o Brasil apresentado por alguns estudiosos, como o país das festividades. Pois que a festa seja, então, um dos mecanismos prioritários para o estabelecimento de relações sociais. Ora, essas virtualidades contidas na particular estruturação da sociedade brasileira, confirma-se com as festividades como o carnaval, a semana santa, as festas dos santos, os rituais cívicos, os festivais desportivos e os eventos políticos de massa. [141]

As tabelas/gráficos IV e V a seguir, expressam quantitativamente a análise sobre o s*ignificado do futebol* para os dirigentes/comissão técnica e para a *sociedade pernambucana.*

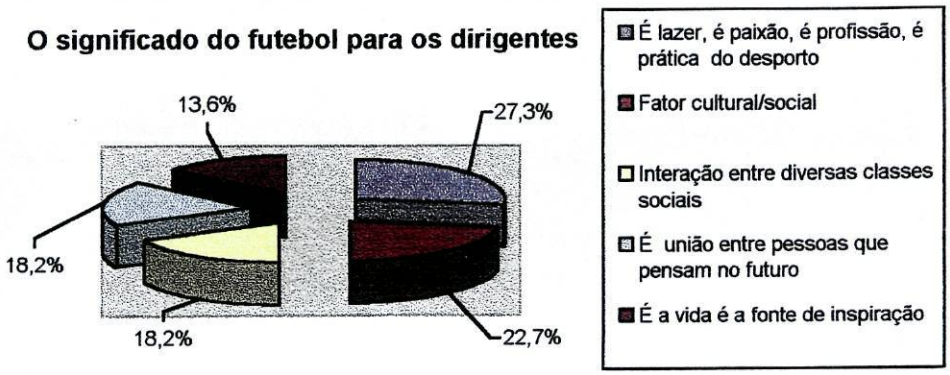
TABELA IV QUAL O SIGNIFICADO DO FUTEBOL PARA O SENHOR?

O significado do futebol para os dirigentes*	FREQUÊNCIA	
	Nº Abs.	%
1 É lazer, é paixão, é profissão, é prática do desporto	06	27,3
2 Fator cultural/social	05	22,7
3 Interação entre diversas classes sociais	04	18,2
4 É união entre pessoas que pensam no futuro	04	18,2
5 É a vida é a fonte de inspiração	03	13,6
TOTAL	22	100,0

** Os dirigentes indicaram mais de uma alternativa*

140 DAMATTA. R. (1987). *Relativisando Uma Introdução à antropologia social.* Rio de Janeiro: Rocco. p. 69

141 DAMATTA. R. (1987). Ibidem. p. 139.

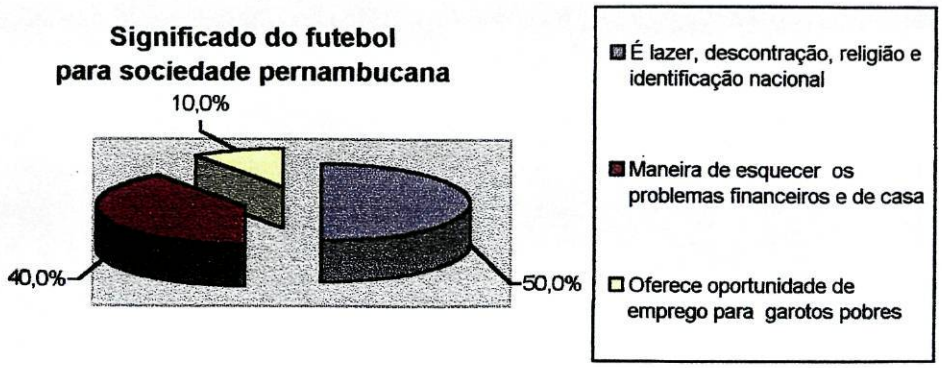


Apercebe-se mais uma vez que na fala dos atores, as maiores incidências recaíram nos aspectos voltados ao desporto enquanto *lazer/profissão* (27,3%); como *fator cultural/social* (22,7%); desporto enquanto *mecanismo de interação entre diversas classes* (18,2%) e *união entre pessoas que pensam no futuro* também com (18,2%).

O exame de alguns aspectos da teoria das relações sociais apresenta-se com clareza nos discursos dos atores sobre o *significado do futebol* para a *sociedade pernambucana*, quando convida à reflexão pela vertente das funções estéticas de um lado, e por outro aponta a função de sobrevivência material do homem. A propósito, apresentam-se dados expressivos referentes à ocorrência do fenômeno enquanto *lazer, descontração, religião e identificação nacional* (50,0%); como um *mecanismo de esquecer os problemas financeiros e da casa* (40,0%); e por último, *oferece oportunidade de emprego para os garotos pobres* (10,0%).

TABELA V QUAL O SIGNIFICADO DO FUTEBOL PARA A SOCIEDADE PERNAMBUCANA?

Significado do futebol para a sociedade pernambucana	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. É lazer, descontração, religião e identificação nacional	05	50,0
2. Maneira de esquecer os problemas financeiros e de casa	04	40,0
3. Oferece oportunidade de emprego para garotos pobres	01	10,0
TOTAL	**10**	**100,0**



A evidência desses aspectos fica patente; observando uma partida de futebol, por exemplo, consegue-se realizar uma espécie de reconciliação social e emocional básica. Pois, com isso, junta-se novamente o indivíduo e a sociedade pela ação do time ou do jogador favorito. Durante a disputa, portanto, predomina a individualização pelo time, mas, ao término do jogo, compartilha-se com os demais torcedores, num pacto coletivo e essencial de oferecer o prêmio a quem o mereceu.

Sob esse aspecto, Hugo Lovisolo, [142] em sua análise sobre esse tema, constatou que, quando os brasileiros afirmam que gostam de samba, carnaval e futebol, estão construindo a identidade nacional. Esses eventos tornam-se símbolos de suas identidades e se vinculam profundamente ao piso emocional que as sustenta. Os brasileiros aprofundam a *construção da identidade* quando sentem e declaram que gostam de uma maneira, de um modo, enfim, de um estilo próprio de jogar futebol.

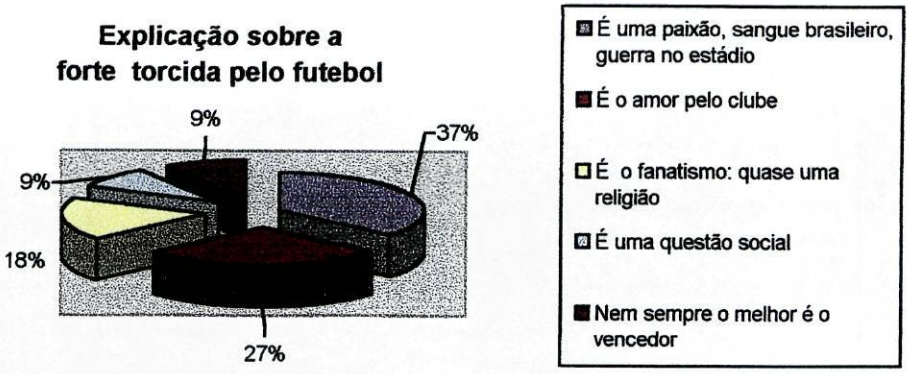
Considerem-se agora os dados contidos na tabela/gráfico VI que configuram quantitativamente e oportunizam o exame sobre a *forte torcida pelo futebol*, e não causarão surpresa as percentagens elevadas nas categorias *paixão, sangue brasileiro, guerra no estádio/amor pelo clube* (37,0 % e 27,0% respectivamente). Um dado altamente revelador refere-se ao aspecto da apresentação do jogo como *religião/fanatismo*, (18,0%) tomando a alma do povo brasileiro. Tem-se, assim, configurado um quadro relativamente homogêneo enquanto locus de reconciliação social, religioso e emocional. Vê-se, que os conhecimentos desta dimensão nas análises revelam o gosto da torcida pelo futebol, que representa um momento de êxtase e de comunhão entre os torcedores.

142 LOVISOLO, H. (1997). *Estética, Esporte e Educação Física*. Sprint Editora: Rio de Janeiro p. 81.

TABELA VI COMO EXPLICARIA A FORTE TORCIDA PELO FUTEBOL?

Explicação sobre a forte torcida pelo futebol *	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. É uma paixão, sangue brasileiro, guerra no estádio	04	37,0
2. É o amor pelo clube	03	27,0
3. É o fanatismo: quase uma religião	02	18,0
4. É uma questão social	01	9,0
5. Nem sempre o melhor é o vencedor	01	9,0
TOTAL	**11**	**100,0**

** Os dirigentes indicaram mais de uma alternativa*



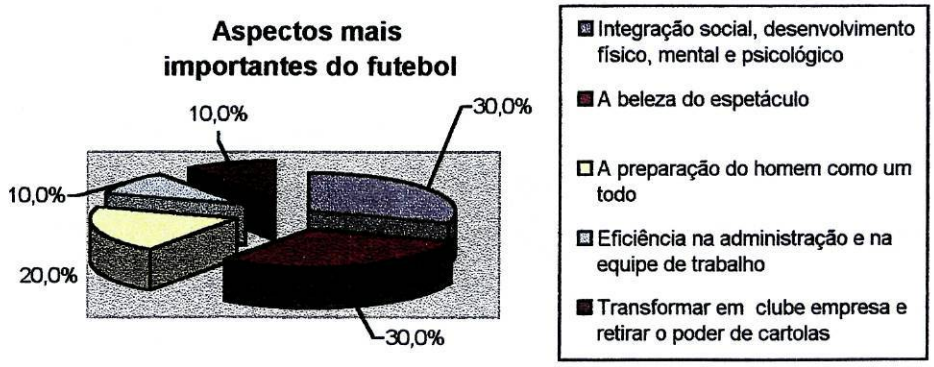
Cabe referir agora, as impressões colhidas nas entrevistas dos atores sociais sobre os *aspectos mais relevantes do futebol*, como visualiza a tabela/gráfico VII.

Há considerável acordo em caracterizar a cultura, moderna ou pós-moderna, como *cultura do espetáculo* (30,0%). Aqui, a palavra espetáculo ou espetacular passou a significar o grandioso, o emocionante, o admirável. Uma fração considerável da produção dita cultural, destina-se a gerar espetáculos, se possível, espetaculares. Os desportos estão integrados dentro dessa lógica e ocupam um lugar de crescente destaque na produção de espetáculos de massa.

Um dos aspectos interessantes da exposição de Lovisolo foi o de ter realçado, na interpretação dos fatos desportivos a partir da caracterização de cultura moderna e pós-moderna, a natureza da cultura do espetáculo de massa. Percebe-se que as instituições desportivas estão mais próximas de se tornarem culturais em seu caráter, pois elas reproduzem os *interesses de classe ou frações*, ou seja, reproduzem *afinidade de interesses* de grupos dentro de um *estilo de vida*.

TABELA VII QUAIS OS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES DO FUTEBOL COM OS QUAIS CONCORDA MAIS?

Aspectos mais importantes do futebol	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Integração social, desenvolvimento físico/mental/psicológico	03	30,0
2. A beleza do espetáculo	03	30,0
3. A preparação do homem como um todo	02	20,0
4. Eficiência na administração e na equipe de trabalho	01	10,0
5. Transformar em clube empresa e retirar o poder de cartolas	01	10,0
TOTAL	**10**	**100,0**



Ainda nesta linha de análise, o espetáculo desportivo situa-se dentro do campo da observação e interpretação estética a partir de uma questão simples: por que as pessoas gostam ou não gostam de determinados espetáculos, por que e como os espetáculos às emocionam, provocam-lhes prazer ou tédio? Tem-se, no espetáculo desportivo, hoje, um meio privilegiado para lidar com nossas demandas emotivas? [143]

Mas, para um aprofundamento maior do processo de compreensão do assunto abordado, torna-se necessário observar também as reflexões dos agentes sociais envolvidos:

> *A beleza do espetáculo, seus aspectos motrizes e emocionais. O profissionalismo, as belas jogadas.*

143 LOVISOLO, H. (1997). Ibidem. p. 81-82.

Uma boa administração, uma boa equipe de trabalho e oferecer condições e assistência para o atleta poder obter os resultados.

Preparação do homem como um todo, além das oportunidades de uma profissão rentável.

Fazer clube empresa e retirar o poder de cartolas. Integração social e desenvolvimento físico, mental e psicológico.

Fazer um calendário do tipo europeu que não sacrifica o atleta com jogos constantes que chegam até a ser desumano.

Com a sua proposta de sociabilização e o desenvolvimento das qualidades psicomotoras que é à base do desporto amador de um modo geral.

A globalização do futebol, onde todas as regras são obedecidas em todos os lugares do mundo, se tornando uma forma de comunicação mundial.

No momento de consolidação dessa prática, recorre-se a Capela, [144] com um esforço voltado para a caracterização da atividade futebolística. Ele afirma: o que caracteriza por excelência essa postura é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do espaço da ação, a definição de regras fixas e de padrões de arbitragem e sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais. Desempenhos esse, medidos na linguagem abstrata dos números, desenvolvidos num espaço abstrato, num tempo padronizado, segundo um andamento meticulosamente normatizado e configurado numa escala global.

Para uma análise que apenas atente ao que vem sendo exposto, cabe ressaltar algumas afirmações julgadas relevantes, para entendimento sobre o significado social do desporto: *é integração social, desenvolvimento físico, mental e psicológico, é a beleza do espetáculo em seus aspectos motrizes e emocionais*

144 CAPELA. P. R. C. (1996). *O futebol brasileiro como conteúdo de Educação Física.* Florianópolis. (Dissertação de Mestrado) Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

atingiram um índice de (30,0%); *o profissionalismo, e as belas jogadas bem como a preparação do homem como um todo* alcançaram (20,0%) e *por último a globalização do futebol, como uma forma de comunicação mundial* foi realçada. Todas estas colocações estão fundamentadas e encontram apoio em autores como Elias, Costa, DaMatta, Lovisolo entre outros.

São ainda os atores sociais envolvidos na investigação que informam sobre os *pontos nevrálgicos* que afetam o futebol. Daí a formulação da questão: *discorda de alguns aspectos do futebol? Quais?*

> *A violência, superstição, o ganhar a todo custo. A imprensa maldosa, pessoas que não são da área assumindo cargos de poder, escravidão dos jogadores e da comissão e ainda os cartolas.*
>
> *Uso do atleta para enriquecer alguns, muitos dias sem ver a família concentrado em hotéis, muitos jogos durante o mês onde o atleta não tem tempo de recuperação.*
>
> *Pessoas que se utilizam do futebol para tirar vantagens. Os cartolas.*
>
> *A parte social, por exemplo: ao terminar alguns campeonatos a maioria dos jogadores fica completamente desamparada, sem pelo menos ter condições de se alimentar.*
>
> *Esses atletas ganham pouco e são contratados por esse período que dura no máximo quatro meses.*
>
> *Técnicos de categoria amadora sem formação; diretores sem o conhecimento de futebol; atraso dos salários; desvalorização da prata da casa.*
>
> *Por exemplo: o poder excessivo dos árbitros e das federações, nem sempre se dá oportunidade aos profissionais pela competência ou qualidade, mas normalmente por indicação ou apadrinhamento.*

Detendo-se especificamente na perspectiva sócio-política que envolve o desporto/futebol pernambucano, os obstáculos apostos pelas condições de se ter

um futebol de nível razoável de um lado e do outro as interferências, por parte principalmente de alguns Membros da Comissão Técnica e Dirigentes dos Clubes, constituem um desafio perturbador.

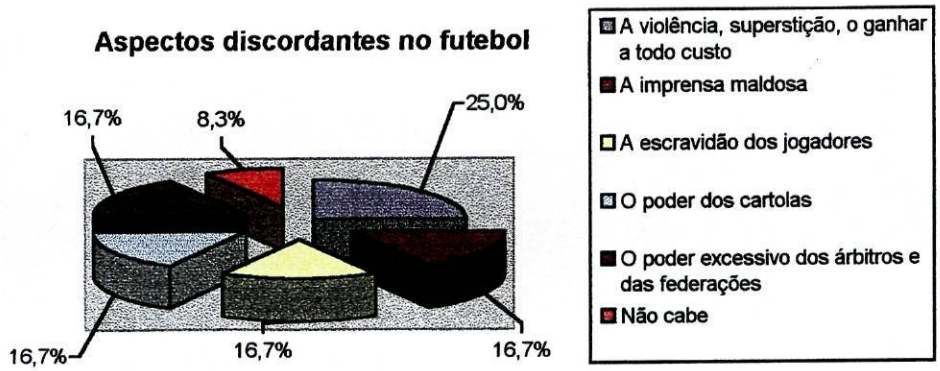
Examinando esse lento e demorado processo de clarificação das posições assumidas pelas partes envolvidas, à luz dos depoimentos acima, busca-se em Elias[145] um entendimento. Todos os desportos são, por natureza, competitivos e conduzem, desse modo, ao aparecimento de agressão e de violência. No futebol, por exemplo, a violência é, sob a forma de *representação de uma luta* ou *confronto simulado* entre dois indivíduos ou grupos, um ingrediente central.

Isto pode ser verificado com maior precisão na tabela/gráfico VIII, que informa a distribuição percentual dos aspectos divergentes no futebol.

TABELA VIII DISCORDA DE ALGUNS ASPECTOS DO FUTEBOL? QUAIS?

Aspectos discordantes no futebol *	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. A violência, superstição, o ganhar a todo custo	03	25,0
2. A imprensa maldosa	02	16,7
3. A escravidão dos jogadores	02	16,7
4. O poder dos cartolas	02	16,7
5. O poder excessivo dos árbitros e das federações	02	16,7
6. Não cabe	01	8,2
TOTAL	**12**	**100,0**

** Os dirigentes indicaram mais de uma alternativa*



145 ELIAS. N. DUNNING E. Ibidem. p. 18

Portanto, é fácil concluir que o futebol constitui oportunidades para a expressão da *violência física* (25,0%) socialmente aceitável e ritualizada não só no campo, como também nos bastidores. Nessa ótica, o futebol pode ser visualizado, como afirma DaMatta,[146] como um campo para dramatização de diversos aspectos da sociedade brasileira. Numa sociedade dividida por inúmeros conflitos entre suas distintas classes, o futebol tem representado a possibilidade de atuar de modo coordenado e de ter a experiência de vitória coletiva através de própria forma de ser.

Cumpre ressaltar, que, o futebol é, de fato, uma das maiores invenções sociais que os seres humanos criaram sem o planejar, ofertando ao espectador e ao atleta momentos de excitação.

Um ponto a destacar na discussão, diz respeito aos estudos e o aproveitamento das análises de autores, como Elias, Costa, DaMatta e Lovisolo, entre outros, que pela identidade entre os seus pontos de vista, levaram a refletir que os desportos variam segundo as suas regras estabelecidas.

Nesta perspectiva fundamental, circunscreve-se que qualquer modalidade desportiva constitui, portanto, uma atividade organizada, que exige esforços físicos e é disputada de acordo com regras conhecidas, e está centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes, sem se falar, por exemplo, em uma terceira batalha, que é a do *poder excessivo dos cartolas* (16,7%), *dos árbitros e das federações* (16,7%), que nem sempre optam pela qualidade. Nesta terceira batalha, a questão é mais complexa e está vinculada a todo o processo de perdas que vem passando o futebol pernambucano. É interessante confrontar a percepção dos presidentes/dirigentes com os membros da comissão técnica, que aparentemente dentro da mesma *classe de interesses* apresentam pontos de vista antagônicos. Percebe-se, uma contradição no interior do próprio discurso. Fica, desse modo, categoricamente configurada a posição assumida pelos clubes desportivos onde dentro deles são produzidas verdadeiras lutas de classe, entre os dirigentes e o corpo técnico. Apesar de os instrumentos de poder e coação estarem centralizados nas mãos de um grupo, o outro submetido a essa força pode desenvolver determinados mecanismos de defesa.

---

146 DAMATTA, R. (1994) *Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro.* Revista USP. Dossiê do futebol. São Paulo, n.º 22.p.10-17.

Por isso mesmo, um rápido balanço das afirmações desses autores, possibilita maior clareza no encaminhamento desta análise.

Finalmente, cabe registrar o sofrimento do sociólogo italiano Antônio Negri, [147] quando da má fase do Milan da Itália, em 1998. Diz ele: *Procuro consolar-me: os acontecimentos do futebol são aleatórios – repito para mim mesmo, - o desporto é o reino do efêmero e do imprevisível, os deuses são frívolos em suas preferências e amanhã poderiam voltar a abençoar o Milan.*

É importante, agora, avançar o estudo, analisando a categoria *ideologia* sob a ótica dos presidentes, diretores e membros da comissão técnica.

4.1.3. Um discurso do desporto/ideologia

O objetivo desse estudo não é a teoria da *ideologia* enquanto tal. O intuito é apenas o de situa-lo no espaço teórico da ideologia, e o de optar-se por um conceito de ideologia que sirva como referencial teórico, que possibilite relacionar o fenômeno ideológico com o desporto enquanto uma ação social. Não se focaliza aqui nenhuma situação ou teoria especial, mas buscam-se apenas elementos teóricos básicos para a formação de critérios, para uma análise do significado social do desporto nas classes, como uma tentativa de se chegar a uma explicação dessa realidade em nível científico.

Procurou-se, apesar do interesse pessoal pela questão da ideologia, levantar dela apenas alguns de seus aspectos, sem entranhar na complexidade de um assunto tão polêmico, de que não se tem a pretensão de solucionar todas as dificuldades, nem de descobrir todos os meandros, abrangendo sua totalidade. A dificuldade cresceu mais ainda pelo fato de ter-se tomado o tema em si mesmo, desvinculando-se dos autores que o estudaram. Assim, apoiou-se indistintamente em vários autores, sem se ater às suas posições filosóficas, políticas ou, mesmo, ao conjunto de suas obras.

Não se pretendeu utilizar a categoria da ideologia de modo abstrato, mas observando seu funcionamento no fenômeno desportivo que se manifesta sempre

147 NEGRI. A. (1997). Escritos do Cárcere – Os padecimentos de um torcedor. *Folha de S. Paulo*, 26 outubro. Suplemento Mais.

de modo afirmativo. Surgiram, ainda, inquietações como a que diz respeito ao objeto da ideologia. Daí a formulação da seguinte questão: seriam os acontecimentos, tais como, o aspecto econômico, o político, o status social seus determinantes?

Para se limitar ao máximo o estudo, não se irá nem mesmo tentar a leitura ideológica, ou seja, a critica as manifestações do imaginário em cada situação determinada da prática desportiva, mas somente constatar a constância do fenômeno e a impossibilidade, ou não, de uma ação totalmente livre e independente de sua interferência.

Assim, evidencia-se a importância e a necessidade de se discutir criticamente a ideologia enquanto categoria teórica importante para a análise do fenômeno do desporto e das classes sociais, fazendo-se necessário determinar uma conceituação a ser utilizada como referência. Partindo dessa indicação básica, o conceito de ideologia utilizado será o seguinte: *um fenômeno característico da estrutura do pensamento, que expressa o modo pelo qual se entende o relacionamento vivido pelos homens entre si e que, portanto, se manifesta em todo relacionamento social, em todo tipo de comunicação dos homens entre si.*

Neste enfoque específico, sendo a ideologia resultante de estruturas inconscientes ou construídas pela função imaginária, resultaria em que a relação real fosse investida de relações imaginárias, ou seja, por meio dela o real estivesse sobredeterminado pelo imaginário. Embora a ideologia, sob esse prisma, seja um fenômeno inconsciente, poderia, numa certa medida, tornar-se consciente. Portanto, a ideologia seria, em suma uma característica do relacionamento social comum, que faz com que toda interpretação dos fatos seja feita segundo um ponto de vista.

Daí, ser possível associar a ideologia à noção de *ponto de vista* de ângulo de visão. Na verdade, toda visão parte de um ponto de vista. É a partir de um ponto fixo que o homem constrói o mundo. Ele necessita sempre de significações e de valores fundamentais que sustentem e justifiquem suas opções.

Considerando-se que a ciência social, por seu próprio objeto de estudo, também vai ter como objetivo as relações vividas do homem com seu meio, conclui-se que ela se acha fortemente marcada por esses mecanismos inconscientes. Claro está, além disso, que cada diagnóstico da ciência social se acha estreitamente

ligado às avaliações e orientações inconscientes do observador. As ideologias não expressariam criações individuais mas sim manifestações do inconsciente coletivo.

Dentro desse marco fundamental da perspectiva científica, torna-se necessário salientar que a investigação sobre o desporto passa necessariamente pela heterogeneidade das categorias de análises que o compõe.

Neste sentido, torna-se oportuno transcrever o pensamento ideológico daqueles agentes que exercem funções técnicas na área do desporto especialmente no caso do futebol. A partir desses esclarecimentos, apresentam-se algumas falas que apontam para a questão no *terreno ideológico*:

> *Conquistar espaços dentro do próprio clube e na sociedade; ser reconhecido e valorizado, ganhar dinheiro e obter vitórias e ganhar títulos.*
>
> *A preparação física, a ciência através da medicina e outras, pois futebol gira em torno de uma ideologia.*
>
> *Como disseram algum tempo atrás: o futebol é o ópio do povo, e não apresenta distinção entre classes, todos podem torcer independentes da classe social.*
>
> *O futebol tem um aspecto principal que é o de envolver as diferentes camadas sociais, que se unem em busca de um mesmo ideal. Outro aspecto é o fato de exercer fascínio nos torcedores, levando-os a momentos de descontração e de promoção dos seus respectivos clubes.*
>
> *O povo brasileiro em geral é muito sofrido devido às condições sócio-econômicas, e uma grande maioria usa o seu amor ao time preferido como uma válvula de escape, onde no momento em que está envolvido com o seu time esquece dos seus problemas, como a fome, o desemprego, saúde, educação e tudo isso ocasionado por uma má administração dos nossos governantes.*
>
> *É uma válvula de escape para os problemas enfrentados diariamente; é o mais valioso produto de exportação do nosso país.*

Como ópio do povo. O desporto é como redenção da sociedade.

Chega-se agora a um ponto, cuja importância é fundamental para o entendimento da nossa posição no que diz respeito a esse assunto. Trata-se de compreender a *sociedade* como um sistema onde exista um mínimo de coerência interna. Coerência não significa ausência de conflitos, de contradições ou de posições divergentes e diferenciadas. Isso faz parte da própria constituição do tecido social, todo ele feito de grupos, normas, posições e, especificamente de indivíduos com múltiplos interesses. Mas, existem diferenças entre se ter divergências empíricas e divergências ideologicamente legitimadas e elaboradas; entre elas há uma enorme distância a percorrer. O problema, portanto, reside em poder situar o nível, o grau e a modalidade das divergências e dos conflitos.

Portanto, imaginar uma sociedade em que tudo está pronto, tudo está pleno, então existiria coerência. Mas essa sociedade, por sua vez, estaria morta, porque não haveria entraves, nem ideais, e nem qualquer tipo de projeto. À primeira vista, parece que, assim entendida, ter-se-ia que alargar a noção de ideologia para que abrangesse toda e qualquer forma de pensar. Como distinguir a ideologia das outras produções do pensamento humano?

Mannheim luta contra os que afirmam e enunciam que se está vivendo no tempo da morte da ideologia e da utopia. A eliminação da incoerência, a falta de conexão entre os ideais e realidade, levaria a sociedade à morte. Ter-se-ia precisamente uma sociedade não-ideológica e não-utópica, e essa seria, portanto, uma sociedade morta. Uma utopia fragmenta uma determinada ordem, e só quando isso acontece é que é uma utopia. Uma utopia está, então, sempre em processo de realização. A ideologia, ao contrário, não tem o problema de ser realizada, porque é a legitimação do que existe.

Seria necessário, ainda, distinguir o critério diferencial da *ideologia e utopia* que pode manifestar-se de duas maneiras, corolários do critério comum de incongruência. Primeiro, as ideologias relacionam-se principalmente com grupos dominantes, confortam o ego coletivo desses grupos. As utopias, por outro lado, são mais naturalmente apoiadas por grupos em ascendência e, por conseguinte, pelos estratos inferiores da sociedade. Segundo, as ideologias dirigem-se mais para o

passado e são, portanto, atingidas pela obsolescência, ao passo que as utopias têm um caráter futurista.[148]

De qualquer modo, para se utilizar à noção de ideologia como um instrumento de referência, tem-se que delimitar sua extensão e, para isso, apela-se para uma reflexão que carece ser discutida sobre a sociologia, de Karl Mannheim, onde o conceito de ideologia é determinado em estreita conexão com a definição do pensamento utópico. Tanto as ideologias quanto às utopias têm, em comum, sua incongruência em relação ao ser. As ideologias não teriam, no entanto a força transformadora das utopias. Sua função principal seria a de ocultar as estruturas próprias de um regime social. Tanto as ideologias quanto às utopias apreenderiam a realidade de modo inadequado, demonstrando uma não concordância com a realidade social. Seriam constituídas por elementos simbólicos e fantasiosos que as caracterizariam como irreais.

Esclareça-se que, a diferença específica entre o pensamento ideológico e utópico residiria na sua possibilidade de realização na história. Só o futuro poderia discernir entre o pensamento ideológico e utópico, usando como critério sua respectiva eficácia histórica. A verdade passaria a ser função da práxis social, enquanto seres humanos que participam da vida social.

Resta por último situar o desporto moderno dentro desta linha de pensamento. Existe no desporto um fenômeno distinto; de um lado apresenta-se dotado de uma função política, ligado à noção de crescimento, de desenvolvimento etc., e, de outro, uma função poética dotada de uma simbólica própria. Pode-se enunciar que o mito do desporto aparece na história, freqüentemente ligado a utopia social. Um sistema desportivo global, por exemplo, será a garantia permanente das emoções/excitações do homem. Este ideal aparece na *Cidade do Sol* de Tomaso Campanella, bem como nas obras de Charles Fourier, de Tomas Morus, de Robert Owen e de Jan Amos Comênio. Assim, o mito do desporto não se cansa de alimentar as utopias, na esperança de vencer a finitude da existência humana. Sob as mais diversas formas, o mito reaparece, toda vez que a sociedade não encontra *soluções* para os problemas do presente.

---

148 RICOEUR, P. (1991) *Ideologia e Utopia*. Lisboa, Edições 70. p. 450.

Não é possível de modo algum neste capítulo deixar de citar o texto do mestre Gilberto Freyre, [149] em que ele afirma que ninguém pretende para a sociedade humana de qualquer feitio – inclusive as sociedades nacionais – a situação estática de sociedades sem tensões. Sem atritos. Sem desníveis. Sem conflitos. Sem dinâmica. Pela sua própria condição de sociedades dinâmicas, elas vivem, mantêm-se ou desenvolvem-se através de tensões. O sociólogo Georges Gurvitch chegou a fazer, certa vez, um quase elogio de tensões intergrupais considerando-as favoráveis ao desenvolvimento das sociedades totais.

Foi o exercício da leitura da realidade social que possibilitou o entendimento do sistema ideológico em estudo, percebendo-se sua textura interna, descobrindo-se seus pontos contraditórios e como os conflitos são vivenciados, justificados e percebidos pelos seus membros.

Na visão sociológica de Geertz, [150] ele aponta duas posições principais para o estudo dos determinantes sociais da ideologia: a *teoria dos interesses*, pela qual a ideologia é uma máscara e uma arma; e a *teoria da tensão* onde a ideologia é um sintoma e um remédio. Explicando melhor, a efetividade de um símbolo para a primeira teoria consistiria em sua capacidade de enganar aos desinformados, enquanto que, na segunda, consistiria em excitar os irreflexos. Entretanto, esse autor se mostra partidário de atribuir quatro classes principais de explicação para justificar a existência da ideologia. A primeira, a explicação *catártica,* através da qual as tensões emocionais se descarregam ao ser desprezadas a inimigos simbólicos - válvulas de escape através da vítima propiciatória. A segunda, a explicação *moral*, pela qual se manteriam unidos os indivíduos (o grupo) frente a tensões permanentes por meio de valores superiores. A outra, a explicação de *solidariedade*, da qual se manteria unido ao grupo social por meio de símbolos populares carregados de emoção. E, por ultimo, a explicação de *propugnação*, pela qual se articulam, ainda que de maneira parcial e distinta, as tensões que os impulsiona, do qual se obriga ao público a que os advirta.

---

149 FREYRE, G. (1975). *A presença do açúcar na formação brasileira*. Companhia Editora Americana. Rio de Janeiro. p. 187.

150 GEERTZ, C.(1987). *La interpretación de las culturas*. Barcelona, Gedisa. P.117.

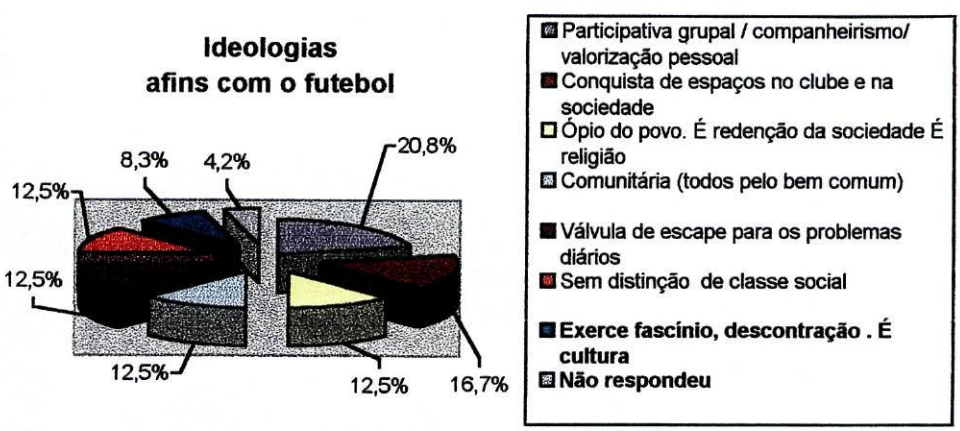
Em síntese, pode-se concluir que a ideologia é uma estrutura essencial à vida social, constituindo-se, pois num conjunto de crenças e valores, através dos quais se interpretam a realidade e se atua em conseqüência.

Assim, a colocação adquire maior nitidez, quando se parte para o exame da visão que o grupo investigado expressa sobre a ideologia na tabela/gráfico IX e a forma como a mesma pode ser reescrita.

TABELA IX QUE IDEOLOGIAS CONSIDERA TER AFINIDADES COM O FUTEBOL?

Ideologias afins com o futebol*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Participativa grupal/companheirismo/valorização pessoal	05	20,8
2. Conquista de espaços no clube e na sociedade	04	16,7
3. É ópio do povo. É redenção da sociedade É religião	03	12,5
4. Comunitária (todos pelo bem comum)	03	12,5
5. Válvula de escape para os problemas diários	03	12,5
6. Sem distinção de classe social	03	12,5
7. Exerce fascínio, descontração. É cultura	02	8,3
8. Não respondeu	01	4,2
TOTAL	**24**	**100,0**

**Os dirigentes indicaram mais de uma alternativa*



No interior dos discursos dos dirigentes e dos membros da comissão técnica ficam explícitos: 1º) que o desporto ao ocultar a luta de classes, atua como *ópio do povo* e *válvula de escape*. Assim, as tensões sociais e a luta de classes são

representadas em sentido figurado sob a forma de lutas individuais ou coletivas. Neste sentido, o comportamento social é marcado pelas características ideológicas que corresponde ao nível fundamental das relações sociais. Ou seja, não somente ao comportamento do indivíduo, mas também ao do grupo como tal. É o comportamento social que exprime o plano dos sistemas de codificação da realidade selecionados para explicar os conteúdos das mensagens que expressam as *regras da sociedade*. Estes sistemas de codificação constituem o próprio núcleo que determina o comportamento social dos atores envolvidos. 2º) que por trás do desporto podem estão ocultas indicações das *desigualdades sociais*. Note-se que está fora de propósito fazer aqui uma síntese dos parâmetros relativos aos mecanismos geradores de desigualdades sociais. Limita-se apenas ao exame de alguns indicadores importantes. Na ausência de dados estatísticos longitudinais completos, não é fácil responder de forma absolutamente certa à questão relativa à evolução destas desigualdades.

Verifica-se, portanto, uma dicotomia nas falas dos atores sociais envolvidos, gerada de concepções que parcializam o comportamento social.

É tentador ligar a discussão da *desigualdade* enquanto categoria essencialmente social vinculada à existência de estratificações econômica, política, de prestígio, etc. a algumas observações parciais de que se dispõe permitindo, contudo apontar algumas tendências. Veja-se o que se lê na mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD, realizada em 1996 e divulgada em 1998, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, sobre *mobilidade social/classes sociais*. 1º) aproximadamente 63,0% da população ascendeu na pirâmide social nas duas últimas décadas; 2º) 46,0% das famílias antes definidas como pobres, ascenderam na pirâmide social; 3º) 52,0% das famílias brasileiras sobreviviam com renda de até três salários mínimos; 4º) 81,0% dos brasileiros moram nas regiões urbanas; 5º) as mulheres representam aproximadamente 40,0% da força de trabalho; 6º) aumentou para sete anos a média de anos de estudo; 7º) 3,0% dos brasileiros estiveram fora do país.

Na maior parte das famílias brasileiras, ascensão significa chegar a um patamar mais modesto. É conseguir viver com luz elétrica, água encanada e escola para os filhos são elementos que traduzem ascensão social para milhões de

brasileiros. O Brasil é um país com alto índice de mobilidade social, mas também um país muito desigual, próximo de um abismo social. Na luta desigual pelas oportunidades, (ocupação, renda e educação) a *classe muito pobre*, formada pelos bóias frias, trabalhadores rurais, peões de fazenda e pescadores, atingiu um índice de (24,0%), e a *classe pobre,* composta por vigias, serventes de pedreiro, ambulantes e outros trabalhadores sem qualificação, alcançou o patamar de (23,5%), são os que freqüentam escolas péssimas e ainda as crianças continuam trabalhando antes dos 14 anos. Analisando por uma outra vertente, a luta da classe muito pobre está centrada na manutenção de suas condições de sobrevivência.

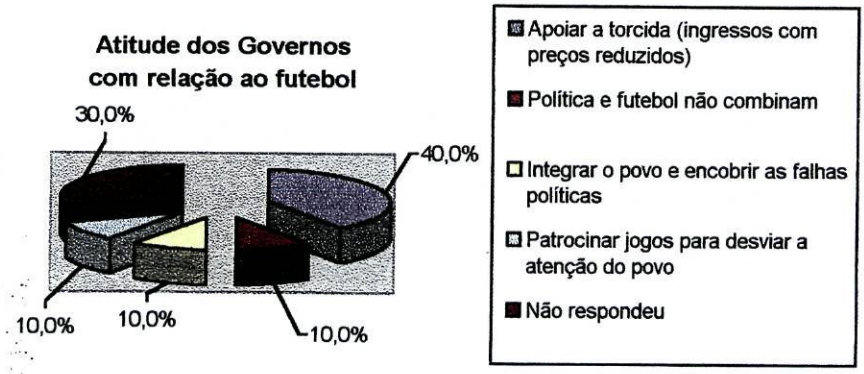
Se realizada uma análise comparativa com o universo da bola tomando como parâmetro os indicadores referidos, chega-se a conclusões similares do quadro sócio-econômico desolador das desigualdades sociais descritas no contexto do desporto.

Pode-se deduzir, pelo menos quatro proposições principais. A primeira e a evidência que estas observações apresentadas podem servir de suporte a validação da teoria da reprodução das desigualdades. A segunda é que o futebol é um remédio que amortiza as lutas de classe, apresentando-se como um componente utópico - eterno. A terceira é que a vivência de uma ideologia por uma classe ou grupo social pode eliminar seus conflitos internos diminuindo suas tensões e repressões, já que os significados das suas ações seriam conhecidos e aceitos, proporcionando ações desejadas. A quarta, finalmente, é que a ideologia pode ser considerada uma fonte de conflitos. O importante, no entanto, para a sociedade, não é suprimir as fontes de conflito, mas controlá-las.

Mais do que um apanhado geral do pensamento ideológico, este momento pode ser interpretado, por meio de uma linguagem própria do mundo futebolístico, que assumiu um determinado aspecto, conforme a *ocupação* ou *classe* a que pertencem os entrevistados.

TABELA X QUAL ERA A ATITUDE DOS GOVERNOS COM RELAÇÃO AO FUTEBOL?

Atitude dos Governos com relação ao futebol	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Apoiar a torcida (ingressos com preços reduzidos)	04	40,0
2. Política e futebol não combinam	01	10,0
3. Integrar o povo e encobrir as falhas políticas	01	10,0
4. Patrocinar jogos para desviar a atenção do povo	01	10,0
5. Não respondeu	03	30,0
TOTAL	**10**	**100,0**



Um cotejo direto entre cada elemento da tabela/gráfico X, revela o fenômeno desporto/ideologia pela ótica do Estado. Constata-se a ênfase dada nas categorias *apoiar à torcida através da redução nos preços dos ingressos* (40,0%), *seguidos dos indicadores integrar o povo e encobrir as falhas políticas* (10,0%), *e patrocinar jogos para desviar a atenção do povo*, também com o índice de (10,0%), indicando uma possível cooptação.

Na análise do processo político, as falas dos agentes sociais, enfatizaram a posição e função do Estado enquanto expressão do poder dominante, estabelecendo uma relação entre a ação do Estado (criando Lei incentivando a redução dos ingressos) e as associações desportivas. Afigura-se, pois, que o poder político apresenta-se com uma vertente *coercitiva*, cuja importância tem sido às vezes subestimada, por alguns estudiosos da sociologia. Consolidando esta análise, percebe-se que o Estado assume funções amplas, ou seja, funções além das tradicionais, configurando-o também com funções ideológicas. Constata-se a presença do Estado não só nas instituições próprias do poder público, mas também

nas instituições não governamentais desportivas. A partir de uma nova visão de poder, o Estado abre concessões que a máquina burocrática estatal é obrigada a fazer frente ao poder de pressão e reivindicação das massas organizadas.

Convém reconhecer, porém, que o Estado moderno encontra-se em um processo de metamorfose. Na realidade, o cerne da política atual é a capacidade de auto-organização das classes/grupos sociais. Auto-organização significa, uma reunificação dessas forças livres na camada mais profunda da sociedade, na atividade comunitária, política e econômica. Isso começa com as reivindicações mais simples do povo. Hoje em dia o Estado é confrontado por todos os tipos de grupos e minorias. Como exemplo pode-se citar a organização dos atletas.

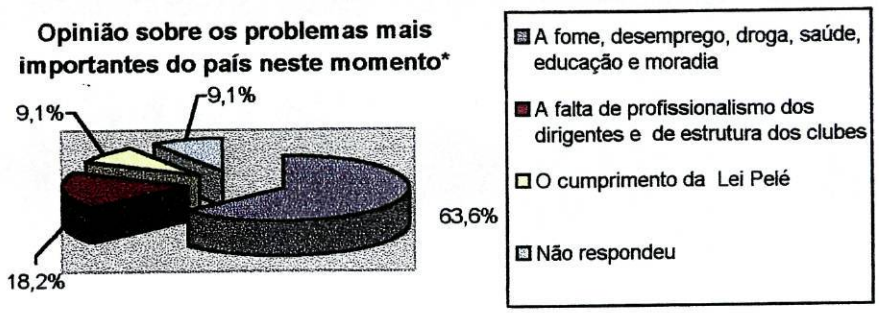
Examine-se agora, em pormenor, o desdobramento da análise ao nível dos *problemas mais importantes do país neste momento.*

A tabela/gráfico XI revela com maior intensidade os aspectos relacionados ao *desemprego*, a *fome, droga, saúde, educação e moradia*, onde a consciência do povo apresenta-se mais nítida (63,6%), Logo em seguida vem a *falta de profissionalismo dos dirigentes e da estrutura dos clubes* (18,2%).

TABELA XI QUAIS SÃO, NA SUA OPINIÃO, OS PROBLEMAS MAIS IMPORTANTES DO PAÍS NESTE MOMENTO?

Opinião sobre os problemas mais importantes do país neste momento*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. A fome, desemprego, droga, saúde, educação e moradia	07	63,6
2. A falta de profissionalismo dos dirigentes e de estrutura dos clubes	02	18,2
3. O cumprimento da Lei Pelé	01	9,1
4. Não respondeu	01	9,1
TOTAL	11	100,0

* *Os dirigentes indicaram mais de uma alternativa*



Partindo destes dados, pinça-se como objeto de análise o contexto da instituição desportiva, onde a *estrutura organizacional dos clubes* foi um dos elementos destacados. No interior das instituições, a visão de *conjunto* e de *disciplina* aparece nos discursos dos dirigentes/comissão técnica. Ressalta-se ainda, que a instituição é entendida como uma instância prestadora de serviços na perspectiva do lazer/bem-estar. De um modo geral, o clube é o lugar propício às articulações específicas das relações sociais e culturais. Estas breves observações indicam que a instituição desportiva é um *locus* onde se dá o enfrentamento concreto dos interesses das mais distintas classes sociais, como também tem apresentado relevância na legitimação e distribuição de produtos culturais.

Pode-se finalizar esse momento de análise da ideologia, enquanto comportamento social, citando a passagem de Paul Ricoeur[151] que diz: (...) que a ideologia é um fenômeno insuperável da existência social, na medida em que a realidade social sempre possui uma constituição simbólica e comporta uma interpretação em imagens e representações, do próprio vínculo social.

Depois de ter-se situado a ideologia como uma forma típica do modo de relacionamento social, conclui-se pela impossibilidade do existir social desvinculado de uma ideologia. Realmente se o comportamento ideológico corresponde ao nível mais fundamental das relações sociais e, se a pessoa só existe inserida no social, é impossível um viver aideológico.

Afigura-se de utilidade estudar os aspectos técnicos e táticos relativos ao crescimento do desporto/futebol. Passa-se a abordar em seguida as questões. *Na sua opinião, o futebol evoluiu ou sempre permaneceu o mesmo? Se sim: em que*

151 RICOEUR, P. (1977) *Interpretação e Ideologia*. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves. p.75.

evoluiu? A que se deve tal evolução? Na sua opinião, ela foi positiva ou negativa para o desporto?

4.1.4 Um discurso da evolução do futebol

Veja-se, pois, como se apresenta o quadro explicativo sobre as questões relacionadas com a evolução do futebol nos aspectos técnicos/táticos e suas possíveis relação de causa/efeito à luz das falas dos agentes sociais envolvidos na investigação.

Daí a colocação: *Na sua opinião, o futebol evoluiu ou sempre permaneceu o mesmo?*

> *Evoluiu: na preparação física dos jogadores e nos sistemas de defesa, na comissão técnica, nos suportes tecnológicos, nos sistemas táticos e em algumas regras.*
>
> *Até 1970, evoluiu na preparação física; de lá pra cá os princípios são os mesmos. No sistema de jogo houve evolução na parte defensiva. Eram 2 zagueiros, 3 meios campos e 5 atacantes; e passou para : 4 zagueiros 3 meios campos e 3 atacantes e depois para: 4 zagueiros 4 meios campos e 2 atacantes com uma variante par 3x5x2. Será que evoluiu no seu todo?*
>
> *Evoluiu: 1) os treinadores estão escalando as equipes de acordo com o seu adversário; 2) o preparo físico cada vez mais está sendo feito com mais qualidade (trocando o empírico pelo científico); 3) as qualidades dos atletas, pois eles têm sindicato e um ministro do Desporto (Pelé) que está tentando profissionalizar ainda mais o futebol.*
>
> *Evoluiu, no aspecto profissional, antes era apenas uma modalidade desportiva, agora é uma empresa.*
>
> *Evoluiu muito no aspecto tático, técnico e físico, pois o futebol de hoje é mais força. Antigamente o futebol era mais habilidade, hoje não, o futebol é mais força, ou seja, os jogadores correm mais.*

A que se deve tal evolução?

> *A busca constante de estar sempre à frente dos adversários e a melhoria do desporto com relação ao rendimento.*
>
> *A maneira de usar os investimentos financeiros, tanto para crescimento do clube como de alguns empresários.*
>
> *Ao aperfeiçoamento dos profissionais melhorando o espetáculo.*
>
> *A necessidade de melhorar taticamente as equipes.*
>
> *As mudanças que acontecem no mundo: a globalização. E por o Brasil ser o único tetra campeão.*
>
> *Principalmente a entrada de pesquisadores e cientistas, como fisiologistas, professor de educação física bem como a fabricação de material desportivo mais leve, confortável e de melhor qualidade, ajudando assim no rendimento dos atletas.*
>
> *Aos empresários que resolveram investir para ter lucros.*

O discurso dos dirigentes/comissão técnica deixa transparecer a existência de uma relação entre a técnica e o desportista. Pois bem, a técnica, enquanto atual, é uma técnica de inovação. Tratar da *inovação* é, por em paralelo o antigo e o moderno em termos de progresso e de decadência. Portanto a inovação é tratada no desporto/futebol como resposta a uma necessidade precisa: a oferta é determinada pela procura. A introdução de uma *novidade* coloca, na realidade, uma série de problemas que, transcendendo o âmbito da revolução industrial que assume uma dimensão sócio-econômica, requerem um exame especial. Um dos cuidados diz respeito à resistência à mudança.

Mas é preciso distinguir entre as situações onde a inovação responde a uma procura claramente formulada e aquelas onde, em vez disto, tem de ser concebida como resposta específica a uma questão abrangente. Neste último caso, a inovação pode revelar-se imprevisível e surgir como geradora de *rupturas*. Por certo, uma inovação é apenas adaptada por um sistema quando este tem capacidade para

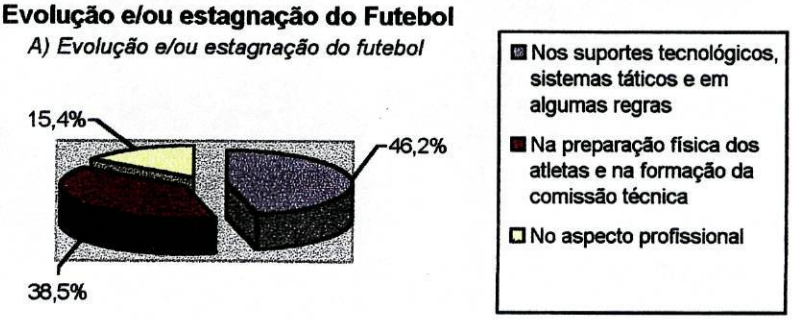
receber. Em termos mais concretos, é necessário que a inovação seja encarada pelos atores como portadora de conseqüências felizes.

Enquanto ilustração geral a respeito da evolução e sua conseqüente causa, a tabela/gráfico XII fornece elementos substantivos que permitem uma melhor visualização das categorias de análises estudadas.

TABELA XII NA SUA OPINIÃO, O FUTEBOL EVOLUIU OU SEMPRE PERMANECEU O MESMO? A QUE SE DEVE TAL EVOLUÇÃO?

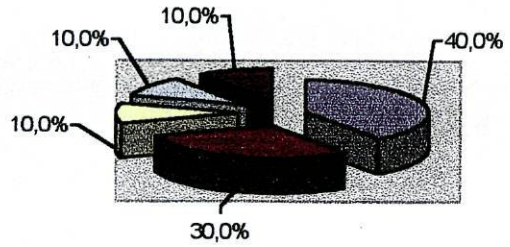
Evolução e/ou estagnação do futebol*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
A) Evolução e/ou estagnação do futebol		
1. Nos suportes tecnológicos, sistemas táticos e em algumas regras	06	46,2
2. Na preparação física dos atletas e na formação da comissão técnica	05	38,5
3. No aspecto profissional	02	15,4
TOTAL	**13**	**100**
B) Fatores que contribuíram para a evolução do futebol		
1. Na melhoria com relação ao rendimento do atleta	04	40,0
2. Na forma do clube investir financeiramente	03	30,0
3. No aperfeiçoamento dos profissionais	01	10,0
4. As mudanças que acontecem no mundo	01	10,0
5. A entrada de pesquisadores e cientistas na área	01	10,0
TOTAL	**10**	**100,0**

**Os dirigentes indicaram mais de uma alternativa*



Evolução e/ou estagnação do Futebol

B) Fatores que contribuíram para a evolução do futebol



- Na melhoria com relação ao rendimento do atleta
- Na forma do clube investir financeiramente
- No aperfeiçoamento dos profissionais
- As mudanças que acontecem no mundo
- A entrada de pesquisadores e cientistas na área*

A análise específica sobre o assunto oferece indicações gerais, em termos quantitativos, apontando que o futebol evoluiu: a) n*os suportes tecnológicos, sistemas táticos e em algumas regras* (46,1%); b) *na preparação física dos atletas e na formação da comissão técnica* (38,5%); c) *no aspecto profissional* (15,5%). No tocante aos fatores que contribuíram para a evolução do futebol foram ressaltados: a) n*a melhoria com relação ao rendimento do atleta* (40,0%); b) *na forma do clube investir financeiramente* (30,0%); n*o aperfeiçoamento dos profissionais* (10,0%); *nas mudanças que acontecem no mundo* (10,0%); e por último *na entrada de pesquisadores e cientistas na área* com o índice de (10,0%).

Nas falas dos atores sociais entrevistados, ficou claro o aspecto inovador que passa e/ou poderá passar o futebol. Do que foi visto pode-se extrair algumas observações importantes. Em primeiro lugar a *inovação* quando não gerada das necessidades das *classes/grupos sociais*, pode provocar desequilíbrios devido à formação de estrangulamentos, que só desaparecem com a introdução de novos processos. Põe-se em destaque os aspectos relativos à *cultura* e a *tradição* como fatores que devem ser levados em conta quando se trabalha com as *mudanças sociais*. Em segundo lugar, a inovação é solidária do *espírito de empreendimento*. O impulso fundamental que põe e mantém em movimento a maquina capitalista do desporto, especialmente do futebol, é demonstrado pelos novos objetos de consumo, os novos métodos de produção, os novos mercados que surgem muito rapidamente com os efeitos da globalização. Mais concretamente, o fenômeno da globalização, presente no mundo da bola, está mudando o retrato do desporto, onde a cada momento o intercâmbio entre seleções, clubes e atletas pelo planeta, tem sido uma constante. E em terceiro lugar, cabe ressaltar que a aceitação boa ou má,

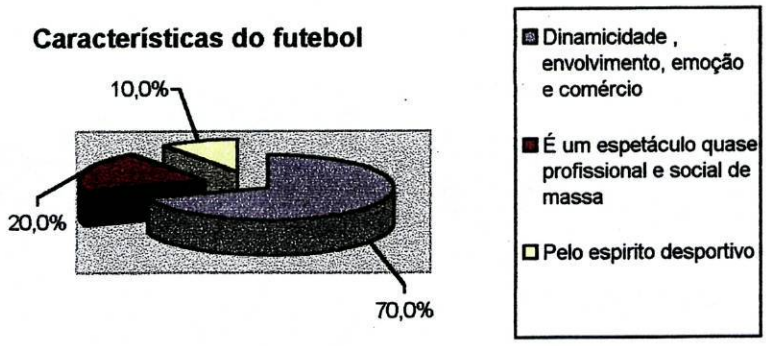
de uma inovação não depende apenas da informação que acompanha o seu aparecimento, mas sim se deve levar em consideração a existência de um clima ideológico favorável ou desfavorável.

Observando os depoimentos dos entrevistados, percebe-se claramente a ênfase que foi dada aos aspectos relacionados com a evolução do futebol. Os novos acontecimentos estão sempre a exigir novas formas de relações culturais, sociais e econômicas, em conseqüência, uma readaptação permanente.

A tabela/gráfico XIII, colocada nesta perspectiva, valida não apenas os *fundamentos táticos e estratégicos* do futebol, como também, delimitam em termos quantitativos as *características do futebol.*

TABELA XIII COMO SE CARACTERIZA O FUTEBOL?

Características do futebol	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Dinamicidade, envolvimento, emoção e comércio	07	70,0
2. É um espetáculo quase profissional e social de massa	02	20,0
3. Pelo espírito desportivo	01	10,0
TOTAL	**10**	**100,0**



Como é possível observar, examinando os dados relativos *as características do futebol,* existe uma forte tendência em distingui-lo como um espetáculo que requer *dinamicidade, envolvimento, emoção e comércio* (70,0%); seguido dos aspectos ligados *ao profissional e social de massa* (30,0%) e *pelo espírito desportivo* (10,0%).

Como Lipovetsky[152] ao tratar dos aspectos relacionados à paixão pelo desporto, muito corretamente enfatizou, que o desporto de massa é essencialmente uma atividade dominada pela procura do prazer, do dinamismo energético, da experiência de si próprio: depois do desporto disciplinar e moralista, eis o desporto-lazer, o desporto-saúde, o desporto desafio. Da prática desportiva esperamos apenas sensações de equilíbrio íntimo, valorização individual e evasão, *norma* e descontração, já não é a virtude que legitima o desporto, mas sim a emoção corporal, o prazer, a forma física e psicológica, o desporto tornou-se um dos emblemas mais significativos da cultura individualista narcísica centrada no êxtase do corpo.

As falas dos dirigentes/comissão técnica e o pensamento lipovetskyano, pelo grau de proximidade das ações põem em evidência temas relativos a *sociabilidade*, onde aparecem sinais nítidos dos laços sociais que são estabelecidos com atores, em um espaço socialmente definido, onde se encontram diversas vezes por opção, em torno de uma classe de interesses. A conclusão deste raciocínio simples é importante, na medida em que estabelece que quanto mais intensos forem os laços numa rede, tanto mais essa rede tende a fechar-se sobre si própria, em torno de um propósito.

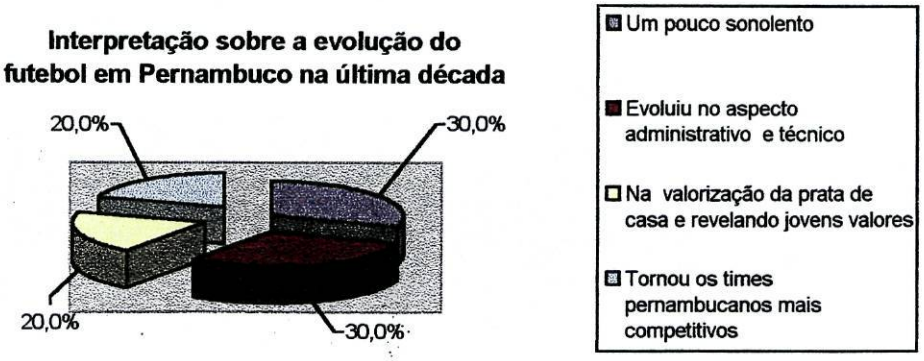
É interessante observar a reação dos atores sociais entrevistados quando foi feita a seguinte pergunta: *como interpreta a evolução do futebol em Pernambuco na última década?* Com apoio nos dados da tabela/gráfico XIV, o futebol encontra-se um *pouco sonolento* (30,0%), embora se reconhecendo que os *times encontram-se mais competitivos* (20,0%), e *valorizando a prata da casa* também com o índice de (20,0%). Ao lado destes números convém ter em vista os aspectos da perda potencial do futebol pernambucano na última década.

---

152 LIPOVETSKY, G. (1994) *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. P.129.

TABELA XIV COMO INTERPRETA A EVOLUÇÃO DO FUTEBOL EM PERNAMBUCO NA ÚLTIMA DÉCADA?

Interpretação sobre a evolução do futebol em Pernambuco na ultima década	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Um pouco sonolento	03	30,0
2. Evoluiu no aspecto administrativo e técnico	03	30,0
3. Na valorização da prata de casa e revelando jovens valores	02	20,0
4. Tornou os times pernambucanos mais competitivos	02	20,0
TOTAL	**10**	**100,0**



Com base em tal lógica, reconhece-se à necessidade de cada vez mais se modernizar o futebol pernambucano e de se criarem condições favoráveis à sua consolidação. Assim, o futebol profissional, que soube conquistar espaços para tornar-se um fenômeno social de relevância mundial, tornou-se também uma atividade econômica de envergadura.

Nessa perspectiva, considera-se o futebol, enquanto fenômeno social, como um grande laboratório sócio-antropológico. E, neste laboratório, pode ser expressa a lógica das potencialidades do ser humano, como estas se manifestam e, sobretudo, revelar a unidade e diversidade humanas, passando a fazer parte da lógica do jogo a eterna vigilância e descoberta.

Vai-se entreabrir agora o tema o *olhar dos atletas,* perspectivando trabalhar os elementos que marcaram os discursos dos desportistas.

4. 2 O olhar dos Atletas

4.2.1. O cotidiano sociocultural e econômico do desportista

Qualquer incursão teórica que pretenda obter um nível consistente de explicação sociológica sobre o desporto/futebol exige uma análise que contemple o desportista/atleta. Nesse ponto, é possível trazer novamente à luz o fio condutor deste estudo, que é o *significado do desporto* e *as classes sociais*.

Trata-se, a seguir, da análise mais detalhada dos discursos dos atletas, tentando detectar sua visão de mundo e de sociedade, a partir do desporto. Os depoimentos contêm algumas informações que devem colocar em evidência o que o desporto/futebol realça, esconde, distorce ou recalca. Os trechos que se seguem foram originários da seguinte questão: *como explicaria sua escolha pelo futebol*?

Entendimento da escolha pelo futebol:

> *O futebol pode se identificar com o desporto em geral. Sempre tive um dom. Desde criança estive sempre com uma bola. A minha mãe dizia: vai estudar menino. Parei mesmo os estudos e fui para o futebol. Desde 15 anos este era o meu sonho. Quero ganhar muito dinheiro para dar conforto à minha família.*

> *Não sei fazer outra coisa com tanto prazer. Senti desde pequeno que queria ser jogador de futebol e fui ser. O futebol é uma paixão, um alento para os desfavorecidos.*

> *O primeiro presente que uma criança recebe é uma bola. E daí vamos aprender a chutar. Eu sou formado em contabilidade, mas só nas horas vagas exerço esta atividade. Está no meu sangue. É bom para a saúde mental e psicológica.*

> *A força da minha família e de amigos. Comecei a jogar na escola que estudei. Tenho paixão pelo futebol. Sempre quis ser um jogador para ter uma vida melhor com minha família.*

O cerne destas colocações pode ser caracterizado e analisado dentro do binômio *utilidade* e *gosto*. Nesta perspectiva, o princípio de *utilidade* é visto na sociologia como um meio pelo qual devem harmonizar-se *interesses* na busca da felicidade. Reconhece-se aí o trabalho de J. Bentham[153] em 1789. Ele teve o mérito de ser o primeiro a dar uma verdadeira consistência a este tema, formulando o postulado da *identidade dos interesses*. A sua doutrina que associa a uma não intervenção natural em alguns elementos de regulamentação, tem uma base psicológica: o cálculo dos prazeres. Assim, retomando alguns pontos assinalados nos discursos dos atletas, verifica-se a tônica nas categorias *prazer, paixão, dom* e *gosto* pelo futebol sob um determinado ângulo, e por outro, como meio de vida, como profissão, imprimindo o caráter de utilidade ou ainda de identidade dos interesses. Percebe-se, que a tensão/excitação permeia todo o pensamento dos atores envolvidos que se reveste de duplo interesse: por um lado, manifesta a preocupação na otimização dos prazeres subjetivos; por outro lado, a procura da maior felicidade.

Assim, em termos genéricos, desenha-se uma nova concepção de vida cuja marca distintiva parece ser a exaltação do mérito pessoal, o fortalecimento do gosto do risco e o espírito da competição. É evidente que estas afirmações tem antes de tudo o valor de uma declaração de intenções, mas não deixa por isso de incitar a interrogar sobre a pertinência do aspecto levantado.

De maneira mais significativa ainda para o propósito desta análise, Lovisolo[154] manifestou em seus estudos uma preocupação de enriquecer, nos planos conceitual e teórico, a perspectiva do sentido do *gosto*. Ele explica que desenvolver os próprios gosto é visto como caminho de autoconstrução, de autonomia e liberdade, de formação do eu. Entretanto, desde que reflexionamos sobre o gosto, constatamos seu paradoxo: sendo o gosto profundamente individual, ao mesmo tempo o gosto é amplamente compartilhado como indicam os êxitos do cinema, os *best-sellers*, os discos mais vendidos e as torcidas dos clubes de futebol. Ocorrem assim que o gosto não tem apenas uma função de construção da *identidade pessoal*. Por meio dos gostos também constroem as *identidades coletivas*, na gastronomia, nas artes,

---

153 DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA (1990) LISBOA. Publicações Dom Quixote. p.247.

154 LOVISOLO, H. (1997) *Estética, Esporte e Educação Física*. Rio de Janeiro. Sprint Editora. p 92

nos desportos, na música popular e em tanto outros campos de afinação dos gostos. Ocorre, também, que o gosto sendo individual, é um fundamento para as afinidades, para os encontros, para a sociabilidade e assim, fundamento do coletivo.

Com base nestas argumentações, os dados quantitativos mostrados na tabela/gráfico XV, clarificam as idéias, permitindo apreciar os motivos que levaram os atletas a optarem pelo futebol. Portanto, convém destacar os indicadores: *um futuro melhor para mim e para meus familiares* (22,5%); *O gosto, o sonho e a vontade de ser um profissional* (16,8%); *Incentivo dos pais/amigos* (14,7%); *Os jogos dos campeonatos e as belas jogadas* (11,2%); *A paixão mundial e que pode unir classes sociais* (5,6%); *A falta de emprego* (4,5%).

O esclarecimento de outras categorias aponta para uma análise da estratificação sob o prisma da socialização. Partindo dos dados apresentados, no tocante ao *um futuro melhor para mim e para meus familiares* e *incentivo dos pais e dos amigos*, nota-se: em primeiro lugar o estatuto sócio-econômico dos pais oferece aos filhos determinadas condições de vida que define a sua identidade social (papéis, normas, valores, modos de pensamento e de expressão); em segundo lugar no tocante as famílias pertencentes às classes populares, e médias levam os filhos a assumir responsabilidades mais cedo (o futebol apresenta-se como uma excelente opção principalmente para os dois primeiros estratos); e em terceiro lugar comparadas com as famílias populares, as famílias médias e altas incentivam os filhos a participar de competições desportivas. Valendo destacar que o último estrato demonstra preferência pelos desportos de elite.

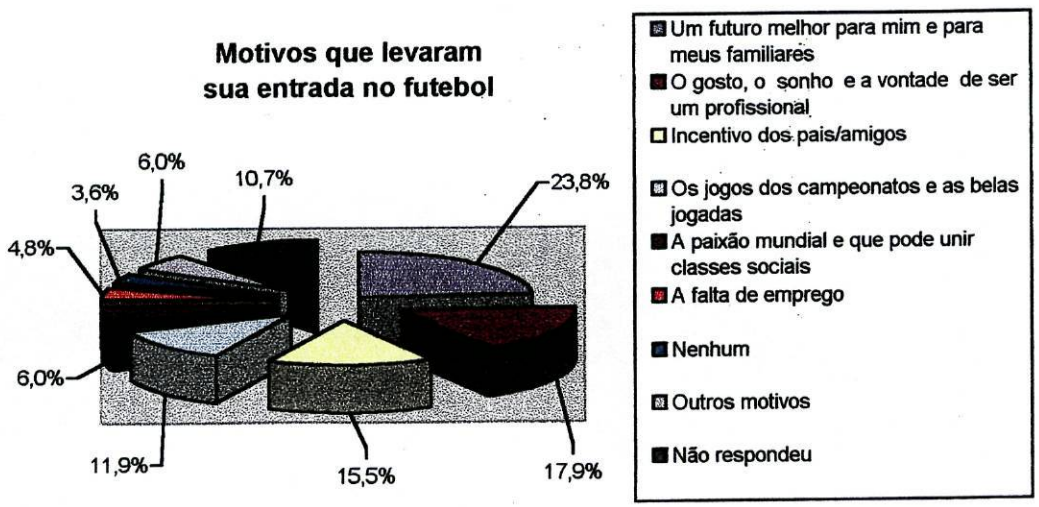
Ao circunscrever esta breve exposição aos efeitos da socialização, pretende-se sublinhar que: a) a *família* é, sem dúvida, o primeiro e o mais importante agente de socialização, mas não é o único; b) depois vem o grupo de convívio, ou seja, os amigos de jogo ou de bairro; c) e por último a *organização desportiva* que se apresenta como um agente socializador onde há constantemente novos papéis a assumir, situações sociais inéditas, problemas com que o indivíduo se confronta e tem de resolver por si ou com outrem.

Inspirada em autores vinculados à sociologia e à antropologia do desporto, que estudaram os desportistas, a presente investigação trabalhou as características sócio-econômicas das pessoas entrevistadas.

TABELA XV COMO EXPLICARIA SUA ESCOLHA PELO FUTEBOL?

Razões da escolha pelo futebol*	FREQUÊNCIA	
	Nº Abs.	%
1 Um futuro melhor para mim e para meus familiares	20	23,8
2. O gosto, o sonho e a vontade de ser um profissional	15	17,9
3. Incentivo dos pais/amigos	13	15,5
4. Os jogos dos campeonatos e as belas jogadas	10	11,9
5. A paixão mundial e que pode unir classes sociais	05	6,0
6. A falta de emprego	04	4,8
7. Nenhum	03	3,6
8. Outros motivos	05	6,0
9. Não respondeu	09	10,7
TOTAL	**84**	**100,0**

** Os atletas indicaram mais de uma alternativa*



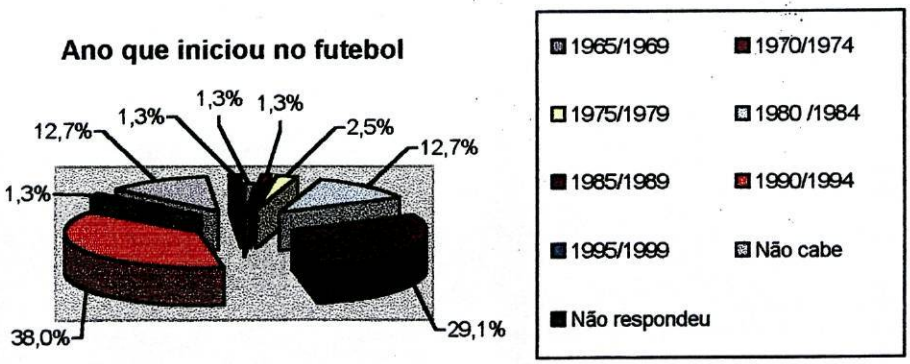
Assim, o ponto de partida foi à caracterização demográfica referente à *idade* e ao *gênero* dos atletas, que aponta para a faixa etária de jovens entre 16 a 24 anos para o ingresso no futebol profissional, e a predominância recai nos *homens*, ressaltando que a participação da *mulher* no futebol por razões históricas e culturais tem aumentado consideravelmente só nos últimos dez anos.

Verificando com um pouco mais de detalhes indicadores relativos ao elemento *idade* (tabela/gráfico XVI), eles manifestam-se como uma das variáveis que exerce maior influência na estrutura da população desportiva. As faixas etárias

compreendidas entre o período 1980/1994 permitem que se avalie mais adequadamente não só a participação no futebol, como também o número representativo de atletas que vivem do desporto (79,6%).

TABELA XVI EM QUE ANO INICIOU NO FUTEBOL?

Ano que iniciou no futebol	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. 1965/1969	01	1,3
2. 1970/1974	01	1,3
3. 1975/1979	02	2,5
4. 1980 /1984	10	12,7
5. 1985/1989	23	29,1
6. 1990/1994	30	38,0
7. 1995/1999	01	1,3
8. Não respondeu	11	14,0
TOTAL	**79**	**100,0**



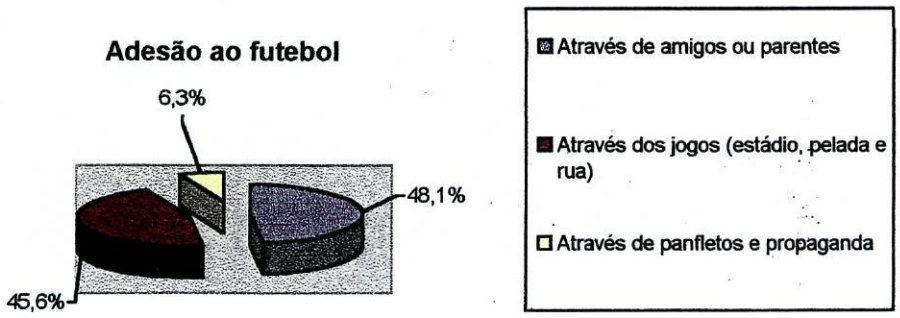
Cabe sobretudo ressaltar, que a relação entre os diferentes desportos e a idade é envolvida de um alto grau de complexidade, pois só pode ser definida dentro da relação entre um *desporto* e uma *classe*, pela intensidade do esforço físico requerido e a disposição para o esforço físico que é um aspecto do *ethos* de classe ou seja dos princípios básicos.

Em última análise, afigura-se ser possível considerar que a característica mais importante dos *desportos populares* é o fato de que estão seguramente associados à idéia de juventude, e que são abandonados na entrada da vida adulta.

Avaliando as diversas maneiras de *como conheceu o futebol*, pode-se visualizar, que um dos elementos provocadores do conhecer tem sido a *família* e os *amigos* (48,1%), seguido da *participação em jogos* quer como torcedor ou jogador (45,6%), conforme demonstrado na tabela/gráfico XVII.

TABELA XVII COMO CONHECEU O FUTEBOL?

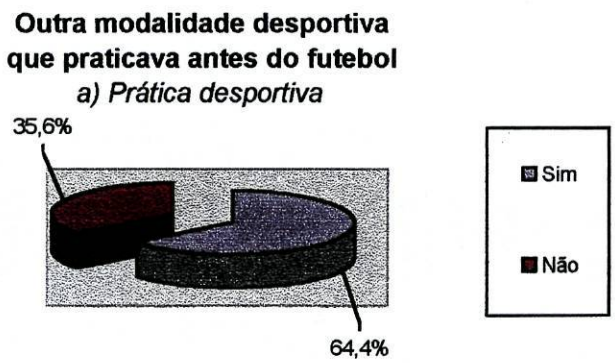
Como conheceu o futebol	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Através de amigos ou parentes	38	48,1
2. Através dos jogos (estádio, pelada e rua)	36	45,6
3. Através de panfletos e propaganda	5	6,3
TOTAL	**79**	**100**

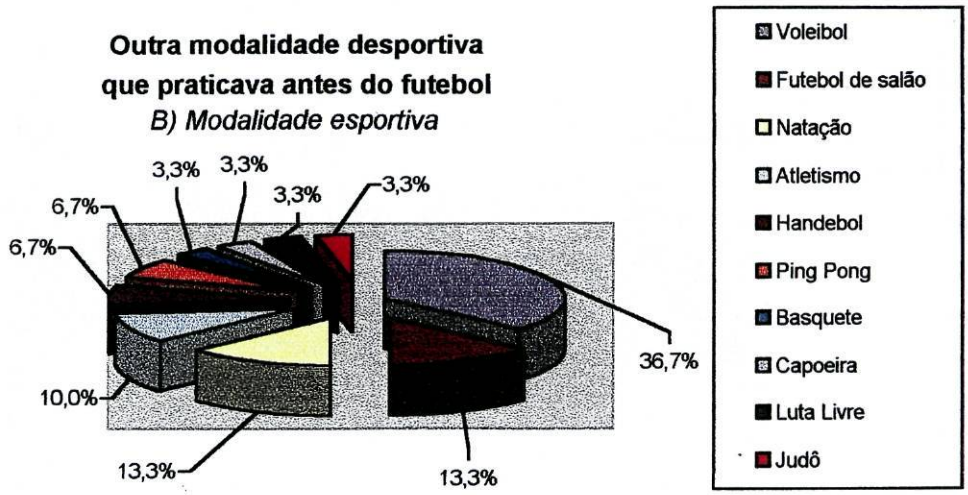


Perspectivando em torno das preferências pelas práticas desportivas, é possível dimensionar que 38,0% dos atletas praticavam outra modalidade de desporto tais como: *voleibol, futebol de salão, natação, handebol, ping-pong, vôlei, futsal, atletismo* etc., antes de optarem pela iniciação da prática do *futebol*, enquanto 62,0% não praticavam nenhum tipo de modalidade desportiva conforme evidencia a tabela/gráfico XVIII. O que fica claro nessa questão da *preferência* por outra modalidade desportiva, é que 36,6% dos desportistas escolheram o *voleibol*, e 13,4% optaram pelo *futebol de salão* e *natação.*

TABELA XVIII ANTES DE ENTRAR NO FUTEBOL PRATICAVA ALGUMA MODALIDADE DESPORTIVA? SIM. NÃO. QUAL?

Outra modalidade desportiva que praticava antes do futebol	FREQUÊNCIA	
	Nº Abs.	%
A) Prática desportiva		
1. Não	51	64,4
2. Sim	28	35,6
TOTAL	**79**	**100,0**
B) Modalidade desportiva		
1.Voleibol	11	36,6
2. Futebol de salão	04	13,4
3. Natação	04	13,4
4. Atletismo	03	10,0
5. Handebol	02	6,7
6. Ping Pong	02	6,7
7. Basquete	01	3,3
8. Capoeira	01	3,3
9. Luta Livre	01	3,3
10. Judô	01	3,3
TOTAL	**30**	**100,0**





Partindo de uma análise secundária dos dados, examina-se agora, dentro do mesmo campo, um outro aspecto que merece destacar é o *status sócio-econômico* do grupo investigado. A quase totalidade dos jovens atletas pertence às classes populares e médias baixa, apresentando um nível de escolaridade precário. Neste caso o nível de instrução está fortemente associado ao estatuto social alcançado.

Como foi visto anteriormente, a probabilidade de praticar os diferentes tipos de desporto, depende primeiramente do capital econômico seguido do capital cultural e do tempo livre.

Outro aspecto a ser considerado na preferência pelo desporto, depende de um lado, da afinidade entre as disposições ética/estética ou *gosto* características de cada classe, e do outro lado das potencialidades objetivas de ganhos éticos e estéticos que as diversas modalidades de desportos são revestidos.

Cabe ainda considerar como relevante, a freqüência com que os atletas *participam das atividades desportivas*. Cerca de aproximadamente 90,0% dos entrevistados enfatizaram que participam do treinamento que é realizado *todos os dias* nos clubes conforme dados quantitativos apresentados na tabela/gráfico XIX.

Vale ressaltar entretanto, que a participação nas atividades, está relacionada com a escolha da prática desportiva, uma vez que envolve comportamentos e atitudes os mais diversos, conforme o grau de dedicação pessoal. Neste sentido, o desportista está cada vez mais atrelado ao aparato que envolve o desporto. Toda a sua atividade é controlada por uma gama de regulamentos, leis e normas que cada

vez mais limitam a sua liberdade, não só do ponto de vista profissional como também pessoal.

TABELA XIX COM QUE FREQÜÊNCIA PARTICIPA DAS ATIVIDADES DO FUTEBOL?

Com que freqüência participa das atividades do futebol	FREQUÊNCIA	
	Nº Abs.	%
1. Todos os dias	71	89,9
2. Uma vez por semana ou mais	08	10,1
TOTAL	**79**	**100,0**

Pierre Bourdieu, [155] partindo de um modelo social entre oferta e procura por uma determinada prática desportiva, reflete o problema tomando como referência os aspectos *motivacionais*. Daí a formulação da questão: como surge o interesse pelo desporto e principalmente por um determinado tipo? Geralmente a escolha da prática desportiva varia em função dos custos econômicos, e também das expectativas dos possíveis benefícios sociais e corporais que podem advir da prática escolhida. A evidência desta tese foi validada, através dos dados secundários levantados nas instituições desportivas. Do que foi analisado, permite-se concluir que a escolha pelo futebol profissional, em Pernambuco, dá-se sobretudo nas *classes* mais *simples* ou *médias* da população.

Ao longo da fala dos atores sociais, objeto da análise que ora se processa, estão bem claros estes parâmetros descritos por Bourdieu. Assim, observou-se no estudo que a opção pelo tipo de modalidade desportiva está relacionada também com a classe a que pertence. O filtro social é determinante, sobretudo no início da escolha pela prática desportiva.

155 BOURDIEU, P. (1993) Ibid. p. 57.

4.2.2.Um conhecer sociocultural e econômico à luz dos pontos positivos e negativos do futebol: ambigüidades

A análise que se segue será dos aspectos positivos e negativos do futebol. Daí a formulação da primeira questão: *com que aspecto do futebol está mais de acordo?*

As falas sobre os *aspectos positivos do futebol* incidiram nos seguintes conhecimentos:

> *O profissionalismo, a alegria do gol, a disciplina e vontade de vencer; mas sabendo perder. As punições quando alguém a merece; com a disciplina de alguns jogadores e manter a forma física.*

> *A união que ele faz com as pessoas que torcem pelo mesmo time. Com a torcida. É o valor que passa para o atleta. Alegria do povo. A emoção - a inversão do quadro, se perde chora, só existe emoção.*

> *Convivência de vida. Ter me tornado um homem. Saber conversar, dar entrevista etc. E adquirir novas amizades. Emoção pelo futebol. Posição na sociedade, status. Ganhar dinheiro.*

> *Que a torcida é o décimo segundo jogador. A união do grupo e unidade de todos os jogadores. Os cartões aplicados corretamente, para não haver violência. A punição correta para os atletas indisciplinados. Com o jogo limpo.*

No que diz respeito à segunda questão, ela foi formulada desta maneira: *com que aspecto do futebol está menos de acordo?*

Aspectos negativos do futebol

> *Falta de segurança, brigas dentro ou fora dos campos e a falta de organização existente entre os dirigentes que contribuem para que o futebol fique cada vez mais violento.*

A "trairagem" do futebol. A falta da ajuda financeira para a família dos jogadores. O futebol tem as maiores alegrias e as maiores tristezas. Não sabemos o dia de amanhã. Quando vem...

A violência das torcidas, querendo acabar com o espetáculo. Centralização do poder. Poucas pessoas com muito poder. Gerando indisciplina.

As drogas e bebidas. Ingressos caros. Escravidão dos jogadores pela Lei dos passes. Concentrações exageradas. Diretores metidos. Técnicos sem reciclagem.

A análise portanto, passa primeiramente pelos *aspectos positivos* que envolvem o futebol. É possível encontrar aqui elementos sócio-culturais que envolvem os atletas, onde os seus discursos traduziram suas necessidades sentidas. Todavia, trata-se apenas de uma indicação.

Como foi possível perceber, o estudo se iniciou pela *origem do atleta*. O jogador de futebol, em Pernambuco é descoberto nas camadas mais simples e médias da população. Sem sombra de dúvida, ser um atleta tornou-se um mecanismo de ascensão na estrutura da sociedade, e sua formação passa por um processo sócio-educativo. Esse paradigma se solidifica a cada dia na estrutura do desporto moderno, não só no tocante ao atleta de alto nível, como também no atleta que inicia independente da categoria.

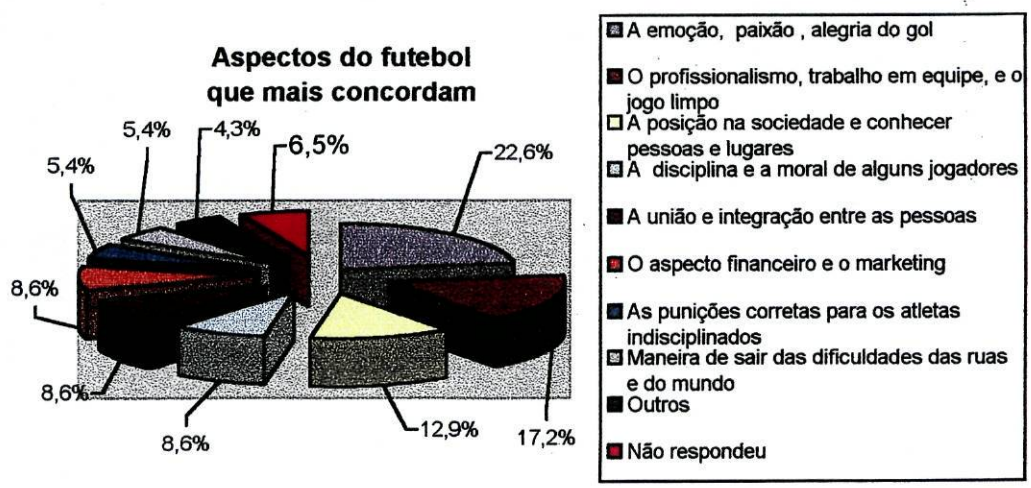
Aprofundando a análise em cima do universo entrevistado, os dados mostrados na tabela/gráfico XX traduzem o pensamento dos atletas, que entendem que os *pontos positivos* do futebol estão na *emoção, paixão e alegria do gol* (22,6%); no *profissionalismo, trabalho em equipe e no jogo limpo* (17,2%); na *posição na sociedade e em conhecer pessoas e lugares (12,9%);* na *disciplina e na moral* (8,6%); na *união* e *integração entre as pessoas* (8,6%); e por fim, no *aspecto financeiro e no marketing* (8,6%).

Um dos traços básicos observados na leitura desta realidade foi o de um *sentimento de mudança*, um *sentimento de um homem novo*. Este sentimento foi compartilhado por todos os atletas que também acreditam que esta mudança é produto do aprimoramento de suas atividades cotidianas.

TABELA XX COM QUE ASPECTO DO FUTEBOL ESTÁ MAIS DE ACORDO?

Aspectos do futebol que mais concordam	FREQUÊNCIA	
	Nº Abs.	%
1. A emoção, paixão, alegria do gol	21	22,6
2. O profissionalismo, trabalho em equipe, e o jogo limpo	16	17,2
3. A posição na sociedade e conhecer pessoas e lugares	12	12,9
4. A disciplina e a moral de alguns jogadores	08	8,6
5. A união e integração entre as pessoas	08	8,6
6. O aspecto financeiro e o marketing	08	8,6
7. A punição correta para os atletas indisciplinados	05	5,4
8. Maneira de sair das dificuldades das ruas e do mundo	05	5,4
9. Outros	06	6,5
10. Não respondeu	04	4,3
TOTAL	**93**	**100,0**

** Os atletas indicaram mais de uma alternativa*



Eles viram no desporto uma escola de moralidade que cultiva o gosto pela luta, o sentido do esforço, a solidariedade, a abnegação. Foi percebido nas falas que existe uma convicção compartilhada que cada um deles tem que colaborar ou mesmo ser um agente na construção de um desporto onde o *fair-play* seja a tônica.

Outro aspecto também observado foi a de uma atitude de confiança em relação à equipe. Para tanto, o atleta precisa acreditar na estabilidade de sua

profissão em termos psicológicos, sociais e financeiros. Sob essa ótica, reside o fato de alguns dos profissionais de futebol serem extremamente bem remunerados, fazendo com que o futebol represente o sonho dourado de muitos pernambucanos ascenderem socialmente. Esse sonho é claramente simbolizado pela figura do rei Pelé que foi transformado em símbolo de oportunidade racial e mobilidade social.

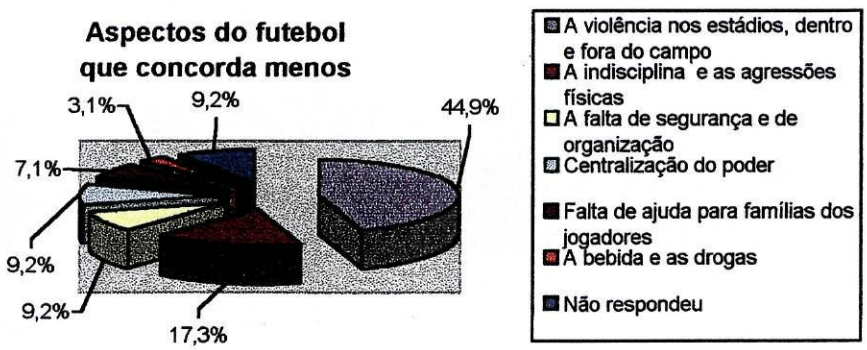
De tudo que foi refletido em cima das falas, observou-se que os desportos coletivos desenvolvem: 1º) o caráter criativo e educativo; 2º) o sentido da socialização; 3º) a disciplina individual e coletiva.

Tenta-se agora explorar os pontos centrais das afirmações, sobre *os aspectos negativos do futebol.*

TABELA XXI COM QUE ASPECTO DO FUTEBOL ESTÁ MENOS DE ACORDO?

Aspectos do futebol que concordam menos *	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. A violência nos estádios, dentro e fora do campo	44	44,9
2. A indisciplina e as agressões físicas	17	17,3
3. A falta de segurança e de organização	09	9,2
4. Centralização do poder	09	9,2
5. Falta de ajuda para famílias dos jogadores	07	7,1
6. A bebida e as drogas	03	3,1
7. Não respondeu	09	9,2
TOTAL	**98**	**100,0**

**Os atletas indicaram mais de uma alternativa*



A tabela/gráfico XXI, colocada nesta perspectiva, permite que se faça uma leitura das falas dos atletas onde foi possível pinçar alguns componentes essenciais para a elaboração de um quadro analítico, que possibilitou a construção de uma análise crítica deste contexto.

O que está implícito nos discursos é que, no futebol, a *violência dentro e fora do campo* (44,9%) foi salientada com muita propriedade; a *indisciplina* e as *agressões físicas* (17,3%), foram referidas como uma constante; também a *falta de segurança e de organização* bem como a *centralização do poder* atingiu o mesmo índice (9,2%); e por último a *falta da ajuda financeira para a família dos jogadores* foi enfatizada (7,1%).

O propósito aqui é trabalhar as contradições próprias do desporto apontadas pelos atletas. Convém, no entanto, por em evidência a relação entre as categorias (*violência, indisciplina, agressão, insegurança, desorganização, centralização do poder*) e o conceito de uma *sociedade humana* em que o contrato não é mais do que a instituição de normas sociais obrigatórias que exigem sanções.

Parece, pois generalizada à crença de que o desporto e a sociedade se caracterizam por níveis de violência tais que ambos estão à beira de um abismo. É nesse ponto que uma leitura sobre a violência dentro e fora do gramado se faz necessária. Elias[156] se atém ao nível sociológico em sua análise. A peça fulcral da configuração de um grupo envolvido no desporto é, sempre, a simulação de um confronto, com as tensões por ela produzidas, controladas e, no final, com a catarse, a libertação de tensão. De acordo com a tradição dominante de pensar e de sentir, as tensões, enquanto fenômeno social, consideram-se alguma coisa que atua em oposição às normas - como anormal, nocivo e indesejável. A análise configuracional do desporto mostra que as tensões de grupo do tipo equilibrado são um ingrediente central de todas as atividades de lazer. Um desporto é uma forma organizada de tensão em grupo, mesmo que aquele que a procura, num dado momento, possa ser um grupo de dois elementos. Nesta visão, o desporto não pode servir como pretexto para a liberação de agressões por parte de indivíduos ou de grupos, mesmo sendo do conhecimento de todos que a atividade física traz em si um potencial de violência,

---

156 ELIAS, N. (1992) Ibidem. p. 235.

e conseqüentemente, o futebol possuir mecanismos ritualísticos que conduzem a um comportamento do tipo agressivo.

Sublinhe-se, que toda perspectivação de um *conflito* implica igualmente uma análise, ainda que rápida, das tensões e das lutas que põem em confronto categorias de indivíduos, de estatutos e funções diferentes. Neste sentido, o aparecimento dos conflitos encontra terreno fértil no seio da instituição desportiva pernambucana, que está montada dentro de um conjunto de engrenagens e de mecanismos organizados e postos em movimento unicamente pela racionalidade.

Assim, os clubes funcionam como verdadeiro comércio de bens e serviços que competem entre si no mercado desportivo. Por outra vertente, as relações entre os dirigentes e os atletas constituem relações onde são produzidas verdadeiras *lutas de classe* e conseqüentemente de *poder*. As instituições centradas nestas estratégias de poder dos diferentes participantes estão constantemente ameaçadas de erosão, quando não de implosão pelos mecanismos de poder utilizados pelos seus componentes.

Trabalhando o caráter contraditório gerado no seio do desporto/futebol, a título de informação examine-se um pouco mais detalhadamente, dados que representam a sociedade moderna do desporto no mundo globalizado. De acordo com os números Joelmir Betting, [157] revela que o futebol é show-*biz,* é *business*; é negócio para executivos profissionais. Entre negócios diretos e indiretos, ele movimentou US$ 370 bilhões em 1997, segundo a *Forbes* (um bilhão de dólares por dia). Um inventário do futebol mundial, atualizado pela FIFA para a Copa do Mundo de 1998, na França, indica que são movimentados por ano perto de US$ 280 bilhões. Entre empregos diretos e indiretos, formais e informais, atinge aproximadamente a 410 milhões de pessoas. Pela ordem de prioridade escalona-se: 1º) o entretenimento é a maior indústria do mundo em volumes de negócios e em número de empregos; 2º) o desporto é o segundo maior segmento (depois do turismo) da indústria do entretenimento; 3º) o futebol é o maior mercado da economia do desporto. Na Europa, por exemplo, o futebol-empresa existe há três décadas iniciou na Itália, entusiasmou a Espanha e, hoje, acontece na Inglaterra. E, nessa dinâmica, a tendência é alastrar-se cada vez mais.

---

157 BETTING. J. (1998). *Chuteiras S. A* Jornal do Comércio. Recife, 10 julho.

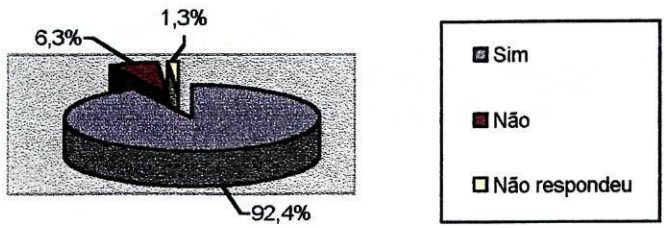
A idéia principal agora é proceder a uma análise geral sobre a *orientação tática* ou *programática* do futebol. Ressalta-se que uma discussão exaustiva transcende o âmbito deste capítulo. Restringe-se, por conseguinte, a apresentar esta temática de uma maneira mais simples envolvendo as categorias mais significativas objeto do estudo.

TABELA XXII NA SUA OPINIÃO, A ORIENTAÇÃO TÁTICA OU PROGRAMÁTICA DO FUTEBOL: MUDOU, EVOLUIU OU PERMANECEU A MESMA? SE SIM: EM QUE MUDOU OU EVOLUIU?

Orientação tática ou programática do futebol: mudança/evolução/estagnação	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Sim	73	92,4
2. Não	05	6,3
3. Não respondeu	01	1,3
TOTAL	**79**	**100,0**
Evolução/mudança*		
1. Jogos mais abertos e os times buscam os resultados	25	30,1
2. No preparo físico, no auto controle, no trabalho coletivo	24	28,9
3. Na beleza e na agilidade do espetáculo	08	9,6
4. O futebol agora é mais força física e mais velocidade	06	7,2
5. Capacitação dos profissionais	06	7,2
6. Liberdade para o jogador evoluir no campo	05	6,0
7. A tecnologia ajuda na análise técnica e pedagógica	05	6,0
8. Na parte financeira	04	4,8
Subtotal	**83**	**100,0**
Estagnação		
1. O futebol ficou mais violento	04	40,0
2. O futebol está menos bonito	02	20,0
3. Outros	04	40,0
Subtotal	**10**	**100,0**
TOTAL	**93**	**100,0**

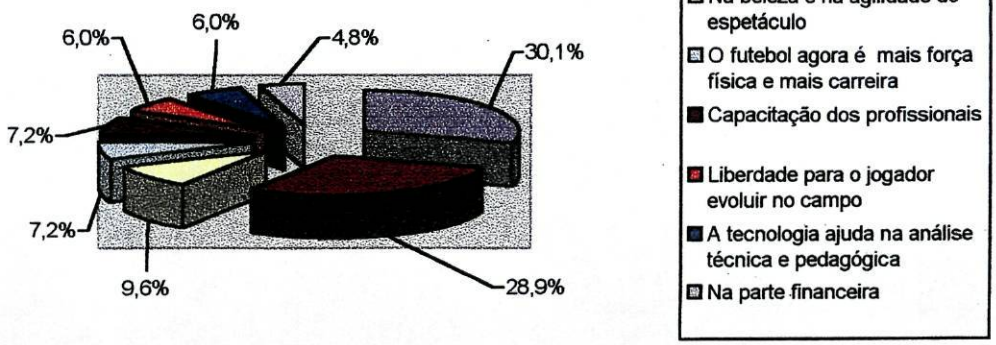
** Os atletas indicaram mais de uma alternativa*

Orientação tática ou programática do futebol: mudança/evolução/estagnação



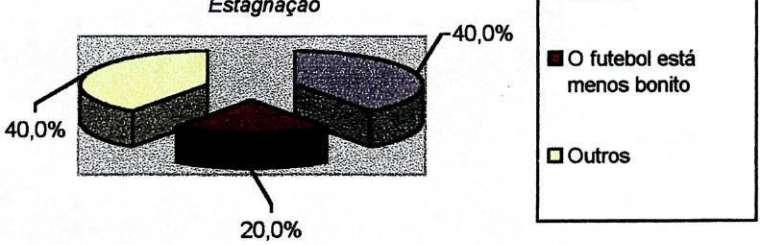
Orientação tática ou programática do futebol: mudança/evolução/estagnação

Evolução e mudança



Orientação tática ou programática do futebol: mudança/evolução/estagnação

Estagnação



Assim, a tabela/gráfico XXII, delimita os indicadores básicos referentes à análise das questões. Daí as perguntas. *Na sua opinião, a orientação tática ou programática do futebol: mudou, evoluiu ou permaneceu a mesma? Se sim: Em que mudou ou evoluiu?*

A análise sobre a *orientação tática ou programática* do futebol, no tocante à *mudança, evolução ou estagnação,* exige um exame mais específico devido o grande volume dos motivos levantados ao confrontá-los entre si: a variação dos percentuais permite identificar uma tendência comum das causas mencionadas pelos atletas. Retendo-se apenas nas razões mais expressivas, observa-se a seguinte situação: a *evolução/mudança* dar-se-á através de *jogos mais abertos onde os times buscam os resultados* (30,1%); *na preparação física, no auto controle, no trabalho coletivo* (28,9%); *na beleza e na agilidade do espetáculo* (9,6%).

Os dados indicam que o futebol profissional agora é *mais força física* e *mais velocidade*, existindo uma *carência na capacitação* dos mais diversos profissionais da área (7,2%). A evidência empírica dos aspectos relativos a *estagnação* no futebol poderia ser mais nítida ainda, como ficou demonstrada no *elevado grau de violência* tornando o futebol *menos bonito.*

Os dados obtidos portanto, apontam para alguns resultados interessantes, no que diz respeito as categorias *autocontrole, beleza, capacitação profissional e tecnologia,* quando os atletas reportaram-se aos aspectos relativos a *evolução/mudança*; e no momento em que descreviam sobre a *estagnação* no futebol enfatizaram as categorias *está mais violento* e *menos bonito.* Apercebe-se uma vez mais que o desporto é, por definição, um tipo de atividade que implica num comportamento agressivo e conduz, de alguma forma, à competição. Tais constatações tornam-se mais compreensivas quando se trabalha sobre a ótica do *indivíduo*, enquanto ator capaz de manter harmonia e controle dos seus impulsos emocionais e afetivos. A primeira vista, afigura-se plausível ver neste prisma uma maneira de reconhecer que o indivíduo obedece aos instintos, às suas pulsões, às suas fantasias, às suas opiniões, aos seus gostos, às suas paixões, ou então põe as suas atividades o serviço de fins, que lhe compete escolher enquanto indivíduo, como seja a virtude, a verdade, o bem, a eficiência técnica, a glória etc. Em suma, o indivíduo pode ser uma *máquina de desejos*, ou um ser que persegue objetivos e metas. A esta idéia poder-se-ia adicionar, colocações de Lovisolo[158] sobre o assunto. Observa ele: (...) acredito que seria interessante se analisarmos a dinâmica

158. LOVISOLO, H. (1997) *Estética, Esporte e Educação Física.* Rio de Janeiro. Sprint Editora. p 96/97/103.

do futebol como cíclica, isto é, como momentos nos quais domina o critério do gosto, seguidos por momentos de domínio de critério da utilidade (dos interesses ou da razão prática). Podemos postular que o esporte passou a ser dominantemente pensado na linguagem do gosto, do belo e do sublime, da sensibilidade, dos sentimentos, das emoções.

A perspectiva agora é a de poder avançar mais um passo na questão da *violência*, seguindo a linha de pensamento ética/estética. A análise sobre este tema levou Lovisolo a reconhecer a sua complexidade. A violência no futebol pode ser pensada na linguagem *moral* e na das *utilidades*, contudo pareceria que o efeito da linguagem dos *gostos* é superior: o futebol violento é feio, antiestético, provoca pouco gosto, mata o jogo. A festa da violência pode estar deixando de ser festa. Evoca-se portanto, neste instante, ao aspecto da *moral/utilidade* relacionada a importância que é dada a *vontade* própria dos atores sociais, na conquista do poder, do prestígio e do dinheiro. A busca por estas conquistas pode conduzir a violência que poderá ser entendida dentro da sociedade moderna como um ato *normal*, própria dos mecanismos que regulam os processos e as relações sociais, perdendo o seu caráter *patológico*. Por conseguinte, futebol e violência afiguram-se menos antagônicos do que se supunha.

A análise passa agora, por uma reflexão em cima das categorias *capacitação profissional* x *tecnologia*, onde são refletidos alguns indicadores que conduzem a preparação do mito *campeão/herói*. A esse respeito, é considerada importante a formação de atletas profissionais capazes, de servirem como exemplo de valores. Cada campeão é, de certa forma, um modelo para os jovens. E, assim, para ser reconhecido campeão divino ou humano, tem necessidade de que se creia nele, que se lhe confira o carisma, com a condição dele espalhar os seus benefícios sobre os que assim o apoiaram. Ele é campeão, porque mantém um vínculo, por uma relação mágica de identificação, àqueles que, como se diz, põem nele toda a esperança.

Helal[159] defende a tese que se situa em âmbito complementar. De acordo com o autor, o futebol é um fenômeno capaz de produzir, de tempos em tempos, mitos e histórias representativas da comunidade, que são verdadeiros dramas

---

159 HELAL, R. (1995). *Modernidade e tradição no futebol brasileiro: o caso Bebeto*. In revista Pesquisa de Campo, nº2 RJ Universidade Estadual do Rio de Janeiro. p. 91/92.

sociais de extrema relevância para o entendimento das questões mais profundas de uma cultura. (...) O caso do mito é permeado por ambigüidades e tensões expressas no discurso de seus personagens e nos vários episódios que o compõem, parece dramatizar este dilema brasileiro entra a *hierarquia* e a *igualdade*. Visto mais de perto, este raciocínio sedutor pela sua aparente clareza valoriza o conceito de cultura enquanto conhecimento vivo, íntimo e descontraído. Percebe-se desde logo que a cultura não está consumada, e sim em vias de formação; ela é interioridade, apropriação subjetiva de uma série de conteúdos, livre interpretação dos conhecimentos adquiridos; projeta a reconciliação no seio de uma comunidade autêntica. Aspira-se aqui, uma cultura realista que seja como que humanista. Talvez o que esteja em discussão seja uma cultura das classes populares, uma cultura do povo, uma cultura da *descontração*, em síntese uma *cultura plural*, em que a evolução da cultura das classes populares esteja estritamente ligada às condições de vida próprias destas mesmas classes. Tanto é assim, que segundo Dumazedier, [160] o termo cultura refere-se a um conjunto de noções, valores e atitudes que estão em sintonia com a vida da sociedade e com a vida do indivíduo.

Examina-se agora, algumas conseqüências diretas da *tecnologia*, sobre a esfera da *formação* do atleta. Santiago Coca, [161] chama a atenção para a questão da transformação do desportista em um *atleta artificial*. Escreve ele: podemos afirmar à luz do que já vimos, que o fruto do entretenimento planejado, de acordo com os pressupostos da técnica, dá lugar a um tipo de atleta que alguém qualifica, pejorativamente de *artificial*. Indicando com esta denominação a crítica que merece esta imagem nova do homem desportivo frente aos que denominam *natural* ou ainda conforme a natureza do ser humano. Na proposta de Coca percebe-se a tentativa de um trabalho cooperativo que possa agregar os requerimentos da técnica aos cuidados com o homem desportivo. Esse processo associativo não só tem lugar nos domínios da alta competição, mas também conseguiu há um certo tempo, carta de cidadania em todos os âmbitos da nossa sociedade. Evidente que o atleta sente limitações de ordem as mais diversas, sente principalmente seu corpo lesado,

160 DUMAZEDIER, J. (1979) *Lazer e cultura popular*. São Paulo, Editora Perspectiva. p. 76.

161 COCA, S. (1993). *El hombre deportivo: Uma teoría sobre el deporte*. Madrid, Alianza Editorial. p. 176.

incapaz de dominá-lo, percebe ainda que a consecução do triunfo é efêmera, e o que significa para ele a derrota.

Sobre esse assunto, Silvino Santin, preocupado com as idéias perversas, enraizadas nas ciências e na técnica, que acaba reduzindo o homem a uma mera máquina de rendimento, afirma que a dinâmica traçada no processo do desporto de rendimento e o método utilizado para configurar a imagem do atleta acabaram transformando-o em um ser superior. Ele não pertence mais ao mundo dos mortais. Ele se torna uma vestal. Ele se transforma num monge do deserto. Ele se reveste de couraça de guerreiro. Como vestal, ele se vê consagrado ao templo dos estádios e destinado a servir ao altar da divindade, o pódio. Como monge, ele se isola do mundo, precisa fugir do aconchego familiar e dos amigos, permanecer nos campos de treinamento, enclausurado nas concentrações, torna-se celibatário. Ele é um guerreiro porque precisa estar armado das couraças da resistência, fortalecido pelas habilidades dos treinamentos e inspirado pela astúcia da agressividade, condições que ele adquire nas casernas dos clubes, das academias, dos centros de treinamento.

Lipovetsky veio demonstrar que é ilusório pretender justificar o desporto moderno como uma escola da moral e das virtudes. Em apenas algumas décadas, o desporto libertou-se do lirismo e das virtudes, acertou o passo com a lógica pós-moralista, narcisíca e espetacular. O desporto virtuísta metamorfoseou-se em esfera reciclada pela lógica da comercialização, da diferenciação marginal, da renovação acelerada. A aprendizagem dos valores já não é mais o que convém, o que é dado a ver através do desporto e das manifestações é o *show* das vedetas e a rivalidade entre clubes e nações.

Concebido entretanto desse modo, o *cultural* acaba por ser assimilado à globalidade do social. Basta olhar e analisar, ainda no âmbito das *classes*, entre outras coisas, o fato de que os *interesses* e *valores morais e éticos* (capital cultural/econômico), que os desportistas das *classes populares* e *médias* trazem

---

162. SANTIN S. (1995). *Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento.* Porto Alegre; Edições EST/ESEF. p. 51.

163 LIPOVETSKY, G. (1994) *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos.* Lisboa: Publicações Dom Quixote. p.132/133.

consigo para o exercício do desporto, se coadunam com as exigências provenientes da profissionalização, tanto no que diz respeito ao treinamento em si, quanto na busca das vitórias, títulos e recordes. Provavelmente se cometeria sério erro se si tentasse estudar as práticas desportivas sem situá-las no universo das práticas, porque sua origem comum é o sistema de *gosto* e *preferências* que é um *habitus* de classe. Importa assinalar neste caso que o *habitus* de classe é que define o significado atribuído a atividade desportiva, bem como os benefícios esperados.

4.2.3. Uma leitura dos limites e possibilidades no universo desportista: o momento da imagem mítica

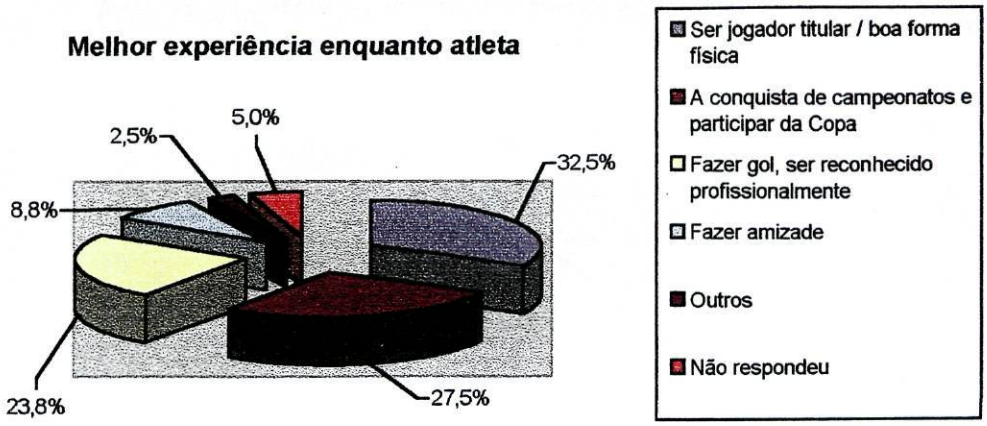
É relevante destacar, que se tornou importante conhecer os atletas nos aspectos relacionados à *melhor experiência vivida* por eles até o presente. Perguntou-se: *qual foi sua melhor experiência como atleta até hoje*?

A tabela/gráfico XXIII informa os números absolutos e relativos referentes à categorização explicitada. Das afirmações, depreende-se que *jogar como titular e apresentar boa forma física* (32,5%), ser *campeão, participar de campeonatos/copas* (27,6%), e *fazer gol* (23,7%). A influência de outros aspectos, tais como o *reconhecimento profissional* e *fazer amizade* (8,7%) foram pouco expressivos.

TABELA XXIII QUAL FOI SUA MELHOR EXPERIÊNCIA COMO ATLETA ATÉ HOJE?

Melhor experiência enquanto atleta*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Ser jogador titular/boa forma física	26	32,5
2. A conquista de campeonatos e participar da Copa	22	27,6
3. Fazer gol, ser reconhecido profissionalmente	19	23,7
4. Fazer amizade	07	8,8
5. Outros	02	2,5
6. Não respondeu	04	5,0
TOTAL	80	100,0

** Os atletas indicaram mais de uma alternativa*



Ao refletirem criticamente sobre os conteúdos das suas afirmações, sem dúvida alguma, concretizavam-se, de modo singular, as características do seu dia-a-dia. Os elementos que mais se destacaram nas falas dos atletas foram: *ser jogador titular, ter boa forma física, conquistar campeonatos, fazer gol e ser reconhecido publicamente,* analisadas estas variáveis, servem de indicações para a compreensão da função que o fator prestígio exerce na sociedade.

Simplificando a questão, observa-se que o papel fundamental da profissão - *jogador de futebol* - é marcado pela sua *utilização* como elemento principal na busca de *prestígio* perante a sociedade por um lado, e por outro pelo elevado índice salarial. Paralelamente, confronta-se a categoria a *aparência física* enquanto determinante da imagem social do indivíduo, da qual continua com bastante peso a representar um papel relevante. Assim, é interessante observar que o desporto conduz ao êxito individual dentro de determinadas normas e valores relativos.

A importância social destes aspectos merece ser reforçada com o depoimento de Tostão[164]. Aos dezoito anos, optei pelo futebol antes de entrar na faculdade, pois percebia que valia a pena. Vi na carreira de jogador não uma profissão, mas um lazer responsável, lucrativo, temporário, que eu não podia desperdiçar. (...) Com o futebol tive muitas glórias. Perdi, por outro lado, aos dezesseis anos, a juventude, ganhei o conflito do cidadão com o ídolo, além do problema da vista, que me tirou do futebol aos 26 anos. (...) O esporte é uma atividade humana altamente criativa e principalmente rica em emoções.

---

164 TOSTÃO. (1997) *Lembranças, Opiniões, Reflexões sobre o Futebol.* DBA. Dórea Books and Art. São Paulo. p. 22/24/131.

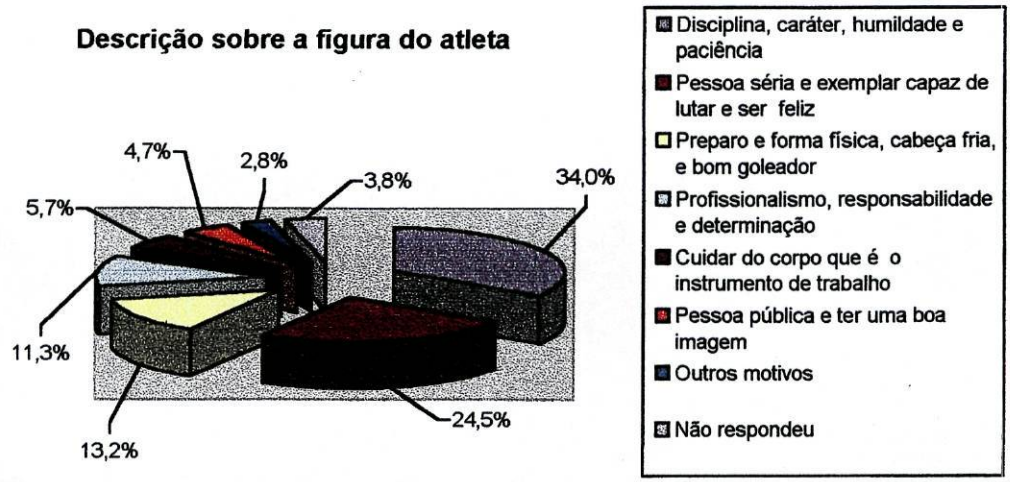
O exemplo de Tostão chama a atenção para a compreensão do estabelecimento de determinados tipos de regras que são necessárias à vida social, e conseqüentemente uma concepção distinta do que era o desporto/futebol na década de sessenta, se comparado com o atual.

Outros indicadores extremamente interessantes surgiram após a análise dos resultados objeto da seguinte questão: *como descreveria a figura de um atleta*? Os dados registrados na tabela/gráfico XXIV delimitam com clareza as categorias básicas.

TABELA XXIV COMO DESCREVERIA A FIGURA DE UM ATLETA?

Descrição sobre a figura do atleta*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Disciplina, caráter, humildade e paciência	36	34,0
2. Pessoa séria e exemplar capaz de lutar e ser feliz	26	24,5
3. Preparo e forma física, cabeça fria, e bom goleador	14	13,2
4. Profissionalismo, responsabilidade e determinação	12	11,3
5. Cuidar do corpo que é o instrumento de trabalho	06	5,7
6. Pessoa pública e ter uma boa imagem	05	4,7
7. Outros motivos	03	2,8
8. Não respondeu	04	3,8
TOTAL	**106**	**100,0**

** Os atletas indicaram mais de uma alternativa*



Uma re-leitura das entrevistas com os desportistas mostra um discurso espontâneo. Neste caso, esta abertura é, ao mesmo tempo, a força e a fraqueza do futebol profissional no que diz respeito à descrição da *figura do atleta*. Com efeito, ela é uma força, em que se vê um projeto de vida, com valores éticos, morais e costumes, ressaltados por quase todos os atletas, ao lado também de sua fragilidade, pela própria dinâmica e complexidade que o futebol apresenta, utilizando esses valores para conformar os seus interesses, ou seja, os *interesses de classes*. Partindo desta colocação, observa-se o interesse que o desportista tem em manter-se como ídolo/mito do futebol depende não somente do seu êxito atual (de suas chances de sucesso), mas também do número de vitórias alcançadas.

Uma análise mais atenta da tabela/gráfico mostra a predominância nos aspectos relativos a *disciplina, caráter, humildade e paciência* (34,0%), seguida *de pessoa séria e exemplar* (24,5%). Pouco mais de (13,2%) apresentava *preparo e forma física*, enquanto que *profissionalismo, responsabilidade e determinação* (11,3%) e, por último, *cuidar do corpo que é o instrumento de trabalho* com (5,7%).

A discussão destes parâmetros quantitativos conduzem a um entendimento a respeito das aproximações que se processam na sociedade brasileira, servindo de indicativos para analisar as possíveis influências da prática desportiva sobre o desenvolvimento *moral* e *social* dos atletas profissionais. Assim *disciplina*, *caráter, humildade, profissionalismo, determinação, saúde* e *autoimagem*, são indicadores característicos dos valores socioculturais diagnosticados pelo lado do desporto, que apontam para o aprimoramento das qualidades humanas. Entre as categorias analisadas, o desejo de ser reconhecido socialmente frente ao espírito de *humildade* constituem valores que se apresentam de forma mais acentuada pelos atletas.

Acrescente-se que a idéia principal da análise recai nos aspectos voltados a vigilância quanto ao cumprimento das *regras*, onde o não cumprimento leva à punições rigorosas. Torna-se evidente que estas observações reforçam os conceitos de valores, atitudes e estruturas do desporto/futebol profissional. Além disso, convém ainda lembrar que as tendências postas em evidência por Elias [165] comprovam com as categorias analíticas apresentadas. Sublinhou ele: sob a forma

165 ELIAS, N.; DUNNING, E. (1992) *Em busca da excitação*. DIFEL, Lisboa. p. 224/ 75.

de *desportos*, os confrontos de jogos envolvendo esforços musculares atingiram um nível de ordem e de *autodisciplina* nunca alcançados.As competições integram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável proteção contra os ferimentos físicos. (...) A aprendizagem do *autodomínio* é uma condição humana universal, uma condição comum da humanidade. Sem ela as pessoas, enquanto seres individuais, não chegariam a tornar-se humanos assim como as sociedades, que rapidamente se desintegrariam.

Isto posto, apresentam-se algumas das falas:

> *Disciplinado sabendo respeitar horários e comandos do seu treinador. Um atleta, com um bom preparo físico e uma boa forma física, cabeça fria, um bom goleador.*

> *Pessoa séria, que leva o trabalho à sério como profissional, e também uma pessoa que tem de dar bons exemplos lá fora. Deve cuidar do corpo que é o instrumento de trabalho.*

> *O atleta deveria ser uma vitrine para o mundo e ser atleta de Cristo, dando seu próprio testemunho e zelando pelo seu corpo.*

> *É uma pessoa pública; não deve abusar da sua forma física; para que não venha a prejudicá-lo. A sua imagem deve ser a melhor possível. Tenho que me cuidar, a própria consciência é quem me diz.*

Mostrou-se até agora uma unidade temática em torno dos discursos, ligada a uma percepção do mundo do atleta. Como, então, compreender quem é esse atleta? Giraudoux[166] dizia: *Em meu tempo não havia mais que atletas. Agora ocupam o terceiro lugar no desporto, depois dos dirigentes e do público.*

Dos resultados das análises dos dados desta questão pode-se tirar sete ensinamentos. Em primeiro lugar, constata-se uma elevação substancial no que concerne a *posição social* de alguns atletas profissionais na pirâmide da sociedade

166 MAGNANE, G. (19/I) *Popularidade do Desporto.* In Cultura e Desporto. N.º 9. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.

brasileira, bem como nos aspectos voltados ao trato com a *cultura do corpo* (preferido por quase todos os atletas). Em segundo lugar, não seria possível passar despercebida a questão do *prestígio* versus *status,* do ponto de vista sociológico. Assim, o prestígio que o atleta conquista no seu cotidiano constitui a base de uma hierarquia social relativamente autônoma, vinculada de modos diversos à estratificação econômica, ainda que conceitualmente distinta dessa. A distribuição do prestígio é feita em função de diversas qualidades que o jogador possui. E o reconhecimento das qualidades, pelos torcedores, que lhe confere, por um ângulo positivo, a consideração, estima e respeito social. Observando-se por outro ângulo, a ausência das qualidades apreciadas produz uma ausência de status, revolta e rejeição social. Em terceiro lugar, a partir destas colocações, vê-se que o status adquirido pelo atleta é uma parte de sua vida, de sua expansão e de sua realização, sendo determinado pela avaliação social de suas qualidades. Esta avaliação implica numa relação intersubjetiva: por uma parte, depende das qualidades da pessoa avaliada e, por outra, da subjetividade dos demais membros da coletividade e, em particular, de seus valores. Assim, a verdadeira base do status não é só o estilo de vida, como também o poder social, a capacidade para impor-se por meio de certos resultados carismáticos. Assim, Weber sinaliza que o status se *expressa* através do fato de se *esperar* um certo estilo de vida por parte da pessoa observada. Nesse sentido o prestígio e o status se baseiam nas qualidades reais do atleta, qualidades essas reconhecidas socialmente, na medida em que os torcedores os fazem reconhecer. Portanto, o *prestigio social* e o *status* é uma forma de poder incontestável. Em quarto lugar, pode-se inferir que tudo isto faz da prática desportiva um estilo de vida saudável, onde os valores e as atitudes são profissionais em todos os sentidos do termo. O que significa que a cultura da sociedade é composta de diversos sistemas de valores, todos eles igualmente significativos. Em quinto lugar, pode-se afirmar que a *formação do atleta* passa também por uma outra vertente: a do processo científico. Essa verdade é hoje indiscutível em qualquer país com um mínimo de solidez na estrutura desportiva. E que não se pense que estamos só falando do atleta de alto nível, mas também do atleta que inicia os primeiros passos no processo educativo, daqueles que, sendo hoje crianças ou jovens, constituem, não só a esperança mas, na verdade, a certeza do nosso desporto no futuro. Em

sexto lugar, define-se como *atleta profissional* um homem possuidor de valores que conduz à disciplina, ao cumprimento das normas e horários estabelecidos, a um bom preparo físico, comportamento exemplar, bom trato com público e, finalmente, que denotem garra e humildade. Por trás de tudo isso, os melhores atletas possuem qualidades admiráveis e exercem uma enorme atração na juventude que dá os primeiros passos no desporto. Sendo conhecido que os jovens tomam como exemplo os melhores desportistas, impõe-se a sua popularização não só no aspecto dos resultados obtidos nas provas, mas igualmente no das suas qualidades morais e volitivas[167]. Em sétimo lugar, é na expressão *responsável e cumpridor de suas obrigações*, que talvez se encontre a melhor referência para o entendimento das origens das posições então expostas pelos atletas. Bem examinadas as falas, nelas encontram-se elementos comuns que revelam, em todos eles, uma difusa e variável *matriz hierárquica.* As diversas características do desporto/futebol, então estudadas, refletem a posição adotada por Thomas, [168] quando valida a existência de um *princípio hierárquico* no desporto.

Destacam-se agora, dois momentos que dizem respeito aos *aspectos positivos* e *negativos* que fazem com que os jogadores sintam ou não mais orgulho de serem atletas. Daí a pergunta. De *que mais se orgulha o atleta?*

> *De ser campeão. De ser reconhecido o seu valor dentro e fora do campo e ouvir a torcida gritar o seu nome com muito carinho e entusiasmo.*
>
> *De seu desempenho em jogo e do seu preparo físico. Quando ele ajuda seus companheiros a vencer. Dos títulos conquistados.*
>
> *Ser um profissional dedicado e guerreiro no trabalho. De evoluir, jogando em várias equipes A sua máquina é o seu corpo.*
>
> *De poder dar alegria a milhares de pessoas e jogar na seleção brasileira.*

---

167 JAROV. K. P. (1982) *A vitória desportiva e a vontade da educação.* Lisboa, Livros Horizonte. p. 139.

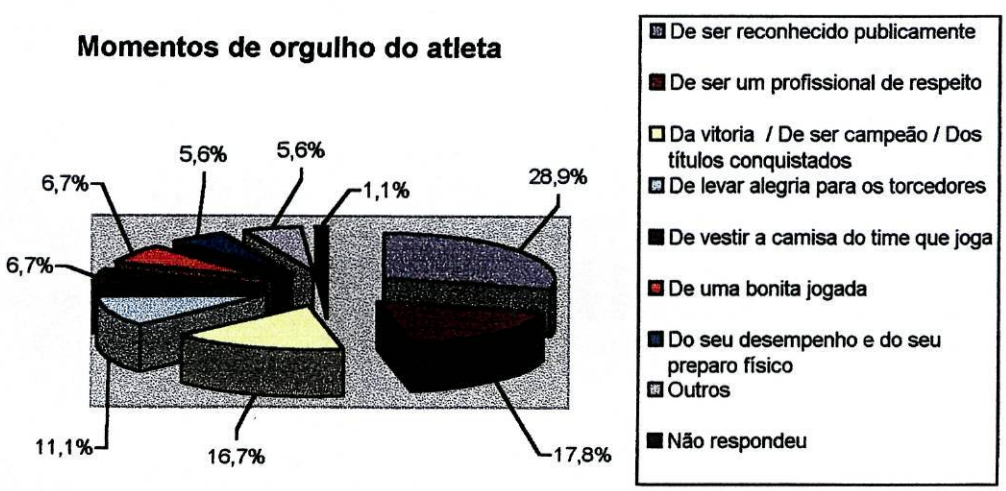
168 THOMAS; R. HAUMONT;A. LEVET, J.L. (1988). *Sociología del Deporte*. Ediciones Bellaterra, S.A Barcelona. p.208.

As respostas a esta indagação assumem um caráter preciso nos discursos. Em seguida, e como conseqüência natural do cruzamento das variáveis da tabela/gráfico XXV, depreende-se que é significativa a questão de *ser reconhecido pelo público* e de *ser um profissional de respeito* (28,9% e 17,8% respectivamente). Como ilustração, pode-se dizer da importância de *ser campeão* e *da vitória* alcançando um percentual de 16,7%. Quando se observa o conjunto das variáveis qualitativas expressas no referido gráfico, se sobressai o fato de que mais de 24,0% delas apresentam aspectos relacionados com o *desporto/excitação*.

TABELA XXV DE QUE MAIS SE ORGULHA O ATLETA?

Momentos de orgulho do atleta*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. De ser reconhecido publicamente	26	28,9
2. De ser um profissional de respeito	16	17,8
3. Da vitória/De ser campeão/Dos títulos conquistados	15	16,7
4. De levar alegria para os torcedores	10	11,1
5. De vestir a camisa do time que joga	06	6,7
6. De uma bonita jogada	06	6,7
7. Do seu desempenho e do seu preparo físico	05	5,6
8. Outros	05	5,6
9. Não respondeu	01	1,1
TOTAL	**90**	**100**

** Os atletas indicaram mais de uma alternativa*



Nessa diversidade de opiniões, existem pontos comuns como é possível verificar nessas falas dos atores sociais envolvidos.

Retome-se, no entanto, por mais um pouco, a perspectiva do *atleta enquanto campeão*. O atleta é campeão por que competiu. Isso é verdadeiro. Competir, então, é contrastar diferenças. Competir é opor as discrepâncias com que cada um soluciona regularmente as incógnitas das lutas desportivas. Competir é o confronto entre homens e mulheres que, de modo pacífico, averiguam quem está com a razão desportiva. Competir é permitir que os gestos corporais, técnicos e pessoais, coletivos demonstrem suas divergências criativas. Em resumo, que, sem contraste, se racha todo o edifício da competição.[169]

Como foi visto anteriormente, nas devidas dimensões, o jogador de futebol ganha popularidade perante a assistência que o acarinha nos seus êxitos e o detesta nos seus fracassos, sem generosidade nem complacência, mudando o seu julgamento à primeira oportunidade que apareça. Esse reconhecimento da importância dos atletas de alta competição, enquanto protagonistas do espetáculo desportivo, requerem a participação da sociedade, envolvendo, além das instituições diretamente vinculadas ao mundo do desporto, outras instituições ligadas à ciência/tecnologia/educação. Vale ressaltar que, para um desempenho eficiente desse complexo institucional, torna-se prioritária uma revisão profunda de alguns postulados componentes do desporto moderno.

É certamente, por tudo isso, que o futebol tem servido como um instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira. Primeiro, porque ele é um formidável *código de integração social*. De fato, o futebol ajuda uma coletividade altamente dividida internamente a afirmar-se como uma coletividade, capaz de atuar de modo coordenado, corporalmente, e de eventualmente vencer. Uma segunda dimensão do futebol como *força integrativa* é a sua capacidade de proporcionar ao povo, sobretudo ao povo mais carente, a *experiência da vitória e do êxito*.[170]

Falta examinar o aspecto relativo ao segundo momento. De *que menos se*

---

169 COCA, S. (1993). *El hombre deportivo: Uma teoría sobre el deporte*. Madrid, Alianza Editorial. p. 124.

170 DAMATTA, R. (1994). *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro*. Revista USP. Dossiê do futebol. São Paulo, n.º 22.

orgulha o atleta? As respostas variaram de acordo com a visão de mundo dos desportistas.

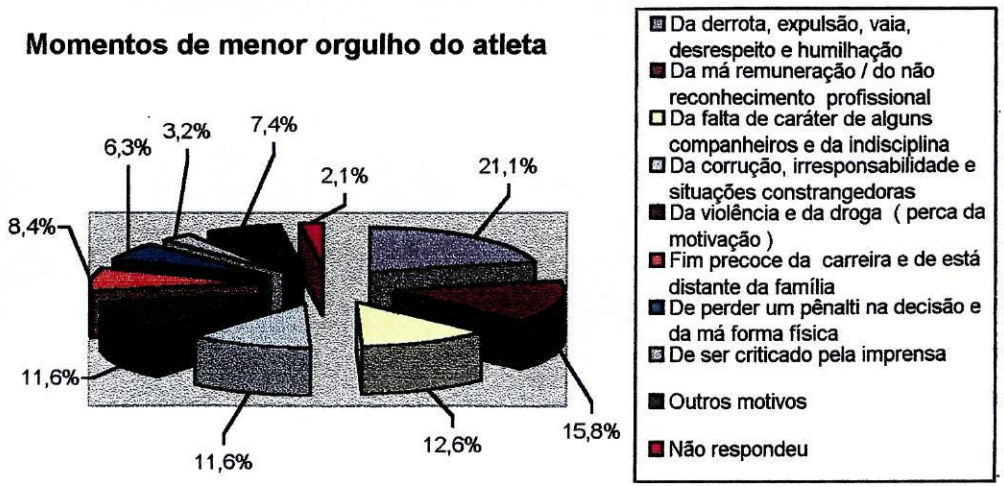
> *Quando não tem o autocontrole e não tem um bom desempenho em uma partida. Quando sabe que sua carreira profissional acaba cedo.*
>
> *Das podridões e corrupções que rodeiam o futebol. Quando se ganha, é tratado de uma maneira e, quando se perde, é de outra bem diferente. Dos falsos amigos e dirigentes. Da imprensa maldosa. E daqueles que não vão a campo para torcer.*
>
> *Não ser reconhecido profissionalmente. Má forma física, com poucas participações em ajudar a equipe. Quando eu vejo, lá fora na arquibancada, a violência, eu perco a motivação.*
>
> *Da derrota. Quando passa uma fase difícil e a torcida pega no pé. Ser criticado pela imprensa. Da corrupção. Da droga: ela envergonha.*

Transita-se, neste momento, pelo caminho onde foi possível se perceber que a falta dos valores morais foi ressaltada por todos os atletas, conforme tabela/gráfico XXVI.

TABELA XXVI DE QUE MENOS SE ORGULHA O ATLETA?

Momentos de menor orgulho do atleta*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Da derrota, expulsão, vaia, desrespeito e humilhação	20	21,1
2. Da má remuneração/do não reconhecimento profissional	15	15,8
3. Da falta de caráter de alguns companheiros e da indisciplina	12	12,6
4. Da corrução, irresponsabilidade e situações constrangedoras	11	11,6
5. Da violência e da droga (perca da motivação)	11	11,6
6. Fim precoce da carreira e de está distante da família	08	8,4
7. De perder um pênalti na decisão e da má forma física	06	6,3
8. De ser criticado pela imprensa	03	3,2
9. Outros motivos	07	7,4
10. Não respondeu	02	2,1
TOTAL	**95**	**100,0**

** Os atletas indicaram mais de uma alternativa*



Elementos tais como *corrupção, derrota, má remuneração, violência, droga, fim precoce da carreira,* apareceram com mais freqüência. Constrói-se então, o quadro hierarquizando dos indicadores. Assim, foi possível a seguinte visualização: *da derrota, expulsão, vaia, desrespeito e humilhação* (21,0%);*da má remuneração/do não reconhecimento profissional* (15,8%); *da falta de caráter de alguns companheiros e da indisciplina* (12,7%); *da corrução, irresponsabilidade e situações constrangedoras* (11,6%); *da violência e da droga (perca da motivação)* (11,6%); *fim precoce da carreira e de está distante da família* (8,4%); *de perder um pênalti na decisão e da má forma física* (6,4%); *e de ser criticado pela imprensa* (3,2%). A idéia essencial que se coloca como plausível neste momento, pode ser resumida na análise de algumas categorias, uma vez que foram teoricamente trabalhadas em outro momento.

É importante por em evidência agora os aspectos relativos aos *recursos financeiros* dos clubes pernambucanos, uma vez que as categorias de análises eleitas pelos atletas que carecem de maior atenção, remetem na sua essência para esta área. Embora o futebol seja um desporto popular, no nível profissional envolve grandes somas de recursos financeiros para o pagamento de jogadores, técnicos e auxiliares, construção e reformas de estádios, compra de novos jogadores etc. Esta mobilização de recursos implica já em algumas reservas. Neste sentido, lembra-se os inúmeros escândalos no que diz respeito às fraudes, extorsões, má utilização dos recursos dentro do sistema desportivo. Esta imagem amplamente difundida é percebida pela coletividade com um profundo descontentamento. Não é pois de

surpreender que a crise gere inevitavelmente lutas de *interesse de classes* entre atletas profissionais e espectadores.

Uma das tarefas proposta aqui é explicar melhor o sentido do tema *derrota* (21,1%) ligado aos aspectos psicossociais que envolvem o atleta, uma vez que foi citado várias vezes e em várias situações pelos entrevistados. Recorremos a José Maria Cagigal[171] que diz: por trás da frase *saber perder* se esconde algo muito mais profundo que uma simples atitude de elegância. Saber perder é, em definitivo, poder suportar qualquer situação adversa. A derrota é a síntese frente à tese de obter a vitória. Para alguns estudiosos, nessa antítese se desencadeiam novas energias, descobrem-se habilidades, abrem-se horizontes, enriquecem-se as diferenças, em suma, robustecem-se enquanto pessoa. Daí a produção da fecunda síntese. A questão que aí se coloca é sobretudo no que tange ao elemento *participação*, onde os *resultados* obtidos na partida afetam diretamente o atleta, uma vez que ele é o executor da obra, nasce de seus pés, de suas mãos, de sua criatividade o que significa que esse atleta está comprometido totalmente em cada um dos resultados obtidos, sejam favoráveis ou desfavoráveis. Então a sua inquietação.

A essa altura da análise, merece ser comentada a colocação dos atletas no tocante à *imprensa*. Concede-se destaque ao trato que Costa[172] dá à linguagem desportiva na grande festa dos tempos modernos. Diz ele: *é uma linguagem iniciática, de natureza poética, que permite sonhar e aliviar, assim, o peso da vida ordinária.* Neste sentido, os jornalistas não exageram. Eles acompanham um sentimento que já existe, por vezes de forma inconsciente, no imaginário das massas populares e dão a este sentimento uma expressão mais objetiva, ajudando-o a exprimir-se concretamente. A imprensa desportiva parte do ritual festivo do futebol para permitir ao leitor sair dele próprio e viver esse jogo como uma celebração da vida e, mesmo, como uma participação autêntica no jogo cósmico, através dessa liturgia do mundo, que é o futebol.

Por fim, pode-se relembrar a linguagem jornalística dos comentaristas desportivos. As grandes sensações dos triunfos ou fracassos desportivos aparecem envoltos nos véus misteriosos da magia. O vencedor é um protegido das forças

171 CAGIGAL, J. M. (1996) Obras Selectas. *Desporte, pulso de nuestro tiempo .Volume II* Comité Olímpico Español.

172. COSTA, A. S. (1990). *Futebol. A Grande Festa dos Tempos Modernos*. Portugal. Câmara Municipal de Oeiras

divinas, o perdedor está na mira das forças ocultas e malfazejas de duendes perversos. Basta abrir as folhas dos jornais, no caderno desportivo, para encontrar sem dúvida alguma confirmação desse vínculo do desporto à magia.

Por outro lado, convém realçar que na linguagem desportiva, sublinha-se com insistência à sua fidelidade à tradição *guerreira* no trato com o desporto/futebol. Futebol é sinônimo de guerra. Parece que a *guerra* e o *futebol* (festa) estão intimamente ligados. Diante da impossibilidade de se fazer respeitar todas as regras do jogo, a guerra é permanente e a concorrência selvagem. A disputa entre os times fortes e fracos, entre vencedores e vencidos conduz a uma aglutinação progressiva. O desporto é uma luta controlada embora apresente sinais profundos de *agressividade* e *violência.*

Note-se de passagem, o vocabulário que a mídia fomenta é do gênero ensaísta, e de um modo geral, as suas produções apresentam-se com um propósito mais estético do que cognitivo. Esta discussão permite assinalar a forma apresentada da linguagem desportiva, dado este que se torna importante, para entender o significado da violência no desporto pela via da contradição. Ela é condenada pelos atletas, mas também é praticada dentro do campo. A violência é uma categoria *contagiante, excitante* por um lado, e pode ser interpretada como um mecanismo de *descontentamento* por outro. A partir das falas dos atletas, pode-se perfeitamente inferir, que o espetáculo desportivo notadamente o futebol, regula e socializa a agressão bem como conforma tipos de violência tolerada.

Foi esse caminhar que possibilitou a indicação e o entendimento sobre o *significado do desporto/futebol*, com a formulação da seguinte questão: q*ue significa para você o desporto competitivo, e mais concretamente o futebol?* As respostas variaram tendo em vista a complexidade e dimensão do termo. Assim apontam-se os resultados segundo a prioridade nas citações.

Um meio para obter um melhor lugar na vida.

Um meio para adquirir uma educação disciplinada para a vida.

Um desejo de melhorar, um desafio pessoal.

Um meio de sair do anonimato e adquirir reconhecimento social.

Estímulo físico e psíquico. Um estilo de vida diferente.

Um meio para viajar e ter oportunidade de conhecer gente nova.

Um trabalho como outro qualquer.

Uma forma divertida de passar o tempo.

Daí as dimensões criadoras destas falas, que merecem algumas considerações. A ênfase foi dada em *um meio para vencer na vida* (20,8%); seguido de *um desejo de melhorar, um desafio pessoal* (16,3%); *um meio para adquirir uma educação disciplinada (14,7%)*; *um meio de alcançar auto–realização* (14,5%); e por fim *um meio de sair do anonimato e adquirir status social* (9,0%). Isto demonstra que o desporto é percebido pelos atletas do futebol como um meio de vida, um desafio pessoal, auto-realização e adquirir status. No entanto, foram menos citados os que dizem respeito aos aspectos relacionados com *um meio para viajar e conhecer gente nova* (6,4%); *estímulo físico e psíquico* (5,8%); *uma profissão compensatória estilo de vida diferente* com (5,1%) cada.

Com base nestas considerações, foi possível elaborar uma análise mais apurada sobre o significado do futebol competitivo, reproduzido nos índices apresentados na tabela/gráfico XXVII. De sua leitura depreende-se claramente o caráter de distribuição normal que apresenta o indicador no contexto de *vencer na vida*, um *desafio* pessoal, ressaltando o contraste com relação a uma *forma divertida de passar o tempo*, que aparece de forma pouco compensatória.

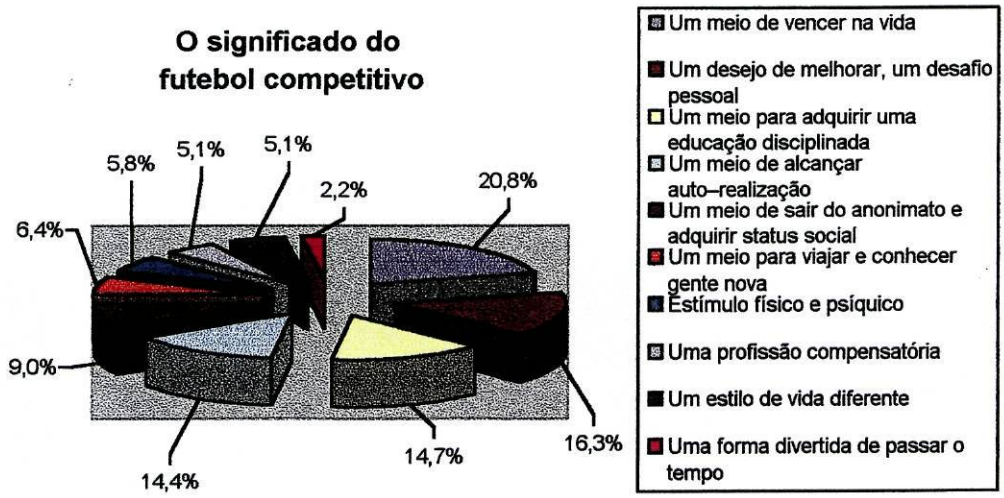
Sem sombra de dúvida, o desporto de massa constitui um grande negócio na indústria do espetáculo, desde a implantação das indústrias de bens, serviços e produtos desportivos, passando pela indústria da publicidade, pelos negócios de clubes com empresas no que concerne aos contratos de patrocínio, de co-gestão e de participação acionária, pela venda das entradas na bilheteria dos clubes, e por último no mercado de bolsas de ações de clubes-empresa. Assim, cada vez mais o capital impõe aos desportos suas normas e suas regras rígidas. De certa maneira, o *significado do desporto competitivo* é entendido como um mecanismo de emprego, de renda, e de uma educação disciplinada, prioritariamente voltada para a afirmação

das virtudes viris. Referidas ênfases demonstram a visão *utilitarista* do desporto, onde os elementos substantivos passam pela questão do *profissionalismo* e da *disciplina*.

TABELA XXVII QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ O DESPORTO COMPETITIVO, E MAIS CONCRETAMENTE O FUTEBOL?

O significado do futebol competitivo*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Um meio de vencer na vida	65	20,8
2. Um desejo de melhorar, um desafio pessoal	51	16,3
3. Um meio para adquirir uma educação disciplinada	46	14,7
4. Um meio de alcançar auto–realização	45	14,5
5. Um meio de sair do anonimato e adquirir status social	28	9,0
6. Um meio para viajar e conhecer gente nova	20	6,4
7. Estímulo físico e psíquico	18	5,8
8. Uma profissão compensatória	16	5,1
9. Um estilo de vida diferente	16	5,1
10 Uma forma divertida de passar o tempo	07	2,2
TOTAL	**312**	**100,0**

** Os atletas indicaram mais de uma alternativa*



Há que reconhecer, que tais entendimentos refletem com bastante propriedade o estado atual do futebol pernambucano, enquanto um fenômeno de

massa que, cada vez mais, está a exigir a domesticação das ações, para atender as exigências do mercado de trabalho e de capital. Em termos conceituais esse processo de adaptação do desporto competitivo na realidade pernambucana se expressou nas definições dadas por diversos estudiosos.

Não é fácil encontrar uma definição apropriada para o que seja desporto. Entretanto, menciona-se apenas aquelas que são mais significativas e pertinentes ao tema tratado.

A primeira definição foi retirada do dicionário enciclopédico de Santillana: [173]

> *Prática metodológica de exercícios físicos, que consistem geralmente em jogos competitivos entre pessoas, ou grupos de pessoas, organizados em partidos.*

Esta definição do desporto é ampla, dando a idéia do quanto é difícil defini-lo, pela enorme variedade de elementos que o cerca.

Em um nível mais apurado, a Enciclopédia Mirador Internacional[174] apresenta a definição da seguinte maneira:

> *A toda prática sistemática de exercício físico, de caráter competitivo ou simplesmente recreativo, que implique no emprego de força muscular, resistência, agilidade, destreza e coragem, dá-se o nome de esporte, desporte ou, ainda desporto.*

Não se pode passar sem a definição em que o Barón de Coubertin, [175] pai das modernas olimpíadas, que oferece um conceito claramente individualista do termo:

> *O desporto é um culto voluntário e habitual do exercício muscular intensivo, apoiado no desejo de progresso, e que pode chegar ao perigo.*

---

173 FAJARDO, P.C. et al. (1994) *Deporte y Literatura*. Ediciones del Cabildo Insular de Gran Canaria. Las Palmas de Gran Canaria. P. 9.

174. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. (1979). São Paulo, Companhia Melhoramento de São Paulo, Volume 8, p. 4179.

175. FAJARDO, P.C. Ibidem p. 10.

Johan Huizinga, [176] entretanto, identifica o desporto como uma forma de jogos organizados,

> *onde as regras se tornam cada vez mais complexas e rigorosas, são estabelecidos os recordes de altura, velocidade ou de resistência superiores. Há outras formas de competição que se tornaram desporto, sujeita a um sistema de regras, como é o caso dos jogos de bola.*

Para Jeu, [177] a definição do desporto passa pela categoria da estética, e ele é belo em si e por si.

> *Desporto é um espetáculo, à comunicação de um indivíduo que se põe à prova com outro que faz o mesmo. Iniciando pelos níveis estéticos mais evidentes, ainda que não provavelmente não essenciais, descobrimos: um aspecto plástico e coreográfico; um aspecto ético e moral; e um aspecto racional.*

Elias, [178] por sua vez, define o desporto com fundamentos da teoria sociológica das emoções.

> *Para o sociólogo, o desporto pode traduzir-se num combate entre seres que lutam individualmente ou em equipes. (...) O desporto é sempre, em todas as variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou os seres humanos.*

A definição proposta por Costa[179] assume um caráter geral, pois trabalha o desporto enquanto fenômeno social total que se torna real quando integrado em um sistema mais amplo.

> *Como fenômeno social total, de natureza e funcionamento simbólicos, e perfeitamente integrado na realidade social concreta, o desporto é capaz de todos os investimentos sociais e de representar simbolicamente a sociedade, tanto no seu funcionamento global, como nas suas vertentes mais diversas.*

---

176 HUIZINGA, J. (1979). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo, Perspectiva, p. 218.

177 JEU, B. (1988). Ibidem, p. 56

178 ELIAS, N. (1992) *Em busca da excitação*. DIFEL, Lisboa, 1992 p.83/84.

179 COSTA, A.S. (1997) *À volta do Estádio*. Companhia das Letras Editores S. A., Porto. p. 13.

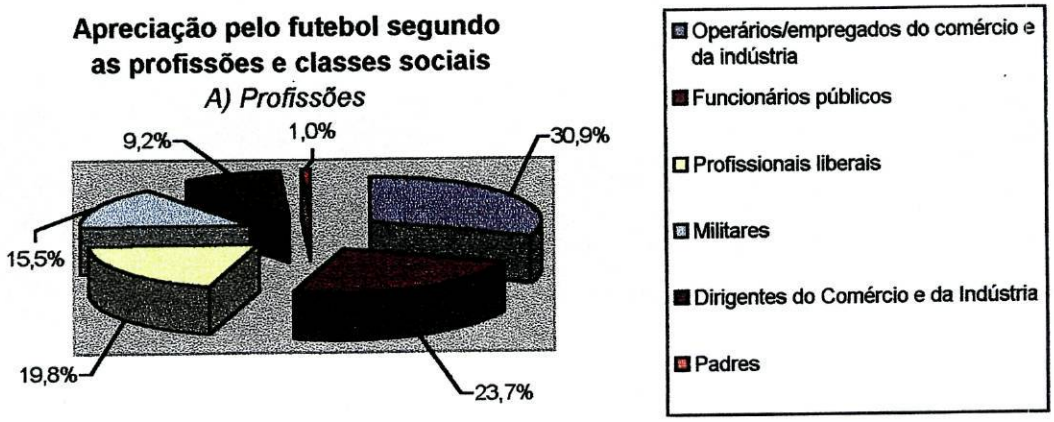
Estas definições, pelo próprio conteúdo explícito, permitem compreender os diversos significados do desporto nas mais distintas épocas e pensamentos ideológicos. Apresentam-se como uma síntese dos princípios da transformação por onde passa o desporto moderno no campo de práticas específicas, dotado de suas lutas, suas próprias regras, e suas contradições. Pelo apresentado, referidos conceitos estão colocando a nu, não apenas no que diz respeito à qualidade de exaltação do desporto e, em particular, dos desportos viris, mas também como uma escola de caráter moral.

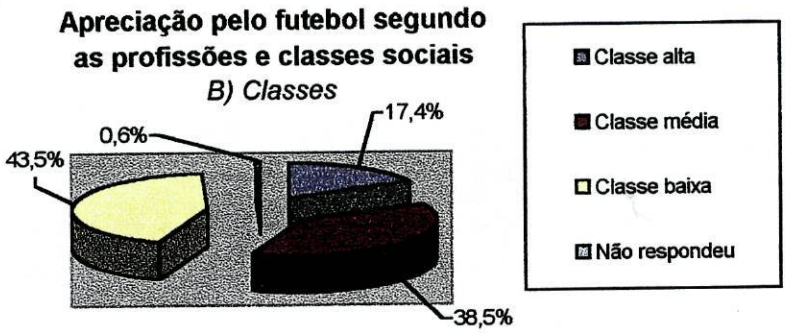
O percurso seguido agora o leva pois, à análise do *desporto* e as *classes sociais.*

TABELA XXVIII NA SUA CIDADE, A ESCOLHA PELO FUTEBOL DAVA-SE PREDOMINANTEMENTE ENTRE QUAIS CATEGORIAS SOCIAIS?

Apreciação pelo futebol segundo as profissões e classes sociais *	FREQUÊNCIA	
	Nº Abs.	%
A) Profissões		
1. Operários/empregados do comércio e da indústria	64	30,9
2. Funcionários públicos	49	23,7
3. Profissionais liberais	41	19,8
4. Militares	35	15,5
5. Dirigentes do Comércio e da Indústria	19	9,2
6. Padres	02	1,0
TOTAL	**210**	**100,0**
B) Classes		
1. Classe alta	28	17,4
2. Classe média	62	38,5
3. Classe baixa	70	43,5
4. Não respondeu	01	0,6
TOTAL	**161**	**100,0**

** Os atletas indicaram até 6 (seis) profissões /classe, por ordem de prioridade*





A abordagem a essa temática foi estimulada pelo seguinte questionamento: *na sua cidade, a escolha pelo futebol dava-se predominantemente entre quais categorias sociais?* De fato, por detrás desta questão aparentemente singela foi necessário proceder-se a uma análise do *interesse da população* pelo futebol, à luz das *classes sociais* segundo as *categorias profissionais,* na visão dos atletas, conforme aponta a tabela/gráfico XXVIII.

Para o presente estudo, elaborou-se um quadro hierárquico a partir do agrupamento das grandes categorias profissionais e os resultados foram apresentados segundo o número de prioridade das citações. Assim, as mais mencionadas foram os *operários e empregados do comércio* e da *indústria* (30,9%), seguidos dos *funcionários públicos* (23,7%), dos *profissionais liberais* (19,8%), e dos *militares* (15,5%) e, por último, os *dirigentes do comércio* e da *indústria* (9,2%) e os *padres* (1,0%).

Tomou-se para este estudo, as categorias socioprofissionais e as classes sociais. A escolha recaiu nos grupos de profissões uma vez que são consideradas pelos estudiosos da estratificação como o melhor índice de diferenciação. São, portanto, categorias cujo papel reveste-se de importância nas sociedades modernas.

Para tanto, primeiro observou-se que a estrutura da distribuição das classes ou frações de classe (empregados e operários do comércio e da indústria) assinala uma posição de classe inferior dos que demonstram muito *interesse* pelo futebol. A eles se seguem os funcionários públicos, os profissionais liberais e os militares que, se concentram na posição média. E, para concluir, os dirigentes do comércio e da indústria, bem como algumas categorias ligadas às profissões liberais estão na posição alta e apresentam *interesse* pelo futebol. Vê-se claramente a estrutura de distribuição das classes ou frações de classe, segundo o *capital econômico, cultural* e, conseqüentemente, do poder, mostrando uma conformação hierárquica inversa.

Face esse quadro geral, afirmamos ser o futebol um elemento que faz a sociedade brasileira experimentar a *quase igualdade social*, pois, produzindo um espetáculo complexo, governado por regras simples, o futebol reafirma simbolicamente que é a modalidade que pode reunir forças com mais propriedade, no seu objetivo de apresentar uma *face mais humana*.

O terceiro e último momento deste capítulo consiste em mostrar o desporto/futebol sob o *olhar dos torcedores*. A análise das relações sobre o significado do desporto e as classes sociais, é sem dúvida alguma um dos domínios que convocou a atenção de alguns sociólogos. Continuando o exame deste tema que permeia todo o capítulo, trabalha-se as *classes sociais* enquanto *habitus de classe* (práticas inconscientes e corporais, e categorias impensadas), ou seja, práticas básicas, que são atividades de rotina (estilo/formas de vida). Por outro lado, os objetos de luta são as categorias do *gosto* e os *hábitos*. No pensamento de Bourdieu quem está lutando é a classe como *habitus* coletivo, como um conjunto de atividades de rotina, como uma *forma de vida*. Este conceito de classe foi empregado anteriormente durante as análises dos grupos dos dirigentes/membros da comissão e dos atletas. Portanto, este tipo de reflexão tem como matérias-primas à *estética* (imagem/som), e o *gosto* (hábitos /práticas).

4.3. O olhar dos Torcedores

4.3.1. Um discurso do universo dos torcedores à luz do gosto pelo futebol na sociedade do espetáculo

Chega-se ao fim dessa etapa do estudo, cuja intenção foi de fornecer uma visão global, panorâmica, do desporto/futebol no espectro dos dirigentes e dos atletas; capaz de abrir possibilidades de prosseguir a interrogação numa outra instância, ou seja, no universo dos torcedores, dos espectadores.

Para a análise dos discursos, reuniram-se todas as categorias encontradas nos estratos inferiores, médios e superiores, formando uma totalidade. Isso quer dizer que, em lugar de se estudar questão por questão segundo as classes, trabalharam-se os conteúdos de uma forma relacional nos três segmentos sociais. Assim, esta análise pretende completar o caminho percorrido até agora e mostrar o significado social do fenômeno desporto nas classes.

Diante disto, uma pergunta óbvia então aparece: *você gosta do futebol? Por que*? Explicitam-se alguns depoimentos:

> *Tenho uma verdadeira paixão, é lindo, me causa uma emoção tão grande, é incontrolável dentro de mim, tanto assistir, jogar, estudar e viver o futebol.*

> *Futebol tem um significado de alegria, de festa, de confraternização entre todos aqueles que participam e fazem o futebol. Também é uma forma de induzir os jovens a fugir do fantasma chamado "drogas", a partir do momento que a criança, o jovem adulto tomam consciência da importância da saúde, como assunto fundamental e vital para o exercício da vida, esquecem da existência do vício, e são levados à prática esportiva.*

> *Significa paixão, alegria, força, garra e principalmente amor ao que se faz. Significado cultural que influencia até na formação social.*

> *Desporto conhecido mundialmente de grande relevância histórica e cultural para o nosso povo, como para o mundo.*

Como um meio pelo qual o torcedor pode extravasar as suas emoções (amor/alegria/tristeza/ódio) É um mecanismo de identificação e afirmação.

A análise que aqui se ensaia, trata, pois, de compreender as funções sociais do futebol sobre o imaginário do torcedor. O que se observa de um modo geral é que o futebol se faz presente em todas as partes do planeta Terra. Não há nenhum país em que não seja uma das distrações preferidas, ao mesmo tempo em que se apresenta como o espetáculo favorito das massas.

Enquanto espetáculo de *massas* versus *elite*, convém recordar que no processo de industrialização, no século XIX, a atividade desportiva, de um modo geral, era absorvida pela classe economicamente mais poderosa e com maior quantidade de tempo livre. As diferentes modalidades que têm surgido hoje, dentro do desporto moderno, não foram introduzidas pelos estratos sócio-econômicos mais baixos da população, uma vez que para a sua prática precisava de tempo disponível e recursos financeiros, variáveis essas que se tornam cada vez mais indispensáveis para o exercício da atividade desportiva. Nesta perspectiva, seria difícil não reconhecer os méritos de Bourdieu[180] quando aprecia a *teoria do amadorismo* na dimensão da filosofia aristocrática. Abordando o estudo do desporto como uma prática tão desinteressada quanto à prática artística, ele acredita que a atividade desportiva apresenta mais *utilidade* do que a arte, uma vez que favorece a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes, bem como inculca nos participantes à vontade de vencer e triunfar dentro das regras de um verdadeiro *fair play*. Assim jogar limpo era uma disposição que fazia parte da aristocracia totalmente oposta ao conceito de vitória dos plebeus onde a conquista tinha de ser obtida a todo custo. Vê-se, pois claramente que as classes sociais constituíram entre si uma *hierarquia* tanto ao nível da participação nas atividades sociais, quanto ao nível de necessidade característica de cada classe. Configura-se, pois, a indicação de um quadro analítico do sistema social das classes no desporto.

Pode-se extrair algumas indicações importantes das leituras feitas nos autores que tratam sobre o desporto, com vista ao objetivo deste trabalho. Fatos

---

180 BROHM, J. M. BOURDIEU, P. DUNNING, E. (1993). *Deporte y Clase Social*. In: Materiales de Sociologia del Deporte. Madrid. p.63.

apontam que o desporto, de um modo geral, apresenta-se como um mecanismo de distanciamento entre as classes mais elevadas e as mais baixas. Entretanto é comprovado a cada momento que o futebol não obedece a esse jogo de interesses de classes. Ao longo do estudo, vêem-se comprovações sobre esta afirmação.

Evidentemente que a opção por uma prática desportiva está estritamente vinculadas à situação econômica das diferentes classes. Os materiais utilizados e as atividades da vida quotidiana constituem símbolos de status. É neste sentido, que o estilo de vestir, os lugares que freqüentam e a modalidade desportiva que praticam reflete com muita clareza este aspecto. Dentro deste contexto, recorre-se ao estudo de Manoel Garcia Ferrando, [181] onde os resultados apresentados por ele apontaram similaridade no tocante a uma maior dimensão dada ao significado do desporto/futebol, conforme relatos dos agentes sociais envolvidos no estudo. Para o autor, o conceito implica na evolução do sistema social, que adapta as instituições envolvidas às características do desporto/futebol. Três aspectos inter-relacionados da moderna configuração social emergente contribuíram para o aumento do significado do desporto/futebol. São eles: 1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de criação de *excitação agradável*; 2) a transformação do desporto em termos de função, num dos principais meios de *identificação coletiva*; e, 3) a emergência do desporto como uma fonte decisiva de *sentido na vida* de muitas pessoas. Assim, fica bastante claro que à luz dos aspectos mencionados tenta-se explorar, agora, um pouco mais, os elementos centrais das falas dos torcedores, nucleando as palavras-chave sobre o *gosto* pelo futebol. No entendimento dos torcedores significa *excitação, encontro entre raças, lazer e sentido de vida.* Identificam-no também como uma forma de *induzir os jovens a fugir do fantasma chamado drogas*, bem como colabora para *tirar as crianças da marginalidade.*

A tabela/gráfico XXIX ajuda a ilustrar melhor essa constatação, na medida em que apresenta o elenco das categorias segundo os torcedores. Conforme se observa, o futebol exerce *atração/excitação/envolvimento/criação* (30,7%), tanto no torcedor quanto no desportista; por ser um *jogo popular/massa, dinâmico, participativo*, e *ousado*, provoca fascínio nas pessoas (18,8%); é um *encontro* e mais

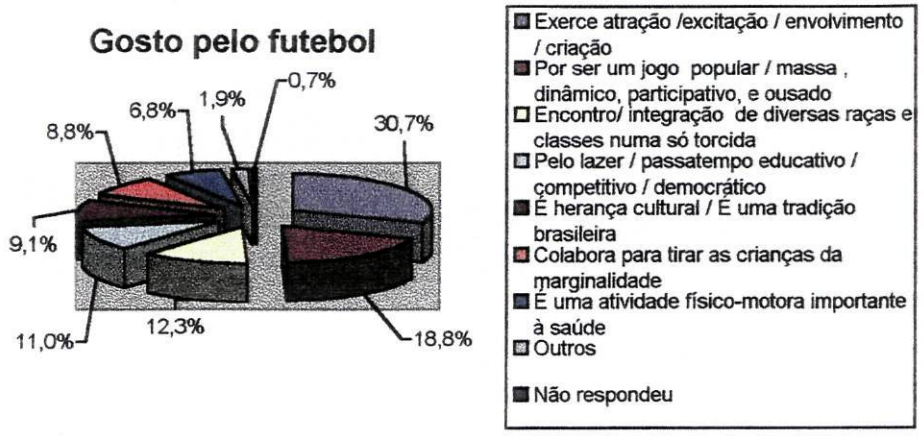
181 FERRANDO, M. G. (1987) *Interpretações sociológicas da Violência no desporto.* Desporto e Sociedade Antologia de Textos. Lisboa: Ministério de Educação e Cultura.

ainda, integração de diversas raças e classes numa só torcida (12,3%); *é lazer/passatempo educativo/competitivo/democrático* (11,0%); *é herança cultural/é uma tradição brasileira* (9,1%). É interessante ressaltar, além destes aspectos, que o futebol *contribui para tirar as crianças da marginalidade* (8,8%), como também é considerado como uma *atividade físico-motora importante à saúde* (6,8%).

TABELA XXIX VOCÊ GOSTA DO FUTEBOL? POR QUE?

Gosto pelo futebol*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Exerce atração/excitação envolvimento/criação	182	30,7
2. Por ser um jogo popular/massa, dinâmico, participativo, e ousado	111	18,8
3. Encontro/integração de diversas raças e classes numa só torcida	73	12,3
4. Pelo lazer/passatempo educativo/competitivo/democrático	65	11,0
É herança cultural/É uma tradição brasileira	54	9,1
6. Colabora para tirar as crianças da marginalidade	52	8,8
7. É uma atividade físico-motora importante à saúde	40	6,8
8. Outros	11	1,9
9. Não respondeu	04	0,7
TOTAL	**592**	**100,0**

** Os torcedores indicaram mais de uma alternativa*



Como se pode perceber, o povo pernambucano só sabe viver dividindo o tempo disponível ao trabalho produtivo com outros tempos, divididos, por sua vez, entre o rito e o jogo. A todo o momento e por toda a parte mistura-se uma coisa com

a outra, como ficou evidenciado nos depoimentos. Em seus melhores momentos, o futebol pernambucano apresenta-se como *a festa das torcidas*, independente da classe social onde reúne arte, técnica, solidariedade, paixão, complexidade e multidão. Como ficou demonstrado, de um modo geral, o nosso povo sente-se diante dos contrastes que parecem confundir tudo ou quase todo, para poder explicar pelo menos alguma coisa. Se a euforia das torcidas parece ser uma explosão desordenada, por um aspecto, ela é também o resultado coletivo do trabalho sistemático do torcedor/sócio pernambucano, onde o desejo de viver, como um rito, o puro prazer da disputa, obriga a *massa* a transformar-se pouco a pouco na *torcida organizada*; por outro aspecto, convém acrescentar que existe uma *quase-necessidade* demonstrada na fala da maior parte dos entrevistados, de dedicar-se às suas ocupações e de preocupar-se com os problemas do quotidiano, reservando, entretanto, períodos de tempo e espaços onde o profano dá lugar ao sagrado, devolvendo-lhe o sentido de vida. Neste caso, vê-se que o religioso satisfaz igualmente as *necessidades sociais*.

Pode-se mesmo afirmar à luz dos estudos eliasianos, que em todos os discursos dor torcedores, o futebol apresenta-se como um fenômeno que provoca o *mimetismo*, enquanto atividade de lazer, no qual produz uma excitação agradável e exerce uma função de acabar com a *rotina* o que, na perspectiva social, se constitui num dado universal. Contudo, este processo de destruição da rotina, este despertar socialmente consentido de emoções em público, está sujeito a formas de controle de civilização. Este controle assume um caráter distinto nas classes sociais. Assim, pode-se perceber nos discursos ao longo do estudo que sair da rotina assume características e formas diferenciadas conforme a classe. Uma análise mais atenta da tabela/gráfico revela que para os estratos superiores o futebol é lazer, é divertimento, é *sair das coisas sérias da vida*, é sair da rotina. Entretanto, para estratos inferiores, é mais do que isto *é razão de viver, é tudo que tenho.* É verdade que estas premissas mostram que o futebol desperta emoção, tensão e excitação agradável, e de forma singular para todas as classes, entretanto a maneira de expressar o prazer enquanto *sentido de vida* assume características distintas nos estratos sociais; entrando aí o aspecto da sensibilidade, do gesto, da idade, e do gosto que é o que faz a diferença, é o que marca a distinção. Com base nesta

discussão, pode-se assegurar que o futebol é um *locus* social quer para os espectadores quer para os atletas, em que a excitação agradável pode ser produzida sob uma forma que é socialmente limitada e controlada.

Trazendo para reflexão as concepções dos torcedores sobre o *significado do futebol*, tornou-se possível sua visualização.

> *É um jogo coletivo que visa a integração dos indivíduos. Dá chance aos garotos pobres de transformarem sua vida e terem êxito.*
>
> *Dar um condicionamento físico, mental e em muitos casos traçar um perfil de conduta evitando ou reintegrando crianças e adolescentes a sociedade, dando ainda uma alternativa de ascensão profissional etc.*
>
> *Porque é um desporto coletivo, onde o indivíduo pode desenvolver suas potencialidades de domínio e criação. Além de unir um grande grupo com suas diferenças individuais com um mesmo objetivo.*
>
> *Desporto onde pode haver uma maior integração entre as massas, que contagia jovens e velhos, homens e mulheres.*
>
> *Hoje, divertir e manter viva a "paixão" do pernambucano pelo desporto, ocorrem que tem servido como modificador social, sem modificar o caráter–quase. Todos os beneficiados pelos deuses da fortuna através do futebol, não esquecem as famílias.*
>
> *Porque é um desporto excitante de massa, não precisa de muito material, é um jogo que pode ser jogado por todos, com bola de meia, de papel, de plástico, é diversão o tempo todo.*

No quadro apresentado, a idéia que permeia é a de que os torcedores do futebol são realmente criaturas apaixonadas sem limites pelo jogo. Aliás, as paixões não devem ter limites senão perdem o sabor da atraente irracionalidade. Os espectadores são partícipes do oráculo futebolístico, com argumentação consistente, soluções definitivas e dogmas irrefutáveis. São entes que predizem fórmulas milagrosas. Quando bem disputada, a partida de futebol carrega a magia de um espetáculo cabalístico. O confronto é saudável, sobretudo se o profissionalismo

prevalece, impondo-se como a bandeira maior da competição. O gol, já se sabe, pontifica o grande objetivo do futebol, porém, o alcance de sua meta deveria reverter-se no clímax da partida e não em um único prazer cobiçado. Os empates são sempre decepcionantes e não induzem a grandes celebrações festivas. Portanto, os jogos de futebol se caracterizam pelo dionisíaco que deles brotam. O Brasil - vale realçar – *é o país da festa*, o *país do futebol* como disse Roberto DaMatta. Ou, ainda, *a pátria de chuteiras*, na expressão feliz, mas apaixonada, de Nelson Rodrigues. A bola no pé reverencia os delírios, os sonhos, as fantasias de um povo abafado nos seus anseios sociais. Reverter às carícias da solenidade, da grande festa do futebol em regras medíocres equivale a sufocá-la na sua *representatividade nacional.*[182]

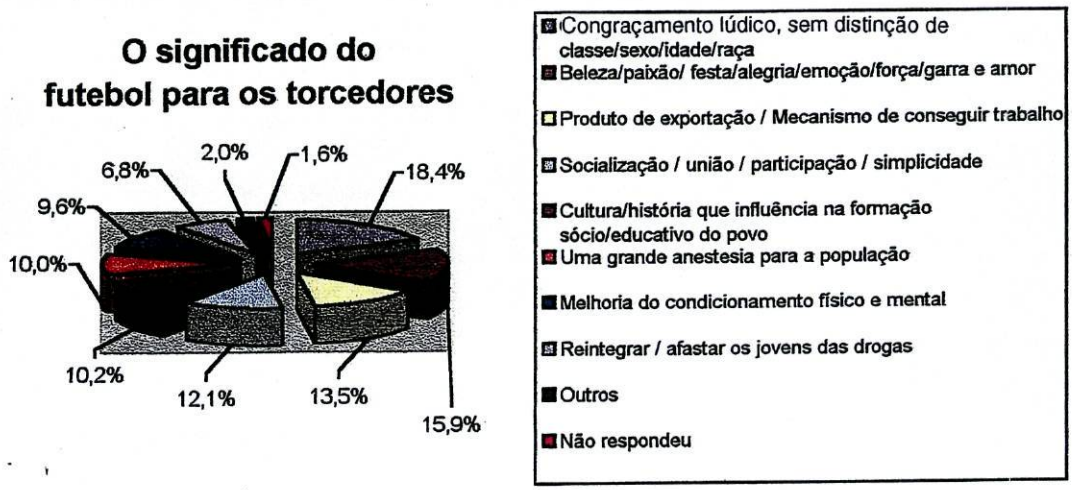
Com o objetivo de um maior esclarecimento, foram selecionados alguns indicadores qualitativos e quantitativos, e seus comportamentos comparados e analisados. A questão que serviu de suporte às verificações foi: *qual o significado do futebol para você*? A tabela/gráfico XXX configura este assunto.

TABELA XXX QUAL O SIGNIFICADO DO FUTEBOL PARA VOCÊ?

O significado do futebol para os torcedores*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. Congraçamento lúdico, sem distinção de classe/sexo/Idade/raça	94	18,4
2. Beleza/paixão/festa/alegria/emoção/força/garra e amor	81	15,9
3. Produto de exportação/Mecanismo de conseguir trabalho	69	13,5
4. Socialização/união/participação/simplicidade	62	12,1
5. Cultura/histórica que influência na formação sócio/educativa do povo	52	10,2
6. Uma grande anestesia para a população	51	10,0
7. Melhoria do condicionamento físico e mental	49	9,6
8. Reintegrar/afastar os jovens das drogas	35	6,8
9. Outros	10	2,0
10. Não respondeu	08	1,6
TOTAL	511	100,0

** Os torcedores indicaram mais de uma alternativa*

182 QUINTAS F. (1998). Bola na trave. *Jornal do Comércio*. Recife, 26 de julho.p.2.



Esta idéia é reforçada ao serem analisados os depoimentos dos atores onde retratam muito bem os aspectos ligados ao *congraçamento lúdico, sem distinção de classe, sexo, idade, e raça* (18,4%); a *beleza, paixão, festa, alegria, emoção, força, garra e amor* (15,9%); *produto de exportação/mecanismo de conseguir trabalho* (13,5%); a *socialização, a união a participação e a simplicidade* (12,1%), *a cultura/histórica que influência na formação sócio/educativa do povo* (10,2%); *uma grande anestesia para a população* (10,0%); *melhoria do condicionamento físico e mental* (9,6%); *reintegrar/afastar os jovens das drogas* (6,8%).

Verifica-se, na análise, que o futebol tem sido um fator de *aproximação entre as regiões/nações.* Vínculos de *estima* e de *camaradagem* estreitam-se facilmente entre os fieis a um mesmo jogo, por mais cruel que tenha sido a luta e seja qual for o resultado. O futebol pernambucano é também um elemento *democratizante* de *união* entre distintas classes. De acordo com as categorias expostas, pode-se falar de *socialização/sociabilidade/civilidade* desde que sejam consideradas como um conjunto de *relações sociais* estabelecidas entre desportistas/torcedores. A discussão recai primeiramente, no aspecto da *socialização/sociabilidade*, onde a maioria dos torcedores tende a ir ao campo de futebol na companhia da família e/ou de amigos. Assim sendo, num determinado momento de desafio, os torcedores tendem a ficar ligados a pequenos grupos situados ao seu redor, independente da classe social. Num nível de maior abstração eles estão ligados ao clube ou ainda, ligados ao jogo em si. Neste sentido pode-se inferir que o futebol induz as pessoas a

fazerem parte de uma *comunidade de gostos*[183] onde os significados, as práticas e as obrigações são compartilhados. *Vestem a camisa.* E neste momento, continua-se a discutir o significado do futebol no aspecto relacionado com a *sociabilidade /civilidade*, onde os laços (informais) de amizade e de união entre as distintas classes são fortalecidos pelos princípios da *igualdade* e *identidade* entre os torcedores/espectadores. São, portanto indivíduos que no momento da disputa fazem parte do mesmo mundo – o mundo futebolístico. Este *vínculo de estima, camaradagem* e *união entre as classes* constituem uma expressão social característica da civilidade.

A idéia agora é a de lembrar que a *derrota* no futebol é entendida como *perda dos sonhos* para milhares de torcedores adeptos do jogo, principalmente para as classes inferiores, que se apresentam carentes de alimentos, moradia, emprego e dignidade e que esperam pelo menos ser felizes com aquilo que é a sua maior paixão: *o futebol.* Retoma-se aqui a idéia de Halbwachs[184] sobre a *memória coletiva* (práticas sociais), adicionando-se a categoria *devaneio/fantasia* da qual ele define como sendo o momento que fica entre a memória e o sonho. Portanto, o devaneio passa a ser entendido como um momento de lazer dando oportunidade para que a mente delire. Assim, cada vez mais os torcedores são conduzidos a procurar não um só prazer, mas um conjunto de prazeres de acordo com as preferências de classe. Ainda no contexto desta análise, a derrota representa a morte coletiva, simbolizada pela derrota dos atletas em campo. E, sem dúvida, o nosso tempo prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser. O que é sagrado para ele não é senão a ilusão, mas o que é profano é a verdade. Melhor, o sagrado cresce a seus olhos, à medida que decresce a verdade e que a ilusão aumenta, de modo que, para ele, o cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.[185] Entender as circunstâncias dessa disputa é fator relevante para o estudo que aqui se faz, pois no seu interior estão em jogo as categorias de análise nos quais os elementos relacionados com a *alienação* do espectador em proveito do *objeto contemplado* (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente)

---

183 LASH.S. (1997). *A reflexividade e seus duplos: estrutura, comunidade.* São Paulo. Editora UNESP. p. 192.

184 GURVITCH, G. (1982). *As classes sociais.* São Paulo. Global Editora. p. 138

185 DEBORD, G. *(1991). A sociedade do Espectáculo.* Lisboa; Mobilis In mobile.p.12.

exprimem-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo.

Dados obtidos através das observações sistemáticas de que se dispõe, permitem apontar algumas tendências. É freqüente pensar-se numa *multidão* (torcidas) como se fosse uma massa anônima, amorfa e desorganizada. Na realidade, porém, uma multidão de adeptos do futebol é um agregado de pequenos grupos intimamente ligados por interesses fortes, identificados com e conhecedores da modalidade, mas simultaneamente divididos, entre outras coisas, pelo apoio que pretendem dar a uma ou outra das equipes presentes. Neste raciocínio, fica explícito que a atividade desportiva é, sobretudo, um comportamento social que, como tal, cobra significado dependendo do local em que se realiza e das pautas das relações sociais que o regulam.

As análises realizadas revelam que o futebol é uma atividade de enfrentamento aberto, de explosão da destruição coletiva, onde a divisão sexual é quase absoluta e muito persistente, vivido pelas classes populares. Quando uma fração dessas classes se afasta das fórmulas institucionalizadas, as suas ações recaem para as formas mais violentas e mais arriscadas da *contracultura* etc. [186] Quer parecer que um dos motivos que fazem o futebol ser tão importante para jogadores, técnicos, e torcedores são o espaço que ele abre no imaginário de cada um. Dificilmente um espectador pode penetrar num jogo de xadrez, por exemplo, entre dois grandes mestres. Um salto com vara ou um recorde na piscina olímpica são apreciados e aplaudidos – e basta. Não comprometem nem envolvem o espectador/torcedor.

Em síntese, pode-se afirmar, que o futebol brasileiro com seus movimentos surpreendentes e mágicos vai fornecendo as tintas para mesclar a vida, compondo uma tela com raízes dos mais variados modos culturais.

---

186 THOMAS; R. Ibidem. p. 115.

4.3.2. Análise sócio-antropológica do desporto/futebol enquanto cultura popular/cultura de massa

Nesta parte do trabalho prossegue-se com a análise sobre a *cultura popular/ cultura de massa*, a partir da leitura apurada das falas dos torcedores pernambucanos. Aqui, a intenção é analisar a *cultura* como fator histórico, onde as atividades têm lugar espontaneamente e não visam nem um valor universal nem um caráter de obrigatoriedade.

Um primeiro percurso interpretativo conduz ao entendimento do que seja *cultura*. A última versão do Dictionnaire de lÁcadémie Française [187] define: no plano social, *cultura* designa hoje em dia o conjunto dos aspectos intelectuais, morais, materiais dos sistemas de valores, dos estilos de vida que caracterizam uma civilização. Foi a partir dessa concepção da cultura ampliada à maneira de pensar, de sentir e de agir, às formas de comportamento, aos modos de realização individuais e coletivos, que foi repensada uma nova linha por alguns sociólogos.

No território do sociólogo os estudos sobre a *cultura popular/cultura de massa* foram realçados por Edgar Morin[188]. Essa cultura produzida de acordo com as normas massivas de fabricação industrial, difundida por técnicas também massificadoras, é dirigida a uma massa social, ou seja, a um aglomerado de indivíduos que se situam aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes, famílias etc.) Considerando-se como Morin, que uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo na sua intimidade, que estruturam os instintos, que orientam as emoções, a cultura de massa é efetivamente uma cultura: ela forma um conjunto de *mitos* e de *imagens*, que fala simultaneamente sobre o cotidiano e a vida imaginária, em um sistema de projeções e de identificações específicas.

Assim, o ponto de partida teórico considerado na apreensão e na análise da cultura é o reconhecimento dos *modos de comunicação* do saber nas sociedades em rápida transformação e dos objetos simbólicos produzidos por uma sociedade para veicular valores - *cultura popular/cultura de massa*.

---

187 BOUDON, R. (1990). *Dictionnaire critique de la sociologie*, Paris, PUF.

188 MORIN, E. (1962) *L'esprit du temps*, Paris, Grasset. p. 148.

A preocupação agora reside em entender o que é *massa*, à luz das *teorias sociais*, uma vez que a sua compreensão constitui um dos elementos importantes nesta discussão. Assim, a leitura de Munné[189] leva a dedução de que massa é uma unidade coletiva concreta constituída por um agrupamento humano não organizado. As principais explicações dadas ao fenômeno em questão podem ser classificadas segundo as teorias, como se seguem: 1) *teorias sociológicas*. Para Le Bon, as pessoas perdem sua individualidade na massa, porque nesta se desenvolve uma espécie de *alma coletiva* uma consciência ou espírito de caráter supraindividual que une suas mentes em uma unidade mental; 2) *teorias psicológico-sociais*. As pessoas na massa se regem pelo comportamento individual, ou seja, se comportam como se estivessem sós. 3) *teorias intermediárias*. As pessoas não perdem por completo sua identidade na massa, mas esta, sem chegar a ser uma entidade independente, é algo mais que a soma daquelas. Outra grande categoria de movimentos expressivos identificada por Le Bon é a de *povo* ou *multidão*, onde o fenômeno acontece mediante um conjunto de contágios psíquicos essencialmente produzidos por contatos ou proximidade física. É quase certo que, entre a multidão, o torcedor está sob controle imediato de outrem e a sua autonomia está provisoriamente limitada. *Estar entre a multidão* e *estar num salão* são, seguramente, duas situações distintas, nas quais o mesmo indivíduo tem hipóteses de se comportar de maneira diferente. Acrescenta-se ser necessário reforçar o postulado à luz do estudo em discussão, que na multidão o *torcedor/massa* perde não só a sua autonomia, mas também a sua individualidade e a sua subjetividade, e por conseqüência, esta é transferida para uma instância superior, a *multidão*. Os torcedores/espectadores neste momento só pertence a uma única classe – a *classe multidão*, deste modo, transferiram o seu poder de decisão, a sua autonomia e, por conseqüência, a sua individualidade para o grupo. Raymond Boudon[190] indicou que eles estão sob *hipnose*. Como é sabido, o torcedor hipnotizado é ainda menos capaz de oferecer resistência. O efeito da hipnose só cessará, quando a ordem de dispersar for concedida. Obviamente, não se trata de negar o fenômeno. Mas esse fenômeno não deve ser entendido como

189 MUNNE, F. (1979) *Grupos masas y sociedades. Introducción sistemática a la sociologia general y especial.* Barcelona: Hispano Europea. p. 89.

190 BOUDON, R. (1990) *O lugar da desordem.* Trajectos. Lisboa, Gradiva – Publicações Ltda. p. 84/85.

sinal de passividade ou da capacidade fundamental do torcedor em se deixar manipular, mas pode ocorrer independente da classe social a qual pertença.

Tomando-se por base a teoria sucintamente apresentada, cabe agora situar as manifestações da *cultura popular/cultura de massa* que passamos a examinar através da questão básica: *como você explica a forte torcida pelo futebol?* Com sua linguagem própria cada torcedor expressa de forma clara e direta o seu entendimento e percepção.

> *Questão de cultura, o garoto quando nasce, o primeiro presente é a bola. Então, não dá outra, vira craque. É uma doença apaixonante e que passa de pai para filho. É mania nacional.*
>
> *Desporto conhecido mundialmente de grande relevância histórica e cultural para o nosso povo, e também para o mundo. O futebol está no sangue do brasileiro.*
>
> *Necessidade das pessoas de colocar suas esperanças em algo de extravasar suas angústias e anseios mais profundos. A torcida forte e apaixonada revela-se como um meio, ainda que inconsciente para essa explosão de sentimentos.*
>
> *É uma paixão mundial. A mídia contribui bastante para uma torcida numerosa, a população é envolvida no seu cotidiano por dados ligados ao futebol.*
>
> *Para isso seria necessária uma retrospectiva histórica de sua origem, mas talvez possamos atribuir em parte a divulgação através da televisão, o que possibilita a oportunidade de criar nos indivíduos o gosto por esse tipo de desporto, uma vez que os meios de televisão mostram riqueza, status e realização pessoal a todos que participam deste desporto.*
>
> *Acredito ser pelo fato de que na nossa cultura já fomos rotulados como bons de bola e de termos o privilégio de estarmos entre os melhores jogadores do mundo, como Pelé, Ronaldinho etc.*
>
> *Da maneira que é o nosso país, o futebol é a cara do brasileiro, a torcida existe como subterfúgio dos grandes problemas sociais em nosso país.*

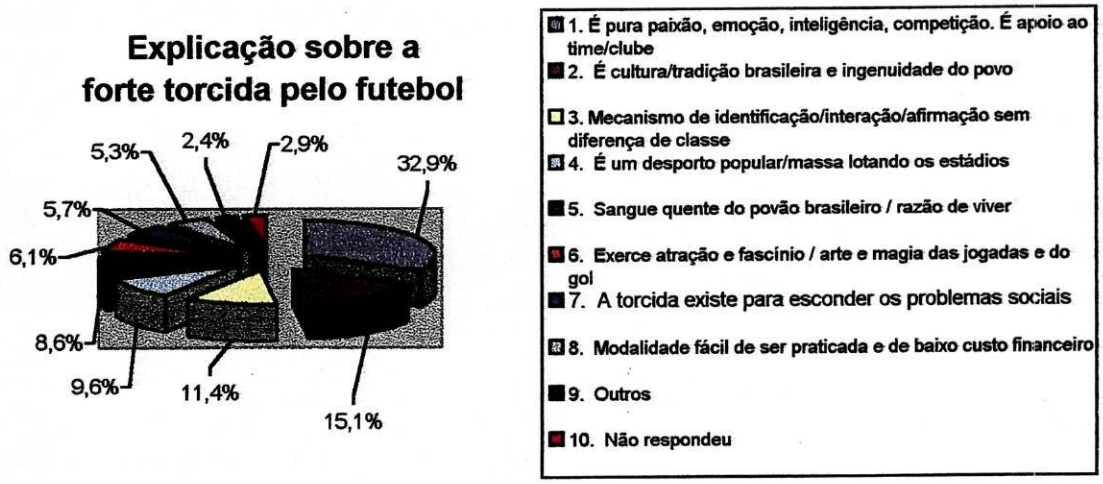
A análise das falas concentra-se, pois, no que se torna expressivo salientar: que o espectador perceba que a nossa torcida é sempre a nossa melhor imagem. A torcida é um espetáculo de *partilha cultural* e revela *cidadania*. Está validado que a paixão pelo futebol, se para algumas pessoas pode parecer de menor importância, não é seguramente para a maioria do pernambucano. O que chama atenção mais ainda é a paixão popular, a confraternização entre pobres e ricos, velhos e jovens, de todas as camadas da sociedade, na hora de torcer pelas cores nacionais, pelas cores dos seus times e de comemorar suas vitórias. Toda esta euforia, esta fome de qualidade e vitória poderá um dia servir para que o nosso povo se torne mais exigente no sentido de ter outras vitórias a conquistar e comemorar: Esta apreciação procurou mostrar que o saber-torcer são modos de saber-viver. Portanto, os comportamentos percebidos nesta análise, refletem muito bem o desejo do povo pernambucano.

Apresenta-se a seguir, a tabela/gráfico XXXI contendo os principais indicadores *sócio-culturais*, visualizando-se desse modo os elos de contato entre a *teoria* e a *prática*. Portanto, os índices apresentados segundo as categorias foram: *é pura paixão, emoção, inteligência, competição e apoio ao time/clube* (32,9%); *é cultura/tradição brasileira e ingenuidade do povo* (15,1%); *mecanismo identificação/interação/afirmação sem diferença de classe* (11,4%); *é um desporto popular/massa lotando os estádios* (9,6%); *sangue quente do povão brasileiro/razão de viver* (8,6%); *exerce atração e fascínio/arte e magia das jogadas e do gol* (6,1%); *a torcida existe para esconder os problemas sociais* (5,7%); *modalidade fácil de ser praticada e de baixo custo financeiro* (5,3%).

TABELA XXXI COMO VOCÊ EXPLICA A FORTE TORCIDA PELO FUTEBOL?

Explicação sobre a forte torcida pelo futebol*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. É pura paixão, emoção, inteligência, competição. Apoio ao time/clube	150	32,9
2. É cultura/tradição brasileira e ingenuidade do povo	69	15,1
3. Mecanismo identificação/interação/afirmação sem diferença de classe	52	11,4
4. É um desporto popular/massa lotando os estádios	44	9,6
5. Sangue quente do povão brasileiro/razão de viver	39	8,6
6. Exerce atração e fascínio/arte e magia das jogadas e do gol	28	6,1
7. A torcida existe para esconder os problemas sociais	26	5,7
8. Modalidade fácil de ser praticada e de baixo custo financeiro	24	5,3
9. Outros	11	2,4
10. Não respondeu	13	2,9
TOTAL	**456**	**100,0**

** Os torcedores indicaram mais de uma alternativa*



Examina-se de perto as categorias mais representativas indicadas pelos torcedores. As análises dos temas, apoiam-se em noções complementares, pois buscam estabelecer relações entre *sociabilidade x tradição* nas distintas classes enquanto elementos-chave na construção deste estudo. Esta discussão permite entender a *sociabilidade* como a capacidade humana de estabelecer *redes*, individuais ou coletivas, fazendo circular informações que exprimem *interesses, gostos* e *paixões*. Note-se de passagem, a nível destes elementos apontados, que este paradigma está em consonância com um dos princípios enunciados por G.

Simmel[191] com o qual a *sociabilidade* é afastada da referência material. É porém, interessante ressaltar que o autor teórico sociológico clássico em suas últimas análises escreveu suposições estéticas. A sua identificação remete para a compreensão da *sociabilidade* enquanto *forma lúdica da socialização.* Já a proposta de Elias[192] próxima da mesma visão, baseia-se na hipótese de que a troca de conversas num circulo, num salão, etc. é regulada por estratégias verbais saídas do processo de psicologização das relações sociais. Assim pode-se inferir, que o elemento do prazer é o sentimento agradável vivido pelo fato de se estar na companhia dos outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles, para além daqueles que se tem voluntariamente. Um rápido exame da *sociabilidade* revela que, nunca será demais por em evidência os mecanismos de *mobilização da coletividade,* (independente da classe social) de que dispõe o futebol, enquanto espaço sociocultural.

Falta examinar a categoria relativa a *tradição.* O trecho da entrevista que se segue mostra um pouco este aspecto. *O garoto quando nasce, o primeiro presente é a bola. Então, não dá outra, vira craque. É uma doença apaixonante e que passa de pai para filho.* Diante do quadro colocado, é fácil entender as razões do interesse conferido ao futebol. Nesta fala, configura-se por um lado, que a tradição é um meio de identidade pessoal que pressupõe um significado; por outro lado, pode ser interpretado como processo constante de recapitulação ou reintepretação. Pode-se admitir ainda, que a maioria das tarefas exige habilidades das quais são ensinadas pela aprendizagem e/ou pelo próprio exemplo. Neste caso onde a aprendizagem passa de pai para filho, a tradição é sustentada pelos laços de parentesco. A família então, passa a ser a tônica da confiança, que com freqüência é mantida por seus próprios rituais. A importância de se conhecer esta experiência é legítima, uma vez que se configura como um procedimento ritualizado, e verdadeiro, e ganhar uma bola e virar craque neste caso imprime uma linguagem ritualística do futebol. Assim entendido, o idioma ritual é um mecanismo de verdade. Dentro deste mesmo campo de discussão, convém mencionar, que alguns traços característicos das sociedades

191 BOUDON, R. (1995). *Tratado de Sociologia. Porto. Edições ASA. p. 239.*

192 ELIAS, N. (1992) *Em busca da excitação.* DIFEL, Lisboa. p. 179.

tradicionais, como, por exemplo, às formas de *autoridade pessoal*, subsistem também nas sociedades modernas. A tradição não é uma simples reprodução. Nenhuma sociedade sobrevive sem adaptar os seus objetos, as suas crenças ou seus modelos transmitidos do passado. Esta transmissão traz consigo a reinterpretação das tradições por cada geração. [193]

Os dados da investigação revelam ainda, que o futebol pernambucano tem o poder mágico de *unir as pessoas* e de *envolver toda uma sociedade*, enquanto *perspectiva de vida*. Submetendo as entrevistas a uma análise de conteúdo segundo as classes sociais, tornou-se possível constatar que são, sobretudo nos discursos entre as classes populares que o futebol exerce maiores influências enquanto *perspectiva de vida*. Por se encontrarem em uma categoria social quase sem atrativos, as pessoas dão as costas à estética nacional e vão a busca da estética do futebol, onde passam a usar da sua liberdade para expressar os seus anseios, os seus gostos. Entre as classes médias a preocupação maior reside nos aspectos relacionados com a utilização do desporto para *encobrir os problemas sociais* e também como *alternativa de trabalho* para a população mais carente. Nas classes privilegiadas que dispõem do luxo e da liberdade absoluta das suas fantasias, o futebol é só *distração, passar o tempo, é lazer*. Entretanto foi salientado que o futebol apresenta-se como um dos *mecanismos de retirar as crianças da marginalidade e da droga*. Reforça-se que este aspecto foi lembrado por quase todos os entrevistados independente da classe social.

Destas considerações, pode-se completar recorrendo ao pensamento do marxista italiano Antônio Gramsci, [194] de que o futebol *é um reino da liberdade humana exercido ao ar livre*. A frase, que imagina a modalidade desportiva como uma nação, ganha maior dimensão quando se descobre que Gramsci morreu em 1937, perseguido pelo governo fascista, o primeiro regime no mundo a politizar o futebol. Passadas mais de seis décadas desses fatos, uma propaganda da marca norte – americana Nike mistura a idéia de Gramsci com palavras de ordem ao estilo totalitário: República Popular do Futebol. Jovens de todo mundo, o futebol os convoca. Alistem-se. Mussolini se referia aos jogadores como soldados a serviço da

193 BOUDON, R. (1995). *Tratado de Sociologia*. Porto. Edições ASA. p. 243.

194 BERTOLOTTO. R. (1998) O mundo entre duas traves. *Folha de São Paulo*, 21 de jun.

causa nacional. E eles retribuíram com duas copas conquistadas: a de 1934, em solo pátrio, e a de 1938, na França.

Atualmente, o desporto/futebol é, sobretudo parte da indústria cultural capitalista e representa, ao mesmo tempo, um valor simbólico na concorrência dos nichos econômicos no mercado mundial. É por isso que, nos tempos da globalização e da crise social, a identificação irracional com os ídolos nacionais ou regionais do desporto tornar-se mais aparente

4.3.3. Possibilidades do desporto/futebol enquanto nova cultura/contra sociedade

Nessa parte do trabalho, a preocupação reside basicamente em compreender o desporto/futebol dentro do tecido social, constituindo-se uma manifestação cultural saudável, desejada e gratificante, mas não imprescindível. Por essa razão, faz–se necessário compreender que o desporto encontra-se intimamente relacionado às estruturas; sociais, políticas e econômicas das sociedades modernas.

A premissa fundamental implícita nesta reflexão é a possibilidade que tem o desporto/futebol, pela sua dinâmica própria, de exercer um papel preponderante na sociedade, no tocante à criação de uma *nova cultura* como uma *contra sociedade*. Isto é, pensa-se ser possível, privilegiar uma prática desportiva que crie uma *relação de proximidade*. Alain Touraine, [195] por sua vez, retomou essa temática. Sua contribuição teórica nesse campo é inestimável e atual, razão pela qual tomamos emprestados os seus supostos.

Esta hipótese apresenta-se de um interesse relevante, e convém ser discutida aqui e agora, tendo como fio condutor às relações entre *cultural/tradição e ingenuidade do povo brasileiro* e o *significado do desporto/futebol* nas camadas sociais. Tornou-se evidente que as pessoas que não se interessam pelo desporto se queixam do sucesso cada vez maior do futebol, por exemplo. Dizem que voltamos a Roma, quando os imperadores enganavam a insatisfação popular distribuindo pão e organizando jogos de circo. Desse modo, o sucesso do futebol seria uma forma de

---

195 TOURAINE. A. (1998). Esporte cria relação de proximidade. *Folha de São Paulo*, 21 de jun.

decomposição social e de substituição de relações reais por imaginárias. Não é difícil virar pelo avesso o que acaba de ser dito.

Entretanto mesmo em uma sociedade onde um número significativo de pessoas perdeu suas raízes, numa sociedade de produção e consumo onde determinadas classes sociais são excluídas deste processo, o desporto/futebol por sua vez traz um elemento de *identificação* que corresponde aos anseios dessa sociedade de massas, criando *relações de proximidade*, em lugar de intensificar o desenraizamento. E isto é tão verdadeiro, que basta uma simples leitura nos relatos dos atores sociais, para se perceber a sutileza dos elementos críticos expostos.

Na tentativa de ampliar o significado do desporto, não se pode nunca perder de vista o papel que a *cultura/tradição* desempenha quando ela cria seu próprio sistema de significações para garantir a sustentação de sua ordem social. Não importa se elas são da natureza, da ciência, ou da magia, em qualquer um dos casos, estas significações imaginárias escondem a chave da interpretação de todas as instâncias da ordem social. Cada sociedade só será compreendida quando a compreensão surgir do conhecimento de seu sistema de significações. Caso contrário, pode-se atribuir valores ou funções a elementos que constituem esta sociedade, mas que não lhe dizem respeito. Esta pode ser uma das vias para se ampliarem às concepções do desporto moderno na sociedade pernambucana.

Os Estados Unidos, por exemplo, foram os primeiros a reconhecer o desporto enquanto meio de ascensão social para os imigrantes e/ou os negros pobres. Visto por este ângulo é legítimo assinalar que a mesma experiência se aplica ao Brasil. E, mesmo quando o desporto/futebol se torna comércio, a *consciência popular de identificação* não desaparece.

O importante no futebol não é o fato de atrair milhões de espectadores aos jogos, mas de que esses grandes momentos são o ápice da pirâmide, cuja base é feita de grupos de crianças e jovens que batem bola no pátio de uma escola ou de um terreno baldio. Acredita-se que o futuro do Brasil está na rua com as crianças. Hoje, são poucas as atividades sociais que garantem uma continuidade tão grande, desde a base até o topo e que, portanto, permite uma identificação tão forte. Trata-se de um movimento que vem de baixo para cima, ou seja, nasce nas classes populares e aparece fora das instituições e das hierarquias. Touraine vai mais além

quando diz: que as sociedades que se comovem com o futebol não são nem as mais ricas nem as mais justas, mas são aquelas em que a ordem institucional é mais transgredida, às vezes para pior, mas, mais freqüentemente para melhor, para a vitalidade, a resistência e a esperança de um povo.

Portanto, o desporto/futebol é a parte mais visível da contra sociedade, de seus êxitos e fracassos, que são, tanto uns quanto os outros, pouco regulados pelos mecanismos de seleção social, organização administrativa e critérios de avaliação. As virtudes dos futebolistas são aquelas que são apreciadas pelas camadas populares: coragem, espírito de equipe, qualidades físicas. Para o nosso povo, o jogador de futebol é a melhor imagem de sucesso social. Esta ligação entre *desporto/futebol* e *qualidades morais/físicas* não deve ser encarada de modo resumido. Neste plano conviria apresentar os aspectos de ligação da noção de *tradição* por um lado e de *qualidades morais* por outro. Com base nesta premissa, recorre-se a Maurice Halbwachs,[196] que pesquisou sobre a hierarquia das necessidades nas sociedades industriais contemporâneas, onde menciona em seus escritos que a *tradição* está vinculada à *memória coletiva*. Conceito este, que envolve ritual e é dotado por uma força de união que combina conteúdo moral e emocional. Como se salientou anteriormente, a tradição envolve um ritual que garante a preservação da tradição (práticas sociais), na interação com os outros e repassadas para os demais. Ou ainda, são práticas que as gerações colhem umas das outras de maneira mais ou menos intensa, unindo assim a *memória coletiva* e a *memória histórica*. A esta aproximação Anthony Giddens[197] convida a uma reflexão onde o ritual traz a tradição para a prática social.

Para melhor ilustrar a discussão, apresenta-se, a seguir, a grande diversidade de práticas sociais reveladas nos discursos dos atores entrevistados, que validam a teoria já explicitada:

> *Principalmente o poder de unir milhares de pessoas de todas as idades, emocionando todas.*

---

196. GURVITCH, G. (1982). *As classes sociais.* São Paulo. Global Editora. p. 137

197 GIDDENS, A. (1997). *A vida em uma sociedade pós-tradicional.* São Paulo. Editora UNESP. p. 81/82

É um desporto que é praticado em grupo, onde prevalece o espírito coletivo.

A popularização do desporto, facilidade das regras e com grande acesso as classes mais baixas da sociedade.

Pretende aproximar os pobres, quebrando assim as fronteiras, fazendo com que através do desporto o homem veja a competição como uma forma de união e de desenvolvimento corporal.

Divertir, entreter e, muito mais, é uma forma de interação entre os povos tanto de um país como entre países.

Enquanto desporto tem como finalidade aproximar ainda mais os povos amantes dessa arte.

A comunhão das pessoas das mais variadas camadas sem os preconceitos típicos de outras atividades.

Diversão, arte como todo desporto cultura algo com o que podemos preencher os nossos domingos sem precisarmos embrutecer na frente da televisão com o Gugu ou o Faustão.

Por último, no contexto desta análise, não se pode deixar de evocar aos conhecimentos de Costa.[198] Acredita ele, que o desporto pode constituir um meio excelente para se estudar e melhor compreender a cultura do povo que o pratica e da sociedade onde ele funciona, e estender esse conhecimento aos outros povos da comunidade humana que tem, na prática desportiva, um meio de se encontrar. Numa época histórica em que a humanidade sonha com projetos de universalidade, esse papel cultural do desporto não é, de forma alguma, desprovido de significação humana.

As informações das tabelas e dos gráficos apresentadas revelam mais claramente alguns aspectos que ajudam a entender o processo de formação sócio-educativo-cultural do povo pernambucano. Certamente a análise elaborada tenta

198 COSTA, A.S. (1997). À volta do Estádio. p. 58.

apontar possibilidade de um outro olhar a nós mesmos, em primeiro lugar, mas também ao mundo do desporto/futebol, e que acolha aquilo que jamais deixamos de ser e de fazer entender: *o humano*.

4.3.4. Uma aproximação analítica dos mitos, ritos e símbolos no futebol

Torna-se necessário desenvolver aqui um raciocínio que aponta a possibilidade de uma visualização preliminar das características sócio-culturais que permeiam o futebol pernambucano, para uma compreensão mais clara do universo simbólico dos *mitos, ritos* e *símbolos* e suas possíveis inter-relações na estrutura da sociedade. Neste quadro, uma das características mais fortes do nosso povo é a capacidade que ele tem de transformar tudo em música e ritmo, o que acontece nos espetáculos populares, no canto, na dança e na festa. É, dentro do mesmo espírito, que o futebol foi adaptado aqui, de modo absolutamente nosso, peculiar, singular, um modo que corresponde às estruturas físicas e psicológicas mais profundas do povo brasileiro.

Mais recentemente, os meios de comunicação têm tentado estender a popularidade do futebol a outras modalidades como o tênis, o voleibol etc. Em vão: somente o futebol é que verdadeiramente mobiliza a nossa paixão. Do Oiapoque ao Chuí; da Amazônia ao Rio Grande do Sul; do Nordeste a Goiás ou Mato grosso; de Minas ao Rio de Janeiro e a São Paulo; por todo o território do nosso grande País, joga-se um futebol modesto e anônimo, o futebol do Brasil real, chegando a ser mais importante do que o do Brasil oficial. E lembra com muita propriedade Ariano Suassuna, [199] quando escreve que outros dos males da especulação imobiliária em nosso país foram à ocupação desordenada de quase todos os espaços urbanos em que Garrinchas de hoje poderiam exercitar seus belos e lúdicos passos.

Partindo desta colocação, ficou demonstrado que o futebol é recebido como um jogo singelo, enquanto técnica e equipamento e este, portanto, seria um dos motivos pelos quais o nosso povo demonstra gosto e interesse. No futebol, os meios e os fins são claros, as regras são fáceis de serem apropriadas e as condições de

---

199 SUASSUNA, A. (1998). Festa e futebol. *Jornal do Commercio*, Recife. PE 09 de jun.

desempenho são de simples compreensão. A necessidade de incorporação de um estilo próprio de jogo fez o pernambucano produzir uma *geografia sacral* do mundo do futebol, à luz da sua simbólica. Esse *lugar/clube*, essa *casa/estádio* convertem-se em símbolos sagrados do ídolo adorado. Tornam-se zonas sagradas, templos, pois abrigam momentos eternos de emoção e excitação. E, ao mesmo tempo em que se sacraliza o espaço, sacraliza-se também o tempo. Se o tempo de êxtase no estado nascente é o presente eterno, a soma desses momentos de eternidade se constitui um ano litúrgico com seus mistérios sagrados. São laços de significação e de valor, momentos marcantes e que se tornam sagrados. O *estádio/clube* reconstitui a divisão entre sagrado e profano, e tem um fortíssimo sentido de sacrilégio. Esse espaço e esse tempo sagrado, por serem o lugar da concretização do presente eterno, tornam-se imortais. Esquecidos, sobrevivem no inconsciente. Apenas um novo estado nascente pode apagá-los e criar um outro espaço e um outro tempo.

É realmente significativa a relação de estudiosos que pesquisam sobre o *mito/rito/símbolo*. As suas análises permitem, além da apreensão do homem enquanto ser individualizado, a compreensão do homem enquanto ser gregário, isto é, como sociedade. E são os *mitos* atuantes nas várias épocas que especificam o conhecimento da sociedade. Materializado na literatura, na pintura, na escultura, na tradição popular ou no cotidiano, o mito é, em suma, uma realidade cultural que se assume como um meio de o homem se conhecer a si próprio.

O caminho percorrido por Jabouille[200] salienta que o pensamento humano move-se dentro de quadros míticos que, inconscientemente ou não, estão presentes nas manifestações do imaginário. Na realidade existencial das culturas e da vida dos homens, é o *mito* que distribui o papel da história de uma época, de um século, de uma vida.

Acompanhando estas análises, é impossível compreender um mito como uma seqüência contínua. Para entendê-lo, tem-se de apreendê-lo como uma totalidade e descobrir que o seu significado básico não está ligado à seqüência de acontecimentos e, sim, a grupos de acontecimentos, ainda que tais acontecimentos ocorram em momentos diferentes da história. Portanto, tem-se que entender o mito, partindo da parte e tentando entender o todo. Tem-se de perceber que cada

200 JABOUILLE, V. (1986) *Iniciação à Ciência dos Mitos*. Lisboa: Editorial Inquérito Ltda. p. 23.

acontecimento é uma totalidade.[201] Assim, encampando estas idéias, e as fortalecendo, Eliade[202] também afirma que o *mito* é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares. A definição que parece ser a mais completa é a seguinte: *o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos. É sempre, portanto, a narração de uma criação: descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir.* O mito só fala daquilo que realmente aconteceu, daquilo que se manifestou plenamente. Os seus personagens são seres sobrenaturais, conhecidos sobretudo por aquilo que fizeram no tempo prestigioso dos primórdios. Os mitos revelam, pois, a sua atividade criadora e mostram a sacralidade das suas obras. Mais ainda: é graças à intervenção dos seres sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.

É bem verdade que esses significados vinham sendo tenazmente investigados por Caillois[203] e daí a necessidade de atribuir sentido à noção de *herói*: no fundo, ele decorre da própria existência das situações míticas. *O herói é, por definição, aquele que fornece às situações uma solução, uma saída feliz ou infeliz.* O traço marcante dessa complexa figura denominada *herói* é o de poder resolver o conflito em que o indivíduo se debate: daí o seu direito superior, não tanto ao crime, como à culpabilidade, sendo a função dessa culpabilidade a de agradar ao indivíduo que a deseja, mas não a pode assumir. Mas o indivíduo não pode contentar-se sempre com essa satisfação, necessita do ato, ou seja, ele não poderia manter eternamente uma identificação virtual com o herói, uma satisfação ideal. Exige, ainda, a identificação real, a satisfação do fato. Ë assim que o *mito* surge freqüentemente acompanhado por um *rito*, visto que, se a violação do proibido é necessária, só é possível na atmosfera mítica, e o rito introduz aí o indivíduo. Apreende-se aqui a essência da festa: *constitui um excesso permitido através do*

201 LÉVI-STRAUSS, C. (1989) *Mito e Significado.* Edições 70 Ltda. Lisboa. p. 67 / 68.

202.ELIADE, M. (1989) *Aspectos do Mito. Edições 70 Ltda. Lisboa. p. 12/13.*

203 CAILLOIS, R. (1979). *O Mito e o Homem.* Edições 70 Ltda., Lisboa. p. 24/25.

qual o indivíduo se encontra dramatizado e se torna o herói, o rito realiza o mito e permite a sua vivência. É essa a razão por que se encontram freqüentemente ligados: na verdade, a união é indissolúvel e, de fato, a separação sempre foi à causa da sua decadência. Separado do rito, o mito perde, se não a sua razão de ser, pelo menos o melhor da sua força de exaltação: a capacidade de ser vivido.

A perspectiva teórica desse momento possibilitou que fosse exposto o pensamento de autores preocupados com esse tema. Na realidade, Huizinga[204] foi um desses estudiosos que, ao longo dos diferentes capítulos do seu livro, esforça-se para mostrar como o *estádio*, a *mesa de jogo*, o *templo*, o *círculo mágico*, o *palco,* os tribunais são igualmente, pela forma e pela função, terrenos ou lugares de jogos; isto e, espaços consagrados, domínios santos, definidos, separados, onde certas regras estão em vigor. Trata-se de mundos temporários no seio do mundo habitual, e que servem para o cumprimento de um ato que encontra o seu fim em si mesmo Ora, é no mito e no rito que têm origem a grande força instintiva da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Julga-se oportuno precisar que o *mito* e o *rito* constituem, de fato, elementos indissociáveis e complementares na nossa análise. Encontram-se aí apontados os elementos indispensáveis à compreensão da evolução do comportamento desportivo sob a ótica das suas relações com o *mito e o rito*, enquanto momento particular da cultura.

De fato, o rito no futebol é visto como sendo de caráter solene na maioria das vezes, fundamentado na crença e na força de seres superiores, com poderes sacros, realizado em lugar santuarizado, em tempo definido, e que como se pode observar, catalisa o imaginário do torcedor propiciando uma *função integradora.*

Neste momento, objetivando complementar o assunto proposto, é significativo fazer referência à temática do *símbolo social* como um dos componentes do universo cultural. Ainda que correndo o risco de fazer algumas simplificações, tentou-se fazer uma síntese dos elementos essenciais que compõem o mundo simbólico do desporto, recorrendo-se aos estudos feitos por antropólogos, filósofos, psicólogos etc., iniciando pela bola. Segundo alguns estudiosos, foram achadas peças arqueológicas que permitem afirmar que o jogo de bola, praticado com o pé,

204 HUIZINGA. J. (1979) Ibidem. P. 151

já era conhecido no Egito e na Babilônia, há mais de trinta séculos. Admite-se que tal jogo tivesse caráter religioso, a bola simbolizando o Sol, para os egípcios, e a Lua, para os babilônios. Outras descobertas arqueológicas comprovam que, em vários pontos da América pré-colombiana, o historiador espanhol Herrera y Tordesillas menciona uma bola de borracha extraída das árvores, que os índios jogavam no Haiti, quando lá chegou Cristóvão Colombo. Vários investigadores, entre os quais o psicólogo holandês Frederik J. J. Buytendijk (1887), afirmaram que o homem sempre se sentiu atraído a brincar com objetos esféricos, daí as especulações que alguns teóricos fazem em torno de um jogo primitivo em que o homem das cavernas se divertia chutando frutas, pedras, crânios ou qualquer outro objeto arredondado.[205] O antropólogo suíço Johan Jakob Bachofen[206] descobriu, no século passado, na grande ilha oceânica da Nova Guiné, na zona de Kerven, umas grutas que abrigavam povos primitivos. Nas rochas, existem inscrições que reproduzem cenas da vida quotidiana desse povo. Algumas delas mostram um homem perseguindo com os pés um objeto arredondado, que desliza rente ao chão. Acredita o historiador Ariano Suassuna, [207] que tenha sido no Nordeste do Brasil, na Pedra do Ingá, na Paraíba, que se originou o futebol nesse continente. Achados arqueológicos com mais de 2.000 anos mostram inscrições na pedra representando uma figura humana segurando uma bola.

Existem inúmeras referências de que, no século VIII, se celebravam torneios desportivos durante as festividades populares do Carnaval. Toda a gente podia participar daquele jogo arcaico, chegando-se a formalizar competições femininas, assim como entre habitantes de diferentes aldeias e entre profissionais de distintos grêmios. A massificação foi a primeira e grotesca característica desse entretenimento. Formavam-se grupos de mais de vinte jogadores, os quais perseguiam uma bola no meio de uma confusão indescritível de gritos e atropelos, que degeneravam com freqüência em rixas coletivas particularmente perigosas. Utilizava-se a já clássica bola de couro, cheia de matérias diversas, uma bexiga cheia de ar, ou uma combinação de ambas, que constitui um precedente importante

---

205 ENCICLOPEDIA MIRADOR INTERNACIONAL. Ibidem. volume 10, p. 5030

206 ENCICLOPÉDIA MUNDIAL DE FUTEBOL. *O protofutebol: as raízes do futebol actual.* Lisboa. Livraria Bertrand.

207 SUASSUNA, A. Dados colhidos durante entrevista na Rede Globo de Televisão, no dia 18 de junho de 1999

do atual esférico de futebol: uma bexiga cheia de ar coberta por uma pele cosida e ajustada convenientemente para resistir à agressão de centenas de pés enfurecidos e ambiciosos. A princípio, a baliza foi uma árvore, plantada propositadamente para o efeito, na praça principal da aldeia, sendo mais tarde situada à entrada da povoação. As mãos só se podiam empregar para segurar a bola, mas não para a lançar, uma ação perigosa, pois não é difícil admitir que, com semelhante multidão de participantes, quem a tivesse em seu poder corria o risco de ficar sepultado sob uma montanha de rivais enfurecidos.

A partir deste breve relato histórico sobre o aparecimento da bola, instrumento fundamental para a prática do jogo, cabe tecer algumas análises do ponto de vista sociocultural. O que é importante, neste momento, para a ciência da cultura é procurar compreender o significado dessas configurações no espírito do povo que as pratica e nelas acredita. Toda a singularidade do *mito/rito/símbolo* pode estar expressa nas falas dos torcedores.

> *O amor à camisa de seu time, dando-lhe força para vencer e torcer por ele.*
>
> *Por suas emoções, às vezes resultados inesperados onde nem sempre vencem o melhor. O seu colorido que vem das arquibancadas é uma verdadeira obra de arte.*
>
> *Pelo nacionalismo que é muito peculiar na nossa gente, quando o Brasil, joga, parece que todos os brasileiros jogam.*
>
> *A pessoa pode escolher um time porque gosta das cores, identifica-se com os símbolos ou simplesmente, por causa dos pais.*
>
> *Quando os jogadores tocam a bola, milhões de corações cantam. A música é gol.*
>
> *A bola símbolo da vida, do amor, de movimento, é a grande musa do escultor.*

A bandeirinha do Brasil não é mais novidade, é sempre explorada nos eventos desportivos e simboliza, em síntese, o patriotismo a conduzir a seleção, seja do vôlei, basquete ou futebol.

A paixão clubista. O clube de futebol passa a ser uma propriedade sua, o torcedor o defende e o ajuda como pode.

Culturalmente o futebol exerce uma influência muito forte, é impossível um brasileiro ver uma bola e resistir não tocá-la.

O aspecto mais importante do futebol é a bola entrando na rede e gritando gol.

A magia – O prazer de torcer pelo Clube do meu coração – de comemorar o gol como se o mesmo tivesse sido marcado por mim.

A paixão pelos clubes, onde aparecem heróis (jogadores) que os torcedores se identificam com eles através de suas jogadas.

A arte do domínio de um pedaço de couro com ar comprimido, nos pés, se transformando em alegria contagiante após sua finalização que é o goooool.

A bola, símbolo da vida, do amor, do movimento, é a grande musa do escultor.

Estes dados anunciam também, que ao nível do conhecimento sobre os *símbolos* arcaicos nos rituais desportivos especificamente no futebol, eles se fazem presentes conforme o exposto em cada um dos discursos apresentados. Costa, [208] discutindo sobre este assunto, valida que os símbolos são à base dos mitos e esses são constantemente atualizados pelos ritos em momentos de festas religiosas, dada à natureza sagrada de todo esse universo. Os grandes mitos arcaicos constituem-se à volta de representações cosmológicas. Os principais símbolos de natureza cosmológica que se encontra no desporto são: a bola, imagem do sol, do cosmos, da terra e mesmo da divindade; e o terreno de jogo, imagem do mundo e

208 COSTA, S. A. (1997). Ibidem. p. 15-16.

representação do espaço cosmisado da existência humana. As derrotas e as vitórias são símbolos da morte e da vida e os grandes triunfos simbolizam a imortalidade e a entrada no paraíso. Retomando esta linha de análise Alcoba, [209] por sua vez, confirma que o desporto é parte fundamental da linguagem semiológica devido a sua simbologia e signos, em que se encontram envolvidos por uma força exteriorizadora de sua vitalidade. Considerando como paradigma às reflexões destes autores, um conjunto de fatores ligados à participação, a emoção, a memória dos atletas e dos torcedores, contribui para validar este assunto. Portanto, o trato dado à linguagem do desporto/futebol do ponto de vista cultural, propicia a transparência do seu significado simbólico, em razão da compreensão da estética dos signos.

Examine-se agora, a extensa gama de *gestos* que se realizam nos desportos. Vê-se que cada um deles possui um código particular, através do qual os atletas e torcedores do mesmo time se entendem sem necessidades de palavras, tão só com o gesto de mão, uma indicação de cabeça ou pelo som de um assobio. O mundo em que se vive converte-se em um universo de signos e símbolos. O que se quer demonstrar é que o desporto/futebol é um manancial propício à criatividade de novas formas de expressão no universo vocabular, proporcionando um incremento representativo dos signos e dos símbolos produtores da comunicação. Assim, os escudos dos clubes e das equipes desportivas formam um extraordinário e precioso momento da comunicação. Neste sentido, o futebol exerce a sua influência marcante sobre a língua, que passa a admitir novos termos, imagens novas ou novos sentidos, oriundos da linguagem desportiva, modos de expressão e metáforas, acrescentando novas formas, mais expressivas, à nossa maneira usual de exprimir. Portanto, do ponto de vista do universo vocabular, pode-se encontrar dicionários de futebol, editados no Brasil, com mais de dois mil verbetes.

O gráfico XXXII foi construído para uma visualização mais apurada dos discursos dos torcedores sobre o significado do mito/rito/símbolos do futebol. As categorias de análise, tais como: *amor à Pátria/ao clube/ao time* (17,1%); *a magia do gol/da vitória* (15,5%); *amor à camisa* (15,2%) *as cores da bandeira do clube* (14,2%); *o colorido das arquibancadas que encanta* (13,1%); *a bola enquanto*

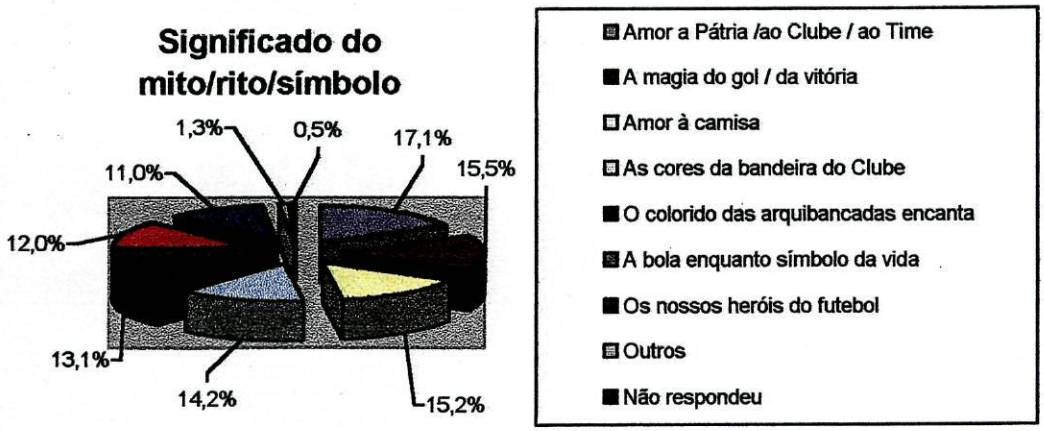
209 ALCOBA, A. (1987) *Deporte y Comunicación*. Madrid, Afanias, p. 165.

símbolo da vida (12,0%); *os nossos heróis do futebol* (11,0%), foram as que sobressaíram.

TABELA XXXII QUAL O SIGNIFICADO DO MITO DO RITO E DOS SÍMBOLOS DO FUTEBOL PARA VOCÊ?

Significado do mito/rito/símbolo*	FREQUÊNCIA	
	Nº Abs.	%
1. Amor a Pátria/ao Clube/ao Time	107	17,1
2. A magia do gol/da vitória	97	15,5
3. Amor à camisa	95	15,2
4. As cores da bandeira do Clube	89	14,2
5. O colorido das arquibancadas que encanta	82	13,1
6. A bola enquanto símbolo da vida	75	12,0
7. Os nossos heróis do futebol	69	11,0
8. Outros	08	0,5
9. Não respondeu	13	1,3
TOTAL	**635**	**100,0**

**Os torcedores indicaram mais de uma alternativa*



Tem-se que render a evidência dos fatos do futebol pernambucano. Qualquer que seja a dimensão do espetáculo desportivo, ele traz em si uma espécie de fantástica da emoção onde o imaginário surge como expressão de afirmação. Sendo o objeto de análise o futebol, atesta-se uma verdadeira simbiose entre atletas e torcedores por um lado, e a imprensa e o rádio por outro. Assim, os lugares do espetáculo desportivo são espaços de verdadeira comemoração social, onde a

própria sociedade celebra a festa do sonho e da fantasia. Os campeões desportivos são como uma nova religião, a *religião atleta*[210] coubertiniana. Ou seja, o herói desportivo é dotado de virtudes morais universais. Para o espectador esta é uma ocasião para personificar o seu próprio sonho no corpo dos campeões ou para encontrar-se com os deuses. Assim, o espetáculo desportivo, acolhe uma infinidade de símbolos tais como: os desfiles, as bandeiras, as camisas, as cerimônias de entrega de medalhas, os hinos nacionais, as saudações etc., que tem origem as mais diversas, entretanto propiciam uma harmonia entre o grupo de torcedores. Como é normal, cada time de futebol tem uma bandeira e um hino que arrasta com sua esperança e participação toda uma comunidade futebolística.

Pode-se extrair algumas indicações importantes desta discussão com vista ao objetivo proposto. Em primeiro lugar, o problema sociológico consiste, portanto, em explicar o futebol no contexto do comportamento coletivo onde a regulação mítica obedece a um inconsciente de natureza social que é a *crença mítica*, da qual nunca é totalmente explicitada, mantendo-se entretanto, no bojo das relações entre as distintas classes sociais e o campo específico da estratificação do poder. Em seguida, à medida que os campos sociais (poder, gosto, faixas etárias etc.) se expandem e tornam-se mais estratificados, as ligações unindo as pessoas aos símbolos são também intensificadas. Deste modo, os torcedores mantêm um verdadeiro diálogo e ligam-se emocionalmente entre si por meio dos símbolos.

Chega-se ao fim desta panorâmica que, convém ressaltar, foi conduzida essencialmente com a preocupação de completar e enriquecer a análise sobre a caracterização e o funcionamento simbólico do desporto; e, deste ponto de vista, a melhor conclusão consiste, sem dúvida, na apropriação do colóquio de Costa, [211] a respeito da representação do ritual no universo futebolístico. Escreveu ele: qualquer jogo de futebol está rodeado dum ritual completo – sendo o próprio jogo um rito bem estruturado e fundamentalmente simbólico – que coloca o acontecimento num cenário não ordinário: execução dos hinos nacionais, troca de bandeiras, todo o

---

210 BARREAU, J. J. & MORNE, J.J. (1991). *Epistemología y antropología des deporte*.Madrid, Alianza Editorial, S. A. p.132

211 COSTA, A. S .(1990). *Futebol. A Grande Festa dos Tempos Modernos*. Câmara Municipal de Oeiras. Portugal. p. 13.

ritual da arbitragem, apresentação dos jogadores, escolha dos campos, celebração dos golos e entrega dos prêmios. No entanto, a festa não existiria sem a presença e a participação do público que, já horas antes do jogo, revestido com toda a espécie de ornamentos rituais com as cores do clube, começa a fazer a festa, a encher o estádio, a cantar e a gritar. Fica claro, portanto, que, enquanto o *mito* e a sua função sócio-psicológica organiza o grupo em torno de valores existentes, a *utopia* organiza a esperança de que os valores venham a ser concretizados em instituições sociais. Até hoje, nenhum movimento social de massa surgiu sem uma utopia, e nenhum foi capaz de renunciar aos mitos.

4.3.5.Uma leitura sobre o futebol pernambucano

A análise sobre os aspectos sócio-culturais do futebol em Pernambuco, conduziu a um conhecer histórico mesmo que superficial da instituição/clube. No caso do futebol pernambucano, ele nasceu com o Clube Náutico Capibaribe, [212] em 07 de abril de 1901, começou a brotar no século passado, no ano de 1897, com a prática do remo, com o nome inicial de Recreio Fluvial, tendo como berço simbólico o rio Capibaribe. Com o passar do tempo, foram-se desenvolvendo outras modalidades desportivas, começando por aderir ao futebol em 1909. O Clube Náutico nasceu antes de todos os clubes de Recife - Pernambuco. Dentro de sua trajetória, predominaram sentimentos discriminatórios. Durante aproximadamente meio século, não podia entrar negros no Náutico. A partir da década de cinqüenta, o Náutico começou a aceitar atletas negros nos seus quadros de futebol profissional, tornando-se aos poucos um clube popular. Foi com brancos, amarelos, negros e mestiços que o Náutico se tornou hexacampeão E, a partir daí, os preconceitos foram sendo derrubados e o número de torcedores se amplia, pois o Náutico deixa de ser um clube de brancos para ser um clube de todos. O Clube Náutico Capibaribe possui um Estádio chamado Eládio de Barros Carvalho, com capacidade para 30.000 pessoas. Até 1998, possuía 20 000 sócios. A mascote do Clube é o Timbu, valendo ressaltar que foi 18 vezes campeão pernambucano de futebol.

212 MONTEZUMA, P. (1996) História de Clube Náutico *Jornal do Commercio*. 30 nov.

Seguem algumas falas apaixonadas, sobre o carinho que o torcedor tem pelo seu Clube.

> Meu coração é alvirrubro para sempre, com muito orgulho, raça e emoção, no seu passado, no seu futuro e no seu presente, serás um eterno campeão.
>
> Falar do Náutico é falar de paixão.
>
> *O Náutico está na minha pernambucanidade. Feito de paz e guerra, tal como nas suas cores, é de se esperar que eu também tenha, ainda de longe, a oportunidade de substituir no Náutico a fase de sombra pela do sol. Eu confio.*
>
> *O Náutico não precisa e nem deve mudar o seu uniforme. Descaracterizar o uniforme do clube é agredir a tradição, e sem tradição não se preserva a família unida. A verdade é que se há uma coisa intocável em qualquer clube que se preza é o seu uniforme.*
>
> *Hoje o Náutico reúne elite e povo, no sentido mais convencional dessas expressões, por isso ele tem contemporaneidade. Do contrário, já teria fechado as portas, por desimportância.*
>
> *Sou apaixonado mesmo. Deixo minha mulher, mas não deixo o meu Clube.*

Nessa trajetória, surge no início do século XX, o Sport Clube[213] do Recife, gerado em plena era vitoriana, representando o maior patrimônio físico e esportivo de Pernambuco. A rainha Vitória (1810-1901) reinou por sessenta e quatro anos no Império Britânico, legando riqueza e bons costumes aos súditos daquele país céltico. Deu distinção à nobreza, reformou Londres e impôs moral elegante. O five o' clock tea ainda está em voga e, foi tomando o chá das cinco, que Guilherme de Aquino Fonseca criou o Sport, quando morava na capital da Inglaterra. O Sport instalou-se no dia 13 de maio de 1905 na Associação Comercial, situada à rua da Imperatriz. A

213 HELENO, M. (1996). História do Sport Clube do Recife. *Jornal do Commercio*. 13 mai.

primeira ata, redigida pelo historiador Mário Sette, dá o toque da burguesia leonina e descreve os sessenta e quatro sócios fundadores, eleitos por aclamação.

Nos dez primeiros anos formou-se uma agremiação que exercitava apenas o soccer e a natação. Até 1937, viveu-se da fase romântica, a beleza pelo amor, mas em 1938 instalou-se o profissionalismo. Com o advento do profissionalismo, as perspectivas ampliaram-se. A divulgação escrita, falada e televisionada do futebol, transformaram-no num espetáculo grandioso. O Sport Clube possui um Estádio chamado Adelmar da Costa Carvalho com capacidade para 50.000 pessoas. Até 1998, possuía 18 000 sócios. A mascote é o Leão e foi Campeão Brasileiro em 1987 e 28 vezes Campeão Pernambucano.

Escrevem-se alguns depoimentos, reveladores da paixão do torcedor pela sua casa/clube.

> *O Sport é um retrato permanentemente ilustrativo dos nossos costumes O povo necessita de folclore para rever suas tradições, crenças, expressões, provérbios e também das canções populares. Precisamos dele.*
>
> *Na verdade é difícil explicar porque gosto do Sport. É como me perguntar por que eu gosto de sorvete, é meio confuso de responder, está dentro do sangue, dentro de mim.*
>
> *Já nasci Sport, para mim é uma paixão que já corre dentro de cada pessoa.*

Observa-se, contudo, dentro da ótica da paixão e do gosto, que o futebol pernambucano se apresenta como um desporto mágico, alegre e dinâmico. Dentro desse contexto, o depoimento de um dos torcedores entrevistados retrata com propriedade que *o futebol é um desporto que requer preparo físico, equipe para formar um conjunto coeso, talentos individuais, criatividade e uma arte incrível para driblar, passar pelos adversários com talento, garra e magia para chegar ao gol. Não há nada de mais pernambucano.*

Relembrando um pouco a história do nosso futebol, ele era mais jogado e contemplado pelas elites européias, porém esse perfil mudou e hoje essa modalidade desportiva é encarada como uma peça de significado social relevante,

sobre a qual são promovidos debates, publicam-se obras filosóficas, sociológicas, e antropológicas, dissecando-o nos mais variados aspectos enquanto um fenômeno de massa. Aqui no Recife, o futebol se iniciou, como foi revelado anteriormente, como uma atividade desempenhada pela burguesia, pela elite importada, ou seja, pelos ingleses que faziam a Tramways, a Telephone Company, a Great Western[214] e, ainda, pelos filhos de famílias abastadas brasileiras, que estudavam na Inglaterra. Embora cultivassem, também, o gosto pelo tênis, pelo golfe ou por outros tipos de desporto preferidos pelas classes altas. Então, só a partir dos anos 1930-1940, o futebol foi se tornando popular, a ponto de hoje ser considerado uma unidade nacional. Desde essa época, os políticos brasileiros descobriram a força da instrumentalização de um desporto que empolga as classes populares. Getúlio Vargas, por exemplo, caracterizado por um estadista com um perfil populista, usava de seu carisma e do poder que detinha, para fazer comícios políticos no Estádio de São Januário, que pertence ao Vasco, no Rio de Janeiro. Mas, foi na década de 70, em plena ditadura militar, que o futebol começou a ser utilizado como suporte do poder. Era repassada para as massas a idéia de que o Brasil ganhava Copas e outros torneios internacionais de futebol graças a um governo que construía um Brasil grande - Ame-o ou deixe-o isso permeado pelo milagre econômico que logo arrefeceu.

Concluindo, pode-se perceber que na sua evolução histórica o futebol pernambucano foi inicialmente marcado pela influência européia, viveu a fase romântica até chegar ao profissionalismo. Hoje, sem distinção social, de idade, de raça, de gênero de crença religiosa ou política, o futebol é de todos – une as distintas classes sociais.

Mesmo o desporto/futebol sendo utilizado como um mecanismo mágico-mítico de manipulação das massas, ele não perdeu a sua característica singular que é a ludicidade, como ficou demonstrado na tabela/gráfico XXXIII, que revelou os aspectos mais importantes do futebol.

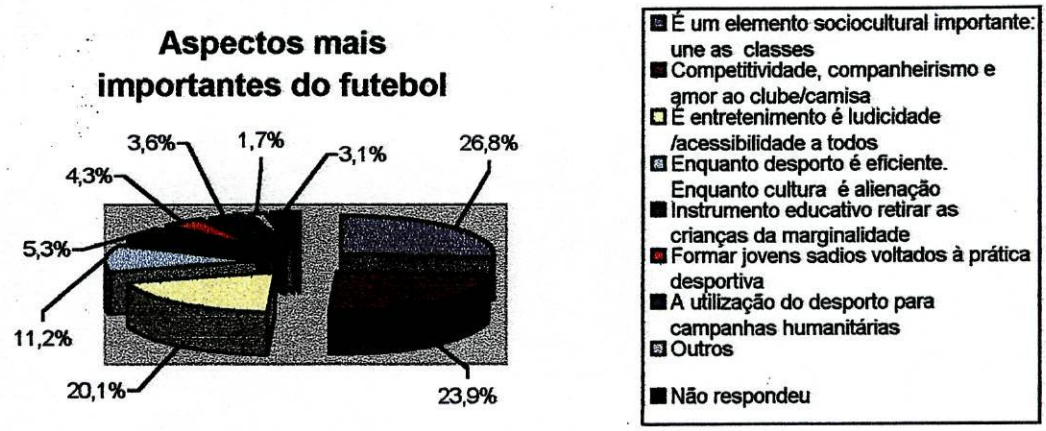
---

214 Editoriais. (1998). Uma cultura *foot*. *Jornal do Commercio*. 15de jul.

TABELA XXXIII QUAIS OS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES DO FUTEBOL COM OS QUAIS CONCORDA MAIS?

Aspectos mais importantes do futebol*	FREQUÊNCIA	
	N° Abs.	%
1. É um elemento sociocultural importante: une as classes	112	26,8
2. Competitividade, companheirismo e amor ao clube/camisa	100	23,9
3. É entretenimento é ludicidade/acessibilidade a todos	84	20,1
4. Enquanto desporto é eficiente. Enquanto cultura é alienação	47	11,2
5. Instrumento educativo retirar as crianças da marginalidade	22	5,3
6. Formar jovens sadios voltados à prática desportiva	18	4,3
7. A utilização do desporto para campanhas humanitárias	15	3,6
8. Outros	07	1,7
9. Não respondeu	13	3,1
TOTAL	418	100,0

** Os torcedores indicaram mais de uma alternativa*



Como é possível constatar, esta tabela/gráfico tem por base informações ao nível de agregação maior, onde o futebol demonstra ser: *1º) um elemento sociocultural importante: une as classes* (26,8%); *2º) favorece a competitividade, o companheirismo e amor ao clube/camisa (23,9%);* 3º) *é entretenimento/ludicidade /acessibilidade a todos* (20,1%); 4º) *enquanto desporto é eficiente. Enquanto cultura é alienação* (11,2%); 5º) *instrumento educativo, objetiva retirar as crianças da marginalidade* (5,3%); 6º) *forma jovens sadios voltados à prática desportiva* (4,3%); 7º) *a sua utilização para campanhas humanitárias* (3,6%).

Neste panorama geral, foi tratada a idéia que o espectador pernambucano tem com relação aos aspectos mais importantes do futebol. Tais resultados não

surpreenderam, pois confirmaram as suposições deste estudo. Em suma, o torcedor conceituou o futebol como um espetáculo sócio educativo e cultural, permeado pelos aspectos relacionados aos signos simbólicos e culminou por caracteriza-lo, como uma prática desportiva que objetiva formar jovens sadios. Reconheceu também que o futebol é utilizado como um mecanismo de *alienação/ópio do povo.* Neste sentido, salienta-se que estes elementos foram objeto de análises em momentos anteriores, em que foram discutidos os aspectos ideológicos do desporto. Sobre este campo social, Lipovetsky[215] formula sua teoria com bastante reserva. Tem razão a perspectiva teórica que se recusa a associar o espetáculo desportivo a uma comunhão de essência religiosa. E tem-na duplamente, ao rejeitar as teses ultrapassadas da alienação e da manipulação. Neste ponto, ressalta o autor, não resta qualquer dúvida: o amor imoderado pelo *show* desportivo deve ser pensado não como a expressão de um arcaísmo ou de uma alienação, mas como *uma forma típica da vida das sociedades modernas democráticas.* Mas é essencialmente numa outra dimensão que Brohm[216] reconhece que o espetáculo desportivo produz uma *cretinização* das massas, canalizando as suas energias no sentido da ordem estabelecida, tornando-se um fator de *fetichização emocional* das multidões.

Estas concepções conflitantes revestem-se de interesse fundamental, pois o simples bom senso leva a admitir que caracterizações genéricas não permitem avançar na análise das relações socioculturais enquanto indivíduos ou grupos inseridos na *comunidade de gostos.* Neste sentido, é pertinente falar de paradigma ou da emergência de um paradigma que se constrói, sobre uma ruptura com os aportes teóricos anteriormente dominantes. Talvez, a atenção dos sociólogos e antropólogos do desporto, deva voltar-se ao reconhecimento do retorno dos *movimentos sociais* enquanto classe e, mais precisamente, adotar como quadro de referência às relações sociais vividas no seio dos *grupos de estilo de vida* dotados de afinidades.

---

215 LIPOVETSKY, G. (1994) *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos.* Lisboa: Publicações Dom Quixote. p. 134

216 BROHM, J.M. Ibidem p. 53.

É consenso entre os estudiosos do desporto profissional que, na medida em que o século XX vai chegando ao seu final, o futebol apresenta-se como um dos maiores inventos. Convém enfatizar, que enquanto instituição social a sua dinâmica organizativa, está sempre sendo reformulada e repensada prioritariamente, em torno dos atletas de alta competição e da indústria de consumo e de serviços que os rodeiam. É intenção, neste estudo, aliar-se a alguns pesquisadores que vêm se preocupando com uma linha de trabalho similar. Essa condução move-se em distintas direções, existindo uma enorme variedade de métodos e interesses múltiplos, bem como a emergência de novas áreas.Ressalta-se aqui, às equipes de pesquisadores das Universidades do Porto e de Pernambuco, que discutem temas relativos aos aspectos sócio-antropológicos do desporto. Dentre estes pesquisadores salienta-se o esforço do Doutor Rui Proença Garcia que vem trabalhando nesta temática. Chega-se ao final deste caminhar, acreditando que o próximo milênio irá caracterizar-se pela urgente necessidade de repensar o sentido do desporto, especificamente do futebol, enquanto fenômeno de massa, de modo a que seja possível evitar a sua deterioração. O tratamento que o sociólogo Maurício Murad[217] consagra a esta questão é interessante: o desporto é uma organização social do lúdico, e toda a sociedade elege uma modalidade que o caracteriza. E o Brasil escolheu o futebol, que traduz muito bem a nossa cultura.

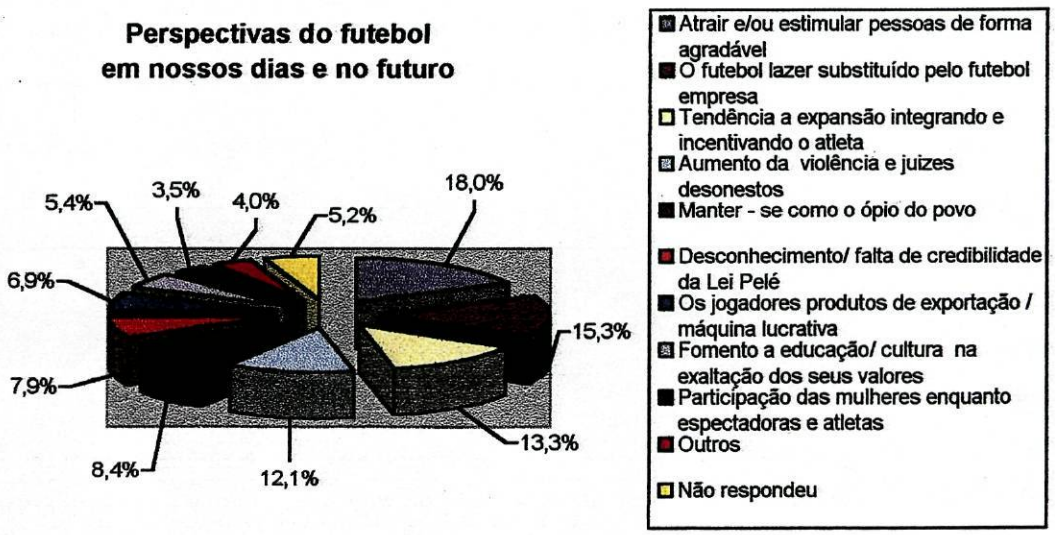
As considerações que a seguir são feitas dizem respeito, sobretudo, às projeções futuras para o desporto e constitui uma tentativa de detectar o que está por trás dos aspectos sócio-político-organizativos que envolvem o desporto/futebol. Assinala-se agora o exame da tabela/gráfico XXXIV, que apresenta o rol das variáveis analisadas, possibilitando que se obtenha uma posição mais precisa acerca das *perspectivas do futebol em nossos dias e no futuro*.

217 CARDOSO. M. (1998) Futebol na Raça, In. REVISTA VEJA, Editora Abril, Edição 1528, n.º 1 jan. p. 132.

TABELA XXXIV QUAIS AS PERSPECTIVAS DO FUTEBOL EM NOSSOS DIAS E NO FUTURO?

Perspectivas do futebol em nossos dias e no futuro*	FREQUÊNCIA	
	Nº Abs.	%
1. Atrair e/ou estimular pessoas de forma agradável	73	18,0
2. O futebol lazer substituído pelo futebol empresa	62	15,3
3. Tendência à expansão, integrando e incentivando o atleta	54	13,3
4. Aumento da violência e juizes desonestos	49	12,1
5. Manter-se como o ópio do povo	34	8,4
6. Desconhecimento/falta de credibilidade da Lei Pelé	32	7,9
7. Os jogadores produtos de exportação/máquina lucrativa	28	6,9
8. Fomento a educação/cultura na exaltação dos seus valores	22	5,4
9. Participação das mulheres enquanto espectadoras e atletas	14	3,5
10. Outros	16	4,0
11. Não respondeu	21	5,2
TOTAL	**405**	**100,0**

** Os torcedores indicaram mais de uma alternativa*



Os índices acima indicam uma outra faceta da mesma questão relativa ao desporto/futebol. Pode-se ver, por estes dados, a distribuição percentual das categorias analisadas. O que se nota é uma queda progressiva nos aspectos relacionados com o *fomento a educação/cultura na exaltação dos seus valores.*

Ainda dentro do quadro exposto, foi colocado o aspecto relativo ao atleta enquanto *máquina lucrativa* responsável pelo espetáculo muscular. O corpo aqui foi tratado e oferecido como uma mercadoria de grande valor comercial. Tal constatação foi validada na teoria de Brohm[218] que elaborou treze teses sobre o corpo, onde a de número dois demonstra que o *estatuto do corpo* corresponde sempre ao *status social*. Para ele a estrutura do corpo impõe o gesto funcional da exploração de uma classe sobre outra. Neste sentido Bourdieu[219] elaborou uma *definição social do desporto* enquanto objeto de lutas, onde o campo das práticas desportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam a capacidade monopolizadora de impor uma definição e uma função legítima da prática e da atividade desportiva. Dentro desta lógica tem-se dois pólos contraditórios: o amadorismo contra profissionalismo, o desporto-prática contra desporto espetáculo, o desporto de elite e desporto popular de massa etc. Em face destas dimensões/significações, vê-se que o desporto é permeado por um campo de lutas, que é em si mesmo parte de outro maior de lutas de *classes de interesses* sobre a definição de *corpo legítimo* e do *uso legítimo do corpo*, lutas estas de poder entre as classes que são travadas pelos dirigentes, treinadores, educadores, médicos etc. por um lado, e por outro, pelos produtores e consumidores de bens e serviços desportivos.

Com todas as contradições e lutas de classes que envolvem o desporto/futebol nos mais distintos campos sociais, culturais e econômicos, ele apresenta-se como uma opção para a prática do exercício da cidadania na busca por uma sociedade, onde as relações sociais sejam amparadas pela *socialização dialógica* com o significado de reduzir a distância existente nas estruturas sociais de classe de hoje.

Observando a mesma tabela/gráfico reforça-se a explicação, já esboçada ao longo do estudo, quanto à possibilidade de o desporto/futebol *atrair e/ou estimular pessoas de forma agradável* (18,0%); *o futebol lazer substituído pelo futebol empresa* (15,3%); *tendência à expansão, integrando e incentivando o atleta* (13,3%);

---

218 BROHM, J. M. BOURDIEU, P. DUNNING, E. (1993). *Deporte y Clase Social*. In: Materiales de Sociologia del Deporte. Madrid. p. 39.

219 BROHM,J.M. Ibidem p. 66

220 LASH.S. (1997). *A reflexividade e seus duplos: estrutura, comunidade*. São Paulo. Editora UNESP. p. 241.

aumento da violência e juizes desonestos (12,1%); *manter-se como o ópio do povo* (8,4%); *desconhecimento/falta de credibilidade na Lei Pelé* (7,9%); *os jogadores tornarem-se só produto de exportação/máquina lucrativa* (6,9%); *fomento a educação/cultura na exaltação dos seus valores* (5,4%); *e, por último, a participação das mulheres enquanto espectadoras e atletas* (3,5%). Estas categorias são importantes uma vez que sinalizam para a análise da organização desportiva enquanto objeto social. O fato de se evocar ao fenômeno organização não visa o estabelecimento de um novo campo, e sim expor o modo como a *autonomia* se manifesta para compreensão da organização desportiva. Assim, a *autonomização* no campo das práticas desportivas vem acompanhada por um processo de *racionalização* dos comportamentos humanos segundo as categorias ou grupos profissionais. O ponto de partida deste estudo é a reflexão clássica que Max Weber[221] fez sobre a evolução da burocracia, considerando como um dos traços característicos, *o de assegurar a existência de um corpo de regras impessoais que delimitam claramente as esferas de competência, os direitos e os deveres de cada um*; bem como, *a existência de uma hierarquia de funções, com vínculos de subordinação claramente estabelecidos*. Trazendo para o desporto esta concepção de organização, observou-se a existência de um princípio unificador de ações, suscetível de hierarquizar e de assegurar a constituição de um corpo de regulamentos específicos e de um corpo de dirigentes/comissão técnica especializados. A autonomia relativa do campo das práticas desportivas torna-se transparente quando se atribui às instituições o direito de fixar normas, e de fazer com que as mesmas sejam cumpridas, sob o controle dos Tribunais de Justiça Desportiva, com um *poder disciplinar*. Por outro lado, torna-se cada vez mais patente, que os mercados econômicos impõem ao futebol suas normas e regras inflexíveis, que vai desde os calendários de competições, até a escolha das cidades para a sede dos jogos. Diz um torcedor fervoroso: *as nossas cores, os nossos símbolos, as nossas conquistas não podem ser objetos da globalização econômica que avassala o mundo*. Para concluir esta sucinta análise, pode-se afirmar à luz das falas dos atores envolvidos no presente estudo, e ainda nas informações obtidas através de dados secundários, que as instituições desportivas pernambucanas,

221 Ibid., p. 69.

caracterizam-se: primeiro, pela ambigüidade na tomada de decisão tanto dentro como fora do quadro formal da instituição; e segundo pelo reconhecimento da fragilidade nas relações meio-fins da organização. Dentro desta ótica convém assinalar a relação entre Estado/instituição desportiva. Mesmo aparentando uma possível neutralidade, a ajuda ofertada por parte do Estado às instituições desportivas, provoca uma concorrência entre as organizações, não só nas mais diversas esferas políticas como também nas instâncias não governamentais. O desporto principalmente o futebol por ser uma prática de massa, apresenta-se como um campo fértil enquanto matéria política. Vê-se ao longo desta discussão, que o desporto/futebol como toda prática, é um objeto de luta entre os distintos estratos ou frações de classes sociais. Procurou-se deste modo, expor alguns elementos necessários para a compreensão da autonomia e da racionalização dentro da organização desportiva pernambucana. Mesmo reconhecendo a sua fragilidade e incoerência, ela não deixa de ser instrumento de cooperação e de ação coletiva, uma vez que a mesma tem no seu interior, a função básica de promover a *socialização das emoções*.

Aqueles estudiosos que se dedicam ao desporto terão que metodicamente questioná-lo, enquanto fato social total, para que possam entender a realidade, encontrando para ele novos caminhos e novas soluções. Então, qual o devir do desporto/futebol? Cumpre-nos indagar, após percorrer o espaço que nos foi concedido pelo tempo. Só o processo histórico, em sua trajetória feita de avanços e recuos, surpresas e contradições, poderá no amanhã nos responder.

Conclui-se com a fala do poeta do povo, e nordestino, Patativa do Assaré, (Antônio Gonçalves da Silva, 89 anos) que viveu quase todas as secas deste século, onde ele fala que a seca atual apresenta-se como a mais grave de todos os tempos. O poeta foi beber nos seus versos a água da paixão.

Pode dar enxaqueca,
Pode doer o coração.
Mas ninguém conversa seca.
Só se fala em seleção.

V CAPITULO

5. POR UM OUTRO OLHAR

Muito do que aprendi sobre a moral e o companheirismo, aprendi dentro do campo de futebol

Albert Camus

5.1. CONCLUSÕES

O ponto de partida do presente trabalho é a compreensão do desporto como uma prática histórica e social, quer quanto às condições materiais de existência, quer à realidade subjetiva - o modo de pensar e as concepções de mundo do grupo social onde essa prática se realiza. Isso ocorre, porque os grupos humanos não produzem apenas a vida material, mas, ao fazê-lo, elaboram, ao mesmo tempo, um conjunto de modelos de representações que se vinculam às condições e estilos de vida.

O foco principal da presente investigação reside na tentativa de se compreender o significado social do desporto, enquanto um fenômeno histórico e social, que pode separar, distinguir ou reunir as classes.

Os conhecimentos que, de modo sucinto, se acabam de identificar no quadro da sociologia do desporto não esgotam a diversidade desse conhecer. Daí algumas evidências apontadas no estudo:

1) No plano teórico, busca-se ancoragem nas mais variadas concepções sobre o desporto, dentro das quais o primeiro conceito-chave trabalhado foi o de cultura. Essa matriz possibilitou a análise do modo de pensar sobre o desporto, como criador de um estilo de vida própria. Apoia-se na formulação teórica de que o desporto é cultura em todos os seus aspectos porque: a) surge dos hábitos mais antigos onde existiam rituais competitivos; b) o desporto constitui um patrimônio que é transmitido pela literatura desportiva, e também através da prática de jogos populares tradicionais; c) é uma forma sensível de expressão e percepção e,

portanto, uma comunicação estética, comparável a arte; d) o desporto constitui, por outro lado, tema de inspiração artística; e) é uma instituição relativamente autônoma que cria uma rede piramidal de encontros.

A revisão teórica revelou que tem havido um esforço considerável no sentido de explicar o significado do desporto enquanto fenômeno cultural. Por outro lado, têm sido relativamente escassos os estudos concluídos no tocante ao desporto e às classes sociais; entretanto ressalta-se a preocupação de inúmeros estudiosos sobre o tema. Neste particular, uma contribuição inestimável foi fornecida pelos estudos feitos sob os influxos da teoria sociológica do desporto enquanto fenômeno social total. Estas análises mostram: a) ser função do desporto a integração do indivíduo na sociedade; b) que a sociedade onde se vive, por alicerça-se no sistema capitalista industrial, é dividida em classes sociais com interesses opostos; c) ser o desporto uma diversão com um forte componente de ludicidade; d) e, finalmente, em alguns momentos o desporto serve à manutenção da estabilização social. Coerentes com estas conclusões, os teóricos do desporto julgam que não existem fronteiras bem definidas entre as ciências sócio-antropológicas e o desporto, que clarifiquem e delimitem determinados conceitos.

Na verdade, a busca pela concepção do desporto teve o grande mérito de revelar o estado atual e o pensamento sócio-antropológico do desporto moderno, numa visão crítica. Foram exaltadas as vinculações entre desporto e jogo, desporto e ritual. E elevou-se a importância do desporto moderno no desenvolvimento da humanidade, como um dos fenômenos sociais mais significativos do século XX.

Argumenta-se, então, ser necessário resgatar a reflexão teórica que busca compreender as interrelações entre as realidades objetivas e subjetivas que perpassam o desporto. Este caminho foi esboçado por teóricos renomados como J.M. Brohm, G. Magnane, N. Elias, B. Jeu, J. Dumazedier, P. Bourdieu e retomado por A. Costa. Para este último autor, o desporto pode ser entendido como microcosmos e micro-sociedade, apresentando, estabelecendo correlações e fazendo reflexões com a religião, com o mundo político, e com o ritual.

Tendo como eixo central a idéia de que conhecer a realidade social e o *homem* inserido na sociedade requer uma multiplicidade de supostos teóricos, que vão do pensamento crítico ao funcionalismo, passa-se neste momento a analisar as

relações entre o desporto e a sua própria natureza contraditória. Três questões básicas se sobressaem nesta linha de reflexão: a) o entendimento do desporto vinculado ao movimento das classes sociais; b) o papel do desporto na reelaboração do conhecimento, da cultura, e da visão de mundo do grupo onde o desporto se insere e, c) a contribuição do desporto, especificamente do futebol, nos projetos educacionais para as classes populares.

2) Em termos da realidade empírica, a atenção dirigiu-se inicialmente para a análise da situação do grupo de *direção,* cujas atividades estão voltadas para os aspectos formais e informais do espetáculo desportivo pernambucano. Este é constituído por dirigentes, treinadores, preparadores físicos, psicólogos, massagistas; médicos, nutricionistas etc. Estas figuras compõem o *staff* do mundo futebolístico.

Examinando a realidade do grupo no que concerne à questão do *desporto/futebol/cultura* constata-se: a) que comandar com equilíbrio e delegar poderes representam funções relevantes para o desempenho das atividades de quem exerce a função de dirigir. b) que o desporto/futebol significa um meio de sobrevivência: trabalho; lazer/ludicidade/competição; terapia para o corpo e mente e conservar uma boa forma prazerosamente. O futebol é também percebido como uma relação que aproxima as classes sociais. c) que existe um caráter repressivo provocado pelo avanço tecnológico que envolve o futebol competitivo, tendo como conseqüência o controle, o nivelamento e a domesticação do poder; d) que a forte torcida pelo futebol pernambucano é marcado pela paixão, sangue, guerra no estádio e amor pelo clube. Um dado altamente revelador refere-se ao aspecto da apresentação do jogo como religião/fanatismo, tomando a alma do povo pernambucano; e) que as instituições desportivas pernambucanas estão mais próximas de se tornarem culturais em seu caráter, pois elas reproduzem os *interesses de classes ou frações*, ou seja, reproduzem *afinidade de interesses* de grupos dentro de um *estilo de vida*.

No interior do mesmo universo analisado, parte-se agora para a reflexão do fenômeno da *ideologia/utopia*. Independente do seu grau de sutileza, a ideologia/utopia como nível de significação, pode ter para o homem um valor positivo e/ou negativo. Comumente é ressaltado o aspecto negativo da ideologia, que é visto

como um processo mistificador, que mascara e encobre a realidade, como um meio de deturpação, de falseamento do real usado como meio de dominação social. Por outro lado o papel da ideologia/utopia pode ser altamente positivo ao servir para situar o indivíduo na sua realidade social. Portanto, verifica-se no interior dos discursos do grupo que: 1º) o desporto/futebol ao ocultar a luta de classes, atua como *ópio do povo e válvula de escape*. Assim, as tensões sociais e a luta de classes são representadas em sentido figurado sob a forma de lutas individuais ou coletivas. 2º) por trás do desporto podem estar ocultas indicações das *desigualdades sociais*. Atente o que se lê na mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD, realizada em 1996 sobre *mobilidade social/classes sociais*, se comparada com o universo da bola. Das análises comparativas destes dois campos distintos, podem-se deduzir, pelo menos quatro proposições principais. A primeira evidência é a validação da teoria da reprodução das desigualdades. A segunda é que o futebol é um remédio que amortiza as lutas de classe, apresentando-se como um componente utópico - eterno. A terceira é que a vivência de uma ideologia por uma classe ou grupo social pode eliminar seus conflitos internos diminuindo suas tensões e repressões, já que os significados das suas ações seriam conhecidos e aceitos, proporcionando ações desejadas. A quarta, finalmente, é que a ideologia pode ser considerada uma fonte de conflitos. O importante, no entanto, para a sociedade, não é suprimir as fontes de conflito, mas controlá-las.

Um cotejo direto do fenômeno desporto/ideologia pela ótica do Estado no que diz respeito a redução nos preços dos ingressos nas partidas de futebol, o grupo percebe como um meio de integrar o povo para encobrir as falhas políticas ou ainda patrocinar jogos para desviar a atenção do povo, indicando uma possível cooptação. Foi o exercício da leitura da realidade social que possibilitou o entendimento do sistema ideológico em estudo, percebendo-se sua textura interna, descobrindo-se seus pontos contraditórios e como os conflitos são vivenciados, justificados e percebidos pelos seus membros.

Sobre a *evolução e/ou estagnação* do futebol pernambucano, pode-se extrair algumas confirmações importantes à luz das análises das falas. Ao colocarem em evidência os aspectos relativos a inovação tecnológica, é forçoso reconhecer que o

mundo do futebol passa por transformações estruturais que remetem a revisões conceituais nos campos da cultura e da tradição. Em primeiro lugar salienta-se que a *inovação* quando não gerada das necessidades das *classes/grupos sociais*, pode provocar desequilíbrios devido à formação de estrangulamentos, que só desaparecem com a introdução de novos processos. Em segundo lugar, a inovação é solidária do *espírito de empreendimento*. No futebol, é demonstrado pelos novos materiais de consumo, novos métodos de produção, novos mercados que surgem muito rapidamente com os efeitos da globalização. E em terceiro lugar, cabe ressaltar, que a aceitação boa ou má de uma inovação não depende apenas da informação que acompanha o seu aparecimento, mas sim, da existência de um clima ideológico favorável ou desfavorável. Portanto, os novos acontecimentos estão sempre a exigir novas formas de relações culturais, sociais e econômicas, em conseqüência, uma readaptação permanente.

E por último, chega-se a uma visão muito mais complexa e conflitual, da *organização desportiva*. Assim, as instituições desportivas pernambucanas são precárias, porque estão constantemente ameaçadas pelas estratégias de poder dos integrantes e pela ambigüidade na tomada de decisão tanto dentro como fora do quadro formal da instituição. E são fracas porque estão marcadas pela incerteza das ligações causais dos fatos e ainda, pelo reconhecimento da fragilidade nas relações meio-fins da organização. Mesmo reconhecendo a sua instabilidade e incoerência, elas não deixam de ser instrumento de cooperação e de ação coletiva, uma vez que elas têm no seu interior, a função básica de promover a *socialização das emoções*.

3) O segundo grupo em estudo é o dos *desportistas/atletas*. Neste momento, torna-se possível fazer-se uma releitura do fio condutor do estudo: o *significado do desporto e as classes sociais.* As categorias analisadas tomaram por base o cotidiano sociocultural e econômico do desportista. Assim, o ponto de partida foi a caracterização demográfica referente à *idade* e ao *gênero* dos atletas, que aponta para a faixa etária de jovens entre 16 a 24 anos para o ingresso no futebol profissional, e a predominância recai nos homens. Cabe salientar, que a relação entre os diferentes desportos e a idade é envolvida de um alto grau de complexidade, pois só pode ser definida dentro da relação entre um desporto e uma

classe, pela intensidade do esforço físico requerido e a disposição para o esforço físico que é um aspecto do *ethos* de classe, ou seja, dos seus princípios básicos.

Neste propósito, o fulcro da verificação foi a *estratificação* sob o prisma da *socialização*. Partindo dos dados apresentados, no tocante ao *um futuro melhor para mim e para meus familiares* e *incentivo dos pais e dos amigos*, confirmam-se: em primeiro lugar o estatuto sócio-econômico dos pais que oferece aos filhos determinadas condições de vida que define a sua identidade social (papéis, normas, valores, modos de pensamento e de expressão); em segundo lugar no tocante as famílias pertencentes às classes populares, e médias levam os filhos a assumir responsabilidades mais cedo (o futebol apresenta-se como uma excelente opção principalmente para os dois primeiros estratos); e em terceiro lugar comparadas com as famílias populares, as famílias das classes médias e altas incentivam os filhos a participar de competições desportivas. Valendo destacar que o último estrato demonstra preferência pelos desportos de elite.

Perspectivando em torno das *preferências pelas práticas desportivas*, comprova-se que os atletas pernambucanos praticavam outra modalidade de desporto (voleibol, futebol de salão, natação, handebol, ping-pong, vôlei, futsal, atletismo etc.), antes de optarem pela iniciação da prática do futebol. Assim, a probabilidade de praticar as diferentes modalidades desportivas, depende do capital econômico seguido do capital cultural e do tempo livre.

Um outro aspecto que merece destacar é o *status sócio-econômico* do grupo investigado. Verifica-se que quase a totalidade dos jovens atletas pertence as classes populares e médias baixa, apresentando um nível de escolaridade precário. Cabe ainda considerar como relevante, a freqüência com que os atletas participam das atividades desportivas. Comprova-se que os atletas participam do treinamento que é realizado *todos os dias* nos clubes.

No tocante aos aspectos relacionados com um *conhecer sociocultural e econômico* à luz dos pontos positivos e negativos do futebol e suas ambigüidades, confirmam-se que os desportos coletivos desenvolvem no atleta: 1º) o caráter criativo e educativo; 2º) o sentido da socialização; 3º) a disciplina individual e coletiva por uma parte, e por outra, manifesta o seu caráter contraditório em que a violência é condenada pelos atletas, mas também é praticada dentro do campo. É

uma categoria contagiante, excitante por um lado, e pode ser interpretada como um mecanismo de descontentamento por outro. Pode-se inferir, que o espetáculo desportivo notadamente o futebol, regula e socializa a agressão bem como configura tipos de violência moderada.

Assinala-se, que uma compreensão sobre os *pontos positivos do futebol* pernambucano, recaíram no profissionalismo x disciplina; x jogo limpo x moral; na união entre as pessoas x convivência de vida; na posição na sociedade e ganhar dinheiro. Percebe-se, também, que, no tocante aos *aspectos negativos,* o que está explicito nos discursos é que no futebol as agressões físicas, a falta de segurança, de organização e a falta da ajuda financeira para a família dos jogadores foram aparências constantes. Estes aspectos mencionados refletem com muita clareza a necessidade de ser repensado o significado dos valores da moral e da ética no desporto/futebol. A postura em vigor traduz um desconhecimento do processo histórico de mudança social e das relações sociais, onde a sociabilidade, a tradição e a civilidade se fazem presentes.

Dos resultados das análises dos dados sobre a *descrição da figura do atleta* pode-se tirar sete ensinamentos. Em primeiro lugar, constata-se uma elevação substancial no que concerne a *posição social* de alguns atletas profissionais na pirâmide da sociedade brasileira, bem como nos aspectos voltados ao trato com a *cultura do corpo* (tema preferido por quase todos os atletas). Em segundo lugar, não seria possível passar despercebida a questão do *prestígio* versus *status,* do ponto de vista sociológico. Assim, o prestígio que o atleta conquista no seu cotidiano constitui a base de uma hierarquia social relativamente autônoma, vinculada de modos diversos à estratificação econômica, ainda que conceitualmente distinta dessa. Assim, a distribuição do prestígio é feita em função de diversas qualidades que o jogador possui. Em terceiro lugar, a partir destas colocações, vê-se que o status adquirido pelo atleta é uma parte de sua vida, de sua expansão e de sua realização, sendo determinado pela avaliação social de suas qualidades. Esta avaliação implica numa relação intersubjetiva: por uma parte, depende das qualidades da pessoa avaliada e, por outra, da subjetividade dos demais membros da coletividade e, em particular, de seus valores. Assim, a verdadeira base do status não é só o estilo de vida, como também o poder social, mas, a capacidade para

impor-se por meio de certos resultados carismáticos. Portanto, o *prestigio social* e o *status* são uma forma de poder incontestável. Em quarto lugar, pode-se concluir que tudo isto faz da prática desportiva um estilo de vida saudável, onde os valores e as atitudes são profissionais em todos os sentidos do termo. O que significa que a cultura da sociedade é composta de diversos sistemas de valores, todos eles igualmente significativos. Em quinto lugar, pode-se afirmar que a *formação do atleta* passa também por uma outra vertente: a do processo científico. Esta verdade é hoje indiscutível em qualquer país com um mínimo de solidez na estrutura desportiva. Em sexto lugar, define-se como *atleta profissional* um homem possuidor de valores que conduzem à disciplina, ao cumprimento das normas e horários estabelecidos, a um bom preparo físico, comportamento exemplar, bom trato com público e, finalmente, que denote garra e humildade. Em sétimo lugar, é na expressão *responsável e cumpridor de suas obrigações*, que talvez se encontre a melhor referência para o entendimento das origens das posições então expostas pelos atletas. Bem examinadas as falas, nelas encontram-se elementos comuns que revelam, em todos eles, uma difusa e variável *matriz hierárquica.*

E, para finalizar, tentou-se aprofundar um pouco mais o conhecimento sobre o interesse da população pelo futebol, à luz das classes e das categorias profissionais. Para tanto, primeiro observou-se que a estrutura da distribuição das classes ou frações de classe (empregados e operários do comércio e da indústria) assinala uma posição de classe inferior dos que demonstram muito interesse pelo futebol. A eles se seguem os funcionários públicos, os profissionais liberais e os militares que, se concentram na posição média. E, para concluir, os dirigentes do comércio e da indústria, bem como algumas categorias ligadas às profissões liberais estão na posição alta e apresentam interesse pelo futebol. Vê-se claramente a estrutura de distribuição das classes ou frações de classe, segundo o capital econômico, cultural e, consequentemente, do poder, mostrando uma conformação hierárquica inversa. Provavelmente se cometeria sérios erros se tentar estudar as práticas desportivas sem situá-las no universo das práticas, porque sua origem comum é o sistema de *gosto* e *preferências* que é um *habitus* de classe. Importa assinalar neste caso que o *habitus* de classe é o que define o significado atribuído a atividade desportiva, bem como os benefícios esperados.

4) A parte nuclear da investigação consiste na análise do ponto de vista do *torcedor/espectador.* Observou-se que a investigação sobre esta realidade apontou para as seguintes confirmações: a) as práticas desportivas preferidas pelas diferentes classes sociais estão estritamente vinculadas à situação econômica. b) os torcedores percebem o futebol enquanto paixão, beleza, alegria, emoção, sedução, força, garra e sentido na vida; c) identificam o futebol como uma forma educativa de induzir os jovens a fugir das drogas. Nesta ótica, pode-se apropriar do poder *mimético* que o atleta possui como a força, a garra, a harmonia e tantos outros valores, para influenciar no comportamento dos jovens; d) fica claro que o futebol apresenta ser um fator de aproximação entre as regiões/nações/povos pela capacidade de estabelecer relações e laços sociais.

Convém reconhecer, porém a necessidade de se ter examinado os aspectos sócio-antropológicos do desporto/futebol enquanto *cultura popular/cultura de massa.* Os resultados apresentados sobre a questão relacionada com a forte torcida pelo futebol demostraram que: a) a torcida é um espetáculo de partilha cultural e revela cidadania; b) está validada a paixão do torcedor pelo futebol. Afirma-se, pois ser o futebol, um dos campos mais ricos da paixão e da revelação humana.

A outra categoria discutida, realçou as possibilidades do desporto/futebol, enquanto *nova cultura/contra sociedade.* Ao se enfocar este aspecto, a premissa fundamental, implícita nesta reflexão, foi a possibilidade que tem o desporto, pela sua dinâmica própria, de favorecer uma *relação de proximidade.* Hoje, são poucas as atividades sociais que garantam uma continuidade tão significativa desde a base da pirâmide até o topo e que, permite uma identificação tão forte.

Dentro deste mesmo universo estudado, a aproximação analítica *dos mitos, ritos e símbolos* no futebol foi revelada. A necessidade de incorporar um estilo próprio de jogo fez o torcedor pernambucano produzir uma geografia sacral do mundo do futebol, à luz da sua simbólica. Este lugar/clube, esta casa/estádio convertem-se em símbolos sagrados do ídolo adorado. A análise do modo de pensar revelou que o espectador sabe, percebe e sente o amor pela camisa de seu time, o colorido que vem das arquibancadas, a bandeirinha do seu time tremulando, a paixão clubista, a bola símbolo da vida, do amor, e de movimento e, por fim, o patriotismo que é peculiar na nossa gente. O futebol é um jogo vigorosamente

cantado, do início ao fim. Efetivamente o nosso futebol é dotado de estilo, elegância e ritmo intoxicante.

Por último, foi feita uma simples leitura histórica do *futebol pernambucano*, com o objetivo de se visualizar as características históricas e sócio-antropológicas dos dois maiores clubes da cidade do Recife. Da análise realizada, ficou evidente a existência de um forte poder e um autoritarismo sem limites por parte dos dirigentes. Entretanto, por outro lado, reconhece-se, e não resta a menor dúvida, que o trabalho na área da educação para o desporto poderá ser assumido também pelos Clubes de Futebol, com a possibilidade de configurar-se como uma atividade de relevância social, educativa e política para a sociedade pernambucana.

Para concluir, apresenta-se uma grelha da dimensão sócio-cultural que envolve o desporto/futebol, possibilitando uma leitura do seu significado nas classes sociais, tendo como centro de interesse as mudanças dos valores e as relações sociais. Elencam-se os principais pontos essenciais deste tema com vista ao objetivo proposto. Primeiro, o futebol apresenta-se como um fenômeno que provoca o *mimetismo*, enquanto atividade de lazer, no qual produz uma excitação agradável e exerce uma função de acabar com a *rotina* o que, na perspectiva social, se constitui num dado universal. Segundo, este processo de destruição da rotina, está sujeito a formas de controle de civilização. Este controle assume um caráter distinto nas classes sociais. Terceiro, para os estratos superiores o futebol é lazer, é divertimento, é *sair das coisas sérias da vida*, é sair da rotina. Entretanto, para os estratos inferiores, é mais do que isto é *razão de viver, é tudo que tenho.* É verdade que estas premissas mostram que o futebol desperta emoção, tensão e excitação agradável, e de forma singular para todas as classes, entretanto a maneira de expressar o prazer enquanto *sentido de vida* assume características distintas nos estratos sociais; entrando aí o aspecto da sensibilidade, do gesto, da idade, e do gosto que é o que faz a diferença, é o que marca a distinção. Quarto, pode-se assegurar que o futebol é um *locus* social quer para os espectadores quer para os atletas, ou dirigentes/membros da comissão técnica, em que o prazer, e o gosto podem ser produzidos sob uma dimensão socialmente demarcada e controlada. Quinto, o desporto/futebol é um manancial propício à criatividade de novas formas de expressão no universo vocabular, proporcionando um incremento representativo

dos signos e dos símbolos produtores da comunicação. Sobre isto, pode-se encontrar dicionários do futebol, editados em Pernambuco, com mais de dois mil verbetes. Sexto, que o futebol pernambucano tem o poder mágico de unir as pessoas e de envolver toda uma sociedade, enquanto perspectiva de vida, principalmente entre as classes populares que o futebol exerce maiores influências. Por se encontrarem em uma categoria social quase sem atrativos, as pessoas dão as costas à estética nacional e vão a busca da estética do futebol, onde passam a usar da sua liberdade para expressar os seus anseios, os seus gostos. Entre as classes médias a preocupação maior reside nos aspectos relacionados com a utilização do desporto para encobrir os problemas sociais e também como alternativa de trabalho para a população mais carente. Nas classes privilegiadas que dispõem do luxo e da liberdade absoluta das suas fantasias, o futebol é só distração, passar o tempo, é lazer. É a partir destas questões e da qualidade dos discursos dos atores sociais, que se pode afirmar que o futebol é um jogo do povo e não da elite.

5) Face a este quadro geral apresentado, mesmo com todas as contradições e avanços peculiares da nossa sociedade, afirmamos ser o futebol um instrumento/meio que faz a sociedade pernambucana experimentar a *quase igualdade social*. Produzindo-se um espetáculo complexo, governado por regras simples, o futebol reafirma simbolicamente que é a modalidade que pode reunir forças com mais propriedade, objetivando a apresentação de uma *face mais humana*. E uma vez que estas capacidades, como tudo o que é humano, não são estáticas, mas podem se modificar, transformar e enriquecer diante de um fenômeno cuja transformação é produto de uma aprendizagem, e uma criação coletiva.

Com todas as contradições e lutas de classes que envolvem o desporto/futebol nos mais distintos campos sociais, culturais e econômicos, ele se apresenta como uma opção para a prática do exercício da cidadania na busca por uma sociedade moderna, onde as relações sociais sejam amparadas pela *socialização dialógica* e das *emoções*, com o significado de reduzir a distância existente nas estruturas sociais de classe de hoje.

Não foi intenção oferecer conclusões acabadas e fechadas, nem tentar uma interpretação sociológica de todos os elementos contidos nas falas dos agentes

sociais. Tem-se a certeza de que o caminhar poderá fazer com que esse trabalho certamente provoque fecundas discussões. Que as palavras finais sirvam, pois, não para encerrar esse estudo, mas, sim, para torná-lo aberto à busca de uma nova perspectiva – perspectiva que combine com a teoria e a realidade e aproxime a sociologia do desporto dos problemas sociais reais da modernidade.

ANEXOS

Senhor Presidente / Diretor

Atualmente estamos estudando O SIGNIFICADO SOCIAL DO ESPORTE (FUTEBOL) NAS CLASSES SOCIAIS, Para tanto gostaríamos de contar com a sua opinião sobre este tema através deste questionário. Sua opinião é bastante importante neste projeto de doutoramento que ora estamos desenvolvendo. Aguardamos sua resposta.

ANEXO 1

I – QUESTIONÁRIO

01 - O que significa para o senhor o desporto de um modo geral?

02 - Como conheceu o futebol?

03 - Em que ano iniciou no futebol?

04 - Como explicaria sua opção pelo futebol?

05 - Que funções exerceu no futebol?

06 - Como explicaria a forte torcida pelo futebol?

07 Quais são, na sua opinião, os problemas mais importantes do país neste momento?

08 - O que pretende o futebol enquanto desporto?

09- Quais os aspectos mais importantes do futebol com os quais concorda mais?

10- Discorda de alguns aspectos do futebol? Quais?

11 - Que ideologias considera ter afinidades com o futebol?

12- Qual era a atitude dos Governos com relação ao futebol?

13 a) Na sua opinião, o futebol evoluiu ou sempre permaneceu o mesmo?
Se sim: Em que evoluiu?

b) A que se deve tal evolução?

c) Na sua opinião, ela foi positiva ou negativa para o desporto?

14 - Qual o significado do futebol para o senhor?

15 - Qual é o papel do dirigente máximo?

16- Como se caracteriza o futebol?

17- Qual o significado do futebol para a sociedade pernambucana?

18 - Como interpreta a evolução do futebol em Pernambuco na ultima década?

Muito obrigada por ter respondido à nossa pesquisa

Doutoranda: Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

(ESEF / UPE)

Prezado Atleta

Atualmente estamos estudando O SIGNIFICADO SOCIAL DO DESPORTO NAS CLASSES SOCIAIS do qual priorizamos neste momento o futebol. Para tanto, gostaríamos de contar com a sua opinião sobre este tema através deste questionário. Sua opinião é bastante importante neste projeto de doutoramento que ora estamos desenvolvendo. Aguardamos sua resposta.

ANEXO dois

II – QUESTIONÁRIO

(01) Como conheceu o futebol?

1. Através de amigos ou parentes
2. Através de panfletos e propaganda
3. Através dos jogos
4. Outra forma: qual?

(02) Em que ano iniciou no futebol?

(03) Como explicaria sua escolha pelo futebol?

(04) Antes de entrar no futebol praticava alguma outra modalidade desportiva?

1. Sim 2. Não Qual?

(05) Seus pais interessavam-se pelo futebol?

1. Sim Não Qual o Clube que tinham mais simpatia ?

(06) Com que freqüência participa das atividades do futebol?

(07) Na sua cidade, a escolha pelo futebol dava-se predominantemente entre que categorias profissionais? (indicar por ordem)

1. Operários/empregados do comércio e da indústria
2. Funcionários públicos
3. Profissionais liberais
4. Militares
5. Dirigentes do comércio e da industria
6. Padres

(08) Com que aspectos do futebol esta mais de acordo?

(09) Com que aspectos do futebol esta menos de acordo?

(10) Qual foi sua melhor experiência como atleta até hoje?

(11) Na sua opinião, a orientação tática ou programática do futebol: mudou, evoluiu ou permaneceu a mesma?

a) Se sim: Em que mudou ou evoluiu?

(12) Como descreveria a figura de um atleta?

(13) De que mais se orgulha o atleta?

(14) De que menos se orgulha o atleta?

(15) Que significa para você o desporto competitivo, e mais concretamente o futebol? (pode escolher até seis alternativas)

1. Uma forma divertida de passar o tempo
2. Um meio para obter um melhor lugar na vida
3. Um meio para adquirir uma educação disciplinada para a vida
4. Um meio para viajar e ter oportunidade de conhecer gente nova
5. Um trabalho como outro qualquer
6. Um meio de sair do anonimato e adquirir reconhecimento social
7. Um meio de alcançar satisfação pessoal e auto-realização
8. Estímulo físico e psíquico
9. Um estilo de vida diferente
10. Um desejo de melhorar, um desafio pessoal.

Muito obrigada por ter respondido à nossa pesquisa

Doutoranda: Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

(ESEF / UPE)

Prezado Torcedor (a)

Atualmente estamos estudando "O SIGNIFICADO SOCIAL DO DESPORTO (FUTEBOL) NAS CLASSES SOCIAIS". Para tanto gostaríamos de contar com a sua opinião sobre este tema através deste questionário. Sua opinião é bastante importante neste projeto de doutoramento que ora estamos desenvolvendo. Aguardamos sua resposta.

ANEXO 3

I – QUESTIONÁRIO

01 - Você gosta do futebol? Sim Não Por que ?

02 - Como você explica a forte torcida pelo futebol?

03 O que pretende o futebol enquanto desporto?

04 - Quais os aspectos mais importantes do futebol com os quais concorda mais?

05 Discorda de alguns aspectos do futebol? Sim Não Quais?

06 - Qual o significado do futebol para você?

07 - Quais as perspectivas do futebol em nossos dias e no futuro?

08 - Qual o significado dos símbolos do futebol para você?

Muito obrigada por ter respondido à nossa pesquisa

Doutoranda: Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

(ESEF / UPE)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOBA, A. (1987) *Deporte y Comunicación*. Madrid, Afanias.

BACHELARD, G. (1970). *La Formation de l'Esprit Scientifique*. Paris, Jvrin.

BARDIN.L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70.

BARREAU, J. J. & MORNE, J.J. (1991). *Epistemología y antropología des deporte*.Madrid, Alianza Editorial, S. A.

BATESON G.(1977) *Vers une écologie de l'esprit*, , París, Ed. du Seuil.

BENTO J. E MARQUES A. (1989). *Desporto Ética e Sociedade*, Portugal, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física - Universidade do Porto.

BERTHAUD, G. & BROHM, J.M. (1978).*Sport, culture et repression.* Barcelona, Editorial Gustavo Gill.

BERTOLOTTO. R. (1998) O mundo entre duas traves. *Folha de São Paulo*.

BETTING. J. (1998). *Chuteiras S. A* Jornal do Comércio. Recife, 10 julho.

BETTI, M. (1991) *Educação Física e Sociedade*. São Paulo, Editora Movimento Ltda.

BIRRELL S. & COLE C. L. (1994). *Women, sport and culture*, USA, Human Kinetics.

BOUDON, R. (1990) *O lugar da desordem*. Trajectos. Lisboa, Gradiva – Publicações Ltda.

_____(1990). *Dictionnaire critique de la sociologie*, Paris, PUF.

_____(1995). Tratado de Sociologia. Porto. Edições ASA.

BOUET M. (1968). *Signification du sport*, Paris, Ed. Universitaires.

BOURDIEU, P. et alii (1978) *El Oficio del Sociólogo: Pressupostos Epistemológicos*. México, Siglo Vientiuno.

_____. (1979). A distinção: Crítica social. Paris. Éditions de Minuit.

_____ (1994). *O poder simbólico*. Lisboa. DIFEL.

_____. (1996). *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas, São Paulo. Papirus Editora.

BRACHT V (1997). *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória, UFES, Centro de Educação Física e Desporto.

BROHM J. M. (1976) *Sociologie politique du sport* J. P. Delarge.

_____(1978) *Deporte, Cultura y Represión*. Barcelona, Gustavo Gili.

BROHM, J. M. BOURDIEU, P. DUNNING, E. (1993). *Deporte y Clase Social*. In: Materiales de Sociologia del Deporte. Madrid. Las Ediciones de La Piqueta.

BURKE, P. (1981). *Cultura Popular na Idade Média*. São Paulo, Companhia das Letras.

CAGIGAL, J. M. (1996) Obras Selectas. *Desporte, pulso de nuestro tiempo .Volume II* Comité Olímpico Español.

CAILLOIS, R. (1979). *O Mito e o Homem*. Edições 70 Ltda., Lisboa.

CAPELA. P. R. C. (1996). *O futebol brasileiro como conteúdo de Educação Física.* Florianópolis. (Dissertação de Mestrado) Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

CARDOSO, M. L. (1972). *O mito do Método.* RJ. PUC.

CARDOSO. M. (1998) Futebol na Raça, In. REVISTA VEJA, Editora Abril, Edição 1528, n.º 1 jan.

COCA, S. (1993). *El hombre deportivo: Uma teoría sobre el deporte.* Madrid, Alianza Editorial.

COLEMAN, J.A. et il.(1989). Esporte. Sociologia da religião. Concilium / 225 / 5. Vozes:

COSTA, A. S. (1987).*Football et Mythe: La fonction symbolique du football à travers la press sportive de masse.* Université .....Catholique de Louvain, Faculté des Sciences Economiques Sociales et Politiques, Departement de Communication .....Sociale, Bélgica. Louvain-la-Neuve.

_____(1989). *Football, spectacle de compétition: Alliance du merveilheux et du dramatique,* in Recherches Sociologiques, U.C.L., Vol. XX, n.º 1,

_____(1990). *Futebol. A Grande Festa dos Tempos Modernos.* Portugal. Câmara Municipal de Oeiras.

_____(1992). Desporto e Análise Social. em *Revista da Faculdade de Letras* da Universidade do Porto. Sociologia, vol.II, Porto.

_____ (1997). *À Volta do Estádio,* Porto. Campo das Letras – Editores S. A.

COTTA, A.. (1980). *La société Ludique - La vie envahie par le jeu* , París, Editions Grasset et Fasquelle.

DAHRENDORF, R. (1970). *Las clases sociales y su conflicto en la sociedad industrial.* Madrid, Rialp.

DAMATTA. R. (1987). *Relativisando Uma Introdução à antropologia social.* Rio de Janeiro: Rocco.

_____(1994) *Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro.* Revista USP. Dossiê do futebol. São Paulo, n. º 22.

DEBORD, G. (1991). *A sociedade do Espectáculo.* Lisboa; Mobilis in mobile.

DEFRANCE, J. (1995). *Sociologie du Sport.* París, Éditions La Découverte.

DEMO, P. (1988). *Ciência, Ideologia e Poder: Uma sátira às Ciências Sociais.* São Paulo, Atlas.

DEMO, P. (1981). *Metodologia Científica em Ciências Sociais.* SP. Atlas.

_____(1988). *Ciência, Ideologia e Poder: Uma sátira às Ciências Sociais.* São Paulo, Atlas.

DENZIN, N.K. (1970). *The Research Act.* Chicago. Aldine Publishing Co.

DERÈZE G. (1995). *La quatriéme mi-temps, Conttributions à une analyse des relations sports, médias, société.* Observatoire du récit médiatique. Louvain-la-Neuve, ORM. Université Catholique de Louvain.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Mirador Internacional.(1979) S.P. Companhia Melhoramento

DUMAZEDIER, J. (1979). *Lazer e cultura popular,* São Paulo, Editora Perspectiva.

_____(1983). Tecniques du corps et valeurs du temps libre dans la société d`aujourd`hui, in *Motricité humaine,* .....n.º 2,París, INSEP.

DUNNING E.; MAGUIRE J. A.& PEARTON R. E. (1993). *The Sports Process, A comparative and developmental approach* Editors Human Kinetics Publishers.

EDMOND, P. (1998).*O conceito de classe social na pesquisa urbana*. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Editora Campos. Vol. 31, n.º 2.

EDITORIAIS. (1998). Uma cultura *foot*. *Jornal do Commercio*. 15de jul.

ELIADE, M. (1989) *Aspectos do Mito*. Edições 70 Ltda. Lisboa.

ELIAS N.(1974). *La societé de cour*, Paris, Calmann-Lévy

ELIAS, N.; DUNNING, E. (1992). *Deporte y Ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Económica.

_____(1992) *Em busca da excitação*. DIFEL, Lisboa.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. (1979). São Paulo, Companhia Melhoramento de São Paulo, Volume.

ENCICLOPÉDIA MUNDIAL DE FUTEBOL. O protofutebol: as raízes do futebol actual. Lisboa. Livraria Bertrand.

FAJARDO, P.C. et al. (1994) *Deporte y Literatura*. Ediciones del Cabildo Insular de Gran Canaria. Las Palmas de Gran Canária.

FERRANDO, M. G. (1987). *Interpretações sociológicas da Violência no desporto*. Desporto e Sociedade. Antologia de Textos. Lisboa: Ministério de Educação e Cultura.

_____(1990). *Aspectos Sociales del Deporte :Una reflexión sociológica*. Madrid, Alianza Editorial. S.A.

FILHO, A. M. (1988). [et al.] organizador Tubino, Manoel José Gomes. *Repensando o Esporte Brasileiro*. São Paulo: IBRASA.

FREYRE, G. *(1975). A presença do açúcar na formação brasileira*. Companhia Editora Americana. Rio de Janeiro.

GEERTZ, C. (1989). *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara.

GEORGE, P. (1975). *La langue des sports, en La Banque des mots*, n.º 10, Paris, PUF.

GIDDENS, A. (1997). *A vida em uma sociedade pós-tradicional*. São Paulo. Editora UNESP.

GURVITCH, G. (1982). *As classes sociais*. São Paulo. Global Editora.

HABERMAS, JURGEN.(1993) *Passado como Futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

HARGREAVES J. (1994). *Sporting females, critical issues in the history and sociology of women's sports*. London and New York ROUTLEDGE.

HELAL, R G. (1990). *O que é sociologia do esporte*. São Paulo, Brasiliense.

HELENO, M. (1996). História do Sport Clube do Recife. *Jornal do Commercio*. 13 mai.

HUIZINGA, J. (1979). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo, Perspectiva.

JABOUILLE, V. (1986) *Iniciação à Ciência dos Mitos*. Lisboa: Editorial Inquérito Ltda.

JAROV. K. P. (1982) *A vitória desportiva e a vontade da educação*. Lisboa, Livros Horizonte

JEU B. (1972). *Le sport, la mort, la violence, Paris*, Editions Universitaires.

_____(1977) *Le sport, l'émotión, l'espace* París, Presses Universitaires de France.

_____ (1988). (1988). *Análisis del deporte*. Ediciones Bellaterra, Barcelona.

KENYON G.S., LOY J. W (1965). *Towards a Sociology of Sport.*

KITCHIN L.(1996). *The Contenders*, Listener, 27 de october.

KOSIK, K. (1976).*Dialética do Concreto*. RJ, Paz e Terra.

LANDRY, F; LANDRY, M. , YERLÈS M. (1991). *Sport...Le troisième millénaire*,. Canada, Les Presses de L'université Laval.

LAPCHICK, R. SAGE E. (1996). *Sport in Society: Equal Opportunity or Business as Usual*? Publications. USA, SAGE LOY, Publications, Inc. Califórnia.

LASH.S. (1997). *A reflexividade e seus duplos: estrutura, comunidade*. São Paulo. Editora UNESP.

LÉVI-STRAUSS, C. (1989) *Mito e Significado*. Edições 70 Ltda. Lisboa.

LIPOVETSKY, G. (1994). *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

LOY J. W. KENYON G. S. ; McPearson B. D. (1969). *Sport, culture and society*, McMillan Publishing Co.

_____(1978) . *Sport,and social systems*, Addison- Wesley.

LOVISOLO, H. (1997). *Estética, Esporte e Educação Física*. Sprint Editora: Rio de Janeiro.

LÜSCHEN G. (1962), Sport et stratification sociale, *in revue d'Education physique*, vol.II, n.º 2 e 3.

_____. (1974*). Sociología del deporte*. En Baitsch, H. et al. El deporte a la luz de la ciencia. Madrid: INEF.

LÜSCHEN, G. WEIS, K. (1979).*Sociologia del deporte*. Miñón S.A.

_____(1980). Sociology of sport: development, present state, and prospects *Annual Review of Sociology* 6.

LÜSCHEN, G.R.F.& SAGE, G.H. (1981). *Handbook of social science of sport*, Stipes Publishing Company.

MAFFESOLI, M. (1990) *El Tiempo de las Tribus* -ICARIA Editorial, S. A. Barcelona.

MAGNANE G. (1964). *Sociologie du Sport*, Madrid, Gallimard.

_____(19??) *Popularidade do Desporto*. In cultura e desporto. N. º 9 Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.

MANDELL, R. D. (1984). *Sport – A cultural History*. New York, U.S. A.Columbia University Press.

MARX K. (1995). *Teses sobre Feuerbach*, in Teorias Sociológicas - Os Fundadores e os Clássicos I Vol., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

MAUSS M (1966.). *Les techniques du corps*. in Sociologie et Anthropologie, Paris , PUF.

McPHERSON, B. D. ; CURTIS, J. E. & LOY, J. W. (1969). *The Social Significance of Sport, An Introduction to the Sociology of Sport* , Human Kinetics Books, United States of America Champaign, Illinois.

MINAYO, M.C.S. (1992).*O Desafio do Conhecimento* . SP. HUCITEC.

MORIN, E. (1962) *L'esprit du temps*, Paris, Grasset.

MONTEZUMA, P. (1996) História de Clube Náutico *Jornal do Commercio*. 30 nov.

MORRIS, D. (1981). *A tribo do Futebol*. Publicações Europa-América.

MUNNE, F. (1979) *Grupos masas y sociedades. Introducción sistemática a la sociologia general y especial*. Barcelona:

..... Hispano Europea.

NEGRI. A. (1997). Escritos do Cárcere – *Os padecimentos de um torcedor*. Folha de S. Paulo, 26 outubro. Suplemento Mais

NISBET, R. A. (1970). *The Social Bond*. New York Alfred A. Knopf.

NORBECK. E. (1971). Man at Play . Natural History Magazine, Special Supplement 1974. *The Anthropological Study of Human Play. Rice University Syudies 60 (3).*

PARLEBAS P. (1986). *Éléments de sociologie du sport. Paris*, Presses Universitaires de France.

PHILIPPE, J. MAGLIULO, B. BOZOULS & PÉRES, H. (1981). Paris, *Sport et Société*.

PLESSNER H.(1952). *Soziologie des Sports* , Deutsche Universitatszeitung,

POCIELLO, C. BOURDIEU. P. (1981) *Sports et société*, Paris, Vigot.

_____(1991). *Sports et Société. Approche socio-culturelle des pratiques*. Paris, Editions VIGOT.

POPENOE, D.(1974). *Sociologie* . New York. Appleton-Century-Crofts.

PRIETO, L. M. C. (1979) *Deporte y Estado*. Editorial Labor, S. A. Politeia, Barcelona.

QUINTAS F. (1998). Bola na trave. *Jornal do Comércio*. Recife, 26 de julho.

REES, R. C. & MIRACLE, A. W. (1986). *Sport and social theory*, Human Kinetics Illinois. Publishers, Inc. Champaign.

REISSE H. (1921).*Soziologie des Sports*, Berlin Reher.

RICOEUR, P. (1974). *Estrutura hermenêutica* In Lima, L. C. (Org.) O estruturalismo de Lévi-Strauss. Petrópolis: Vozes.

_____.(1977) *Interpretação e Ideologia*. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves.

_____(1991) *Ideologia e Utopia*. Lisboa, Edições 70.

REVISTA VEJA. *Futebol e mulheres reforçam o movimento pala abertura politica no pais dos aiatolás*. São Paulo; Editora Abril, 22 de abril de 1998 Seção Internacional.

ROBINSON, M. (1977). *Linguagem e Comportamento Social*. SP, Cultrix.

SANMARTÍN, M G. (1995). *Valores Sociales y Deporte: A Actividad Física y el Deporte como transmisores de valores sociales y personales*. Madrid, Gymnos Editorial.

SANTIN, S. (1987). *Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijui: Liv. Ijui Editora.

_____ (1995). *Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. Porto Alegre; Edições EST/ESEF.

SANTOS, B. S. (1995). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4ª Edição Porto. Edições Afrontamento.

_____.(1997). *Um discurso sobre as ciências*. 9ª Edição. Porto. Edições Afrontamento.

SANTOS, T. (1982). *Conceito de Classes Sociais*. Petrópolis. Vozes.

SCHUTZ, P. (1979). *Fenomenologia e Relações Sociais*. RJ, Zahar.

SÉRGIO, M. (1976). *Desporto em Democracia*. Lisboa, Seara Nova.

SIPES, R. (1973). *War, sports and aggression: an empirical test of two rival theories*. Americann Anthropologist 75 (February): 64-68.

SOROKIN, P. A. (1968). *Sociedade, Cultura e Personalidade*. Porto alegre, Globo.

STEIN, E. (1988) *Racionalidade e Existência*. RGS. LPM.

STEINITZER H. (1910). *Sport und Kultur*, Munich, Verlag Deutsche Alpenzeitung.

SUASSUNA, A. (1998). Festa e futebol. *Jornal do Commercio*, Recife-PE 09 de jun.

_____(1999) Dados colhidos durante entrevista na Rede Globo de televisão, no dia 18 de jun.

TALAMINI J., PAGE C. H. (1973). *Sport and society*, Boston, Little, Brown and Company.

THIOLLENT, M. (1982).*Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. SP, Polis.

THOMAS; R. HAUMONT;A. LEVET, J.L. (1988). *Sociología del Deporte*. Ediciones Bellaterra, S.A Barcelona.

THOMPSON, E.P. *(1987). A Formação da Classe Operária Inglesa*. In: A Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

TOLEDO, L. H. (1996). *Torcidas Organizadas no Futebol*. Campinas S.P. Editora Autores Associados.

TOURAINE. A. (1998). Esporte cria relação de proximidade. *Folha de São Paulo* , 21 de jun.

TUBINO, M J G. (1992). *As dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez: Autores Associados.

WOHL A.(1966). Concepcion and range of sport sociology. *International Review of Sport Sociology*, 1,p. 5-17.

ERRATA

PÁGINA	LINHA	ONDE ESTÁ	LEIA-SE
30	1	1988	1998
56	14	conduzido	conduzido em 1978 por ...
118	13	38,0%	35,6%
119	6	51 e 64,4%	49 e 62,0%
119	7	28 e 35,6%	30 e 38,0%
120	4	secundária	secundária dos dados cadastrais
125	22	concorda menos	concordam menos
128	20	Capacitação	Carência na capacitação dos ...
134	16	(27,6%)	(27,5%)
134	16	e fazer gol (23,7%)	Fazer gol e ser reconhecido profissionalmente (23,8 %)
134	17	reconhecimento profissional e fazer amizade (8,7%)	Fazer amizade (8,8%).